



MAJJHIMA NIKAYA

OS DISCURSOS DO BUDA COM EXTENSÃO MÉDIA
SEGUNDA PARTE



MICHAEL BEISERT

Índice

Introdução	5
51 Kandaraka Sutta	6
<i>Quatro tipos de pessoas que podem ser encontradas no mundo</i>	6
52 Atthakanagara Sutta	14
<i>As onze portas para o Imortal</i>	14
53 Sekha Sutta	17
<i>As práticas adotadas no treinamento superior</i>	17
54 Potaliya Sutta	22
<i>O que significa desvencilhar-se de todos os assuntos</i>	22
55 Jivaka Sutta	28
<i>As regras que se aplicam ao consumo de carne</i>	28
56 Upali Sutta	29
<i>O próspero e influente chefe de família Upali é convertido pelo Buda</i>	29
57 Kukkuravatika Sutta	41
<i>Kamma e os seus frutos</i>	42
58 Abhaya Sutta	45
<i>O critério para determinar se algo vale ou não a pena ser dito</i>	45
59 Bahuvédaniya Sutta	47
<i>Todos os tipos de sensações que podem ser experimentadas</i>	48
60 Apannaka Sutta	50
<i>Como desembaraçar o nó de opiniões contenciosas</i>	50
61 Ambalattikarahulovada Sutta	60
<i>A importância em refletir sobre os motivos das ações</i>	60
62 Maharahulovada Sutta	62
<i>O Buda ensina a meditação para Rahula</i>	62
63 Culamalunkya Sutta	67
<i>O símile do homem atingido por uma flecha</i>	67
64 Mahamalunkya Sutta	69
<i>Como eliminar os cinco grilhões inferiores</i>	69
65 Bhaddali Sutta	72
<i>O Buda censura um bhikkhu recalcitrante</i>	72

66 Latukikopama Sutta	79
<i>A importância de abandonar todos os apegos</i>	79
67 Catuma Sutta	86
<i>Os quatro perigos para aqueles que seguem a vida santa</i>	86
68 Natakapana Sutta	90
<i>O nível de realização de um discípulo depois da sua morte</i>	90
69 Gulissani Sutta	94
<i>O treinamento apropriado para um bhikkhu que vive na floresta</i>	94
70 Kitagiri Sutta	97
<i>O Buda adverte dois bhikkhus</i>	97
71 Tevijjavacchagotta Sutta	103
<i>O Buda nega possuir onisciência o tempo todo e define o conhecimento tríplice</i>	103
72 Aggivacchagotta Sutta	105
<i>Por que o Buda não mantém opiniões especulativas</i>	105
73 Mahavacchagotta Sutta	108
<i>A conversão para o Dhamma do errante Vacchagotta</i>	108
74 Dighanakha Sutta	114
<i>O Buda contesta as afirmações de um cético</i>	114
75 Magandiya Sutta	117
<i>O Buda encontra o filósofo hedonista Magandiya</i>	117
76 Sandaka Sutta	126
<i>A vida santa que realmente produz frutos</i>	126
77 Mahasakuludayin Sutta	134
<i>Por que os discípulos do Buda buscam o seu ensinamento?</i>	135
78 Samanamandika Sutta	148
<i>Os hábitos e intenções benéficas e prejudiciais</i>	148
79 Culasakuludayi Sutta	153
<i>O símile da ‘moça mais bonita do país’</i>	153
80 Vekhanassa Sutta	160
<i>Sutta semelhante MN 79, com um trecho adicional sobre os prazeres dos sentidos</i>	160
81 Ghatikara Sutta	162
<i>O principal patrocinador laico do Buda Kassapa que antecedeu o Buda Gotama</i>	162
82 Ratthapala Sutta	167
<i>Ratthapala deseja seguir a vida monástica</i>	167

83 Makhadeva Sutta	179
<i>A história de uma antiga linhagem de reis</i>	179
84 Madhura Sutta	183
<i>Os brâmanes são a casta superior?</i>	183
85 Bodhirajakumara Sutta	188
<i>O Buda contesta a afirmação de que o prazer é obtido através da dor</i>	188
86 Angulimala Sutta	192
<i>O Buda conduz o criminoso Angulimala ao estado de arahant</i>	192
87 Piyajatika Sutta	198
<i>O sofrimento e a tristeza nascem daqueles que amamos?</i>	198
88 Bahitika Sutta	202
<i>O rei Pasenadi de Kosala pergunta sobre o comportamento do Buda</i>	202
89 Dhammacetiya Sutta	205
<i>O rei Pasenadi demonstra profunda veneração pelo Buda</i>	205
90 Kannakatthala Sutta	210
<i>O rei Pasenadi pergunta sobre a onisciência, a distinção entre as castas e as divindades</i>	210
91 Brahmayu Sutta	215
<i>As 32 marcas de um grande homem no Buda</i>	215
92 Sela Sutta	224
<i>O brâmane Sela questiona o Buda</i>	224
93 Assalayana Sutta	231
<i>A casta dos brâmanes é a casta superior?</i>	231
94 Ghotamukha Sutta	238
<i>Uma discussão acerca da vida contemplativa</i>	238
95 Canki Sutta	241
<i>Como preservar a verdade, descobrir da verdade e realizar a verdade final</i>	241
96 Esukari Sutta	250
<i>Os brâmanes são uma casta superior?</i>	250
97 Dhananjani Sutta	254
<i>Muitas responsabilidades não justificam a negligência</i>	254
98 Vasettha Sutta	259
<i>Uma disputa acerca das qualidades de um verdadeiro brâmane</i>	259
99 Subha Sutta	267
<i>O Buda responde as perguntas de um jovem brâmane</i>	267

Introdução

O Majjhima Nikaya (MN) é a segunda coleção de *suttas* encontrada no *Sutta Pitaka* do Cânone em *pali*. O seu título significa literalmente a Coleção Média e é assim chamada porque os *suttas* nela contidos são em geral de tamanho médio quando comparados com os *suttas* mais longos do Digha Nikaya que antecede o MN, e com os *suttas* mais curtos que compõem as duas coleções que seguem o MN, Samyutta Nikaya e Anguttara Nikaya. Em geral a palavra *sutta* é traduzida como discurso, mas no contexto do Majjhima Nikaya muitos discursos se aproximam mais de histórias breves contadas na maioria dos casos pelo Buda.

O MN é composto de 152 *suttas* divididos em três partes chamadas Grupos de Cinquenta, embora o último grupo contenha cinquenta e dois *suttas*. Os *suttas* são apresentados sem levar em conta uma seqüência pedagógica especial ou algum desdobramento gradual do pensamento. Assim, enquanto diferentes *suttas* elucidam-se mutuamente completando as idéias que foram apenas sugeridas por um outro, em essência, qualquer *sutta* pode ser tomado para estudo individual e será inteligível por si só. É claro que o estudo de toda a coleção irá seguramente proporcionar um entendimento mais rico.

Se fôssemos escolher uma única frase que distinga o MN dos demais livros que compõem o Cânone em *pali* seria: uma coleção que combina uma rica variedade de contextos em que os *suttas* foram proferidos com o conjunto mais profundo e abrangente de ensinamentos. O MN apresenta esse material no contexto de uma fascinante sucessão de cenários que mostram a resplandecente sabedoria do Buda, a sua habilidade de adaptar os ensinamentos às necessidades e inclinações dos interlocutores, a sua sagacidade e humor afável, a sua sublimidade majestosa e a sua compaixão humanitária.

Os *suttas* que compõem este livro foram extraídos do site Acesso ao Insight (acessoaoinsight.net) tendo sido editados de modo a facilitar a leitura porém sem comprometer o seu conteúdo. Nesse site também podem ser encontradas as traduções dos *suttas* do Digha Nikaya, Samyutta Nikaya e Anguttara Nikaya.

As traduções para o português foram feitas tomando como base as traduções do *pali* para o inglês feitas por diversos tradutores. Diferentes tradutores podem empregar traduções distintas para o mesmo termo em *pali*, em vista disso, o tradutor para o português


também recorreu aos textos originais em *pali* visando uniformizar o vocabulário em português.

Sugestões para leitura

Quais suttas recomendo para leitura nesta segunda parte: 53, 59, 61, 63, 64, 72, 75, 82, 87, 95

Os *suttas* 56, 82, 89 estão disponíveis gravados em áudio:

acessoaoinsight.net/podcast

Notas: Nas notas em que são mencionados links para *suttas* da primeira ou terceira parte do Majjhima Nikaya (*suttas* com numeração 1 a 50 e 101 a 152), ou para *suttas* de outros Nikayas, para visualizar o *sutta* linkado, é necessário uma conexão ativa com a internet. Para evitar dúvidas, nesses casos, ou seja, em que o arquivo linkado encontra-se fora do eBook, o link será precedido deste símbolo: 

51 Kandaraka Sutta

Para Kandaraka

Quatro tipos de pessoas que podem ser encontradas no mundo

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Campa às margens do lago Gaggara com uma grande Sangha de *bhikkhus*. Então Pessa, o filho do treinador de elefantes, e Kandaraka, o errante, foram até o Abençoado. Pessa, depois de homenagear o Abençoado, sentou a um lado, enquanto que Kandaraka cumprimentou o Abençoado e quando a troca de saudações corteses e amigáveis havia terminado, ele ficou em pé a um lado. ¹ Estando ali em pé, ele inspecionou a Sangha de *bhikkhus* sentados em completo silêncio, e então disse para o Abençoado:

2. “É maravilhoso, Mestre Gotama, é admirável como a Sangha de *bhikkhus* tem sido conduzida a praticar da forma correta pelo Mestre Gotama. Aqueles que foram Abençoados, *arahants*, perfeitamente iluminados no passado, no máximo, conduziram a Sangha de *bhikkhus* apenas a praticar da forma correta como é feito agora pelo Mestre Gotama. E aqueles que serão Abençoados, *arahants*, perfeitamente iluminados no futuro, no máximo, conduzirão a Sangha de *bhikkhus* apenas a praticar da forma correta como é feito agora pelo Mestre Gotama.”

3. “Assim é, Kandaraka, assim é! Aqueles que foram Abençoados, *arahants*, perfeitamente iluminados no passado, no máximo, conduziram a Sangha de *bhikkhus* apenas a praticar da forma correta como é feito agora por mim. E aqueles que serão Abençoados, *arahants*, perfeitamente iluminados no futuro, no máximo, conduzirão a Sangha de *bhikkhus* apenas a praticar da forma correta como é feito agora por mim.

“Kandaraka, nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* que são *arahants*, livres das impurezas e que têm vivido a vida santa, fizeram o que deve ser feito, depuseram o fardo, alcançaram o verdadeiro objetivo, destruíram os grilhões da existência e estão completamente libertados através do conhecimento supremo. Nesta Sangha de *bhikkhus* existem *bhikkhus* no treinamento superior, com a virtude constante, vivendo uma vida de virtude constante, com sabedoria, vivendo uma vida com sabedoria constante. Eles permanecem com as mentes bem estabelecidas nos quatro fundamentos da atenção plena. Quais quatro? Nesse caso, Kandaraka, um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ... as sensações como sensações, ... a mente como mente, ... os objetos mentais como objetos mentais, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo.

4. Quando isso foi dito, Pessa disse: “É maravilhoso, venerável senhor, é admirável quão bem os quatro fundamentos da atenção plena foram expostos pelo Abençoado: para a purificação dos seres, para a superação da tristeza e lamentação, para o desaparecimento da dor e da angústia, para realizar o caminho verdadeiro, para realizar *nibbana*. De tempos em tempos, venerável senhor, nós pessoas leigas vestidas de branco também permanecemos com as nossas mentes bem estabelecidas nesses quatro fundamentos da atenção plena. Nesse caso, venerável senhor, permanecemos contemplando o corpo como um corpo ... sensações como sensações ... mente como mente ... objetos mentais como objetos mentais, ardentes, plenamente conscientes e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. É maravilhoso, venerável senhor, é admirável como no meio do emaranhamento, corrupção e engano dos homens, o Abençoado compreenda aquilo que é benéfico e prejudicial para os seres. Pois a humanidade é emaranhada mas, um animal é mais simples. Venerável senhor, eu sou capaz de conduzir um elefante domável, e no tempo que irá tomar para fazer uma viagem de ida e volta até Campa, o elefante irá tentar todo tipo truque, duplicidade, desonestidade e logro (da qual ele é capaz).ⁱⁱ Mas, aqueles que são os nossos escravos, mensageiros e serviçais se comportam de uma forma com o corpo, uma outra forma com a linguagem, enquanto que a mente deles opera ainda de uma outra forma. É maravilhoso, venerável senhor, é admirável como no meio do emaranhamento, corrupção e engano dos homens, o Abençoado compreenda aquilo que é benéfico e prejudicial para os seres. Pois a humanidade é emaranhada mas, um animal é mais simples.”

5. “Assim é, Pessa, assim é! A humanidade é emaranhada mas, um animal é mais simples. Pessa, existem quatro tipos de pessoas que podem ser encontradas no mundo. Quais quatro? É o caso de um tipo de pessoa que atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma ... atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros ... atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros ... não atormenta a si mesma nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros nem se dedica à prática de torturar os outros. Visto que ela não atormenta a si mesma nem aos outros, ela está aqui e agora sem fome, saciada, arrefecida, permanece experimentando a bem-aventurança, tendo ela mesma se tornado santa. Qual desses quatro tipos de pessoas satisfaz a sua mente, Pessa?”

“Os três primeiros não satisfazem a minha mente, venerável senhor, mas o último satisfaz a minha mente.”

6. “Mas, Pessa, por que os três primeiros tipos de pessoas não satisfazem a sua mente?”

“Venerável senhor, o tipo de pessoa que atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma, atormenta e tortura a si mesma embora deseje o prazer e abomine a dor; é por isso que esse tipo de pessoa não satisfaz a minha mente. E o tipo de pessoa que atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros, atormenta e tortura os outros que desejam o prazer e abominam a dor; é por isso que esse tipo de pessoa não satisfaz a minha mente. E o tipo de pessoa que atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros, sendo que ambos desejam o prazer e abominam a dor; é por isso que esse tipo de pessoa não satisfaz a minha mente. Mas o tipo de pessoa que não atormenta a si mesma nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros, nem se dedica à prática de torturar os outros; esta pessoa, visto que não atormenta a si mesma nem aos outros, está aqui e agora sem fome, saciada, arrefecida, permanece experimentando a bem-aventurança, tendo ela mesma se tornado santa – ela não atormenta nem tortura nem a si mesma, nem aos outros pois, ambos desejam o prazer e abominam a dor. É por isso que esse tipo de pessoa satisfaz a minha mente. E agora, venerável senhor, nós partiremos. Estamos ocupados e temos muito o que fazer.”

“Agora é o momento, Pessa, faça como julgar adequado.”

Então Pessa tendo ficado satisfeito e contente com as palavras do Abençoado, levantou-se do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

7. Pouco tempo depois dele haver partido, o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: “*Bhikkhus*, Pessa é sábio, possui muita sabedoria. Se ele permanecesse sentado um pouco mais, enquanto eu expusesse em detalhe esses quatro tipos de pessoas, ele teria se beneficiado muito. Mas, mesmo assim, ele já obteve um grande benefício.”

“Agora é o momento, Abençoado, agora é o momento, Iluminado, para que o Abençoado ensine em detalhe esses quatro tipos de pessoas. Tendo ouvido do Abençoado os *bhikkhus* o recordarão.”

“Então, *bhikkhus*, ouçam e prestem muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, venerável senhor,” os *bhikkhus* responderam. O Abençoado disse o seguinte:

8. “*Bhikkhus*, que tipo de pessoa atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma? ⁱⁱⁱ Neste caso uma certa pessoa anda nua, rejeitando as convenções, lambendo as mãos, não atendendo quando chamada, não parando quando solicitada; não aceita que tragam comida ou comida feita especialmente para ela, ou convite para comer; ela não aceita comida diretamente de um pote ou de uma panela na qual foi cozida, ou comida

colocada numa soleira, ou colocada onde está a lenha, ou colocada onde estão os pilões, ou de duas pessoas comendo juntas, ou de uma mulher grávida, ou de uma mulher amamentado, ou de uma mulher num grupo com homens, ou de um lugar que tenha divulgado a distribuição de comida, onde um cachorro esteja esperando, onde moscas estejam zunindo; ela não aceita peixe ou carne, ela não aceita bebidas alcoólicas, vinho, ou mingau de arroz fermentado. Ela se restringe a uma casa, a um bocado; ela se restringe a duas casas, a dois bocados ... ela se restringe a sete casas, a sete bocados. Ela vive com um pires de comida por dia, dois pires de comida por dia ... sete pires de comida por dia; Ela come uma vez por dia, uma vez cada dois dias ... uma vez cada sete dias, e assim por diante até uma vez cada quinze dias. Ou ela come ervas, ou capim, ou arroz selvagem, ou plantas aquáticas, ou farelo de arroz, ou espuma de arroz cozido, ou flores de plantas oleaginosas, ou estrume de vaca, ou raízes e frutas da floresta, ou frutas caídas. Ela se veste com cânhamo, com mortalhas, com trapos, com casca de árvores, com pele de antílopes, com tiras de pele de antílopes, com capim, com cabelos humanos, com pelos do rabo de cavalos, com penas das asas de corujas. Ela arranca cabelos e barba, dedicando-se à prática de arrancar os cabelos e a barba. Ela fica em pé continuamente, rejeitando assentos. Ela fica de cócoras continuamente, devotada a manter a posição de cócoras. Ela usa um colchão com espinhos; ela faz de um colchão com espinhos a sua cama. Ela dorme no chão. Ela dorme sempre do mesmo lado. O seu corpo está coberto com imundície. Ela vive e dorme ao ar livre. Ela se alimenta com imundície, dedicando-se à prática de comer os quatro tipos de imundície (esterco de vaca, urina de vaca, cinzas e argila). Ela nunca bebe água fria. Ela purifica o corpo com três imersões na água a cada dia. A isto se chama o tipo de pessoa que atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma.

9. “Que tipo de pessoa atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros? Neste caso uma certa pessoa é um açougueiro de ovelhas, um açougueiro de porcos, uma caçadora de aves, arma armadilhas para capturar animais selvagens, uma caçadora, pescadora, ladra, carrasco, guarda de prisão, ou alguém que se dedique a qualquer uma dessas ocupações sanguinárias. A isto se chama o tipo de pessoa que atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros.

10. “Que tipo de pessoa atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros? Neste caso uma pessoa é um rei ungido ou um brâmane próspero. ^{iv} Tendo construído um novo templo para sacrifícios no lado leste da cidade, e raspando o cabelo e a barba, vestindo-se com peles grosseiras de animais, tendo untado o corpo com manteiga líquida e óleo, arranhado as costas com um chifre de um gamo, ele entra no templo junto com a rainha e o alto sacerdote brâmane. Lá ele se deita sobre o chão coberto com capim. O rei se alimenta do leite da primeira mama de uma vaca com um bezerro da mesma cor enquanto que a rainha se alimenta do leite da segunda mama e o alto sacerdote brâmane se alimenta do leite da terceira mama; o leite da quarta mama eles derramam sobre o fogo e o bezerro sobrevive com o leite que restar. Ele diz o seguinte: ‘Que tantos touros sejam abatidos como sacrifício, que tantos bois sejam abatidos como sacrifício, que tantos novilhos sejam abatidos como sacrifício, que tantos bodes sejam abatidos como sacrifício, que tantos carneiros sejam abatidos como sacrifício, que tantas árvores sejam cortadas para

postes de sacrifício, que tanto capim seja cortado para o capim de sacrifício.’ E então os seus escravos, mensageiros e serviçais realizam as suas tarefas com os rostos cobertos de lágrimas, incitados pelas ameaças de punição e pelo medo. A isto se chama o tipo de pessoa que atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros.

11. “Que tipo de pessoa, *bhikkhus*, não atormenta a si mesma nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros, nem se dedica à prática de torturar os outros – aquela que, visto que ela não atormenta a si mesma nem aos outros, está aqui e agora sem fome, saciada, arrefecida, permanece experimentando a bem-aventurança, tendo ela mesma se tornado santa? ^v

12. “Neste caso, *bhikkhus*, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e o povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada.

13. "Um chefe de família ou o filho de um chefe de família ou alguém nascido em algum outro clã ouve o Dhamma. Ouvindo o Dhamma ele adquire convicção no *Tathagata*. Possuindo essa fé ele reflete da seguinte forma: 'A vida em família é confinada, um caminho empoeirado; a vida santa é como o ar livre. Não é fácil viver em casa e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa.' Então após algum tempo ele abandona a sua fortuna, grande ou pequena; deixa o seu círculo de parentes, grande ou pequeno; raspa o seu cabelo e barba, veste o manto de cor ocre e segue a vida santa.

14. “Tendo seguido a vida santa e de posse do treinamento e estilo de vida de um *bhikkhu*, abandonando tirar a vida de outros seres, ele se abstém de tirar a vida de outros seres; ele permanece com a sua vara e arma postas de lado, bondoso e gentil, compassivo com todos os seres vivos. Abandonando tomar o que não seja dado, ele se abstém de tomar o que não é dado; tomando somente aquilo que é dado, aceitando somente aquilo que é dado, não roubando ele permanece puro. Abandonando o não celibato, ele vive uma vida celibatária, vive separado, abstendo-se da prática vulgar do ato sexual.

“Abandonando a linguagem mentirosa, ele se abstém da linguagem mentirosa; ele fala a verdade, mantém a verdade, é firme e confiável, não é um enganador do mundo. Abandonando a linguagem maliciosa, ele se abstém da linguagem maliciosa; o que ouviu aqui ele não conta ali para separar aquelas pessoas destas, nem o que ele ouviu lá não conta aqui para separar estas pessoas daquelas; assim ele reconcilia aquelas pessoas que estão divididas, promove a amizade, ele ama a concórdia, se delicia com a concórdia,

desfruta da concórdia, diz coisas que criam a concórdia. Abandonando a linguagem grosseira, ele se abstém da linguagem grosseira. Ele diz palavras que são gentis, que agradam aos ouvidos, carinhosas, que penetram o coração, que são corteses, desejadas por muitos e que agradam a muitos. Abandonando a linguagem frívola, ele se abstém da linguagem frívola. Ele fala na hora certa, diz o que é fato, aquilo que é bom, fala de acordo com o Dhamma e a Disciplina; nas horas adequadas ele diz palavras que são úteis, racionais, moderadas e que trazem benefício.

“Ele se abstém de danificar sementes e plantas. Ele come somente uma vez ao dia, privando-se da refeição noturna e de alimentos nas horas incorretas. Ele se abstém de dançar, cantar, ouvir música e de ver espetáculos de entretenimento. Ele se abstém de usar ornamentos, usar perfumes e de embelezar o corpo com cosméticos. Ele se abstém de deitar em leitos elevados e luxuosos. Ele se abstém de aceitar ouro e dinheiro. Ele se abstém de aceitar grãos que não estejam cozidos. Ele se abstém de aceitar carne crua. Ele se abstém de aceitar mulheres e garotas. Ele se abstém de aceitar escravos homens e mulheres. Ele se abstém de aceitar cabras e ovelhas. Ele se abstém de aceitar aves e porcos. Ele se abstém de aceitar elefantes, gado, cavalos e éguas. Ele se abstém de aceitar terras e propriedades. Ele se abstém de fazer pequenas tarefas e levar mensagens. Ele se abstém de comprar e vender. Ele se abstém de lidar com balanças falsas, metais falsos, falsas medidas. Ele se abstém do suborno, burla e fraude. Ele se abstém de mutilar, executar, aprisionar, roubar, pilhar e violentar.

15. “Ele está satisfeito com os mantos que protegem o seu corpo e com os alimentos esmolados que mantêm o seu estômago, e aonde quer que vá ele apenas leva essas coisas consigo. Igual a um passarinho, aonde quer que ele vá, voa com as asas como seu único fardo, assim também, o *bhikkhu* está satisfeito com os mantos que protegem o seu corpo e com os alimentos esmolados que mantêm o seu estômago, e aonde quer que vá ele apenas leva essas coisas consigo. Possuindo esse agregado da nobre virtude, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada.

16. “Ao ver uma forma com o olho, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade do olho descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza, ele pratica a contenção, ele protege a faculdade do olho, ele se empenha na contenção da faculdade do olho. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar algo tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade da mente descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza, ele pratica a contenção, ele protege a faculdade da mente, ele se empenha na contenção da faculdade da mente. Dotado dessa nobre contenção das faculdades, ele experimenta dentro de si uma felicidade que é imaculada.

17. “Ele age com plena consciência ao ir para a frente e retornar; age com plena consciência ao olhar para frente e desviar o olhar; age com plena consciência ao dobrar e estender os membros; age com plena consciência ao carregar o manto externo, o manto superior, a tigela; age com plena consciência ao comer, beber, mastigar e saborear; age

com plena consciência ao urinar e defecar; age com plena consciência ao caminhar, ficar em pé, sentar, dormir, acordar, falar e permanecer em silêncio.

18. "Dotado desse nobre agregado da virtude, essa nobre contenção das faculdades sensoriais, essa nobre atenção plena e plena consciência, ele procura um local isolado: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia.

19. Depois de esmolar alimentos, após a refeição, ele senta com as pernas cruzadas, com o corpo ereto colocando a atenção plena à sua frente. Abandonando a cobiça pelo mundo, ele permanece com a mente livre de cobiça; ele purifica a sua mente da cobiça. Abandonando a má vontade, ele permanece com a mente livre de má vontade, com compaixão pelo bem estar de todos os seres vivos; ele purifica a sua mente da má vontade. Abandonando a preguiça e o torpor, ele permanece livre da preguiça e do torpor, perceptivo à luz, atento e plenamente consciente; ele purifica sua mente da preguiça e do torpor. Abandonando a inquietação e a ansiedade, ele permanece calmo com a mente em paz; ele purifica sua mente da inquietação e da ansiedade. Abandonando a dúvida, ele assim permanece tendo superado a dúvida, sem perplexidade em relação a qualidades mentais hábeis; ele purifica a mente da dúvida.

20. "Tendo assim abandonado esses cinco obstáculos, imperfeições da mente que enfraquecem a sabedoria, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento.

21. "Além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Ele permeia e impregna, cobre e preenche esse corpo com o êxtase e o prazer nascidos da concentração.

22. "Além disso, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: 'Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.'

23. "Além disso, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas.

24. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento da recordação de vidas passadas. Ele se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, cem, mil, cem mil, muitos ciclos cósmicos de contração, muitos ciclos cósmicos de expansão, muitos ciclos cósmicos de contração e

expansão, ‘Lá eu tive tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo desse estado, eu renasci ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu renasci aqui.’ Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes.

25. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do falecimento e reaparecimento dos seres. Por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações desta forma: ‘Esses seres – dotados de má conduta com o corpo, linguagem e mente, que insultam os nobres, com o entendimento incorreto e realizando ações sob a influência do entendimento incorreto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Porém estes seres - dotados de boa conduta com o corpo, linguagem e mente, que não insultam os nobres, com o entendimento correto e realizando ações sob a influência do entendimento correto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num destino feliz, no paraíso.’ Dessa forma - por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano - ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, e ele compreende como os seres prosseguem de acordo com as suas ações.

26. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. Ele compreende como na verdade é que: ‘Isto é sofrimento’ ... ‘Esta é a origem do sofrimento’ ... ‘Esta é a cessação do sofrimento’ ... ‘Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento’; ele compreende como na verdade é que: ‘Essas são impurezas mentais’ ... ‘Esta é a origem das impurezas’ ... ‘Esta é a cessação das impurezas’ ... ‘Este é o caminho que conduz à cessação das impurezas.’

27. “Ao conhecer e ver, a sua mente está livre da impureza do desejo sensual ... de ser/existir ... da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento, ‘Libertada.’ Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

28. “A isto, *bhikkhus*, se chama o tipo de pessoa que não atormenta a si mesma nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros nem se dedica à prática de torturar os outros - aquela que, visto que não atormenta a si mesma nem aos outros, está aqui e agora sem fome, saciada, arrefecida, permanece experimentando a bem-aventurança, tendo ela mesma se tornado santa.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

52 Atthakanagara Sutta

O Homem de Atthakanagara

As onze portas para o Imortal

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Venerável Ananda estava em Beluvagamaka próximo a Vesali.

2. Agora, naquela ocasião o chefe de família Dasama de Atthakanagara havia chegado em Pataliputta para tratar de negócios. Então, ele foi até um certo *bhikkhu* no Parque de Kukkuta e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e perguntou: “Onde está agora o venerável Ananda, venerável senhor? Eu gostaria de ver o venerável Ananda.”

“O venerável Ananda está em Beluvagamaka próximo a Vesali, chefe de família.”

3. Quando o chefe de família Dasama havia concluído os seus negócios em Pataliputta, ele foi até o venerável Ananda em Beluvagamaka próximo a Vesali. Depois de cumprimentá-lo ele sentou a um lado e perguntou:

“Venerável Ananda, há alguma coisa que tenha sido proclamada pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido, a sua mente não libertada se torna libertada, as suas impurezas não destruídas se tornam destruídas, e ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes?” ^{vi}

“Sim, chefe de família, tal coisa foi proclamada pelo Abençoado.”

“Qual é essa coisa, venerável Ananda?”

4. “Aqui, chefe de família, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Ele considera e entende isso da seguinte forma: ‘Este primeiro *jhana* é fabricado pela mente e produzido pela volição. Mas tudo que é fabricado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas, então devido a esse desejo pelo Dhamma, esse deleite com o Dhamma, com a destruição dos cinco primeiros grilhões ele se tornará um dos que irá renascer de forma espontânea nas Moradas Puras, e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

“Essa é uma coisa proclamada pelo Abençoado, que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido, a sua mente não libertada se torna libertada, as suas impurezas não destruídas se tornam

destruídas e ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes.

5. “Outra vez, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* ... Ele considera e entende isso da seguinte forma: ‘Este segundo *jhana* é fabricado pela mente e produzido pela volição. Mas tudo que é fabricado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas ... irá renascer de forma espontânea nas Moradas Puras, e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

“Essa também é uma coisa proclamada pelo Abençoado ... através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido ... ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes.

6. “Outra vez, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* ... entra e permanece no terceiro *jhana* ... Ele considera e entende isso da seguinte forma: ‘Este terceiro *jhana* é fabricado pela mente e produzido pela volição. Mas tudo que é fabricado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas ... irá renascer de forma espontânea nas Moradas Puras, e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

“Essa também é uma coisa proclamada pelo Abençoado ... através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido ... ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes.

7. “Outra vez, com o completo desaparecimento da felicidade ... um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana* ... Ele considera e entende isso da seguinte forma: ‘Este quarto *jhana* é fabricado pela mente e produzido pela volição. Mas tudo que é fabricado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas ... irá renascer de forma espontânea nas Moradas Puras, e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

“Essa também é uma coisa proclamada pelo Abençoado ... através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido ... ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes.

8-11. “Outra vez, com o coração pleno de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade, um *bhikkhu* permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade, abundante, transcendente, imensurável,

sem hostilidade e sem má vontade. Ele considera e entende isso da seguinte forma: ‘Esta libertação da mente através do amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade é fabricada pela mente e produzida pela volição. Mas tudo que é fabricado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas ... irá renascer de forma espontânea nas Moradas Puras, e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

“Essa também é uma coisa proclamada pelo Abençoado ... através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido ... ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes.

12. “Outra vez, com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o ‘espaço é infinito,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base do espaço infinito. Ele considera e entende isso da seguinte forma: ‘Esta realização da base do espaço infinito é fabricada pela mente e produzida pela volição. Mas tudo que é fabricado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas ... irá renascer de forma espontânea nas Moradas Puras, e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

“Essa também é uma coisa proclamada pelo Abençoado ... através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido ... ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes.

13. “Outra vez, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base da consciência infinita. Ele considera e entende isso da seguinte forma: ‘Esta realização da base da consciência infinita é fabricada pela mente e produzida pela volição. Mas tudo que é fabricado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas ... irá renascer de forma espontânea nas Moradas Puras, e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

“Essa também é uma coisa proclamada pelo Abençoado ... através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido ... ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes.

14. “Outra vez, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base do nada. Ele considera e entende isso da seguinte forma: ‘Esta realização da base do nada é fabricada pela mente e produzida pela volição. Mas tudo que é fabricado e produzido pela volição é impermanente, sujeito à cessação.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas ... irá renascer de forma

espontânea nas Moradas Puras e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

“Essa também é uma coisa proclamada pelo Abençoado ... através da qual, se um *bhikkhu* permanece diligente, ardente e decidido ... ele alcança a suprema segurança contra o cativo que ele não havia alcançado antes. [vii](#)

15. Quando isso foi dito pelo venerável Ananda, o chefe de família Dasama de Atthakanagara disse: “Venerável Ananda, tal como se um homem, procurando pela porta de entrada para um tesouro escondido, encontre de repente onze portas de entrada para um tesouro escondido, assim também, enquanto eu estava procurando por uma porta para o Imortal, eu de repente ouvi sobre onze portas para o Imortal. [viii](#) Tal como se um homem tivesse uma casa com onze portas, e se aquela casa se incendiasse, ele pudesse escapar para um lugar seguro, por qualquer uma daquelas onze portas, assim eu também posso escapar para um lugar seguro por qualquer uma dessas onze portas para o Imortal. Venerável senhor, certos sectários até honorários para os seus mestres tentam conseguir; por que eu não faço um donativo para o venerável Ananda?”

16. Então o chefe de família Dasama de Atthakanagara reuniu a Sangha dos *bhikkhus* de Pataliputta e Vesali, e com as próprias mãos os serviu e satisfez com vários tipos de boa comida. Ele presenteou cada *bhikkhu* com uma medida de tecido para mantos e um manto tríplice para o venerável Ananda, e ele mandou construir uma habitação no valor de quinhentos *kahopanas* para o venerável Ananda.

53 *Sekha Sutta*

O Discípulo em Treinamento Superior

As práticas adotadas no treinamento superior

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava com os Sakyas em Kapilavatthu, no Parque de Nigrodha.

2. Agora, naquela ocasião um novo salão para assembléias havia sido construído recentemente para os Sakyas de Kapilavatthu e ele ainda não havia sido habitado de modo nenhum por nenhum contemplativo ou brâmane ou ser humano. Então os Sakyas de Kapilavatthu foram até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo eles sentaram a um lado e disseram:

“Venerável senhor, um novo salão para assembléias foi recentemente construído para os Sakyas de Kapilavatthu e ele ainda não foi habitado de modo nenhum por nenhum contemplativo ou brâmane ou ser humano. Venerável senhor, que o Abençoado seja o primeiro a usá-lo. Depois que o Abençoado tiver primeiro usado o salão, então os Sakyas de Kapilavatthu irão usá-lo. Isso será para a felicidade e bem-estar deles por muito tempo.” [ix](#)

3. O Abençoado concordou em silêncio. Então, quando eles viram que ele havia concordado, eles levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, foram até o salão de assembléias. Eles cobriram o salão completamente com coberturas e prepararam assentos, e eles arranjaram um grande jarro com água e penduraram uma lamparina de azeite. Então eles foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, ficaram em pé a um lado e disseram:

“Venerável senhor, o salão de assembléias foi coberto completamente com coberturas e os assentos foram preparados, um grande jarro com água foi arranjado e uma lamparina de azeite foi pendurada. Agora é o momento para o Abençoado fazer aquilo que julgar adequado.”

4. Então o Abençoado se vestiu e tomando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* até o salão de assembléias. Ao chegar, ele lavou os pés e depois entrou no salão e sentou próximo à coluna central olhando para o leste. E os *bhikkhus* lavaram os pés e depois entraram no salão e sentaram na parede do lado oeste olhando para o leste, com o Abençoado à sua frente. E os Sakyas de Kapilavatthu lavaram os pés e entraram no salão e sentaram na parede do lado leste olhando para o oeste, com o Abençoado à sua frente.

5. Então, depois do Abençoado ter instruído, motivado, estimulado e encorajado os Sakyas de Kapilavatthu com um discurso do Dhamma, durante a maior parte da noite, ele disse para o venerável Ananda:

“Ananda, fale aos Sakyas de Kapilavatthu sobre o discípulo no treinamento superior que entrou no caminho. As minhas costas estão me incomodando. Eu irei descansá-las.”

“Sim, venerável senhor,” o venerável Ananda respondeu.

Então, o Abençoado dobrou em quatro o seu manto feito de retalhos e deitou no seu lado direito, na postura do leão, com um pé sobre o outro, atento e plenamente consciente, após anotar na mente o horário para levantar.

6. Então, o venerável Ananda se dirigiu ao Sakya Mahanama da seguinte forma:

“Mahanama, aqui um nobre discípulo é virtuoso, guarda as portas dos meios dos sentidos, é moderado na alimentação e dedicado à vigilância; ele possui sete boas qualidades; e ele é aquele que obtém de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, os quatro *jhanas* que constituem a mente superior e que proporcionam uma estada prazerosa aqui e agora.

7. “E como um nobre discípulo é virtuoso? Aqui um nobre discípulo é virtuoso, contido pelas regras do *Patimokkha*, perfeito na conduta e na sua esfera de atividades, temendo a menor falha, ele treina adotando os preceitos de virtude. Assim é como um nobre discípulo é virtuoso.

8. “E como um nobre discípulo guarda as portas dos meios dos sentidos? Ao ver uma forma com o olho, um nobre discípulo não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade do olho descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Ele pratica a contenção, ele protege a faculdade do olho, ele se empenha na contenção da faculdade do olho. Ao ouvir um som com o ouvido ... Ao cheirar um aroma com o nariz ... Ao saborear um sabor com a língua ... Ao tocar um tangível com o corpo ... Ao conscientizar um objeto mental com a mente, ele não se agarra aos seus sinais ou detalhes. Visto que, se permanecer com a faculdade da mente descuidada, ele será tomado pelos estados ruins e prejudiciais de cobiça e tristeza. Ele pratica a contenção, ele protege a faculdade da mente, ele se empenha na contenção da faculdade da mente. Assim é como um nobre discípulo guarda as portas dos meios dos sentidos.

9. “E como um nobre discípulo é moderado na alimentação? Aqui, um nobre discípulo reflete de maneira sábia, o alimento não deve ser tomado como forma de diversão ou para embriaguez, tampouco com o objetivo de embelezamento e para ser mais atraente, mas somente com o propósito de manter a resistência e continuidade desse corpo, como forma de dar um fim ao desconforto e para auxiliar a vida santa. Considerando: ‘Dessa forma darei um fim às antigas sensações, (de fome), sem despertar novas sensações, (de comida em excesso), e serei saudável e sem culpa e viverei em comodidade.’ Assim é como um nobre discípulo é moderado na alimentação.

10. “E como um nobre discípulo é dedicado à vigília? Aqui, durante o dia e na primeira vigília da noite, enquanto estiver caminhando para lá e para cá e sentado, ele purifica a sua mente dos estados obstrutivos. Na segunda vigília da noite, ele se deita para dormir no seu lado direito, na postura do leão, com um pé sobre o outro, atento e plenamente consciente, após anotar na sua mente o horário para se levantar. Após levantar-se, na terceira vigília da noite, enquanto estiver caminhando para cá e para lá e sentado, ele purifica a sua mente dos estados obstrutivos. Assim é como um nobre discípulo é dedicado à vigília.

11. “E como um nobre discípulo possui sete boas qualidades? Aqui um nobre discípulo tem fé; ele deposita a sua fé na iluminação do *Tathagata* assim: ‘O Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.’

12. “Ele tem vergonha de cometer transgressões; ele se envergonha do comportamento impróprio através do corpo, linguagem e mente, se envergonha de praticar atos ruins e prejudiciais.

13. “Ele tem temor de cometer transgressões; ele teme o comportamento impróprio através do corpo, linguagem e mente, teme praticar atos ruins e prejudiciais. ^x

14. “Ele aprendeu muito, se recorda daquilo que aprendeu e consolida aquilo que aprendeu. Aqueles ensinamentos que são admiráveis no início, admiráveis no meio,

admiráveis no final, com o correto significado e fraseado e que revelam uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada – esses ensinamentos ele compreendeu bem, se recorda, dominou com a linguagem, investigou com a mente e penetrou corretamente com o entendimento.

15. “Ele tem energia para abandonar os estados prejudiciais e adotar os estados benéficos; ele é decidido, firme no esforço, não é negligente no desenvolvimento de estados benéficos.

16. “Ele possui atenção plena, estando dotado com a atenção plena discriminatória superior, de modo que ele tem boa memória e se recorda daquilo que foi feito há muito tempo e do que foi dito há muito tempo. ^{xi}

17. “Ele é sábio; ele possui a sabedoria com relação à origem e a cessação que é nobre e profunda e que conduz à completa destruição do sofrimento. Assim é como um nobre discípulo possui sete boas qualidades.

18. “E como um nobre discípulo é aquele que obtém de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, os quatro *jhanas* que constituem a mente superior e que proporcionam uma estada prazerosa aqui e agora? Aqui, um nobre discípulo afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana* ... Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, ele entra e permanece no segundo *jhana* ... Abandonando o êxtase ... ele entra e permanece no terceiro *jhana* ... Com o completo desaparecimento da felicidade ... ele entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Assim é como um nobre discípulo é aquele que obtém de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, os quatro *jhanas* que constituem a mente superior e que proporcionam uma estada prazerosa aqui e agora.

19. “Quando um nobre discípulo é assim virtuoso, guarda as portas dos meios dos sentidos, é moderado na alimentação, dedicado à vigilância, possui sete boas qualidades, e obtém de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, os quatro *jhanas* que constituem a mente superior e que proporcionam uma estada prazerosa aqui e agora, ele é chamado aquele no treinamento superior que entrou no caminho. O ovo dele está intato; ele é capaz de romper a casca, capaz de se iluminar, capaz de alcançar a suprema segurança contra o cativo.

“Suponham que uma galinha tenha oito, dez ou doze ovos que ela cobriu corretamente, aqueceu corretamente, incubou corretamente. Mesmo que este desejo não lhe ocorra, ‘Que as minhas crias rompam as cascas dos ovos com suas garras afiadas ou bicos e saiam dos ovos com segurança!’, ainda assim os pintos são capazes de romper as cascas dos ovos com suas garras afiadas ou bicos e sair dos ovos com segurança. Da mesma forma, quando um nobre discípulo é assim virtuoso ... ele é chamado aquele no treinamento superior que entrou no caminho. O ovo dele está intato; ele é capaz de romper a casca, capaz de se iluminar, capaz de alcançar a suprema segurança do cativo.

20. “Tendo obtido aquela mesma suprema atenção plena purificada devido à equanimidade, ^{xii} este nobre discípulo se recorda das suas muitas vidas passadas ... (igual ao [MN 51, verso 24](#)) ... Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. Este é o primeiro rompimento, como o dos pintos ao sair das suas cascas.

21. “Tendo obtido aquela suprema atenção plena purificada devido à equanimidade, por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano, este nobre discípulo vê seres falecendo e renascendo ... (igual ao [MN 51, verso 25](#)) ... ele compreende como os seres continuam de acordo com as suas ações. Este é o segundo rompimento, como o dos pintos ao sair das suas cascas.

22. “Tendo obtido aquela suprema atenção plena purificada devido à equanimidade, compreendendo por si mesmo com conhecimento direto, este nobre discípulo aqui e agora entra e permanece na libertação da mente e na libertação através da sabedoria, que são imaculadas, com a destruição de todas as impurezas. Este é o terceiro rompimento, como o dos pintos ao sair das suas cascas. ^{xiii}

23. “Quando um nobre discípulo é virtuoso, isso é a conduta dele. Quando ele guarda as portas dos meios dos sentidos, isso é a conduta dele. Quando ele é moderado na alimentação, isso é a conduta dele. Quando ele é dedicado à vigilância, isso é a conduta dele. Quando ele possui sete boas qualidades, isso é a conduta dele. Quando ele obtém, de acordo com a sua vontade, sem problemas ou dificuldades, os quatro *jhanas* que constituem a mente superior e que proporcionam uma estada prazerosa aqui e agora, isso é a conduta dele. ^{xiv}

24. “Quando ele se recorda das suas muitas vidas passadas ... nos seus modos e detalhes, isso é o verdadeiro conhecimento dele. Quando, por meio do olho divino ... ele vê seres falecendo e renascendo, e compreende como os seres continuam de acordo com as suas ações, isso é o verdadeiro conhecimento dele. Quando, compreendendo por si mesmo com conhecimento direto, este nobre discípulo aqui e agora entra e permanece na libertação da mente e na libertação através da sabedoria que são imaculadas, com a destruição de todas as impurezas; isso é o verdadeiro conhecimento dele.

25. “Este nobre discípulo se diz, portanto, perfeito no verdadeiro conhecimento, perfeito em conduta, perfeito no verdadeiro conhecimento e conduta. Estes versos foram recitados pelo *Brahma* Sanankumara:

‘Os khattiya são os melhores dentre as pessoas
para aqueles cujo padrão é o clã,
mas aquele com a conduta
e o conhecimento consumados
é o melhor dentre *devas* e humanos.’

“Agora, esses versos foram bem recitados pelo *Brahma* Sanankumara, não mau recitados, foram bem ditos e não mau ditos; eles possuem significado e não são desprovidos de significado; e foram aprovados pelo Abençoado.”

26. Então o Abençoado se levantou e se dirigiu ao venerável Ananda assim: “Muito bem, Ananda! É bom que você tenha falado aos Sakyas de Kapilavatthu sobre o discípulo no treinamento superior que entrou no caminho.”

Isso foi o que o venerável Ananda disse. O Mestre aprovou. Os Sakyas de Kapilavatthu ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do venerável Ananda.

54 Potaliya Sutta

Para Potaliya

O que significa desvencilhar-se de todos os assuntos

1. Assim ouvi. Certa vez o Abençoado estava entre os Anguttarapas numa cidade denominada Apana.

2. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para Apana para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Apana e de haver retornado, após a refeição ele foi até um certo bosque para passar o resto do dia. Tendo entrado no bosque, ele sentou à sombra de uma árvore.

3. Potaliya o chefe de família, enquanto caminhava e perambulava fazendo exercício, vestindo um traje oficial com sombrinha e sandálias, também foi até o bosque, e tendo entrado no bosque, foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele ficou em pé a um lado e o Abençoado disse: “Há assentos, chefe de família, sente se quiser.”

Quando isso foi dito, o chefe de família Potaliya pensou: “O contemplativo Gotama se dirige a mim como ‘chefe de família,’” irritado e desgostoso ele permaneceu em silêncio.

Uma segunda vez ... Uma terceira vez o Abençoado disse: “Há assentos, chefe de família, ... irritado e desgostoso ele disse para o Abençoado: “Mestre Gotama, não é nem digno, nem apropriado que você se dirija a mim como ‘chefe de família.’”

“Chefe de família, você tem o aspecto, marcas e sinais de um chefe de família.”

“Apesar disso, Mestre Gotama, eu abri mão de todo meu trabalho e me desvencilhei de todos os assuntos.”

“De que forma você abriu mão de todo o seu trabalho, chefe de família, e se desvencilhou de todos os assuntos?”

“Mestre Gotama, eu dei toda a minha riqueza, grãos, prata e ouro para os meus filhos como herança. Sem aconselhá-los ou advertí-los, eu vivo apenas com comida e roupas. Assim é como eu abri mão de todo meu trabalho e me desvencilhei de todos os assuntos.”

“Chefe de família desvencilhar-se de todos os assuntos da forma como você descreve é uma coisa, mas na Disciplina dos Nobres desvencilhar-se de todos os assuntos é diferente.”

“Como é desvencilhar-se de todos os assuntos na Disciplina dos Nobres, venerável senhor? Seria bom se o Abençoado me ensinasse o Dhamma mostrando como é desvencilhar-se de todos os assuntos na Disciplina dos Nobres.”

“Então ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

4. “Chefe de família, existem essas oito coisas na Disciplina dos Nobres que conduzem ao desvencilhar-se de todos os assuntos. Quais são as oito?”

“Baseado no não matar seres vivos, o ato de matar seres vivos é abandonado ... o tomar aquilo que não é dado é abandonado ... a linguagem mentirosa é abandonada ... a linguagem maliciosa é abandonada. ... a cobiça voraz é abandonada ... a reprimenda rancorosa é abandonada. ... a raiva e a irritação são abandonadas ... a arrogância é abandonada. Essas são as oito coisas, mencionadas de forma resumida, sem ser expostas em detalhe, que conduzem ao desvencilhar-se de todos os assuntos na Disciplina dos Nobres.”

5. “Venerável senhor, seria bom se, por compaixão, o Abençoado pudesse me explicar em detalhe essas oito coisas que conduzem ao desvencilhar-se de todos os assuntos na Disciplina dos Nobres, que expostas de forma resumida pelo Abençoado, não foram explicadas em detalhe.”

“Então ouça, chefe de família, e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.” - “Sim, venerável senhor,” Potaliya respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

6. “Baseado no não matar seres vivos, o ato de matar seres vivos é abandonado.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Aqui um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Eu estou praticando o caminho para abandonar e me desvencilhar daqueles grilhões devido aos quais eu poderia vir a matar seres vivos. Se eu matasse seres vivos, eu me censuraria por isso; os sábios, depois de um exame, me censurariam por isso; e na dissolução do corpo, após a morte, pelo fato de matar seres vivos, um destino infeliz poderia ser esperado. Mas matar seres vivos é em si mesmo um grilhão e um obstáculo. E enquanto que contaminações, aflições e febres podem surgir pelo fato de matar seres vivos, não há contaminações, aflições e febres naquele que se abstém de matar seres vivos.’ Portanto, é com referência a isso que foi dito: ‘Baseado no não matar seres vivos, o ato de matar seres vivos é abandonado.’”

7. “Baseado no tomar apenas aquilo que for dado, o tomar aquilo que não é dado é abandonado.’ ...

8. “Baseado na linguagem verdadeira, a linguagem mentirosa é abandonada.’ ...

9. “Baseado na linguagem não maliciosa, a linguagem maliciosa é abandonada ...

10. “Baseado na abstenção da cobiça voraz, a cobiça voraz é abandonada.’ ...

11. “Baseado na abstenção da reprimenda rancorosa, a reprimenda rancorosa é abandonada.’ ...

12. “Baseado na abstenção da raiva e da irritação, a raiva e a irritação são abandonadas.’ ...

13. “Baseado na não arrogância, a arrogância é abandonada.’ Assim foi dito. E com referência a que foi dito isso? Aqui um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Eu estou praticando o caminho para abandonar e me desvencilhar daqueles grilhões devido aos quais eu poderia vir a ser arrogante. Se eu fosse arrogante, eu me censuraria por isso; os sábios, depois de um exame, me censurariam por isso; e na dissolução do corpo, após a morte, pelo fato de ser arrogante um destino infeliz poderia ser esperado. Mas essa arrogância é em si mesma um grilhão e um obstáculo. E enquanto que contaminações, aflições e febres podem surgir devido à arrogância, não há contaminações, aflições e febres naquele que não é arrogante.’ Portanto, é com referência a isso que foi dito: ‘Baseado na não arrogância, a arrogância deve ser abandonada.’

14. “Essas oito coisas que conduzem ao desvencilhar-se de todos os assuntos na Disciplina dos Nobres foram agora expostas em detalhe. Mas o desvencilhar-se de todos os assuntos não foi ainda realizado completamente e de todas as formas.”

“Venerável senhor, como o desvencilhar-se de todos os assuntos é realizado completamente e de todas as formas? Seria bom, venerável senhor, se o Abençoado me ensinasse o Dhamma mostrando como o desvencilhar-se de todos os assuntos é realizado completamente e de todas as formas na Disciplina dos Nobres.”

“Então ouça, chefe de família, e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.” - “Sim, venerável senhor,” Potaliya respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

15. “Chefe de família, suponha que um cão, subjugado pela fome e fraqueza, estivesse esperando num açougue. Então um açougueiro habilidoso ou o seu aprendiz, descarnasse um osso e o deixasse lambuzado de sangue sem nada de carne e o arremessasse ao cão. O que você pensa chefe de família? Aquele cão iria dar fim à sua fome e fraqueza roendo aquele osso lambuzado de sangue e sem carne ?” - “Não, venerável senhor. Por que não? Porque aquilo é apenas um osso lambuzado de sangue e sem carne. No final das contas, aquele cão iria só colher cansaço e desapontamento.”

“Da mesma forma, chefe de família, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Os prazeres sensuais foram comparados a um osso pelo Abençoado; eles proporcionam pouca gratificação, muito sofrimento, muito desespero e quanto perigo eles contêm.’ Tendo visto isso como na verdade é, com correta sabedoria, ele evita a equanimidade que é diversificada, baseada na diversidade, e desenvolve a equanimidade que é unificada, baseada na unicidade, ^{xv} na qual o apego a coisas materiais do mundo cessa completamente sem deixar vestígios.

16. “Chefe de família, suponha que um abutre, um corvo ou um falcão agarrasse um pedaço de carne e saísse voando e então abutres, corvos ou falcões voassem atrás dele e o picassem e bicassem. O que você pensa, chefe de família? Se aquele abutre, corvo ou falcão não soltar com rapidez aquele pedaço de carne ele não morreria ou padeceria um sofrimento igual à morte devido a isso?” - “Sim, venerável senhor.”

“Da mesma forma, chefe de família, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Os prazeres sensuais foram comparados a um pedaço de carne pelo Abençoado; eles proporcionam pouca gratificação, muito sofrimento, muito desespero e quanto perigo eles contêm.’ Tendo visto isso como na verdade é, com a correta sabedoria ... o apego a coisas materiais do mundo cessa completamente sem deixar vestígios.

17. “Chefe de família, suponha que um homem levasse uma tocha de capim em chamas contra o vento. O que você pensa, chefe de família? Se aquele homem não soltar com rapidez aquela tocha de capim em chamas, ele não queimaria a mão ou o braço ou alguma outra parte do corpo, e assim morreria ou padeceria um sofrimento igual à morte devido a isso?” - “Sim, venerável senhor.”

“Da mesma forma, chefe de família, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Os prazeres sensuais foram comparados a uma tocha de capim em chamas pelo Abençoado; eles proporcionam pouca gratificação, muito sofrimento, muito desespero e quanto perigo eles contêm.’ Tendo visto isso como na verdade é, com a correta sabedoria ... o apego a coisas materiais do mundo cessa completamente sem deixar vestígios.

18. “Chefe de família, suponha que houvesse uma cova mais profunda que a altura de um homem, cheia de carvões em brasa ardendo. Nisso, surgiu um homem que valoriza a vida e teme a morte, que deseja o prazer e abomina a dor, e dois homens fortes o agarrassem pelos braços e pernas e o arrastassem para aquela cova de carvões. O que você pensa, chefe de família? Aquele homem contorceria o seu corpo para este e aquele lado?” - “Sim, venerável senhor. Por que isso? Porque aquele homem sabe que se ele caísse naquela cova com carvão ele morreria ou padeceria um sofrimento igual à morte devido a isso.”

“Da mesma forma, chefe de família, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Os prazeres sensuais foram comparados a uma cova com carvão em brasas pelo Abençoado; eles proporcionam pouca gratificação, muito sofrimento, muito desespero e quanto perigo eles contêm.’ Tendo visto isso como na verdade é, com a correta sabedoria ... o apego a coisas materiais do mundo cessa completamente sem deixar vestígios.

19. “Chefe de família, suponha que um homem sonhasse com belos parques, belos bosques, belas campinas e belos lagos, mas ao despertar ele não visse nada disso. Da mesma forma, chefe de família, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Os prazeres sensuais foram comparados a um sonho pelo Abençoado; eles proporcionam pouca gratificação, muito sofrimento, muito desespero e quanto perigo eles contêm.’ Tendo visto isso como na verdade é, com a correta sabedoria ... o apego a coisas materiais do mundo cessa completamente sem deixar vestígios.

20. “Chefe de família, suponha que um homem tomasse bens por empréstimo – uma carruagem pomposa e brincos enfeitados com pedras preciosas – e usando esses bens tomados por empréstimo ele fosse até o mercado. Então as pessoas, ao vê-lo, diriam: ‘Senhores, aquele é um homem rico! Assim é como os ricos desfrutam da sua fortuna!’ Então os donos daqueles bens, ao vê-lo, tomariam de volta as suas coisas. O que você pensa, chefe de família? Isso seria o suficiente para que aquele homem se sentisse deprimido?” – “Sim, venerável senhor. Por que isso? Porque os donos dos bens tomaram de volta as suas coisas.”

“Da mesma forma, chefe de família, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Os prazeres sensuais foram comparados a bens tomados por empréstimo pelo Abençoado; eles proporcionam pouca gratificação, muito sofrimento, muito desespero e quanto perigo eles contêm.’ Tendo visto isso como na verdade é, com a correta sabedoria ... o apego a coisas materiais do mundo cessa completamente sem deixar vestígios.

21. “Chefe de família, suponha que houvesse um denso bosque não muito distante de um vilarejo ou cidade, dentro do qual houvesse uma árvore carregada de frutas, sem que nenhuma fruta tivesse caído ao solo. Então um homem viesse precisando de fruta, buscando por fruta, perambulando em busca de fruta, e ele entrasse no bosque e visse a árvore carregada de fruta. Em vista disso ele pensaria: ‘Esta árvore está carregada de frutas e nenhuma das suas frutas caiu ao solo. Eu sei como subir numa árvore, então subirei nesta, comerei tanta fruta quanto quiser e encherei a minha bolsa.’ E assim ele fez. Então, um segundo homem viesse precisando de fruta, buscando por fruta, perambulando em busca de fruta, e ele entrasse no bosque com um machado afiado e visse a árvore carregada de fruta. Em vista disso ele pensaria: ‘Esta árvore está carregada com frutas e nenhuma das suas frutas caiu ao solo. Eu não sei como subir numa árvore, então cortarei essa árvore pela raiz, comerei tanta fruta quanto quiser e encherei a minha bolsa.’ E assim ele fez. O que você pensa, chefe de família? Se o primeiro homem que havia subido na árvore não descesse com rapidez, quando a árvore caísse, ele não quebraria a mão ou o pé ou alguma outra parte do corpo, e assim morreria ou padeceria um sofrimento igual à morte devido a isso?” – “Sim, venerável senhor.”

“Da mesma forma, chefe de família, um nobre discípulo considera o seguinte: ‘Os prazeres sensuais foram comparados a uma árvore carregada de frutas pelo Abençoado; eles proporcionam pouca gratificação, muito sofrimento, muito desespero e quanto perigo eles contêm.’ Tendo visto isso como na verdade é ... o apego a coisas materiais do mundo cessa completamente sem deixar vestígios.

22. “Tendo alcançado aquela suprema atenção plena cuja pureza é devida à equanimidade, esse nobre discípulo recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos ... (igual ao [MN 51, verso 24](#)) ... Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes.

23. “Tendo alcançado aquela suprema atenção plena cuja pureza é devida à equanimidade, com o olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, esse nobre discípulo vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados ... (igual ao [MN 51, verso 25](#)) ... e ele compreende como os seres continuam de acordo com as suas ações.

24. “Tendo alcançado aquela suprema atenção plena cuja pureza é devida à equanimidade, realizando por si mesmo através do conhecimento direto, esse nobre discípulo, aqui e agora entra e permanece na libertação da mente e na libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição das impurezas.

25. “Neste ponto, chefe de família, o desvencilhar-se de todos os assuntos na Disciplina dos Nobres é realizado completamente e de todas as formas. O que você pensa, chefe de família? Você vê em si mesmo o desvencilhar-se de todos os assuntos tal como esse desvencilhar-se de todos os assuntos na Disciplina dos Nobres, quando ele é realizado completamente e de todas as formas?”

““Venerável senhor, quem sou eu para ter me desvencilhado de todos os assuntos completamente e de todas as formas tal como na Disciplina dos Nobres? Eu estou, de fato, muito distante desse desvencilhar-se de todos os assuntos como na Disciplina dos Nobres, quando ele é realizado completamente e de todas as formas. Pois embora os errantes de outras seitas não sejam castos, nós imaginamos que eles sejam; embora eles não sejam castos, nós os alimentamos com a comida dos castos; embora eles não sejam castos, nós os colocamos no lugar dos castos. Mas, embora os *bhikkhus* sejam castos, nós imaginamos que eles não sejam; embora eles sejam castos nós os alimentamos com a comida daqueles que não são castos; embora eles sejam castos, nós os colocamos no lugar daqueles que não são castos. Mas agora, venerável senhor, como os errantes de outras seitas não são castos, devemos compreender que eles não são castos; como eles não são castos, devemos alimentá-los com a comida daqueles que não são castos; como eles não são castos, devemos colocá-los no lugar daqueles que não são castos. Mas como os *bhikkhus* são castos, nós devemos compreender que eles são castos; como eles são castos, devemos alimentá-los com a comida dos castos; como eles são castos, devemos colocá-los no lugar daqueles que são castos. Venerável senhor, o Abençoado inspirou em mim o amor pelos contemplativos, a confiança nos contemplativos, a reverência pelos contemplativos.

26. "Magnífico , Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para que aqueles que possuem visão

pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como o discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida."

55 Jivaka Sutta

Para Jivaka

As regras que se aplicam ao consumo de carne

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha no mangueiral de Jivaka Komarabhacca.^{xvi}
2. Então, Jivaka Komarabhacca foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse:
3. “Venerável senhor, eu ouvi isto: ‘Eles matam seres vivos para o contemplativo Gotama; o contemplativo Gotama conscientemente come comida que lhe foi preparada com animais que foram mortos por sua causa.’ Venerável senhor, aqueles que assim dizem, falam aquilo que foi dito pelo Abençoado e não o deturpam com algo contrário aos fatos? Eles explicam de acordo com o Dhamma de tal modo que nada que possa dar margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da declaração deles?”
4. “Jivaka, aqueles que dizem isso não falam aquilo que foi dito por mim, mas me deturpam com algo que não é verdadeiro e é contrário aos fatos.
5. “Jivaka, existem três situações nas quais a carne não deve ser comida: quando for visto, ouvido ou suspeitado que o animal tenha sido sacrificado para o *bhikkhu*. Eu digo que carne não deve ser comida nessas três situações. Eu digo que há três situações nas quais carne pode ser comida: quando não for visto, ouvido ou suspeitado que o animal tenha sido sacrificado para o *bhikkhu*. Eu digo que carne pode ser comida nessas três situações.^{xvii}
- 6-9. “Aqui, Jivaka, um *bhikkhu* vive na dependência de um certo vilarejo ou cidade. Com o coração pleno de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade, ele permanece permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim, acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Então, um chefe de família, ou o filho de um chefe de família, vem até ele e o convida para uma refeição no dia seguinte. O *bhikkhu* aceita, se quiser. Quando a noite termina, pela manhã, ele se veste, e tomando a sua tigela e manto externo, vai até a casa daquele chefe de família, ou do filho de um chefe de família, e senta num assento preparado. Então, o chefe de família, ou o filho de um chefe de família, o serve com comida de boa

qualidade. Ele não pensa: 'Que bom que o chefe de família, ou o filho de um chefe de família, me serve com comida de boa qualidade! Se ao menos um chefe de família, ou o filho de um chefe de família, pudesse me servir essa comida boa no futuro!' Ele não pensa assim. Ele come a comida esmolada sem estar preso, apaixonado e totalmente comprometido com ela, ele come vendo o perigo nela e compreendendo como escapar dela. O que você pensa, Jivaka? Aquele *bhikkhu* em tal ocasião optaria por sua própria aflição, pela aflição dos outros, ou pela aflição de ambos?" – "Não, venerável senhor." – "Aquele *bhikkhu* se sustentaria com uma comida que não é passível de crítica naquela ocasião?"

10-11. "Sim, venerável senhor. Eu ouvi isto, venerável senhor: '*Brahma* permanece com amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade.' Venerável senhor, o Abençoado é a minha confirmação visível disso, pois o Abençoado permanece com amor bondade ... compaixão ... alegria altruísta ... equanimidade."

"Jivaka, toda cobiça, toda raiva, toda delusão, pelas quais a má vontade ... crueldade ... descontentamento ... aversão ^{xviii} pode surgir, foram abandonadas pelo *Tathagata*, cortadas pela raiz, feitas como com um tronco de uma palmeira, eliminadas de tal modo que não estarão mais sujeitas a um futuro surgimento. ^{xix} Se aquilo que você disse se refere a isso, então eu consinto." – "Venerável senhor, o que eu disse se refere precisamente a isso."

12. "Se alguém sacrifica um ser vivo para o *Tathagata* ou seu discípulo, ele acumula muito demérito de cinco modos. Quando ele diz: 'Vá e pegue aquele ser vivo,' esse é o primeiro modo pelo qual ele acumula muito demérito. Quando aquele ser vivo experimenta dor e angústia ao ser conduzido com um cabresto, esse é o segundo modo pelo qual ele acumula muito demérito. Quando ele diz: 'Vá e sacrifique aquele ser vivo,' esse é o terceiro modo pelo qual ele acumula muito demérito. Quando aquele ser vivo experimenta dor e angústia ao ser sacrificado, esse é o quarto modo pelo qual ele acumula muito demérito. Ao oferecer ao *Tathagata* ou seu discípulo comida que não é permitida, esse é o quinto modo pelo qual ele acumula muito demérito. Qualquer um que sacrifique um ser vivo para o *Tathagata* ou seu discípulo acumula muito demérito desses cinco modos."

13. Quando isso foi dito, Jivaka Komarabhacca disse para o Abençoado: "É maravilhoso, venerável senhor, é admirável! Os *bhikkhus* se sustentam com comida permissível. Os *bhikkhus* se sustentam com comida que não é passível de crítica. Magnífico, venerável senhor! Magnífico, venerável senhor! ... Que o Abençoado se recorde de mim como um discípulo leigo que nele buscou refúgio para o resto da sua vida."

56 *Upali Sutta* Para Upali

O próspero e influente chefe de família Upali é convertido pelo Buda

1. Em certa ocasião o Abençoado estava em Nalanda, no mangueiral de Pavarika.

2. Agora, naquela ocasião o Nigantha Nataputta estava em Nalanda com um grande grupo de Niganthas. Então, depois do Nigantha [chamado] Digha Tapassi haver esmolado em Nalanda e de haver retornado, após a refeição, ele foi até o mangueiral de Pavarika para ver o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele ficou em pé a um lado e o Abençoado disse: “Há assentos, Tapassi, sente se assim desejar.”

3. Quando isso foi dito, Digha Tapassi tomou um assento mais baixo e sentou a um lado. Então o Abençoado perguntou: “Tapassi, quantos tipos de ação o Nigantha Nataputta descreve para a realização de uma ação prejudicial?”

“Amigo Gotama, o Nigantha Nataputta não tem o costume de usar a descrição ‘ação’; o Nigantha Nataputta tem o costume de usar a descrição ‘vara’.” ^{xx}

“Então, Tapassi, quantos tipos de varas o Nigantha Nataputta descreve para a a realização de uma ação prejudicial?”

“Amigo Gotama, o Nigantha Nataputta descreve três tipos de varas para a realização de uma ação prejudicial, isto é, a vara corporal ... verbal ... mental.”

“Como então, Tapassi, a vara corporal é uma, a vara verbal outra e a vara mental uma outra mais?”

“A vara corporal é uma, amigo Gotama, a vara verbal outra e a vara mental uma outra mais.”

“Desses três tipos de vara, Tapassi, assim analisadas e diferenciadas, qual tipo de vara o Nigantha Nataputta descreve como sendo a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial: a vara corporal ... verbal ou ... mental?”

“Desses três tipos de vara, amigo Gotama, o Nigantha Nataputta descreve a vara corporal como sendo a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial, e não tanto a vara verbal e a vara mental.”

“Você disse a vara corporal, Tapassi?”

“Eu disse a vara corporal, amigo Gotama.”

4. Então o Nigantha Digha Tapassi perguntou ao Abençoado: “E você, amigo Gotama, quantos tipos de vara descreve para a realização de uma ação prejudicial?”

“Tapassi, o *Tathagata* não tem o costume de usar a descrição ‘vara’; o *Tathagata* tem o costume de usar a descrição ‘ação’.”

“Mas, amigo Gotama, quantos tipos de ação você descreve para a realização de uma ação prejudicial?”

“Tapassi, eu descrevo três tipos de ação para a realização de uma ação prejudicial: isto é, a ação corporal ... verbal ... mental.”

“Como então, mestre Gotama, a ação corporal é uma, a ação verbal outra e a ação mental uma outra mais?”

“A ação corporal é uma, Tapassi, a ação verbal outra e a ação mental uma outra mais.”

“Desses três tipos de ação, mestre Gotama, assim analisadas e diferenciadas, qual tipo de ação o mestre Gotama descreve como sendo a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial: a ação corporal ... verbal ... mental?”

“Desses três tipos de ação, Tapassi, eu descrevo a ação mental como sendo a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial, e não tanto a ação corporal e a ação verbal.” ^{xxi}

“Você disse a ação mental, amigo Gotama?”

“Eu disse a ação mental, Tapassi.”

Assim o Nigantha Digha Tapassi fez com que o Abençoado mantivesse a sua afirmação, depois do que, ele se levantou do seu assento e foi até o Nigantha Nataputta.

5. Agora, naquela ocasião o Nigantha Nataputta estava sentado junto com uma grande assembléia de homens leigos de Balaka, sendo Upali o mais destacado dentre eles. O Nigantha Nataputta viu o Nigantha Digha Tapassi vindo à distância e perguntou: “De onde você vem agora, ao meio do dia, Tapassi?”

“Eu venho da presença do contemplativo Gotama, venerável senhor.”

“Você teve uma conversa com o contemplativo Gotama, Tapassi?”

“Eu tive uma conversa com o contemplativo Gotama, venerável senhor.”

“Como foi a sua conversa com ele, Tapassi?”

Então o Nigantha Digha Tapassi relatou ao Nigantha Nataputta toda a conversa com o Abençoado.

6. Quando isso foi dito, o Nigantha Nataputta disse:

“Muito bem, Tapassi! O Nigantha Digha Tapassi respondeu ao contemplativo Gotama como um discípulo bem instruído que compreende corretamente os ensinamentos do seu

mestre. Qual a importância da trivial vara mental em comparação com a grosseira vara corporal? Ao contrário, a vara corporal é a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial, e não tanto a vara verbal e a vara mental.”

7. Quando isso foi dito, o chefe de família Upali disse para o Nigantha Nataputta: “Muito bem, venerável senhor, [por parte do] Digha Tapassi! O venerável Tapassi respondeu ao contemplativo Gotama como um discípulo bem instruído que compreende corretamente os ensinamentos do seu mestre. Qual a importância da trivial vara mental em comparação com a grosseira vara corporal? Ao contrário, a vara corporal é a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial, para a perpetração de uma ação prejudicial, e não tanto a vara verbal e a vara mental. Agora, venerável senhor, devo ir e refutar a doutrina do contemplativo Gotama com base nessa afirmação. Se o contemplativo Gotama afirmar perante mim aquilo que o venerável Digha Tapassi fez com que ele afirmasse, então da mesma forma como um homem forte é capaz de agarrar os pêlos de um carneiro peludo e arrastá-lo para cá e para lá e arrastá-lo em círculos, assim em debate eu irei arrastar o contemplativo Gotama para cá e para lá e em círculos. Da mesma forma como um forte cervejeiro é capaz de arremessar uma peneira grande num tanque de água profundo e agarrando-a pelos cantos é capaz de arrastá-la para cá e para lá e em círculos, assim em debate eu irei arrastar o contemplativo Gotama para cá e para lá e em círculos. Da mesma forma como um forte cervejeiro é capaz de tomar um filtro pelos cantos e agitá-lo para cima e para baixo e dar-lhe pancadas, assim em debate eu agitarei o contemplativo Gotama para cima e para baixo e darei pancadas nele. E da mesma forma como um elefante sexagenário é capaz de mergulhar num lago profundo e desfrutar o jogo de lavar o cânhamo, assim eu desfrutarei o jogo de lavar o cânhamo com o contemplativo Gotama. Venerável senhor, devo ir e refutar a doutrina do contemplativo Gotama com base nessa afirmação.”

“Vá, chefe de família e refute a doutrina do contemplativo Gotama com base nessa afirmação. Pois, ou eu devo refutar a doutrina do contemplativo Gotama, ou então o Nigantha Digha Tapassi, ou você mesmo.”

8. Quando isso foi dito, o Nigantha Digha Tapassi disse para o Nigantha Nataputta: “Venerável senhor, eu não penso que o chefe de família Upali deveria [tentar] refutar a doutrina do contemplativo Gotama. Pois o contemplativo Gotama é um mágico que conhece uma mágica de conversão através da qual ele converte os discípulos de outras seitas.”

“É impossível, Tapassi, não pode acontecer que o chefe de família Upali se torne um discípulo do contemplativo Gotama; mas é possível, pode acontecer que o contemplativo Gotama se torne um discípulo do chefe de família Upali. Vá, chefe de família, e refute a doutrina do contemplativo Gotama. Pois, ou eu devo refutar a doutrina do contemplativo Gotama, ou então o Nigantha Digha Tapassi, ou você mesmo.

9. “Sim, venerável senhor, o chefe de família Upali respondeu e levantando-se do seu assento, depois de homenagear o Nigantha Nataputta, mantendo-o à sua direita, ele partiu para ir até o Abençoado no mangueiral de Pavarika. Lá, depois de cumprimentar o

Abençoado, ele sentou a um lado e perguntou: “Venerável senhor, o Nigantha Digha Tapassi esteve aqui?”

“O Nigantha Digha Tapassi esteve aqui, chefe de família.”

“Venerável senhor, você teve uma conversa com ele?”

“Eu tive uma conversa com ele, chefe de família.”

“Como foi a sua conversa com ele, venerável senhor?”

Então o Abençoado relatou ao chefe de família Upali toda a conversa com o Nigantha Digha Tapassi.

10. Quando isso foi dito, o chefe de família Upali disse para o Abençoado: “Muito bem, venerável senhor, por parte do Digha Tapassi! O Nigantha Digha Tapassi respondeu ao contemplativo Gotama como um discípulo bem instruído que compreende corretamente os ensinamentos do seu mestre. Qual a importância da trivial vara mental em comparação com a grosseira vara corporal? Ao contrário, a vara corporal é a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial, para a perpetração de uma ação prejudicial, e não tanto a vara verbal e a vara mental.”

“Chefe de família, se você quiser debater com base na verdade, poderemos ter uma conversa sobre isso.”

“Eu debatarei com base na verdade, venerável senhor, então conversemos sobre isso.”

11. “O que você pensa, chefe de família? Aqui, algum Nigantha pode estar aflito, sofrendo e gravemente enfermo, [com uma enfermidade que requer o tratamento com água fria, o que é proibido pelos votos que ele tomou], e pode ser que ele recuse a água fria, [embora mentalmente a deseje], e use apenas a água quente, [que é permitida, mantendo assim os seus votos através do corpo e da linguagem]. Porque ele não obtém a água fria pode ser que ele morra. Agora, chefe de família, em que lugar o Nigantha Nataputta descreveria a ocorrência do renascimento dele?”

“Venerável senhor, existem *devas* chamados ‘atados pela mente’; ele renasceria dentre eles. Por que isso? Porque ao morrer ele ainda estava preso, [pelo apego], à mente.” [xxii](#)

“Chefe de família, preste atenção à sua reposta! O que você disse antes não está de acordo com o que disse depois, nem aquilo que você disse depois está de acordo com o que disse antes. No entanto você fez esta afirmação: ‘Eu debatarei com base na verdade, venerável senhor, então conversemos sobre isso’.”

“Venerável senhor, embora o Abençoado tenha dito isso, a vara corporal no entanto é a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial, e não tanto a vara verbal e a vara mental.” [xxiii](#)

12. “O que você pensa, chefe de família? Aqui, algum Nigantha pode estar contido com quatro controles - coibido por todas as coibições, sujeitado por todas as coibições, purificado por todas as coibições e demandado por todas as coibições – e no entanto ao caminhar para frente e regressar ele realiza a destruição de muitas criaturas minúsculas. Que conseqüência o Nigantha Nataputta descreve para ele?”

“Venerável senhor, o Nigantha Nataputta não descreve aquilo que não é um ato da vontade como sendo muito censurável.”

“Mas se alguém tem volição, chefe de família?”

“Então é muito censurável, venerável senhor.”

“Mas sob qual [das três varas] o Nigantha Nataputta descreve a volição, chefe de família?”

“Sob a vara mental, venerável senhor.”

“Chefe de família, chefe de família, preste atenção à sua reposta! O que você disse antes não está de acordo com o que disse depois, nem aquilo que você disse depois está de acordo com o que disse antes. No entanto você fez esta afirmação: ‘Eu debatorei com base na verdade, venerável senhor, então conversemos sobre isso’.”

“Venerável senhor, embora o Abençoado tenha dito isso, a vara corporal no entanto é a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial, para a perpetração de uma ação prejudicial, e não tanto a vara verbal e a vara mental.”

13. “O que você pensa, chefe de família? Esta cidade Nalanda é rica, próspera e populosa, repleta de gente e bem suprida?”

“Sim, venerável senhor, ela é.”

“O que você pensa, chefe de família? Suponha que um homem aqui viesse brandindo uma espada e dissesse o seguinte: ‘Num momento, num instante converterei todos os seres vivos desta cidade, Nalanda, numa massa de carne, num amontoado de carne.’ O que você pensa, chefe de família, aquele homem seria capaz de fazer isso?”

“Venerável senhor, dez, vinte, trinta, quarenta ou mesmo cinqüenta homens não seriam capazes de converter todos os seres vivos desta cidade de Nalanda numa massa de carne, num amontoado de carne, num momento, num instante, de que vale apenas um homem sem importância?”

“O que você pensa, chefe de família? Suponha que algum contemplativo ou brâmane aqui viesse possuindo poderes supra-humanos, com maestria da mente, e ele dissesse o seguinte: ‘Eu reduzirei esta cidade, Nalanda, a cinzas com uma ação mental de raiva.’ O

que você pensa, chefe de família, um tal contemplativo ou brâmane seria capaz de fazer isso?”

“Venerável senhor, um tal contemplativo ou brâmane possuindo poderes supra-humanos, com maestria da mente, seria capaz de reduzir dez, vinte, trinta, quarenta ou mesmo cinquenta Nalandas a cinzas com uma ação mental de raiva, de que vale apenas uma Nalanda sem importância?”

“Chefe de família, chefe de família, preste atenção à sua reposta! O que você disse antes não está de acordo com o que disse depois, nem aquilo que você disse depois está de acordo com o que disse antes. No entanto você fez esta afirmação: ‘Eu debatorei com base na verdade, venerável senhor, então conversemos sobre isso.’”

“Venerável senhor, embora o Abençoado tenha dito isso, a vara corporal no entanto é a mais repreensível para a realização de uma ação prejudicial, para a perpetração de uma ação prejudicial, e não tanto a vara verbal e a vara mental.”

14. “O que você pensa, chefe de família? Você ouviu como as florestas de Dandaka, Kalinga, Mejjha e Matanga se tornaram florestas?” – “Sim, venerável senhor.” – “Como você ouviu que elas se tornaram florestas?” – “Venerável senhor, eu ouvi que elas se tornaram florestas através de um ato de raiva por parte dos videntes.”

“Chefe de família, chefe de família, preste atenção à sua reposta! O que você disse antes não está de acordo com o que disse depois, nem aquilo que você disse depois está de acordo com o que disse antes. No entanto você fez esta afirmação: ‘Eu debatorei com base na verdade, venerável senhor, então conversemos sobre isso.’”

15. “Venerável senhor, eu estava satisfeito e contente com o primeiro símile do Abençoado. Apesar disso, eu pensei que me deveria opor ao Abençoado deste modo, pois desejava ouvir as várias soluções do Abençoado para o problema. Magnífico, venerável senhor! Magnífico, venerável senhor! O Abençoado esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Venerável senhor, eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Abençoado me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida.”

16. “Investigue a fundo, chefe de família. É bom que pessoas tão bem conhecidas como você investiguem a fundo.”

“Venerável senhor, eu estou ainda mais satisfeito e contente com o Abençoado por me dizer isso. Pois outros líderes de seitas, ao me obterem como seu discípulo, conduziram uma bandeira por toda Nalanda anunciando: ‘O chefe de família Upali se tornou meu discípulo.’ Mas, ao contrário, o Abençoado me diz: ‘Investigue a fundo, chefe de família. É bom que pessoas tão bem conhecidas como você investiguem a fundo.’ Então pela

segunda vez, venerável senhor, eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Abençoado me aceite como discípulo leigo que nele buscou refúgio para o resto da sua vida.”

17. “Chefe de família, a sua família por muito tempo tem sustentado os Niganthas, e você deveria considerar que as esmolas devem ser dadas a eles sempre que eles vierem.”

“Venerável senhor, eu estou ainda mais satisfeito e contente com o Abençoado por me dizer isso. Venerável senhor, eu ouvi que o contemplativo Gotama diz o seguinte: ‘As dádivas devem ser dadas apenas para mim; as dádivas não devem ser dadas aos discípulos dos outros. As dádivas devem ser dadas apenas para os meus discípulos; as dádivas não devem ser dadas aos discípulos dos outros. Apenas aquilo que é dado para mim produz muitos frutos, e não aquilo que é dado aos discípulos dos outros. Apenas aquilo que é dado para os meus discípulos produz muitos frutos, e não aquilo que é dado aos discípulos dos outros.’ Mas ao contrário, o Abençoado me encoraja a dar dádivas aos Niganthas. De todo modo, saberemos o momento adequado para isso, venerável senhor. Então pela terceira vez, venerável senhor, eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Abençoado me aceite como discípulo leigo que nele buscou refúgio para o resto da sua vida.”

18. Então o Abençoado transmitiu o ensino gradual ao chefe de família Upali, isto é, ele falou sobre a generosidade, sobre a virtude, sobre o paraíso; ele explicou o perigo, a degradação e as contaminações dos prazeres sensuais e as vantagens da renúncia. Quando ele percebeu que a mente do chefe de família Upali estava pronta, receptiva, livre de obstáculos, satisfeita, clara, com serena confiança, ele explicou o ensinamento particular dos Budas: o sofrimento, a sua origem, a sua cessação e o caminho. Tal como um pano limpo, com todas as manchas removidas, irá absorver um corante de modo adequado, assim também, enquanto o chefe de família Upali estava ali sentado, a visão imaculada do Dhamma surgiu nele: “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.” O chefe de família Upali viu o Dhamma, alcançou o Dhamma, compreendeu o Dhamma, examinou a fundo o Dhamma; ele superou a dúvida, se libertou da perplexidade, conquistou a intrepidez, e se tornou independente dos outros na Revelação do Mestre. Então ele disse para o Abençoado: “Agora, venerável senhor, preciso ir. Estou ocupado e tenho muito que fazer.” “Agora é o momento, chefe de família, faça como julgar adequado.”

19. Então, o chefe de família Upali, estando satisfeito e contente com as palavras do Abençoado, levantou do seu assento e depois de homenageá-lo, mantendo-o à sua direita, partiu para retornar à sua casa. Lá ele se dirigiu ao porteiro da seguinte forma: “Bom porteiro, a partir de hoje eu fecho a minha porta aos Niganthas e às Niganthis, e abro a minha porta para os *bhikkhus*, *bhikkhunis* e discípulos leigos do Abençoado. Se algum Nigantha vier, diga-lhe o seguinte: ‘Espere, venerável senhor, não entre. A partir de hoje o chefe de família Upali passou a ser um discípulo do contemplativo Gotama. Ele fechou a sua porta aos Niganthas e às Niganthis, e abriu a porta para os *bhikkhus*, *bhikkhunis* e discípulos leigos do Abençoado. Venerável senhor, se você carece de esmolas, espere aqui, eles trarão para você aqui.’” – “Sim, venerável senhor,” o porteiro respondeu.

20. O Nigantha Digha Tapassi ouviu: “O chefe de família Upali se tornou um discípulo do contemplativo Gotama.” Então ele foi até o Nigantha Nataputta e disse: “Venerável senhor, eu ouvi o seguinte: ‘O chefe de família Upali se tornou um discípulo do contemplativo Gotama’.”

“É impossível, Tapassi, não pode acontecer que o chefe de família Upali tenha se tornado um discípulo do contemplativo Gotama; mas é possível, pode acontecer que o contemplativo Gotama tenha se tornado um discípulo do chefe de família Upali.”

“Venerável senhor, devo ir e tentar descobrir se o chefe de família Upali se tornou um discípulo do contemplativo Gotama?”

“Vá, Tapassi, e descubra se ele se tornou um discípulo do contemplativo Gotama.”

21. Então o Nigantha Digha Tapassi foi até a casa do chefe de família Upali. O porteiro o viu vindo à distância e disse: “Espere, venerável senhor, não entre. A partir de hoje o chefe de família Upali passou a ser um discípulo do contemplativo Gotama. Ele fechou a sua porta aos Niganthas e às Niganthis, e abriu a porta para os *bhikkhus*, *bhikkhunis* e discípulos leigos do Abençoado. Venerável senhor, se você carece de esmolas, espere aqui, eles trarão as esmolas aqui para você.”

“Eu não careço de esmolas, amigo,” ele disse, dando meia volta e indo até o Nigantha Nataputta, dizendo: “Venerável senhor, pois é muitíssimo verdade que o chefe de família Upali se tornou um discípulo do contemplativo Gotama. Venerável senhor, eu não obtive a sua aprovação quando disse: ‘Venerável senhor, eu não penso que o chefe de família Upali deveria [tentar] refutar a doutrina do contemplativo Gotama. Pois o contemplativo Gotama é um mágico que conhece uma mágica de conversão através da qual ele converte os discípulos de outras seitas.’ E agora, venerável senhor, o seu chefe de família Upali foi convertido pelo contemplativo Gotama através da sua mágica de conversão!”

“É impossível, Tapassi, não pode acontecer que o chefe de família Upali tenha se tornado um discípulo do contemplativo Gotama; mas é possível, pode acontecer que o contemplativo Gotama tenha se tornado um discípulo do chefe de família Upali.”

22. Então o Nigantha Nataputta foi com um grande grupo de Niganthas até a casa do chefe de família Upali. O porteiro o viu vindo à distância e disse: “Espere, venerável senhor, não entre. A partir de hoje o chefe de família Upali passou a ser um discípulo do contemplativo Gotama. Ele fechou a sua porta aos Niganthas e às Niganthis, e abriu a porta para os *bhikkhus*, *bhikkhunis* e discípulos leigos do Abençoado. Venerável senhor, se você carece de esmolas, espere aqui, eles trarão as esmolas aqui para você.”

“Bom, porteiro, vá até o chefe de família Upali e diga: ‘Venerável senhor, o Nigantha Nataputta está esperando no portão externo com um grande grupo de Niganthas; ele deseja vê-lo’.”

“Sim, venerável senhor,” ele respondeu e foi até o chefe de família Upali e disse: “Venerável senhor, o Nigantha Nataputta está esperando no portão externo com um grande grupo de Niganthas; ele deseja vê-lo.”

“Nesse caso, bom porteiro, prepare assentos no salão central.”

“Sim, venerável senhor,” ele respondeu, e depois de preparar os assentos no salão central regressou até o chefe de família Upali e disse: “Venerável senhor, os assentos estão preparados no salão central. Agora é o momento de fazer o que você julgar adequado.”

23. Então o chefe de família Upali foi até o salão central e sentou no assento mais elevado, no melhor, no assento principal, o mais excelente que ali havia. Então ele disse para o porteiro: “Agora, bom porteiro, vá até o Nigantha Nataputta e diga: ‘Venerável senhor, o chefe de família Upali diz: “Entre, venerável senhor, se assim desejar”’.”

“Sim, venerável senhor,” ele respondeu e foi até o Nigantha Nataputta e disse: “Venerável senhor, o chefe de família Upali diz: ‘Entre, venerável senhor, se assim desejar’.”

Então, o Nigantha Nataputta foi com o grande grupo de Niganthas para o salão central.

24. Anteriormente, quando o chefe de família Upali via o Nigantha Nataputta vindo à distância, ele costumava sair para encontrá-lo, para, com um manto, tirar o pó do assento mais elevado, do melhor, do assento principal, o mais excelente que ali havia, e depois de arrumar tudo à volta deste, fazia com que ele ali sentasse. Mas agora, estando ele mesmo sentado no assento mais elevado, no melhor, no assento principal, o mais excelente que ali havia, ele disse para o Nigantha Nataputta: “Venerável senhor, há assentos, sente se assim desejar.”

25. Quando isso foi dito, o Nigantha Nataputta disse: “Chefe de família, você é um louco, você é um estúpido. Você saiu dizendo: ‘Venerável senhor, eu irei refutar a doutrina do contemplativo Gotama,’ e retornou aprisionado na ampla rede de uma doutrina. Como se um homem fosse castrar alguém e retornasse castrado de ambos os lados, como se um homem fosse extinguir a visão de alguém e retornasse com a própria visão extinta; da mesma forma você, chefe de família, saiu dizendo: ‘Venerável senhor, eu irei refutar a doutrina do contemplativo Gotama,’ e retornou aprisionado na ampla rede de uma doutrina. Chefe de família, você foi convertido pelo contemplativo Gotama através da sua mágica de conversão!”

26. “Auspiciosa é essa mágica de conversão, venerável senhor, boa é essa mágica de conversão! Venerável senhor, se os meus amados pares e parentes fossem convertidos por esta conversão, isso seria para o bem-estar e felicidade dos meus amados pares e parentes por muito tempo. Se todos os nobres fossem convertidos por esta conversão, isso seria para o bem-estar e felicidade dos nobres por muito tempo. Se todos os brâmanes ... todos os comerciantes ... todos os trabalhadores fossem convertidos por esta conversão, isso seria para o bem-estar e felicidade dos trabalhadores por muito tempo. Se o mundo

com os seus *devas, maras e brahmas*, esta população com os seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e o povo fossem convertidos por esta conversão, isso seria para o bem-estar e felicidade do mundo por muito tempo. Quanto a isso, venerável senhor, eu explicarei com um símile pois alguns sábios compreendem o significado de um enunciado através de um símile.

27. “Venerável senhor, certa vez havia um brâmane que era velho, envelhecido, com a idade avançada, pressionado pelos anos, avançado na vida, chegando ao último estágio e ele tinha como esposa uma jovem brâmane que estava grávida e próxima do parto. Então ela disse para ele: ‘Vá, brâmane, compre um macaco jovem no mercado e traga-o para mim para que seja um companheiro de brincadeiras para o meu bebê.’ Ele respondeu: ‘Espere, senhora, até que o bebê tenha nascido. Se você der à luz a um menino, eu irei ao mercado e comprarei um jovem macaco e trarei para que seja um companheiro de brincadeiras para o seu menino; mas se você der à luz a uma menina então irei ao mercado e comprarei uma jovem macaca e trarei para que seja uma companheira de brincadeiras para a sua menina.’ Pela segunda vez ela fez o mesmo pedido e recebeu a mesma resposta. Pela terceira vez ela fez o mesmo pedido e recebeu a mesma resposta. Então, visto que a mente dele estava atada a ela através do amor, ele foi até o mercado, comprou um jovem macaco e o trouxe para ela dizendo: ‘Eu comprei este jovem macaco no mercado e o trouxe para que seja um companheiro de brincadeiras para o seu bebê.’ Então ela disse: ‘Vá, brâmane, leve este jovem macaco para Rattapani o filho do tintureiro e diga-lhe: “Bom Rattapani, eu quero que este macaco seja tingido com a cor amarela, golpeado e re-golpeado e alisado em ambos os lados”.’ Então, visto que a mente dele estava atada a ela através do amor, ele levou o jovem macaco até Rattapani o filho do tintureiro e lhe disse: ‘Bom Rattapani, eu quero que este macaco seja tingido com a cor amarela, golpeado e re-golpeado e alisado em ambos os lados.’ Rattapani o filho do tintureiro disse: ‘Venerável senhor, este jovem macaco aceitará ser tingido mas não irá aceitar ser golpeado e alisado.’ Da mesma forma, venerável senhor, a doutrina do tolo Nigantha irá deliciar os tolos mas não os sábios e ela não resistirá ser golpeada e alisada.

“Então, venerável senhor, numa outra ocasião aquele brâmane levou algumas peças novas de vestuário para Rattapani o filho do tintureiro e disse: ‘Bom Rattapani, eu quero que estas peças novas de vestuário sejam tingidas com a cor amarela, golpeadas e re-golpeadas e alisadas em ambos os lados.’ Rattapani o filho do tintureiro lhe disse: ‘Venerável senhor, estas peças novas de vestuário aceitarão serem tingidas, golpeadas e alisadas.’ Da mesma forma, venerável senhor, a doutrina do Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado, irá proporcionar deleite aos sábios mas não aos tolos e ela resistirá ser golpeada e alisada.”

28. “Chefe de família, a assembléia do rei o conhece assim: ‘O chefe de família Upali é um discípulo do Nigantha Nataputta.’ Discípulo de quem deveríamos considerá-lo?”

Quando isso foi dito, o chefe de família Upali levantou do seu assento e arrumando o manto externo sobre o ombro, juntou as mãos em respeitosa saudação na direção do Abençoado e disse para o Nigantha Nataputta:

29. “Nesse caso, venerável senhor, ouça de quem eu sou discípulo:
ele é o Sábio que deixou de lado a delusão,
abandonou as obstruções na mente, vitorioso em batalha;
ele desconhece a angústia,
a mente perfeitamente equilibrada,
a virtude amadurecida, excelente sabedoria;
superou todas as tentações, ele é imaculado:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

Livre da perplexidade, ele permanece satisfeito,
desdenhando os ganhos mundanos,
um receptáculo de felicidade;
um ser humano que realizou a tarefa de um contemplativo,
um homem que padece o seu último corpo;
ele é totalmente inigualável e completamente imaculado:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

Ele está livre da dúvida e tem habilidade,
o disciplinador e líder extraordinário.
ninguém é capaz de exceder
as suas esplendorosas qualidades;
sem hesitação, ele é o iluminador;
tendo decepado a presunção, ele é o herói:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

O líder do rebanho, ele não pode ser medido,
a sua profundidade é insondável, ele alcançou o silêncio;
provedor de segurança, possuidor do conhecimento,
ele permanece no Dhamma, no íntimo contido;
tendo superado todos os grilhões, ele está libertado:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

O imaculado elefante macho, vivendo em isolamento,
com os grilhões estilhaçados, totalmente libertado;
habilidoso nas discussões, imbuído de sabedoria,
a sua bandeira abaixada, ele não tem mais cobiça;
tendo domesticado a si mesmo, ele não mais prolifera:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

O melhor dos videntes, sem tramas enganosas,
obteve o conhecimento tríplice, alcançou a santidade;
com o coração purificado, um mestre nos discursos,
ele vive sempre tranqüilo, o descobridor do conhecimento;
o primeiro dentre os doadores, ele é sempre capaz:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

Ele é Nobre, com a mente desenvolvida,
que realizou o objetivo e expôs a verdade;
dotado com a atenção plena e o insight penetrante,
ele não se inclina nem para frente nem para trás,
livre de perturbações, com completa maestria:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

Caminhou corretamente e permanece em meditação,
não contaminado no íntimo, perfeito na pureza;
ele é independente e completamente destemido,
vivendo afastado, o ápice conquistado;
tendo ele mesmo atravessado,
ele nos guia para a outra margem:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

Com suprema serenidade, com extensa sabedoria,
um homem com grande sabedoria,
desprovido de qualquer cobiça:
ele é o *Tathagata*, ele é o Sublime,
a pessoa incomparável, aquele que não tem igual;
ele é intrépido, proficiente em tudo:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.

Ele decepou o desejo e se tornou o Iluminado,
limpo de todas as nuvens, completamente imaculado;
o mais digno de dádivas, o mais poderoso dos espíritos,
o mais perfeito dentre as pessoas,
que está além dos julgamentos;
o maior em grandeza, conquistou o cume da glória:
o Abençoado é ele, e eu sou o seu discípulo.”

30. “Quando você compôs essa poesia de louvor para o contemplativo Gotama, chefe de família?”

“Venerável senhor, suponha que houvesse uma grande pilha com muitos tipos de flores e então um destro artesão de grinaldas ou o seu aprendiz as amarrassem formando uma grinalda multicolorida; da mesma forma, venerável senhor, o Abençoado possui muitas qualidades louváveis, muitas centenas de qualidades louváveis. Quem, venerável senhor, não louvaria o louvável?”

31. Então, visto que o Nigantha Nataputta foi incapaz de suportar essa honra feita para o Abençoado, ali mesmo o sangue jorrou da sua boca.

57 Kukkuravatika Sutta O Contemplativo Nu com Deveres de Cão

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Koliyas em uma cidade denominada Haliddavasana.

2. Então Punna, um filho dos Koliyas e um contemplativo com deveres de boi e também Seniya um contemplativo nu com deveres de cão, foram até o Abençoado. [xxiv](#) Punna, o contemplativo com deveres de boi cumprimentou o Abençoado e sentou a um lado, enquanto que Seniya o contemplativo nu com deveres de cão cumprimentou o Abençoado, e quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele também ficou a um lado enrolado como um cão. Punna perguntou ao Abençoado: “Venerável senhor, este Seniya é um contemplativo nu com deveres de cão que faz tudo aquilo que é difícil: ele come a comida que é jogada no chão. Ele adotou e pratica os deveres de cão há muito tempo. Qual será o seu destino? Qual será o seu futuro percurso?”

3. "Aqui, Punna, alguém desenvolve os deveres ... os hábitos ... a mente ... o comportamento de um cão completamente e sem interrupção. Tendo feito isso, na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce na companhia de cães. Porém se a sua opinião é esta: ‘Por essa virtude ou dever ou ascetismo ou vida religiosa eu me tornarei um (grande) *deva* ou algum *deva* (de menor importância),’ esse é um entendimento incorreto. Agora, eu digo, existem duas destinações para uma pessoa com o entendimento incorreto: o inferno ou o ventre animal. Assim, Punna, se o dever de um cão for aperfeiçoado, o levará para a companhia de cães; se não for, o levará para o inferno."

4. Quando isto foi dito, Seniya chorou e derramou lágrimas. Então o Abençoado disse para Punna: "Punna, eu não consegui persuadi-lo quando disse ‘Já chega, Punna, deixe isso para lá. Não me pergunte isso.'"

[Então Seniya disse:] "Venerável senhor, eu não estou chorando porque o Abençoado disse isso a meu respeito, mas porque este dever de cão foi adotado e praticado por mim por muito tempo. Venerável senhor, esse Punna, um filho dos Koliyas é um contemplativo com deveres de boi. Ele adotou e pratica os deveres de boi há muito tempo. Qual será o seu destino? Qual será o seu percurso futuro?"

5. "Aqui, Seniya, alguém desenvolve os deveres ... os hábitos ... a mente ... o comportamento de um boi completamente e sem interrupção. Tendo feito isso, na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce na companhia de bois. Mas se a sua opinião é esta: ‘Por essa virtude ou dever ou ascetismo ou vida religiosa eu me tornarei um (grande) *deva* ou algum *deva* (de menor importância),’ esse é um entendimento incorreto. Agora, eu digo, existem duas destinações para uma pessoa com o entendimento incorreto: o inferno ou o ventre animal. Assim, Seniya, se o dever de um boi for aperfeiçoado, o levará para a companhia de bois; se não for, o levará para o inferno."

6. Quando isto foi dito, Punna chorou e derramou lágrimas. Então o Abençoado disse a Seniya: "Seniya, eu não consegui persuadi-lo quando disse ‘Já chega, Seniya, deixe isso para lá. Não me pergunte isso.'"

[Então, Punna disse:] "Venerável senhor, eu não estou chorando porque o Abençoado disse isso a meu respeito, mas porque este dever de boi foi adotado e praticado por mim por muito tempo. Venerável senhor, eu tenho confiança no Abençoado, portanto: 'O Abençoado é capaz de me ensinar o Dhamma de tal forma que eu possa abandonar esse dever de boi e que Seniya possa abandonar esse dever de cão?'"

"Então, Punna, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer."

"Sim, venerável senhor," ele respondeu. O Abençoado disse isto:

7. "Punna, existem quatro tipos de ações proclamadas por mim após tê-las compreendido por mim mesmo com conhecimento direto. Quais quatro? Existe a ação escura com um resultado sombrio, existe a ação clara com resultado luminoso, existe a ação escura e clara com resultado sombrio e luminoso, e existe a ação que não é escura nem clara com resultado nem sombrio, nem luminoso, ação que conduz à destruição da ação.

8. "E o que, Punna, é ação escura com resultado sombrio? Aqui alguém gera uma formação corporal ... verbal ... mental aflitiva. Tendo gerado uma formação corporal ... verbal ... mental aflitiva, ele renasce em um mundo com aflição. Quando ele renasce em um mundo com aflição, contatos aflitivos o tocam. Sendo tocado por contatos aflitivos, ele sente sensações aflitivas, extremamente dolorosas como no caso de seres no inferno. Assim o renascimento de um ser se deve ao próprio ser: ele renasce devido às ações que realizou. Quando ele renasce, contatos o tocam. Assim eu digo que os seres são os herdeiros das suas ações. A isto se denomina ação escura com resultado sombrio.

9. "E o que, Punna, é ação clara com resultado luminoso? Aqui alguém gera uma formação corporal ... verbal ... mental sem aflição. Tendo gerado uma formação corporal ... verbal ... mental sem aflição, ele renasce num mundo sem aflição. Quando ele renasce num mundo sem aflição, contatos sem aflição o tocam. Sendo tocado por contatos sem aflição, ele sente sensações sem aflição, extremamente prazerosas como no caso dos *devas* Subhakinna. Assim o renascimento de um ser se deve ao próprio ser: ele renasce devido às ações que realizou. Quando ele renasce, contatos o tocam. Assim eu digo que os seres são os herdeiros das suas ações. A isto se denomina ação clara com resultado luminoso.

10. "E o que, Punna, é ação escura e clara com resultado sombrio e luminoso? Aqui alguém gera uma formação corporal ... verbal ... mental que é tanto aflitiva como sem aflição. ^{xxv} Tendo gerado uma formação corporal ... verbal ... mental que é tanto aflitiva como sem aflição, ele renasce num mundo que é tanto aflitivo como sem aflição. Quando ele renasce num mundo que é tanto aflitivo como sem aflição, contatos que são tanto aflitivos como sem aflição o tocam. Sendo tocado por contatos que são tanto aflitivos como sem aflição, ele sente sensações que são tanto aflitivas como sem aflição, prazer e dor misturados, como no caso dos seres humanos e alguns *devas* e alguns seres nos mundos inferiores. Assim o renascimento de um ser se deve ao próprio ser: ele renasce devido às ações que realizou. Quando ele renasce, contatos o tocam. Assim eu digo que

os seres são os herdeiros das suas ações. A isto se denomina ação escura e luminosa com resultado sombrio e radiante

11. "E o que, Punna, é ação que não é escura nem clara com resultado nem sombrio, nem luminoso, ação que conduz à exaustão da ação? Nisto, a volição de abandonar o tipo de ação que é escura com resultado sombrio, a volição de abandonar o tipo de ação clara com resultado luminoso e a volição de abandonar o tipo de ação que é escura e clara com resultado sombrio e luminoso: a isto se denomina a ação que não é escura nem clara com resultado nem sombrio nem luminoso, ação que conduz à destruição da ação. ^{xxvi} Essas são os quatro tipos de ações proclamadas por mim após tê-las realizado por mim mesmo com conhecimento direto."

12. Quando isto foi dito, Punna disse ao Abençoado: "Magnífico, venerável senhor! Magnífico, venerável senhor! O Abençoado esclareceu o Dhamma de várias formas como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que a partir de hoje o Abençoado me aceite como um discípulo leigo que tomou refúgio para o resto da vida."

13. Porém Seniya disse ao Abençoado: "Magnífico, venerável senhor! Magnífico, venerável senhor! O Abençoado esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Eu receberia a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa."

14. "Seniya, quem pertencia anteriormente a uma outra seita e quer ser admitido na vida santa e a admissão completa neste Dhamma e Disciplina terá um período de noviciado de quatro meses. Ao final dos quatro meses se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos com ele, eles lhe darão a admissão na vida santa e também a admissão completa como *bhikkhu*. Eu reconheço diferenças entre indivíduos neste assunto."

"Venerável senhor, se aqueles que pertenceram anteriormente a uma outra seita querem a admissão na vida santa e a admissão completa nesse Dhamma e Disciplina vivem como noviços durante quatro meses e ao final dos quatro meses os *bhikkhus* que estiverem satisfeitos com ele lhe darão admissão na vida santa e também a admissão completa como *bhikkhu*, eu viverei como noviço durante quatro anos. Ao final dos quatro anos, se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos, que me dêem a admissão na vida santa e a admissão completa como *bhikkhu*."

18. Então Seniya o contemplativo nu com deveres de cão recebeu a admissão na vida santa sob o Abençoado e ele recebeu a admissão completa como *bhikkhu*. E não muito tempo depois da sua admissão completa, permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, o venerável Seniya, alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa

pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: “O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.” E assim o venerável Seniya tornou-se mais um dos *arahants*.

58 *Abhaya Sutta*

Para o Príncipe Abhaya

O critério para determinar se algo vale ou não a pena ser dito

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.
2. Então o Príncipe Abhaya ^{xxvii} foi até o Nigantha Nataputta e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e o Nigantha Nataputta disse:
3. "Venha, Príncipe, refute as palavras do contemplativo Gotama, e este admirável relato a seu respeito irá se espalhar por grandes distâncias: 'A doutrina do contemplativo Gotama – que é tão forte e poderoso – foi refutada pelo Príncipe Abhaya!'"

"Mas como, venerável senhor, refutarei a sua doutrina?"

"Venha, Príncipe, vá até o contemplativo Gotama e chegando diga o seguinte: 'Venerável senhor, o *Tathagata* diria palavras que são antipáticas e desagradáveis para outras pessoas?' Se o contemplativo Gotama, perguntado dessa forma, responder 'O *Tathagata* diria palavras que são antipáticas e desagradáveis para outras pessoas,' então você diria, 'Então, venerável senhor, qual é a diferença entre você e as pessoas comuns? Pois as pessoas comuns também dizem palavras que são antipáticas e desagradáveis para outras pessoas.' Porém se o contemplativo Gotama, perguntado dessa forma, responder, 'O *Tathagata* não diria palavras que são antipáticas e desagradáveis para outras pessoas,' então você diria, 'Então como, venerável senhor, você falou acerca de Devadatta que "Devadatta está destinado aos estados de privação, Devadatta está indo em direção ao inferno, Devadatta irá permanecer [no inferno] por um éon, Devadatta é incorrigível?" Pois Devadatta ficou zangado e insatisfeito com essas suas palavras.' Quando essa questão com duas pontas for colocada para o contemplativo Gotama, ele não terá como engoli-la ou cuspi-la. Tal como se uma pedaço de ferro com duas pontas ficasse entalado na garganta de um homem, ele não conseguiria engoli-lo ou cuspi-lo. Da mesma forma, quando essa questão com duas pontas for colocada para o contemplativo Gotama, ele não será capaz de engoli-la ou cuspi-la."

4. "Sim, venerável senhor," respondeu o Príncipe Abhaya. Então, ele levantou do seu assento, e depois de homenagear o Nigantha Nataputta, mantendo-o à sua direita, partiu e se dirigiu até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado, olhou para o Sol e pensou, "Hoje é muito tarde para refutar a doutrina do Abençoado. Amanhã na minha própria casa eu irei refutar a doutrina do Abençoado." Então ele disse para o

Abençoado: "Venerável senhor, que o Abençoado, juntamente com outros três, aceite o meu convite para a refeição de amanhã." O Abençoado concordou em silêncio.

5. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, o Príncipe Abhaya levantou do seu assento, e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu. Então, quando havia terminado a noite, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e carregando a sua tigela e o manto externo foi até a casa do Príncipe Abhaya, sentando num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos, o Príncipe Abhaya serviu e satisfez o Abençoado com vários tipos de boa comida. Em seguida, quando o Abençoado havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, o Príncipe Abhaya sentou a um lado, num assento mais baixo, e disse para o Abençoado:

6. "Venerável senhor, um *Tathagata* diria palavras que são antipáticas e desagradáveis para outras pessoas?"

"Príncipe, não existe uma resposta única para essa pergunta."

"Então, venerável senhor, neste caso os Niganthas perderam."

"Mas Príncipe, por que você diz isto: 'Então, venerável senhor, neste caso os Niganthas perderam'?"

O Príncipe Abhaya então relatou ao Abençoado toda a conversa com o Nigantha Nataputta.

7. Agora, naquela ocasião um bebê menino estava deitado no colo do Príncipe com o rosto para cima. Então o Abençoado disse ao Príncipe, "O que você pensa, Príncipe: se enquanto você ou a ama-seca não estivessem prestando atenção, essa criança colocasse um graveto ou uma pedra na própria boca, o que você faria?"

"Eu o tiraria, venerável senhor. Se eu não conseguisse tirar com facilidade, então segurando a sua cabeça com a minha mão esquerda e curvando um dedo da mão direita, eu o tiraria, mesmo se com isso ele se machucasse. Por que isso? Porque eu tenho compaixão pelo jovem bebê."

8. "Da mesma forma, Príncipe: [xxviii](#) no caso de palavras que o *Tathagata* sabe que não correspondem aos fatos, não são verdadeiras, não são benéficas e que também são antipáticas e desagradáveis para outras pessoas: essas palavras, ele não as diz. No caso de palavras que o *Tathagata* sabe que correspondem aos fatos, são verdadeiras, não são benéficas e que também são antipáticas e desagradáveis para outras pessoas: essas palavras, ele não as diz. No caso de palavras que o *Tathagata* sabe que correspondem aos fatos, são verdadeiras, são benéficas, porém são antipáticas e desagradáveis para outras pessoas: o *Tathagata* tem a noção do momento mais apropriado para dizê-las. No caso de palavras que o *Tathagata* sabe que não correspondem aos fatos, não são verdadeiras, não são benéficas, porém são simpáticas e agradáveis para outras pessoas: essas palavras ele não as diz. No caso de palavras que o *Tathagata* sabe que correspondem aos fatos, são

verdadeiras, não são benéficas, porém são simpáticas e agradáveis para outras pessoas: essas palavras ele não as diz. No caso de palavras que o *Tathagata* sabe que correspondem aos fatos, são verdadeiras e benéficas e que também são simpáticas e agradáveis para outras pessoas: o *Tathagata* tem a noção do momento mais apropriado para dizê-las. Por que isso? Porque o *Tathagata* tem compaixão pelos seres vivos."

9. "Venerável senhor, quando nobres, brâmanes, chefes de família e contemplativos sábios, tendo formulado uma questão procuram o Abençoado e lhe perguntam, o pensamento já está na mente do Abençoado - 'Se aqueles que me procuram perguntarem isto, eu – perguntado dessa forma – responderei assim' – ou o *Tathagata* encontra a resposta no momento?"

10. "Nesse caso, Príncipe, eu lhe farei uma contra pergunta. Responda como quiser. O que você pensa: você conhece bem as partes de uma carruagem?"

"Sim, venerável senhor, eu conheço bem as partes de uma carruagem."

"E o que você pensa, Príncipe? Quando as pessoas o procuram e perguntam: 'Qual é o nome desta parte da carruagem?' O pensamento já está na sua mente - 'Se aqueles que me procuram perguntarem isto, eu – perguntado dessa forma – responderei assim' – ou você encontra a resposta no momento?"

"Venerável senhor, eu sou famoso por conhecer bem todas as partes de uma carruagem. Todas as partes de uma carruagem me são bem familiares. Eu encontro a resposta no momento."

11. "Da mesma forma, Príncipe, quando nobres, brâmanes, chefes de família e contemplativos sábios, tendo formulado uma questão procuram o Abençoado e lhe perguntam, ele encontra a resposta na hora. Por que isso? Porque o elemento natureza das coisas foi completamente penetrado pelo *Tathagata*, através dessa completa penetração, ele encontra as respostas no momento."

12. Quando isso foi dito, o Príncipe Abhaya disse ao Abençoado: "Magnífico, venerável senhor! Magnífico, venerável senhor! O Abençoado esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que a partir de hoje o Abençoado se recorde de mim como um discípulo leigo que nele buscou refúgio para o resto da sua vida."

59 *Bahuvedaniya Sutta*

Os Muitos Tipos de Sensações

Todos os tipos de sensações que podem ser experimentadas

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.
2. Então o carpinteiro Pancakanga foi até o venerável Udayin e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e perguntou:
3. “Venerável senhor, quantos tipos de sensações foram declaradas pelo Abençoado?”

“Três tipos de sensações foram declaradas pelo Abençoado, chefe de família: sensações prazerosas ... dolorosas ... nem dolorosas, nem prazerosas.”

“Não foram três tipos de sensações declaradas pelo Abençoado, venerável Udayin; dois tipos de sensações foram declaradas pelo Abençoado: sensações prazerosas e dolorosas. Essa sensação nem dolorosa, nem prazerosa foi declarada pelo Abençoado como um tipo de sensação pacífica e sublime.”

4. O venerável Ananda ouviu a conversa deles. Então ele foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e relatou toda a conversa entre o venerável Udayin e o carpinteiro Pancakanga. Quando ele terminou, o Abençoado disse para o venerável Ananda:

5. “Ananda, a apresentação de Udayin que o carpinteiro Pancakanga não quis aceitar foi de fato verdadeira e a apresentação do carpinteiro Pancakanga que Udayin não quis aceitar foi de fato verdadeira. Eu declarei dois tipos de sensações numa apresentação ... três tipos ... cinco tipos ... seis tipos ... dezoito tipos ... trinta e seis tipos ... cento e oito tipos de sensações em outra apresentação. [xxix](#) Assim é como o Dhamma foi mostrado por mim em diferentes apresentações.

“Como o Dhamma foi assim mostrado por mim em diferentes apresentações, é de se esperar que aqueles que não admitem, permitem, nem aceitam aquilo que está bem declarado e bem dito pelos outros, se envolvam em rixas, brigas e discussões e apunhalem uns aos outros usando as palavras como adagas. Mas é de se esperar que aqueles que admitem, permitem e aceitam aquilo que está bem declarado e bem dito pelos outros, vivam em concórdia, com apreço mútuo, sem disputas, mesclando como leite e água, vendo um ao outro com bondade.

6. “Ananda, existem esses cinco elementos do prazer sensual. Quais cinco? Formas percebidas pelo olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Sons percebidos pelo ouvido ... Aromas percebidos pelo nariz ... Sabores percebidos pela língua ... Tangíveis percebidos pelo corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Agora o prazer e a alegria que surgem na dependência desses elementos do prazer sensual são chamados de prazer sensual.

7. “Se alguém dissesse: ‘Esse é o máximo em prazer e alegria que os seres experimentam,’ eu não admitiria isso. Por que não? Porque existe um outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime do que aquele prazer. E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

8. “Se alguém dissesse: ‘Esse é o máximo em prazer e alegria que os seres experimentam,’ eu não admitiria isso. Por que não? Porque existe um outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime do que aquele prazer. E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

9. “Se alguém dissesse ... E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

10. “Se alguém dissesse ... E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

11. “Se alguém dissesse ... E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o ‘espaço é infinito,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base do espaço infinito. Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

12. “Se alguém dissesse ... E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base da consciência infinita. Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

13. “Se alguém dissesse ... E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base do nada. Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

14. “Se alguém dissesse ... E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, com a completa superação da base do nada, um *bhikkhu* entra e permanece na base da nem percepção, nem não percepção. Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

15. “Se alguém dissesse: ‘Esse é o máximo em prazer e alegria que os seres experimentam,’ eu não admitiria isso. Por que não? Porque existe um outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime do que aquele prazer. E qual é esse outro tipo de prazer? Aqui, Ananda, com a completa superação da base da nem percepção, nem não percepção, um *bhikkhu* entra e permanece na cessação da percepção e sensação. Esse é aquele outro tipo de prazer mais elevado e mais sublime que o anterior.

16. “É possível, Ananda, que os errantes de outras seitas possam dizer isto: ‘O contemplativo Gotama fala da cessação da percepção e sensação e descreve isso como prazer. O que é isso e como é isso?’ Aos errantes de outras seitas que falam isso deveria ser dito: ‘Amigos. O Abençoado descreve o prazer não se referindo só à sensação prazerosa, mais do que isso, amigos, o *Tathagata* descreve como prazer todo tipo de prazer onde quer e em qualquer forma que ele seja encontrado.’ [xxx](#)

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

60 Apannaka Sutta O Ensino Incontrovertível

Como desembaraçar o nó de opiniões contenciosas

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava perambulando por Kosala com uma grande sangha de *bhikkhus* até que por fim acabou chegando em um vilarejo brâmane denominado Sala.

2. Os brâmanes chefes de família de Sala ouviram: “Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, que andava perambulando em Kosala com um grande número de *bhikkhus* chegou em Sala. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e o povo. Ele ensina o Dhamma com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.’

3. Assim, os brâmanes chefes de família de Sala se dirigiram ao Abençoado. Alguns homenagearam o Abençoado ... alguns trocaram saudações corteses com ele ... alguns ajuntaram as mãos em respeitosa saudação ... alguns anunciaram o seu nome e clã ... alguns permaneceram em silêncio e sentaram a um lado.

4. Ao estarem sentados, o Abençoado perguntou: “Chefes de família, existe algum mestre que lhes agrade, no qual vocês tenham adquirido fé suportada pela razão?”

“Não, venerável senhor, não existe um mestre que nos agrade e no qual tenhamos adquirido fé suportada pela razão.”

“Já que, chefes de família, vocês não encontraram um mestre que lhes agrade, vocês poderiam adotar e praticar este ensinamento incontrovertível; pois se o ensinamento incontrovertível for aceito e praticado, irá conduzir ao seu bem-estar e felicidade por muito tempo. E qual é o ensinamento incontrovertível?”

(I. A Doutrina do Niilismo)

5. (A) “Chefes de família, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é o seguinte: 'Não existe nada que é dado, nada que é oferecido, nada que é sacrificado; não existe fruto ou resultado de ações boas ou más; não existe este mundo nem outro mundo; não existe mãe nem pai; nenhum ser que renasça espontaneamente; não existem no mundo brâmanes nem contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo.' [xxxi](#)

6. (B) “Agora, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina é diretamente oposta à doutrina daqueles contemplativos e brâmanes e eles dizem o seguinte: ‘Existe aquilo que é dado e o que é oferecido e o que é sacrificado; existe fruto e resultado de boas e más ações; existe este mundo e o outro mundo; existe a mãe e o pai; existem seres que renascem espontaneamente; existem no mundo brâmanes e contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamam este mundo e o próximo.’ O que vocês pensam, chefes de família? Esses contemplativos e brâmanes não possuem doutrinas diretamente opostas?” – “Sim, venerável senhor.”

7. (A.i) “Agora, chefes de família, daqueles contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é este: 'Não existe nada que é dado ... não existem no mundo brâmanes nem contemplativos bons e virtuosos que proclamam este mundo e o próximo,' é de se esperar que eles evitem aqueles três estados benéficos, isto é, a boa conduta corporal ... verbal e ... mental e que eles adotem e pratiquem aqueles três estados prejudiciais, isto é, a má conduta corporal ... verbal e ... mental. Por que isso? Porque esses contemplativos e brâmanes não vêm nos estados prejudiciais o perigo, a degradação e a contaminação, nem vêm nos estados benéficos as vantagens da renúncia, a eliminação das contaminações.

8. (A.ii) “Como na verdade existe um outro mundo, aquele que entender ... que pensar ... que afirmar ... disser ... convencer alguém que ‘não existe outro mundo’ possui o entendimento incorreto, o pensamento incorreto, a linguagem incorreta, se opõe àqueles *arahants* que conhecem o outro mundo, estará convencendo alguém a aceitar o Dhamma que não é verdadeiro; e porque ele convence alguém a aceitar um Dhamma que não é verdadeiro, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros. Dessa forma, qualquer virtude pura que ele possuísse antes é abandonada e substituída pela conduta corrompida. O entendimento incorreto, pensamento incorreto, linguagem incorreta, a oposição aos nobres, o convencer alguém a aceitar o Dhamma que não é verdadeiro, o elogiar a si mesmo e menosprezar os outros – todos esses estados ruins e prejudiciais surgem, portanto, tendo o entendimento incorreto como sua condição.

9. (A.iii) “Com relação a isso um homem sábio considera da seguinte forma: ‘Se não existir um outro mundo, então na dissolução do corpo essa pessoa terá assegurado o seu bem-estar. Mas se existir um outro mundo, então na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Agora, sendo ou não verdadeiras as palavras daqueles contemplativos e brâmanes vou assumir que não existe um outro mundo: nesse caso, essa pessoa é censurada aqui e agora pelos sábios como uma pessoa imoral, alguém que possui o entendimento incorreto, que segue a doutrina do niilismo. Mas por outro lado, se existe um outro mundo, então essa pessoa fez uma jogada infeliz pelos dois lados: visto que ela é censurada pelos sábios aqui e agora e que na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Ela aceitou e colocou em prática o ensinamento incontrovertível incorretamente de tal forma que apenas um lado está coberto e exclui a alternativa benéfica.’ [xxxii](#)

10. (B.i) “Agora, chefes de família, daqueles contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é este: ‘Existe aquilo que é dado ... existem no mundo brâmanes e contemplativos bons e virtuosos que proclamam este mundo e o próximo,’ é de se esperar que eles evitem aqueles três estados prejudiciais, isto é, a má conduta corporal ... verbal e ... mental e que eles adotem e pratiquem aqueles três estados benéficos, isto é, a boa conduta corporal ... verbal e ... mental. Por que isso? Porque esses contemplativos e brâmanes vêm nos estados prejudiciais o perigo, a degradação e a contaminação, e nos estados benéficos as vantagens da renúncia, a eliminação das contaminações.

11. (B.ii) “Como na verdade existe um outro mundo, aquele que entender ... que pensar ... que afirmar ... que disser ... que convencer alguém que ‘existe outro mundo’ possui o entendimento correto, o pensamento correto, a linguagem correta, não se opõe àqueles *arahants* que conhecem o outro mundo, estará convencendo alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro; e porque ele convence alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro, ele não elogia a si mesmo e menospreza os outros. Dessa forma, qualquer conduta corrompida que ele possuísse antes é abandonada e substituída pela virtude pura. O entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, a não oposição aos nobres, o convencer alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro, o não elogiar a si mesmo e menosprezar os outros – todos esses estados benéficos surgem, portanto, tendo o entendimento correto como sua condição.

12. (B.iii) “Com relação a isso um homem sábio considera da seguinte forma: ‘Se existe um outro mundo, então na dissolução do corpo, após a morte, essa pessoa irá renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso. Agora, sendo ou não verdadeiras as palavras daqueles contemplativos e brâmanes vou assumir que não existe um outro mundo: nesse caso, essa pessoa é elogiada aqui e agora pelos sábios como sendo uma pessoa virtuosa, alguém que possui o entendimento correto, que segue a doutrina da afirmação. [xxxiii](#) Mas por outro lado, se existe um outro mundo, então essa pessoa fez uma jogada feliz pelos dois lados: visto que ela é elogiada pelos sábios aqui e agora e que na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso. Ela aceitou e colocou em prática o ensinamento incontrovertível corretamente de tal forma que ambos os lados estão cobertos e exclui a alternativa prejudicial.’ [xxxiv](#)”

(II. A Doutrina da Não Ação)

13. (A) “Chefes de família, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é o seguinte: [xxxv](#) ‘Agindo ou fazendo com que outros ajam, mutilando ou fazendo com que outros mutilem, torturando ou fazendo com que outros torturem, causando sofrimento ou fazendo com que outros causem sofrimento, atormentando ou fazendo com que outros atormentem, intimidando ou fazendo com que outros intimidem, matando, tomando o que não é dado, arrombando casas, pilhando riquezas, roubando, emboscando nas estradas, cometendo adultério, dizendo mentiras - a pessoa não faz o mal. Se com um lâmina afiada como uma navalha alguém convertesse todos os seres vivos sobre a terra num único amontoado de carne, uma única pilha de carne, por causa disso não haveria mal e nenhum resultado do mal. Mesmo se alguém fosse ao longo da margem direita do rio Gânges, matando e fazendo com que outros matem, mutilando e fazendo com que outros mutilem, torturando e fazendo com que outros torturem, por causa disso não haveria mal e nenhum resultado do mal. Mesmo se alguém fosse ao longo da margem esquerda do rio Gânges, dando dádivas e fazendo com que outros dêem dádivas, dando oferendas e fazendo com que outros dêem oferendas, por causa disso não haveria mérito e nenhum resultado do mérito. Através da generosidade, do autocontrole, da contenção e dizendo a verdade não há mérito por essa causa, nenhum resultado do mérito.

14. (B) “Agora, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina é diretamente oposta à doutrina daqueles contemplativos e brâmanes e eles dizem o seguinte: ‘Agindo ou fazendo com que outros ajam, mutilando ou fazendo com que outros mutilem ... dizendo mentiras - a pessoa faz o mal. Se com um lâmina afiada como uma navalha alguém convertesse todos os seres vivos sobre a terra num único amontoado de carne, uma única pilha de carne, por causa disso haveria mal e resultado do mal. Se alguém fosse ao longo da margem direita do rio Gânges, matando e fazendo com que outros matem, mutilando e fazendo com que outros mutilem, torturando e fazendo com que outros torturem, por causa disso haveria mal e resultado do mal. Se alguém fosse ao longo da margem esquerda do rio Gânges, dando dádivas e fazendo com que outros dêem dádivas, dando oferendas e fazendo com que outros dêem oferendas, por causa disso haveria mérito e resultado do mérito. Através da generosidade, do autocontrole, da

contenção e dizendo a verdade há mérito por essa causa, resultado do mérito.’ O que vocês pensam, chefes de família? Esses contemplativos e brâmanes não possuem doutrinas diretamente opostas?” – “Sim, venerável senhor.”

15. (A.i) “Agora, chefes de família, daqueles contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é este: ‘Agindo ou fazendo com que outros ajam ... não existe mérito e nenhum resultado do mérito,’ é de se esperar que eles evitem aqueles três estados benéficos, isto é, a boa conduta corporal ... verbal e mental e que eles adotem e pratiquem aqueles três estados prejudiciais, isto é, a má conduta corporal ... verbal e mental. Por que isso? Porque esses contemplativos e brâmanes não vêm nos estados prejudiciais o perigo, a degradação e a contaminação, nem vêm nos estados benéficos as vantagens da renúncia, a eliminação das contaminações.

16. (A.ii) “Como na verdade existe a ação, aquele que entender que ‘não existe a ação’ possui o entendimento incorreto ... o pensamento incorreto ... a linguagem incorreta ... se opõe àqueles *arahants* que possuem a doutrina de que existe a ação. estará convencendo alguém a aceitar o Dhamma que não é verdadeiro; e porque ele convence alguém a aceitar um Dhamma que não é verdadeiro, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros. Dessa forma, qualquer virtude pura que ele possuísse antes é abandonada e substituída pela conduta corrompida. O entendimento incorreto, pensamento incorreto, linguagem incorreta, a oposição aos nobres, o convencer alguém a aceitar o Dhamma que não é verdadeiro, o elogiar a si mesmo e menosprezar os outros – todos esses estados ruins e prejudiciais surgem, portanto, tendo o entendimento incorreto como sua condição.

17. (A.iii) “Com relação a isso um homem sábio considera da seguinte forma: ‘Se não existe a ação, então na dissolução do corpo essa pessoa terá assegurado o seu bem estar. Mas se existir a ação, então na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Agora, sendo ou não verdadeiras as palavras daqueles contemplativos e brâmanes vou assumir que não existe a ação: nesse caso, essa pessoa é censurada aqui e agora pelos sábios como sendo uma pessoa imoral, alguém que possui o entendimento incorreto, que segue a doutrina da não ação. Mas por outro lado, se existe a ação, então essa pessoa fez uma jogada infeliz pelos dois lados: visto que ela é censurada pelos sábios aqui e agora e que na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Ela aceitou e colocou em prática o ensinamento incontrovertível incorretamente de tal forma que apenas um lado está coberto e exclui a alternativa benéfica.’

18. (B.i) “Agora, chefes de família, daqueles contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é este: ‘Agindo ou fazendo com que outros ajam ... existe mérito e resultado do mérito,’ é de se esperar que eles evitem aqueles três estados prejudiciais, isto é, a má conduta corporal ... verbal e mental e que eles adotem e pratiquem aqueles três estados benéficos, isto é, a boa conduta corporal ... verbal e mental. Por que isso? Porque esses contemplativos e brâmanes vêm nos estados prejudiciais o perigo, a degradação e a contaminação, e nos estados benéficos as vantagens da renúncia, a eliminação das contaminações.

19. (B.ii) “Como na verdade existe a ação, aquele que entender que ‘existe a ação’ possui o entendimento correto ... o pensamento correto ... a linguagem correta ... não se opõe àqueles *arahants* que possuem a doutrina de que existe a ação estará convencendo alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro; e porque ele convence alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro, ele não elogia a si mesmo e menospreza os outros. Dessa forma, qualquer conduta corrompida que ele possuísse antes é abandonada e substituída pela virtude pura. O entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, a não oposição aos nobres, o convencer alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro, o não elogiar a si mesmo e menosprezar os outros – todos esses estados benéficos surgem, portanto, tendo o entendimento correto como sua condição.

20. (B.iii) “Com relação a isso um homem sábio considera da seguinte forma: ‘Se existe a ação, então na dissolução do corpo, após a morte, essa pessoa irá renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso. Agora, sendo ou não verdadeiras as palavras daqueles contemplativos e brâmanes vou assumir que não existe a ação: nesse caso, essa pessoa é elogiada aqui e agora pelos sábios como sendo uma pessoa virtuosa, alguém que possui o entendimento correto, que segue a doutrina da ação. Mas por outro lado, se existe a ação, então essa pessoa fez uma jogada feliz pelos dois lados: visto que ela é elogiada pelos sábios aqui e agora e que na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso. Ela aceitou e colocou em prática o ensinamento incontrovertível corretamente de tal forma que ambos os lados estão cobertos e exclui a alternativa prejudicial.’

(III. A Doutrina da Não Causalidade)

21. (A) “Chefes de família, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é o seguinte: ^{xxxvi} ‘Não existem causas e condições para a contaminação dos seres. Os seres são contaminados sem causas e condições. Não há causas e condições para a purificação dos seres. Os seres são purificados sem causas e condições. A realização de uma dada condição, de qualquer caráter, não depende quer seja das próprias ações, ou das ações dos outros, ou do esforço humano. Não há tal coisa como o poder ou energia, nem o poder humano ou a energia humana. Todos os animais, todas as criaturas, todos os seres, todas as almas, não têm força, poder e energia por si mesmos. Eles se inclinam nesta ou naquela direção de acordo com o seu destino, moldado de acordo com as circunstâncias e natureza da classe à qual pertencem, de acordo com a sua respectiva natureza: e é de acordo com a sua posição numa dessas seis classes que eles experimentam o prazer e a dor.

22. (B) “Agora, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina é diretamente oposta à doutrina daqueles contemplativos e brâmanes, e eles dizem o seguinte: ‘Existem causas e condições para a contaminação dos seres. Os seres são contaminados com causas e condições. Há causas e condições para a purificação dos seres. Os seres são purificados com causas e condições. A realização de uma dada condição, de qualquer caráter, depende quer seja das próprias ações, ou das ações dos outros, ou do esforço humano. Há tal coisa como o poder ou energia, e o poder humano ou a energia humana. Todos os

animais, todas as criaturas, todos os seres, todas as almas, têm força, poder e energia por si mesmos. Eles não se inclinam nesta ou naquela direção de acordo com o seu destino, moldado de acordo com as circunstâncias e natureza da classe à qual pertencem, de acordo com a sua respectiva natureza: não é de acordo com a sua posição numa dessas seis classes que eles experimentam o prazer e a dor.’ O que vocês pensam, chefes de família? Esses contemplativos e brâmanes não possuem doutrinas diretamente opostas?” – “Sim, venerável senhor.”

23. (A.i) “Agora, chefes de família, daqueles contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é este: ‘Não existem causas e condições para a contaminação dos seres ... eles experimentam o prazer e a dor,’ é de se esperar que eles evitem aqueles três estados benéficos, isto é, a boa conduta corporal ... verbal e mental e que eles adotem e pratiquem aqueles três estados prejudiciais, isto é, a má conduta corporal ... verbal e mental. Por que isso? Porque esses contemplativos e brâmanes não vêm nos estados prejudiciais o perigo, a degradação e a contaminação, nem vêm nos estados benéficos as vantagens da renúncia, a eliminação das contaminações.

24. (A.ii) “Como na verdade existe causalidade, aquele que entender que ‘não existe causalidade’ possui o entendimento incorreto ... pensamento incorreto ... linguagem incorreta ... se opõe àqueles *arahants* que possuem a doutrina de que existe causalidade. ... estará convencendo alguém a aceitar o Dhamma que não é verdadeiro; e porque ele convence alguém a aceitar um Dhamma que não é verdadeiro, ele elogia a si mesmo e menospreza os outros. Dessa forma, qualquer virtude pura que ele possuísse antes é abandonada e substituída pela conduta corrompida. O entendimento incorreto, pensamento incorreto, linguagem incorreta, a oposição aos nobres, o convencer alguém a aceitar o Dhamma que não é verdadeiro, o elogiar a si mesmo e menosprezar os outros – todos esses estados ruins e prejudiciais surgem, portanto, tendo o entendimento incorreto como sua condição.

25. (A.iii) “Com relação a isso um homem sábio considera da seguinte forma: ‘Se não existe causalidade, então na dissolução do corpo essa pessoa terá assegurado o seu bem estar. Mas se existir causalidade, então na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Agora, sendo ou não verdadeiras as palavras daqueles contemplativos e brâmanes vou assumir que não existe causalidade: nesse caso, essa pessoa é censurada aqui e agora pelos sábios como sendo uma pessoa imoral, alguém que possui o entendimento incorreto, que segue a doutrina da não ação. Mas por outro lado, se existe causalidade, então essa pessoa fez uma jogada infeliz pelos dois lados: visto que ela é censurada pelos sábios aqui e agora e que na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Ela aceitou e colocou em prática o ensinamento incontrovertível incorretamente de tal forma que apenas um lado está coberto e exclui a alternativa benéfica.’

26. (B.i) “Agora, chefes de família, daqueles contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é este: ‘Existem causas e condições para a contaminação dos seres ... eles experimentam o prazer e a dor,’ é de se esperar que eles evitem aqueles três estados

prejudiciais, isto é, a má conduta corporal ... verbal e mental e que eles adotem e pratiquem aqueles três estados benéficos, isto é, a boa conduta corporal ... verbal e mental. Por que isso? Porque esses contemplativos e brâmanes vêm nos estados prejudiciais o perigo, a degradação e a contaminação, e nos estados benéficos as vantagens da renúncia, a eliminação das contaminações.

27. (B.ii) “Como na verdade existe causalidade, aquele que entender que ‘existe causalidade’ possui o entendimento correto ... o pensamento correto ... a linguagem correta ... não se opõe àqueles *arahants* que possuem a doutrina de que existe causalidade ... estará convencendo alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro; e porque ele convence alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro, ele não elogia a si mesmo e menospreza os outros. Dessa forma, qualquer conduta corrompida que ele possuísse antes é abandonada e substituída pela virtude pura. O entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, a não oposição aos nobres, o convencer alguém a aceitar o Dhamma que é verdadeiro, o não elogiar a si mesmo e menosprezar os outros – todos esses estados benéficos surgem, portanto, tendo o entendimento correto como sua condição.

28. (B.iii) “Com relação a isso um homem sábio considera da seguinte forma: ‘Se existe causalidade, então na dissolução do corpo, após a morte, essa pessoa irá renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso. Agora, sendo ou não verdadeiras as palavras daqueles contemplativos e brâmanes vou assumir que não existe causalidade: nesse caso, essa pessoa é elogiada aqui e agora pelos sábios como sendo uma pessoa virtuosa, alguém que possui o entendimento correto, que segue a doutrina da causalidade. Mas por outro lado, se existe causalidade, então essa pessoa fez uma jogada feliz pelos dois lados: visto que ela é elogiada pelos sábios aqui e agora e que na dissolução do corpo, após a morte, ela irá renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso. Ela aceitou e colocou em prática o ensinamento incontrovertível corretamente de tal forma que ambos os lados estão cobertos e exclui a alternativa prejudicial.’

(IV. Não existem Mundos Imateriais)

29. “Chefes de família, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é o seguinte: ‘Definitivamente não existem mundos imateriais.’ [xxxvii](#)

30. “Agora, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina é diretamente oposta à doutrina daqueles contemplativos e brâmanes e eles dizem o seguinte: ‘Definitivamente existem mundos imateriais.’ O que vocês pensam, chefes de família? Esses contemplativos e brâmanes não possuem doutrinas diretamente opostas?” – “Sim, venerável senhor.”

31. “Com relação a isso um homem sábio considera da seguinte forma: ‘Esses contemplativos e brâmanes possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente não existem mundos imateriais,’ mas isso não foi visto por mim. E esses outros contemplativos e brâmanes possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente existem mundos imateriais,’ mas isso não foi experimentado por mim. Se, sem ver e

experimentar, eu tomasse um partido e declarasse: “Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso,” isso não seria compatível comigo. Agora quanto aos contemplativos e brâmanes que possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente não existem mundos imateriais,’ se o que eles dizem é verdadeiro então com certeza ainda é possível que eu possa renascer (depois da morte) entre os *devas* dos mundos da matéria sutil. [xxxviii](#) Mas quanto aos contemplativos e brâmanes que possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente existem mundos imateriais,’ se o que eles dizem é verdadeiro então com certeza ainda é possível que eu possa renascer (depois da morte) entre os *devas* dos mundos imateriais. O tomar clavas e armas, brigas, rixas, disputas, recriminações, malícia e mentiras, tudo isso ocorre com base na forma material, mas isso não existe de nenhum modo nos mundos imateriais.’ Depois de assim refletir, ele pratica o caminho para o desaparego das formas materiais, para o desaparecimento e cessação das formas materiais.

(V. Não existe a Cessação de Ser/Existir)

32. “Chefes de família, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é o seguinte: ‘Definitivamente não existe a cessação de ser/existir.’

33. “Agora, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina é diretamente oposta à doutrina daqueles contemplativos e brâmanes e eles dizem o seguinte: ‘Definitivamente existe a cessação de ser/existir.’ O que vocês pensam, chefes de família? Esses contemplativos e Brâmanes não possuem doutrinas diretamente opostas?” – “Sim, venerável senhor.”

34. “Com relação a isso um homem sábio considera da seguinte forma: ‘Esses contemplativos e brâmanes possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente não existe a cessação de ser/existir,’ mas isso não foi visto por mim. E esses outros contemplativos e brâmanes possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente existe a cessação de ser/existir,’ mas isso não foi experimentado por mim. Se, sem ver e experimentar, eu tomasse um partido e declarasse: “Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso,” isso não seria compatível comigo. Agora, quanto aos contemplativos e Brâmanes que possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente não existe a cessação de ser/existir,’ se o que eles dizem é verdadeiro, então com certeza ainda é possível que eu possa renascer (depois da morte) entre os *devas* do mundo da matéria sutil. Mas quanto aos contemplativos e brâmanes que possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente existe a cessação de ser/existir,’ se o que eles dizem é verdadeiro, então com certeza ainda é possível que eu possa aqui e agora realizar *nibbana*. O entendimento desses contemplativos e brâmanes que possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente não existe a cessação de ser/existir,’ está próximo da cobiça, próximo do cativo, próximo do deleite, próximo do apego; mas o entendimento daqueles contemplativos e brâmanes que possuem a doutrina e o entendimento de que ‘definitivamente existe a cessação de ser/existir,’ está próximo da não-cobiça, próximo do não-cativo, próximo do não-deleite, próximo do não-apego. Depois de refletir dessa forma ele pratica o caminho para o desaparego de ser/existir, para o desaparecimento e cessação de ser/existir.

(Quatro Tipos de Pessoas)

35. “Chefes de família, existem quatro tipos de pessoas que podem ser encontradas no mundo. Quais quatro? É o caso de um tipo de pessoa que atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma ... atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros ... atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros ... não atormenta a si mesma, nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros, nem se dedica à prática de torturar os outros. Visto que ela não atormenta a si mesma nem aos outros, ela está aqui e agora sem apetite, apagada, arrefecida, e ela permanece experimentando a felicidade, tendo ela mesma se tornado santa.

36. “Que tipo de pessoa, chefes de família, atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma? Neste caso uma certa pessoa anda nua, rejeitando as convenções ... (igual ao [MN51, verso 8](#)) ... Assim de formas variadas ela permanece se dedicando à prática de atormentar e mortificar o corpo. A isto se chama o tipo de pessoa que atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma.

37. “Que tipo de pessoa, chefes de família, atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros? Neste caso uma certa pessoa é um açougueiro de ovelhas ... (igual ao [MN51, verso 9](#)) ... ou alguém que se dedique a qualquer uma dessas ocupações sanguinárias. A isto se chama o tipo de pessoa que atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros.

38. “Que tipo de pessoa, chefes de família, atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros? Neste caso uma pessoa é um rei consagrado ou um brâmane próspero ... (igual ao [MN51, verso 10](#)) ... E então os seus escravos, mensageiros e servos fazem preparativos com os rostos cobertos de lágrimas, incitados pelas ameaças de punição e pelo medo. A isto se chama o tipo de pessoa que atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também atormenta os outros e se dedica à prática de torturar os outros.

39. “Que tipo de pessoa, chefes de família, não atormenta a si mesma, nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros, nem se dedica à prática de torturar os outros – aquela que, visto que ela não atormenta a si mesma nem aos outros, está aqui e agora sem apetite, apagada, arrefecida, e ela permanece experimentando a felicidade, tendo ela mesma se tornado santa?

40-55. Neste caso, chefes de família, um *Tathagata* aparece no mundo ... (igual ao [MN51, versos 12-27](#)) ... Ele compreende: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

56. “A isto, chefes de família, se chama o tipo de pessoa que não atormenta a si mesma, nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros, nem se dedica à prática de torturar os outros - aquela que, visto que ela não atormenta a si

mesma nem aos outros, está aqui e agora sem fome, saciada, arrefecida, permanece experimentando a bem-aventurança, tendo ela mesma se tornado santa.”

57. Quando isso foi dito, os brâmanes chefes de família de Sala disseram para o Abençoado: "Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama nos aceite como discípulos leigos que nele buscaram refúgio para o resto das nossas vidas."

61 *Ambalattikarahulovada Sutta*

Exortação para Rahula em Ambalattika

A importância em refletir sobre os motivos das ações

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.
2. Nessa época o venerável Rahula estava em Ambalattika. Então, quando já era noite, o Abençoado levantou-se da meditação e foi até onde o venerável Rahula estava em Ambalattika. O venerável Rahula o viu chegando à distância, preparou um assento e água para lavar os pés. O Abençoado sentou no assento preparado e lavou os pés. O venerável Rahula homenageou o Abençoado e sentou a um lado.
3. Então, o Abençoado, tendo deixado um pouco de água na jarra, disse para o venerável Rahula, "Rahula, você vê este pouco de água nesta jarra?" - "Sim, senhor." - "Assim mesmo, Rahula, esse é o pouco da qualidade de contemplativo que resta naquele que não se envergonha de com plena consciência contar uma mentira."
4. Tendo posto fora a pequena quantidade de água que restava, o Abençoado disse para o venerável Rahula, "Rahula, você vê como essa pequena quantidade de água foi posta fora?" - "Sim, senhor." - "Assim mesmo, Rahula, aqueles que não se envergonham de com plena consciência contar uma mentira, jogam fora a sua qualidade de contemplativo.”
5. Tendo virado a jarra de cabeça para baixo, o Abençoado disse para o venerável Rahula, "Rahula, você vê como essa jarra foi virada de cabeça para baixo?" - "Sim, senhor." - "Assim mesmo, Rahula, aqueles que não se envergonham de com plena consciência contar uma mentira, colocam a sua qualidade de contemplativos virada de cabeça para baixo.
6. Tendo virado a jarra de água para cima, o Abençoado disse para o venerável Rahula, "Rahula, você vê como a jarra está vazia e oca?" - "Sim, senhor." - "Assim mesmo,

Rahula, é vazia e oca a qualidade de contemplativo daquele que não se envergonha de com plena consciência contar uma mentira.

7. "Suponha, Rahula, um elefante real: imenso, com pedigree, acostumado a batalhas, suas presas como traves de uma carruagem. Em uma batalha, ele usa as patas dianteiras e traseiras, os quartos dianteiros e traseiros, sua cabeça e orelhas, suas presas e rabo, porém ele guarda a sua tromba. O treinador de elefantes nota isso e pensa, 'Esse elefante real: imenso ... guarda a sua tromba. Ele não deu a sua vida pelo rei.' Porém quando o elefante real ... em uma batalha, usa as patas dianteiras e traseiras, os quartos dianteiros e traseiros, sua cabeça e orelhas, suas presas e rabo e a sua tromba, o treinador de elefantes nota isso e pensa, 'Esse elefante real: imenso ... e usa a sua tromba. Ele deu a sua vida pelo rei. Não há nada que ele não faça.' O mesmo é verdadeiro com qualquer um que não se envergonhe de com plena consciência contar uma mentira: não há mal, eu digo, que ele não possa cometer. Rahula, você deve treinar, 'Eu não direi uma mentira deliberada mesmo por brincadeira.'

8. "O que você pensa, Rahula? Para que serve um espelho?" "Para refletir, venerável senhor." "Da mesma forma, Rahula, ações corporais ... ações verbais ... ações mentais devem ser feitas após repetida reflexão.

9-12-15. "Rahula, quando você quiser praticar uma ação corporal ... verbal ... mental você deveria refletir a respeito: 'Esta ação corporal ... verbal ... mental que quero praticar - conduzirá à minha própria aflição, à aflição de outros, ou ambos? É uma ação corporal ... verbal ... mental sem habilidade, com conseqüências dolorosas, resultados dolorosos?' Se, refletindo, você sabe que conduzirá à sua própria aflição, à aflição de outros, ou ambos; será uma ação sem habilidade com conseqüências dolorosas, resultados dolorosos, então qualquer ação corporal ... verbal ... mental desse tipo é totalmente inadequada. Porém se refletindo, você sabe que não causará aflição ... será uma ação habilidosa com felizes conseqüências, felizes resultados, então qualquer ação corporal ... verbal ... mental desse tipo é adequada.

10-13-16. "Também, Rahula, enquanto você estiver praticando uma ação corporal ... verbal ... mental, você deveria refletir a seu respeito: 'Esta ação corporal ... verbal ... mental que estou praticando - conduzirá à minha própria aflição, à aflição de outros, ou ambos? É uma ação corporal ... verbal ... mental sem habilidade, com conseqüências dolorosas, resultados dolorosos?' Se, refletindo, você sabe que conduzirá à sua própria aflição, à aflição de outros, ou ambos ... você deveria desistir dela. Porém se refletindo você sabe que não conduzirá ... você pode continuar com a ação corporal ... verbal ... mental.

11-14-17. "Também, Rahula, tendo praticado uma ação corporal ... verbal ... mental, você deveria refletir a respeito ... se, refletindo, você sabe que conduziu à sua própria aflição, à aflição de outros, ou ambos; foi uma ação sem habilidade com conseqüências dolorosas, resultados dolorosos, então você deveria confessá-la, revelá-la, abri-la para o Mestre ou um sábio companheiro na vida santa. Tendo confessado ... você deve exercer contenção no futuro. [xxxix](#) Porém se refletindo você sabe que não conduziu à aflição ... foi uma ação

corporal ... verbal ... mental habilidosa com conseqüências felizes, resultados felizes, então você deveria se sentir mentalmente renovado e contente, treinando dia e noite nos estados benéficos.

18. "Rahula, todos os brâmanes e contemplativos que no passado purificaram as suas ações corporais ... verbais ... mentais, o fizeram através da repetida reflexão dessa mesma forma. Todos os brâmanes e contemplativos que no futuro purificarão as suas ações corporais ... verbais ... mentais, o farão através da repetida reflexão dessa mesma forma. Todos os brâmanes e contemplativos que no presente purificam as suas ações corporais, ... verbais ... mentais, o fazem através da repetida reflexão dessa mesma forma. Portanto, Rahula, você deve treinar dessa forma: 'Eu purificarei minhas ações corporais ... verbais e ... mentais através da repetida reflexão.'"

Isso foi o que o Abençoado disse. O venerável Rahula ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

62 Maharahulovada Sutta A Grande Exortação para Rahula

O Buda ensina a meditação para Rahula

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Savatthi para esmolar alimentos. O venerável Rahula também se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, seguiu de perto atrás do Abençoado.

3. Nessa ocasião, o Abençoado olhou para trás e se dirigiu ao venerável Rahula assim: "Rahula, qualquer tipo de forma material, quer seja do passado, futuro ou presente, interna ou externa, grosseira ou sutil, inferior ou superior, próxima ou distante, toda forma material deve ser vista como na verdade ela é, com a correta sabedoria, assim: 'Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu'"

"Apenas a forma material, Abençoado? Apenas a forma material, Sublime?"

"A forma material, Rahula, e a sensação, a percepção, as formações volitivas e a consciência."

4. Então o venerável Rahula pensou o seguinte: "Quem iria para a cidade esmolar alimentos hoje depois de ter sido pessoalmente admoestado pelo Abençoado?" Assim, ele regressou e sentou-se à sombra de uma árvore, com as pernas cruzadas, mantendo o corpo ereto e estabelecendo a plena atenção à sua frente.

5. O venerável Sariputta o viu ali sentado e se dirigiu a ele da seguinte forma: “Rahula, desenvolva a atenção plena na respiração. Quando a atenção plena na respiração é desenvolvida e cultivada, ela traz grandes frutos e grandes benefícios.”

6. Então, ao anoitecer, o venerável Rahula se levantou da meditação e foi até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e perguntou ao Abençoado:

7. “Venerável senhor, como a atenção plena na respiração é desenvolvida e cultivada para que traga grandes frutos e grandes benefícios?”

(OS QUATRO GRANDES ELEMENTOS)

8. “O que, Rahula, é o elemento terra? O elemento terra pode ser interno ou externo. O que é o elemento terra interno? Qualquer coisa interna que pertença à pessoa, que seja sólida, solidificada e pela qual exista apego, isto é, cabelos, pêlos do corpo, unhas, dentes, pele, carne, tendões, ossos, medula, rins, coração, fígado, diafragma, baço, pulmões, intestino grosso, intestino delgado, conteúdo do estômago, fezes ou qualquer outra coisa interna que pertença à pessoa, que seja sólida, solidificada e pela qual exista apego: é chamada de elemento terra interno. Agora, tanto o elemento terra interno como o elemento terra externo são simplesmente elementos terra. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento terra e faz com que a mente fique desapegada em relação ao elemento terra.

9. “O que, Rahula, é o elemento água? O elemento água pode ser interno ou externo. Qual é o elemento água interno? Qualquer coisa interna que pertença à pessoa, que seja líquida, aquosa e pela qual exista apego, isto é, bílis, fleuma, pus, sangue, suor, gordura, lágrimas, óleo, saliva, muco, líquido sinovial, urina ou qualquer outra coisa interna na pessoa, que seja líquida, aquosa e pela qual exista apego: é chamada de elemento água interno. Agora, tanto o elemento água interno como o elemento água externo são simplesmente elementos água. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento água e faz com que a mente fique desapegada em relação ao elemento água.

10. “O que, Rahula, é o elemento fogo? O elemento fogo pode ser interno ou externo. Qual é o elemento fogo interno? Qualquer coisa interna que pertença à pessoa, que seja fogo, ardente e pela qual exista apego, isto é, aquilo pelo qual a pessoa é aquecida, envelhece e é consumida, aquilo pelo qual o que é comido, bebido, consumido e saboreado é digerido de maneira adequada ou qualquer outra coisa interna na pessoa, que seja fogo, ardente e pela qual exista apego: é chamada de elemento fogo interno. Agora, tanto o elemento fogo interno como o elemento fogo externo são simplesmente elementos fogo. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade

é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento fogo e faz com que a mente fique desapegada em relação ao elemento fogo.

11. “O que, Rahula, é o elemento ar? O elemento ar pode ser interno ou externo. Qual é o elemento ar interno? Qualquer coisa interna, que pertença à pessoa, que seja ar, arejada e pela qual exista apego, isto é, ventos que sobem, ventos que descem, ventos no estômago, ventos nos intestinos, ventos que percorrem o corpo, a inspiração e a expiração ou qualquer outra coisa interna na pessoa que seja ar, arejada e pela qual exista apego: é chamada de elemento ar interno. Agora, tanto o elemento ar interno como o elemento ar externo são simplesmente elementos ar. E isso deve ser visto como na verdade é, com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma, como na verdade é, com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento ar e faz com que a mente fique desapegada em relação ao elemento ar.

12. “O que, Rahula, é o elemento espaço? O elemento espaço pode ser interno ou externo. Qual é o elemento espaço interno? Qualquer coisa interna na pessoa, que seja espaço, espacial e pela qual exista apego, isto é, os buracos das orelhas, as narinas, a boca e a abertura através da qual tudo o que é comido, bebido, consumido e saboreado, engolido e agrupado é excretado por baixo; ou qualquer outra coisa interna na pessoa, que seja espaço, espacial e pela qual exista apego: é chamada de elemento espaço interno. Agora, ambos, o elemento espaço interno e o elemento espaço externo são simplesmente propriedades do espaço. E isso deve ser visto como na verdade é com correta sabedoria: ‘Isso não é meu, isso não sou eu, isso não é o meu eu.’ Quando a pessoa vê dessa forma como na verdade é com correta sabedoria, a pessoa fica desencantada com o elemento espaço e faz com que a mente fique desapegada em relação ao elemento espaço.

13. “Rahula, desenvolva uma meditação que seja como a terra; pois quando você desenvolve uma meditação que é como a terra, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente. Da mesma forma que as pessoas jogam na terra coisas limpas e coisas sujas, excremento, urina, saliva, pus e sangue, e a terra não fica horrorizada, repelida e enojada por isso, assim também, Rahula, desenvolva uma meditação que seja como a terra; pois quando você desenvolve uma meditação que é como a terra, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente.

14. “Rahula, desenvolva uma meditação que seja como a água; pois quando você desenvolve uma meditação que é como a água, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente. Da mesma forma que as pessoas lavam na água coisas limpas e coisas sujas, excremento, urina, saliva, pus e sangue, e a água não fica horrorizada, repelida e enojada por isso, assim também, Rahula, desenvolva uma meditação que seja como a água; pois quando você desenvolve uma meditação que é como a água, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente.

15. “Rahula, desenvolva uma meditação que seja como o fogo; pois quando você desenvolve uma meditação que é como o fogo, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente. Da mesma forma que as pessoas queimam no fogo coisas limpas e coisas sujas, excremento, urina, saliva, pus e sangue, e o fogo não fica horrorizado, repelido e enojado por isso, assim também, Rahula, desenvolva uma meditação que seja como o fogo; pois quando você desenvolve uma meditação que é como o fogo, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente.

16. “Rahula, desenvolva uma meditação que seja como o ar; pois quando você desenvolve uma meditação que é como o ar, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente. Da mesma forma que o ar sopra nas coisas limpas e coisas sujas, excremento, urina, saliva, pus e sangue, e o ar não fica horrorizado, repelido e enojado por isso, assim também, Rahula, desenvolva uma meditação que seja como o ar; pois quando você desenvolve uma meditação que é como o ar, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente.

17. “Rahula, desenvolva uma meditação que seja como o espaço; pois quando você desenvolve uma meditação que é como o espaço, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente. Da mesma forma que o espaço não está estabelecido em nenhum lugar, assim também, Rahula, desenvolva uma meditação que seja como o espaço; pois quando você desenvolve uma meditação que é como o espaço, os contatos que já surgiram, agradáveis e desagradáveis, não invadirão e permanecerão na sua mente.

18. “Rahula, desenvolva a meditação do amor bondade; pois quando você desenvolve a meditação do amor bondade, toda má vontade será abandonada.

19. “Rahula, desenvolva a meditação da compaixão; pois quando você desenvolve a meditação da compaixão, toda crueldade será abandonada.

20. “Rahula, desenvolva a meditação da alegria altruísta; pois quando você desenvolve a meditação da alegria altruísta, todo descontentamento será abandonado.

21. “Rahula, desenvolva a meditação da equanimidade; pois quando você desenvolve a meditação da equanimidade, toda aversão será abandonada.

22. “Rahula, desenvolva a meditação das partes do corpo; pois quando você desenvolve a meditação das partes do corpo, toda cobiça será abandonada.

23. “Rahula, desenvolva a meditação da percepção da impermanência; pois quando você desenvolve a meditação da percepção da impermanência, toda presunção ‘eu sou’ será abandonada.

24. “Rahula, desenvolva a atenção plena na respiração. Quando a atenção plena na respiração é desenvolvida e cultivada, ela traz grandes frutos e grandes benefícios.
25. “Aqui, Rahula, um *bhikkhu*, dirigindo-se à floresta, ou à sombra de uma árvore, ou para um local isolado, senta-se com as pernas cruzadas, mantém o corpo ereto e estabelecendo a plena atenção à sua frente, ele inspira com atenção plena justa, ele expira com atenção plena justa.
26. “Inspirando longo, ele compreende: ‘eu inspiro longo’; ou expirando longo, ele compreende: ‘eu expiro longo.’ Inspirando curto, ele compreende: ‘eu inspiro curto’; ou expirando curto, ele compreende: ‘eu expiro curto.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro experienciando todo o corpo [da respiração]’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando todo o corpo [da respiração].’ Ele treina assim: ‘eu inspiro tranquilizando a formação do corpo [da respiração]’; ele treina assim: ‘eu expiro tranquilizando a formação do corpo [da respiração].’
27. “Ele treina assim: ‘eu inspiro experienciando êxtase’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando êxtase.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro experienciando a felicidade’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando a felicidade’. Ele treina assim: ‘eu inspiro experienciando a formação da mente’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando a formação da mente.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro tranquilizando a formação da mente’; ele treina assim: ‘eu expiro tranquilizando a formação da mente.’
28. “Ele treina assim: ‘eu inspiro experienciando a mente’; ele treina assim: ‘eu expiro experienciando a mente.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro satisfazendo a mente’; ele treina assim: ‘eu expiro satisfazendo a mente.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro concentrando a mente’; ele treina assim: ‘eu expiro concentrando a mente.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro libertando a mente’; ele treina assim: ‘eu expiro libertando a mente.’
29. “Ele treina assim: ‘eu inspiro contemplando a impermanência’; ele treina assim: ‘eu expiro contemplando a impermanência.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro contemplando o desaparecimento’; ele treina assim: ‘eu expiro contemplando o desaparecimento.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro contemplando a cessação’; ele treina assim: ‘eu expiro contemplando a cessação.’ Ele treina assim: ‘eu inspiro contemplando a renúncia’, ele treina assim: ‘eu expiro contemplando a renúncia.’
30. “Rahula, assim é como a atenção plena na respiração é desenvolvida e cultivada, para que traga grandes frutos e grandes benefícios. Quando a atenção plena na respiração é assim desenvolvida e cultivada, até mesmo a última inspiração e expiração são percebidas no momento em que cessam, elas não são ignoradas.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Rahula ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

63 *Culamalunkya Sutta* O Pequeno Discurso para Malunkyaputta

O símile do homem atingido por uma flecha

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Então, enquanto o venerável Malunkyaputta estava só em meditação, o seguinte pensamento lhe ocorreu:

“Estas idéias especulativas não foram declaradas pelo Abençoado, foram deixadas de lado e rejeitadas por ele, isto é: ‘o mundo é eterno’ ou ‘o mundo não é eterno’; ‘o mundo é finito’ ou ‘o mundo é infinito’; ‘a alma e o corpo são a mesma coisa’ ou ‘a alma é uma coisa e o corpo é outra’; ‘após a morte um *Tathagata* existe’ ou ‘após a morte um *Tathagata* não existe’; ‘após a morte um *Tathagata* tanto existe como não existe’ ou ‘após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe.’ O Abençoado não declara essas coisas para mim, e eu não aprovo e não aceito o fato dele não declarar essas coisas para mim, portanto irei até o Abençoado e perguntarei o significado disso. Se ele declarar para mim que ‘o mundo é eterno’ ... ‘após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe,’ então eu viverei a vida santa sob a orientação dele; se ele não declarar essas coisas para mim, então abandonarei o treinamento e retornarei para a vida comum.”

3. Então, quando anoiteceu, o venerável Malunkyaputta levantou da meditação e foi até o Abençoado. Depois de cumprimentá-lo ele sentou a um lado e lhe disse:

“Aqui, venerável senhor, enquanto eu estava só em meditação, o seguinte pensamento me ocorreu: ‘Estas idéias especulativas não foram declaradas pelo Abençoado ... se ele não declarar essas coisas para mim, então abandonarei o treinamento e retornarei para a vida comum.’ Se o Abençoado não sabe então é justo que quem não sabe e não vê diga: ‘Eu não sei, eu não vejo.’”

4. “Como então, Malunkyaputta, em algum momento eu lhe disse: ‘Venha, Malunkyaputta, viva a vida santa sob a minha orientação que eu irei declarar para você que ‘o mundo é eterno’ ... ‘após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe?’” – “Não, venerável senhor.” – “Você em algum momento me disse: ‘Eu viverei a vida santa sob a orientação do Abençoado e o Abençoado irá declarar para mim ‘o mundo é eterno’ ... ‘após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe?’” – “Não, venerável senhor.” – “Em sendo assim, homem tolo, quem é você e o que você está abandonando?”

5. “Se alguém dissesse que: ‘Eu não viverei a vida santa sob a orientação do Abençoado até que o Abençoado declare para mim que “o mundo é eterno”... “após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe,” essas coisas ainda permaneceriam não declaradas e nesse meio tempo aquela pessoa teria morrido. Suponha, Malunkyaputta, que um homem fosse ferido com uma flecha besuntada com muito veneno e os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, trouxessem um cirurgião para tratá-lo. O homem diria: ‘Eu não permitirei que o cirurgião retire a flecha até que eu saiba se o homem que

me feriu era um nobre ou um brâmane ou um comerciante ou um trabalhador.’ E ele diria: ‘Eu não permitirei que o cirurgião retire a flecha até que eu saiba o nome e o clã do homem que me feriu; ... até que eu saiba se o homem que me feriu era alto ou baixo ou com estatura mediana; ... até que eu saiba se o homem que me feriu tinha a tez escura ou marrom ou dourada; ... até que eu saiba se o homem que me feriu vive em tal vilarejo ou vila, ou cidade; ... até que eu saiba se o arco que me feriu era um arco longo ou balestra; ... até que eu saiba se a corda do arco que me feriu era de fibra ou junco, ou tendão, ou cânhamo, ou casca de árvore; ... até que eu saiba se a vara da flecha que me feriu era selvagem ou cultivada; ... até que eu saiba que tipo de penas traz a flecha que me feriu – de uma águia ou um corvo, ou um falcão, ou um pavão, ou uma cegonha; ... até que eu saiba que tipo de tendão amarra a flecha que me feriu – de um boi ou um búfalo, ou um leão, ou um macaco; ... até que eu saiba que tipo de flecha me feriu – com a ponta em forma de casco ou em curva, ou com farpas, ou com dentes de um bezerro, ou com o veneno da adelfa.’

“Tudo isso ainda não seria do conhecimento daquele homem e nesse meio tempo ele teria morrido. Assim também, Malunkyaputta, se alguém dissesse que: ‘Eu não viverei a vida santa sob a orientação do Abençoado até que o Abençoado declare para mim que “o mundo é eterno”... “após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe,” essas coisas ainda permaneceriam não declaradas e nesse meio tempo aquela pessoa teria morrido.

6. “Malunkyaputta, se existe a idéia ‘o mundo é eterno,’ ... ‘o mundo não é eterno,’ ... ‘o mundo é finito,’ ... ‘o mundo é infinito’ ... ‘a alma e o corpo são a mesma coisa’ ... ‘a alma é uma coisa e o corpo é outra’ ... ‘após a morte um *Tathagata* existe’ ... ‘após a morte um *Tathagata* não existe,’ ... ‘após a morte um *Tathagata* tanto existe como não existe’ ... ‘após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe,’ - a vida santa não pode ser vivida.

"Existindo ou não a idéia ‘o mundo é eterno,’ ... ‘o mundo não é eterno,’ ... ‘o mundo é finito,’ ... ‘o mundo é infinito’ ... ‘a alma e o corpo são a mesma coisa’ ... ‘a alma é uma coisa e o corpo é outra’ ... ‘após a morte um *Tathagata* existe’ ... ‘após a morte um *Tathagata* não existe,’ ... ‘após a morte um *Tathagata* tanto existe como não existe’ ... ‘após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe,’ - existe nascimento, envelhecimento, morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero, a destruição dos quais eu prescrevo aqui e agora.

7. “Portanto, Malunkyaputta, lembre-se daquilo que eu deixei sem declarar como não declarado e lembre-se daquilo que eu declarei como declarado. E o que eu deixei sem declarar? ‘O mundo é eterno’ – ‘O mundo não é eterno’ – ‘O mundo é finito’ – ‘O mundo é infinito’ – ‘A alma e o corpo são a mesma coisa’ – ‘A alma é uma coisa e o corpo é outra’ – ‘Após a morte um *Tathagata* existe’ – ‘Após a morte um *Tathagata* não existe’ – ‘Após a morte um *Tathagata* tanto existe como não existe’ – ‘Após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe’.

8. Por que eu não declararei isso? Porque não traz benefício, não pertence aos fundamentos da vida santa, não conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. É por isso que eu não declarei isso.

9. E o que eu declarei? ‘Isto é sofrimento’ – ‘Esta é a origem do sofrimento’ – ‘Esta é a cessação do sofrimento’ – ‘Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento’.

10. “Por que declarei isso? Porque traz benefício, pertence aos fundamentos da vida santa, conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. É por isso que eu declarei isso.

11. “Portanto, Malunkyaputta, lembre-se daquilo que eu deixei sem declarar como não declarado e lembre-se daquilo que eu declarei como declarado.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Malunkyaputta ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado. [xli](#)

64 Mahamalunkya Sutta O Grande Discurso para Malunkyaputta

Como eliminar os cinco grilhões inferiores

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos *bhikkhus*:

2. “*Bhikkhus*, vocês se recordam dos cinco primeiros grilhões tal como ensinado por mim?”

Quando isso foi dito, o venerável Malunkyaputta respondeu: “Venerável senhor, eu me recordo dos cinco primeiros grilhões tal como ensinado pelo Abençoado.” [xli](#)

“Mas, Malunkyaputta, de que forma você se recorda dos cinco primeiros grilhões tal como ensinado por mim?”

“Venerável senhor, eu me recordo da idéia da existência de um eu ... da dúvida ... do apego a preceitos e rituais ... do desejo sensual ... da má vontade como grilhões ensinados pelo Abençoado. É dessa forma, venerável senhor, que eu me recordo dos cinco grilhões tal como ensinado pelo Abençoado.”

3. “Malunkyaputta, você se recorda para quem que eu ensinei esses cinco primeiros grilhões dessa forma? Os errantes de outras seitas não lhe refutariam com o símile do bebê? Pois um bebê recém-nascido não tem nem mesmo a noção de ‘identidade,’ então como a idéia da existência de um eu pode surgir nele? No entanto, a tendência subjacente à idéia da existência de um eu está nele. [xlii](#) Um bebê recém-nascido não tem nem mesmo a noção de ‘ensinamentos,’ então como a dúvida com respeito aos ensinamentos pode

surgir nele? No entanto, a tendência subjacente à dúvida está nele. Um bebê recém-nascido não tem nem mesmo a noção de ‘regras,’ então como o apego a preceitos e rituais pode surgir nele? No entanto, a tendência subjacente ao apego a preceitos e rituais está nele. Um bebê recém-nascido não tem nem mesmo a noção de ‘prazeres sensuais,’ então como o desejo sensual pode surgir nele? No entanto, a tendência subjacente ao desejo sensual está nele. Um bebê recém-nascido não tem nem mesmo a noção de ‘seres,’ então como a má vontade em relação aos seres pode surgir nele? No entanto, a tendência subjacente à má vontade está nele. Os errantes de outras seitas não lhe refutariam com este símile do bebê?”

4. Em vista disso, o venerável Ananda disse: “Agora é o momento, Abençoado, agora é o momento, Iluminado, para que o Abençoado ensine os cinco primeiros grilhões. Tendo ouvido do Abençoado os *bhikkhus* o recordarão.”

“Então ouça, Ananda e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer,” “Sim, venerável senhor,” o venerável Ananda respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

5. “Aqui, Ananda, uma pessoa comum sem instrução que não respeita os nobres, que não é proficiente nem treinada no Dhamma deles, permanece com a mente obcecada e escravizada pela idéia da existência de um eu e ela não compreende como na verdade é a escapatória da idéia da existência de um eu que já surgiu; e quando essa idéia da existência de um eu se torna habitual nela e não está subjugada, isso é um grilhão. Ela permanece com a mente obcecada e escravizada pela dúvida ... pelo apego a preceitos e rituais ... pelo desejo sensual ... pela má vontade, e ela não compreende como na verdade é a escapatória da má vontade que já surgiu; e quando essa idéia da má vontade se torna habitual nela e não está subjugada, isso é um grilhão.

6. “Um discípulo nobre bem instruído que respeita os nobres que é proficiente e treinado no Dhamma deles, não permanece com a mente obcecada e escravizada pela idéia da existência de um eu; ele compreende como na verdade é a escapatória da idéia da existência de um eu que já surgiu, e a idéia da existência de um eu juntamente com a tendência subjacente são abandonadas por ele. ^{xliii} Ele não permanece com a mente obcecada e escravizada pela dúvida ... pelo apego a preceitos e rituais ... pelo desejo sensual ... pela má vontade; ele compreende como na verdade é a escapatória da má vontade que já surgiu, e a má vontade juntamente com a tendência subjacente são abandonadas por ele.

7. “Existe um caminho, Ananda, uma prática para o abandono dos cinco primeiros grilhões; e alguém que venha para esse caminho, para essa prática, possa compreender ou ver, ou abandonar esses cinco primeiros grilhões – isso é possível. É como se houvesse uma grande árvore com seu cerne, seria possível que alguém pudesse cortar o cerne cortando a casca e o alburno, da mesma forma, existe um caminho ... para abandonar esses cinco primeiros grilhões.

8. “Suponha, Ananda, que o rio Ganges estivesse cheio d’água até a borda de forma que corvos pudessem beber nele e então, um homem fraco viesse e pensasse: ‘Nadando

através da correnteza com os meus braços, cruzarei com segurança até a outra margem deste rio Ganges’; no entanto, ele não seria capaz de cruzar até a outra margem com segurança. Da mesma forma, quando o Dhamma está sendo ensinado para alguém, para a cessação da idéia da existência de um eu, se a mente dele não entrar nisso e adquirir confiança, se estabilizar e se libertar, ele será considerado como o homem fraco.

“Suponha, Ananda, que o rio Ganges estivesse cheio d’água até a borda de forma que corvos pudessem beber nele e então, um homem forte viesse e pensasse: ‘Nadando através da correnteza com os meus braços, cruzarei com segurança até a outra margem deste rio Ganges’; e ele seria capaz de cruzar até a outra margem com segurança. Da mesma forma, quando o Dhamma está sendo ensinado para alguém, para a cessação da idéia da existência de um eu, se a mente dele entrar nisso e adquirir confiança, se estabilizar e se libertar, então ele será considerado como o homem forte.

9. “E qual, Ananda, é o caminho, a prática, para o abandono dos cinco primeiros grilhões? Aqui, um *bhikkhu* afastado das aquisições, com o abandono dos estados prejudiciais, com a completa tranqüilização da resistência corporal, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento.

“Tudo que ali existe de forma material, sensação, percepção, formações volitivas e consciência, ele vê esses estados como impermanentes, como sofrimento, como uma enfermidade, um tumor, uma flecha, uma calamidade, uma aflição, estranhos, desintegrando, vazios, como não-eu. Ele afasta a sua mente desses estados e a dirige para o elemento imortal, desta forma: ‘Isto é a paz, isto é o sublime, isto é, o silenciar de todas as formações, o abandono de todas as aquisições, a destruição do desejo, desapego, cessação, *nibbana*.’ Firmando-se sobre isso, ele realiza a destruição das impurezas. Mas se ele não realizar a destruição das impurezas, então devido a esse desejo pelo Dhamma, esse deleite com o Dhamma, com a destruição dos cinco primeiros grilhões ele se tornará um dos que irá renascer de forma espontânea nas Moradas Puras e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar desse mundo. Esse é o caminho, a prática para o abandono dos cinco primeiros grilhões.

10-12. “Além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* ... Além disso, abandonando o êxtase um *bhikkhu* ... entra e permanece no terceiro *jhana* ... Além disso, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas.

“Tudo que ali existe de forma material, sensação, percepção, formações volitivas e consciência, ele vê esses estados como impermanentes ... como não-eu. Ele afasta a sua mente desses estados e a dirige para o elemento imortal ... Esse é o caminho, a prática para o abandono dos cinco primeiros grilhões.

13. “Além disso, com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente que o ‘espaço é infinito,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base do espaço infinito.

“Tudo que ali existe de sensação, percepção, formações volitivas e consciência, ele vê esses estados como impermanentes ... como não-eu. Ele afasta a sua mente desses estados e a dirige para o elemento imortal ... Esse é o caminho, a prática para o abandono dos cinco primeiros grilhões.

14. “Além disso, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base da consciência infinita.

“Tudo que ali existe de sensação, percepção, formações volitivas e consciência, ele vê esses estados como impermanentes ... como não-eu. Ele afasta a sua mente desses estados e a dirige para o elemento imortal ... Esse é o caminho, a prática para o abandono dos cinco primeiros grilhões.

15. “Além disso, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base do nada.

“Tudo que ali existe de sensação, percepção, formações volitivas e consciência, ele vê esses estados como impermanentes ... como não-eu. Ele afasta a sua mente desses estados e a dirige para o elemento imortal ... Esse é o caminho, a prática para o abandono dos cinco primeiros grilhões.”

16. “Venerável senhor. Se esse é o caminho, a prática para o abandono dos cinco primeiros grilhões, então como é que alguns *bhikkhus*, dizem, obtiveram a libertação da mente e alguns, dizem, obtiveram a libertação através da sabedoria?”

“A diferença, Ananda, está nas faculdades deles, eu digo.” Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

65 *Bhaddali Sutta*

Para Bhaddali

O Buda censura um *bhikkhu* recalcitrante

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Lá ele se dirigiu aos *bhikkhus*:

2. “*Bhikkhus*, eu me alimento uma vez por dia. Fazendo isso, eu fico livre de enfermidades e aflições, desfruto de boa saúde, energia e permaneço com conforto. [xliv](#) Venham, *bhikkhus*, alimentem-se apenas uma vez ao dia. Fazendo isso, vocês ficarão

livres de enfermidades e aflições, desfrutarão de boa saúde, energia e permanecerão com conforto.”

3. Quando isso foi dito o venerável Bhaddali disse para o Abençoado: “Venerável senhor, eu não concordo em comer uma vez ao dia; pois se assim o fizesse, eu teria preocupações e ansiedades.” “Então, Bhaddali, coma uma parte lá onde você for convidado e traga a outra parte com você. Comendo dessa forma, você se manterá.”

“Venerável senhor, eu tampouco concordo em comer dessa forma; pois se assim o fizesse, eu também teria preocupações e ansiedades.”

4. Então, quando esse preceito de treinamento foi comunicado pelo Abençoado, o venerável Bhaddali declarou em público na Sangha dos *bhikkhus*, a sua discordância em comprometer-se com o treinamento. Então, o venerável Bhaddali não se apresentou ao Abençoado durante todo o período de três meses do retiro das chuvas, por ele não ter cumprido com o treinamento contido na Revelação do Mestre.

5. Agora, naquela ocasião um grande número de *bhikkhus* estavam empenhados em fazer um manto para o Abençoado, pensando: “Com este manto terminado, ao final dos três meses das chuvas, o Abençoado irá sair perambulando.”

6. Então o venerável Bhaddali foi até aqueles *bhikkhus* e eles se cumprimentaram, quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado. Tendo feito isso, eles lhe disseram: “Amigo Bhaddali, este manto está sendo feito para o Abençoado. Com este manto terminado, ao final dos três meses das chuvas, o Abençoado irá sair perambulando. Por favor, amigo Bhaddali, pense com cuidado na sua declaração. Não permita que isso se torne mais difícil para você mais tarde.”

7. “Sim, amigos,” ele respondeu, e foi até o Abençoado, e depois de homenageá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, uma transgressão me subjugou, no sentido de agir como um tolo, confuso e desatinado, quando um preceito de treinamento estava sendo comunicado pelo Abençoado, eu declarei em público, na Sangha dos *bhikkhus*, minha discordância em comprometer-me com o treinamento. Venerável senhor, que o Abençoado possa perdoar minha transgressão como tal, visando a contenção no futuro.”

8. “Com certeza, Bhaddali, você foi subjugado por uma transgressão, no sentido de agir como um tolo, confuso e desatinado, quando um preceito do treinamento estava sendo comunicado por mim, você declarou em público, na Sangha dos *bhikkhus*, a sua discordância em comprometer-se com o treinamento.

9. “Bhaddali, esta circunstância não foi reconhecida por você: ‘O Abençoado está residindo em Savatthi, o Abençoado irá me conhecer desta forma: “O *bhikkhu* de nome Bhaddali é um que não se compromete com o treinamento que está contido na Revelação do Mestre”.’ Essa circunstância não foi reconhecida por você.

“Novamente, estas circunstâncias não foram reconhecidas por você: ‘Muitos *bhikkhus* ... muitas *bhikkhunis* ... muitos discípulos leigos homens e mulheres ... muitos contemplativos e brâmanes de outras seitas residem em Savatthi durante o período das chuvas, e eles também irão me conhecer desta forma: “O *bhikkhu* de nome Bhaddali é um que não se compromete com o treinamento contido na Revelação do Mestre”.’ Essas circunstâncias não foram reconhecidas por você.

10. “Venerável senhor, uma transgressão me subjugou, no sentido de agir como um tolo, confuso e desatinado; quando um preceito do treinamento estava sendo comunicado pelo Abençoado, eu declarei em público, na Sangha dos *bhikkhus*, minha discordância em comprometer-me com o treinamento. Venerável senhor, que o Abençoado possa perdoar minha transgressão como tal, visando a contenção no futuro.”

“Com certeza, Bhaddali, você foi subjugado por uma transgressão, no sentido de agir como um tolo, confuso e desatinado, quando um preceito do treinamento estava sendo comunicado por mim, você declarou em público, na Sangha dos *bhikkhus*, sua discordância em comprometer-se com o treinamento.

11. “O que você pensa, Bhaddali? Suponha que um *bhikkhu* fosse alguém libertado de ambos os modos, ^{xlv} e eu lhe dissesse: ‘Venha, *bhikkhu*, deite para que o seu corpo sirva como uma prancha para que eu possa atravessar a lama.’ Ele deitaria na lama, ^{xlvi} ou ele faria alguma outra coisa, ou ele diria ‘Não?’”

“Ele deitaria, venerável senhor.”

“O que você pensa, Bhaddali? Suponha que um *bhikkhu* fosse libertado através da sabedoria ... que toca com o corpo ... com entendimento realizado ... libertado pela fé ... discípulo do Dhamma ... discípulo pela fé, eu lhe dissesse: ‘Venha, *bhikkhu*, deite para que o seu corpo sirva como uma prancha para que eu possa atravessar a lama.’ Ele deitaria na lama, ou ele faria alguma outra coisa, ou ele diria ‘Não?’”

“Ele deitaria, venerável senhor.”

12. “O que você pensa, Bhaddali? Naquela ocasião você mostrou ser libertado através da sabedoria ... que toca com o corpo ... com entendimento realizado ... libertado pela fé ... discípulo do Dhamma ... discípulo pela fé?”

“Não, venerável senhor.”

“Bhaddali, naquela ocasião você foi um transgressor vazio, oco?”

13. “Sim, venerável senhor. Venerável senhor, uma transgressão me subjugou, no sentido de agir como um tolo, confuso e desatinado, quando um preceito do treinamento estava sendo comunicado pelo Abençoado, eu declarei em público, na Sangha dos *bhikkhus*, minha discordância em comprometer-me com o treinamento. Venerável senhor, que o Abençoado possa perdoar minha transgressão como tal, visando a contenção no futuro.”

“Com certeza, Bhaddali, você foi subjugado por uma transgressão, no sentido de agir como um tolo, confuso e desatinado, quando um preceito do treinamento estava sendo comunicado por mim, você declarou em público, na Sangha dos *bhikkhus*, sua discordância em comprometer-se com o treinamento. Mas visto que você vê a sua transgressão como tal e pede desculpas em consonância com o Dhamma, nós o desculpamos; pois amadurece na Disciplina dos Nobres aquele que, vendo a sua própria transgressão, pede desculpas em consonância com o Dhamma e assume a responsabilidade pela contenção no futuro.

14. “Aqui, Bhaddali, um *bhikkhu* não realiza o treinamento contido na Revelação do Mestre. Ele pensa o seguinte: ‘E se eu fosse para um local isolado: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia - talvez eu possa alcançar um estado supra-humano, uma distinção em conhecimento e visão digna dos nobres.’ Ele vai para um desses locais isolados. Enquanto ele vive assim isolado, o Mestre o censura, os seus sábios companheiros na vida santa que o investigaram o censuram, *devas* o censuram e ele censura a si mesmo. Sendo censurado dessa forma pelo Mestre, pelos sábios companheiros na vida santa, pelos *devas* e por si mesmo, ele não alcança nenhum estado supra-humano, nenhuma distinção em conhecimento e visão digna dos nobres. Por que isso? Porque assim é com aquele que não realiza o treinamento contido na Revelação do Mestre.

15. “Aqui, Bhaddali, um *bhikkhu* realiza o treinamento contido na Revelação do Mestre. Ele pensa o seguinte: ‘E se eu fosse para um local isolado: na floresta, à sombra de uma árvore, uma montanha, uma ravina, uma caverna em uma encosta, um cemitério, um matagal, um espaço aberto, uma cabana vazia - talvez eu possa alcançar um estado supra-humano, uma distinção em conhecimento e visão digna dos nobres.’ Ele vai para um desses locais isolados. Enquanto ele vive assim isolado, o Mestre não o censura, os seus sábios companheiros na vida santa que o investigaram não o censuram, *devas* não o censuram e ele não censura a si mesmo. Não sendo censurado dessa forma pelo Mestre, pelos sábios companheiros na vida santa, pelos *devas* e por si mesmo, ele alcança um estado supra-humano, uma distinção em conhecimento e visão digna dos nobres.

16. “Um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Por que isso? Porque assim é com aquele que realiza o treinamento contido na Revelação do Mestre.

17. “Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, ele entra e permanece no segundo *jhana* ... Abandonando o êxtase ... ele entra e permanece no terceiro *jhana* ... Com o completo desaparecimento da felicidade ... ele entra e permanece no quarto *jhana* ... Por que isso? Porque assim é com aquele que realiza o treinamento contido na Revelação do Mestre.

18. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento da recordação de vidas passadas ... (igual ao [MN 51, verso 24](#)) ... Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. Por que isso? Porque assim é com aquele que realiza o treinamento contido na Revelação do Mestre.

19. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada...atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do falecimento e reaparecimento dos seres ... (igual ao [MN 51, verso 25](#)) ... Dessa forma - por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano - ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, e ele compreende como os seres continuam de acordo com as suas ações. Por que isso? Porque assim é com aquele que realiza o treinamento contido na Revelação do Mestre.

20. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada ... atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. Ele compreende como na verdade é que: 'Isto é sofrimento' ... (igual ao [MN 51, verso 26](#)) ... Ele compreende como na verdade é que: 'este é o caminho que conduz à cessação das impurezas.'

21. "Ao conhecer e ver, a sua mente está livre da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, da impureza da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento, 'Libertada.' Ele compreende que 'O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que devia ser feito foi feito, não há mais vir a ser em nenhum estado.' Por que isso? Porque assim é com aquele que realiza o treinamento contido na Revelação do Mestre."

22. Em vista disso o venerável Bhaddali perguntou: "Venerável senhor, qual é a causa, qual é a razão, o porquê, deles agirem contra algum *bhikkhu* reprovando-o repetidamente? Qual é a causa, qual é a razão, o porquê, deles não agirem contra algum *bhikkhu* reprovando-o repetidamente?"

23. "Aqui, Bhaddali, um *bhikkhu* é um transgressor constante que comete muitas transgressões. Ao ser corrigido pelos *bhikkhus*, ele prevarica, desvia a conversa, demonstra perturbação, raiva e amargor; ele não procede da forma correta, ele não obedece, ele não se absolve, ele não diz: 'Que eu possa agir de tal forma a satisfazer a Sangha.' Os *bhikkhus* que estão tratando deste assunto, pensam: 'Seria bom se os veneráveis examinassem este *bhikkhu* de tal forma que este assunto contra ele não seja resolvido com rapidez.' E os *bhikkhus* examinam aquele *bhikkhu* de tal forma que o assunto contra ele não seja resolvido com rapidez.

24. "Mas aqui, um *bhikkhu* é um transgressor constante que comete muitas transgressões. Ao ser corrigido pelos *bhikkhus*, ele não prevarica, não desvia a conversa, não demonstra perturbação, raiva e amargor; ele procede da forma correta, ele obedece, ele se absolve, ele diz: 'Que eu possa agir de tal forma a satisfazer a Sangha.' Os *bhikkhus* que estão

tratando deste assunto, pensam: ‘Seria bom se os veneráveis examinassem este *bhikkhu* de tal forma que este assunto contra ele seja resolvido com rapidez.’ E os *bhikkhus* examinam aquele *bhikkhu* de tal forma que o assunto contra ele seja resolvido com rapidez.

25. “Aqui, um *bhikkhu* é um transgressor ocasional que não comete muitas transgressões. Ao ser corrigido pelos *bhikkhus*, ele prevarica ... (igual ao verso 23) E os *bhikkhus* examinam aquele *bhikkhu* de tal forma que o assunto contra ele não seja resolvido com rapidez.

26. “Mas aqui, um *bhikkhu* é um transgressor ocasional que não comete muitas transgressões. Ao ser corrigido pelos *bhikkhus*, ele não prevarica ... (igual ao verso 24) ... E os *bhikkhus* examinam aquele *bhikkhu* de tal forma que o assunto contra ele seja resolvido com rapidez.

27. “Aqui, um *bhikkhu* progride com um tanto de fé e devoção. Neste caso os *bhikkhus* consideram o seguinte: ‘Amigos, este *bhikkhu* progride com um tanto de fé e devoção. Que ele não perca esse tanto de fé e devoção, que poderá ocorrer se agirmos contra ele reprovando-o repetidamente.’ Suponham que um homem tenha apenas um olho; então os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, protegeriam o seu olho pensando: ‘Que ele não perca seu único olho.’ Da mesma forma, um *bhikkhu* progride com um tanto de fé e devoção ... ‘Que ele não perca esse tanto de fé e devoção, que poderá ocorrer se agirmos contra ele reprovando-o repetidamente.’

28. “Essa é a causa, essa é a razão, o porquê, deles agirem contra algum *bhikkhu* reprovando-o repetidamente. Essa é a causa, essa é a razão, o porquê, deles não agirem contra algum *bhikkhu* reprovando-o repetidamente.”

29. “Venerável senhor, qual é a causa, qual é a razão, porque antes havia menos regras de treinamento e mais *bhikkhus* realizavam o conhecimento supremo? Qual é a causa, qual é a razão, porque há mais regras de treinamento agora e menos *bhikkhus* realizam o conhecimento supremo?”

30. “Assim é como é, Bhaddali. Quando os seres estão deteriorando e o verdadeiro Dhamma está desaparecendo, então existem mais regras de treinamento e menos *bhikkhus* realizam o conhecimento supremo. O Mestre não comunica uma regra de treinamento para os discípulos até que certas coisas que são a base para as impurezas se tornem manifestas na Sangha; mas quando certas coisas que são a base para as impurezas se manifestam aqui na Sangha, então o Mestre comunica a regra de treinamento para os discípulos de maneira que eles evitem essas coisas que são a base para as impurezas.

31. “Essas coisas que são base para as impurezas não se tornam manifestas na Sangha até que a Sangha tenha alcançado a grandeza; mas quando a Sangha tiver alcançado a grandeza, então essas coisas que são a base para as impurezas se manifestarão na Sangha, e então o Mestre comunica a regra de treinamento para os discípulos de forma que eles evitem essas coisas que são a base para as impurezas. Essas coisas que são a base para as

impurezas não se tornam manifestas na Sangha até que a Sangha tenha alcançado o ápice do ganho mundano ... da fama ... do grande aprendizado ... da reputação por muito tempo; mas quando a Sangha tiver alcançado o ápice do ganho mundano ... da fama ... do grande aprendizado ... da reputação por muito tempo, então essas coisas que são a base para as impurezas se manifestarão na Sangha, e então o Mestre comunica a regra de treinamento para os discípulos de forma que eles evitem essas coisas que são a base para as impurezas.

32. “Haviam poucos *bhikkhus*, Bhaddali, quando eu ensinei o Dhamma através do símile do potro puro-sangue. Você se lembra disso, Bhaddali?”

“Não, venerável senhor.”

“A que você atribui isso?”

“Venerável senhor, há muito tempo sou um daqueles que não completou o treinamento contido na Revelação do Mestre.”

“Essa não é a única causa ou única razão. Pois ao abranger a sua mente com a minha mente, há muito tempo eu o conheço assim: ‘Quando estou ensinando o Dhamma, este homem tolo não dá importância, não dá atenção, não se engaja com toda a mente, não ouve o Dhamma com ouvidos ávidos.’ Mesmo assim, Bhaddali, eu lhe ensinarei o Dhamma através do símile do potro puro-sangue. Ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, venerável senhor,” o venerável Bhaddali respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

33. “Bhaddali, suponha que um treinador habilidoso de cavalos obtenha um fino potro puro-sangue. Ele primeiro faz com que o potro se acostume a usar o cabresto. Enquanto ele estiver sendo acostumado a usar o cabresto, porque ele está fazendo algo que nunca fez antes, ele se contorcerá, ficará atormentado e vacilará, mas através da repetição constante e da prática gradual, ele se pacifica naquela ação.

“Quando o potro tiver se pacificado naquela ação, o treinador de cavalos progredirá fazendo com que ele se acostume aos arreios. Enquanto ele estiver sendo acostumado aos arreios, porque ele está fazendo algo que nunca fez antes, ele se contorcerá, ficará atormentado e vacilará, mas através da repetição constante e da prática gradual, ele se pacifica naquela ação.

“Quando o potro tiver se pacificado naquela ação, o treinador de cavalos progredirá fazendo com que ele se comporte mantendo o passo, marchando em círculos, empinando, galopando, acelerando, com as qualidades reais, com a herança real, com a mais alta velocidade, com a maior agilidade, com a mais elevada docilidade. Enquanto ele estiver sendo acostumado aos arreios, porque ele está fazendo algo que nunca fez antes, ele se

contorcerá, ficará atormentado e vacilará, mas através da repetição constante e da prática gradual, ele se pacifica naquela ação.

“Quando o potro tiver se pacificado nessas ações, o treinador de cavalos o recompensará ainda mais com uma massagem e escovação. Quando um fino potro puro-sangue possui esses dez elementos, ele é digno de um rei, de estar a serviço do rei e considerado como um dos tesouros de um rei.

34. “Da mesma forma, Bhaddali, quando um *bhikkhu* possui dez qualidades, ele é merecedor de dádivas, merecedor de hospitalidade, merecedor de oferendas, merecedor de saudações com reverência, um campo inigualável de mérito para o mundo. Quais são as dez? Aqui, Bhaddali, um *bhikkhu* possui o entendimento correto daquele que está além do treinamento, [xlvi](#) o pensamento correto daquele que está além do treinamento, a linguagem correta daquele que está além do treinamento, a ação correta daquele que está além do treinamento, o modo de vida correto daquele que está além do treinamento, o esforço correto daquele que está além do treinamento, a atenção plena correta daquele que está além do treinamento, a concentração correta daquele que está além do treinamento, o conhecimento correto daquele que está além do treinamento e a libertação correta daquele que está além do treinamento. Quando um *bhikkhu* possui essas dez qualidades, ele é merecedor de dádivas, merecedor de hospitalidade, merecedor de oferendas, merecedor de saudações com reverência, um campo inigualável de mérito para o mundo.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Bhaddali ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

66 *Latukikopama Sutta*

O Símile da Codorna

A importância de abandonar todos os apegos

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Anguttarapas numa cidade denominada Apana.
2. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Apana para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Apana e de haver retornado, após a refeição ele foi até um certo bosque para passar o resto do dia. Tendo entrado no bosque, ele sentou à sombra de uma árvore.
3. Ao amanhecer, o venerável Udayin se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, ele também foi para Apana para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Apana e de haver retornado, após a refeição ele foi até o mesmo bosque para passar o resto do dia. Tendo entrado no bosque, ele sentou à sombra de uma árvore.

4. Então, enquanto o venerável Udayin estava só em meditação, o seguinte pensamento lhe ocorreu: “De quantos estados aflitivos o Abençoado nos libertou! Quantos estados prazerosos o Abençoado nos trouxe! De quantos estados prejudiciais o Abençoado nos libertou! Quantos estados benéficos o Abençoado nos trouxe!”

5. Então, ao anoitecer, o venerável Udayin se levantou da meditação e foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse:

6. “Aqui, venerável senhor, enquanto eu estava só em meditação, o seguinte pensamento me ocorreu: ‘De quantos estados aflitivos o Abençoado nos libertou! ... Quantos estados benéficos o Abençoado nos trouxe!’ Venerável senhor, no passado costumávamos comer à noite, pela manhã e durante o dia, fora do horário apropriado. Então, houve uma ocasião em que o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: ‘*Bhikkhus* por favor abandonem essa refeição durante o dia, fora do horário apropriado.’ Venerável senhor, eu fiquei preocupado e triste, pensando: ‘Chefes de família dedicados nos dão bons alimentos de vários tipos durante o dia, fora do horário apropriado, no entanto, o Abençoado nos diz para abandonar isso, o Sublime nos diz para renunciar a isso.’ Com base no amor e respeito pelo Abençoado e pelo temor e vergonha de cometer uma transgressão, nós abandonamos aquela refeição durante o dia, fora do horário apropriado.

“Então apenas comíamos à noite e pela manhã. Então houve uma ocasião em que o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: ‘*Bhikkhus* por favor abandonem essa refeição noturna, que está fora do horário apropriado.’ Venerável senhor, eu fiquei preocupado e triste, pensando: ‘O Abençoado nos diz para abandonar a mais suntuosa dentre as nossas duas refeições, o Sublime nos diz para renunciá-la.’ Certa vez, venerável senhor, um certo homem havia ganhado um tanto de sopa durante o dia e ele disse: ‘Coloquemos isso de lado para que comamos juntos à noite.’ [Quase] toda cocção é feita à noite, pouca durante o dia. Com base no amor e respeito pelo Abençoado e pelo temor e vergonha de cometer uma transgressão, nós abandonamos aquela refeição à noite fora do horário apropriado.

“Já aconteceu, venerável senhor, que *bhikkhus* perambulando por alimentos no negrume da noite acabaram caindo numa fossa, num esgoto, se meteram num arbusto espinhoso e tropeçaram numa vaca dormente; eles encontraram criminosos que já haviam cometido crime e aqueles que estavam planejando cometê-lo, e eles foram seduzidos por mulheres. Certa vez, venerável senhor, eu fui perambular por alimentos no negrume da noite. Uma mulher lavando um pote me viu através do clarão de um relâmpago e gritou horrorizada: ‘Piedade, o diabo veio me buscar!’ Eu lhe disse: ‘Irmã, eu não sou o diabo, eu sou um *bhikkhu* perambulando por alimentos’ – ‘Então é um *bhikkhu* cuja mãe e pai faleceram! Melhor, *bhikkhu*, que você tenha a sua barriga cortada por uma faca afiada de açougueiro do que essa ronda por esmolas no negrume da noite em benefício da sua barriga!’ Venerável senhor, quando recordo disso eu penso: ‘De quantos estados aflitivos o Abençoado nos libertou! Quantos estados prazerosos o Abençoado nos trouxe! De quantos estados prejudiciais o Abençoado nos libertou! Quantos estados benéficos o Abençoado nos trouxe!’”

7. “Da mesma forma, Udayin, aqui há certos homens tolos e quando lhes digo, ‘Abandonem isso,’ dizem: ‘O quê, essa mera trivialidade, uma coisa tão insignificante como essa? Esse contemplativo é exigente demais!’ E eles não abandonam isso, eles demonstram descortesia em relação a mim bem como em relação àqueles *bhikkhus* que desejam ser treinados. Para eles, essa coisa se torna um atilho forte, grosso, durável e resistente, e um grilhão pesado.

8. “Suponha, Udayin, que uma codorna estivesse atada por uma trepadeira apodrecida e devido a isso ela pudesse esperar uma lesão, cativo ou morte. Agora suponha que alguém dissesse: ‘A trepadeira apodrecida pela qual essa codorna está atada, sendo que por causa dela ela pode esperar uma lesão, cativo ou morte, é para ela um atilho débil, fraco, podrido e vazio.’ Ele estaria falando corretamente?”

“Não, venerável senhor. Pois, para aquela codorna, a trepadeira apodrecida pela qual ela está atada, sendo que por causa dela ela pode esperar uma lesão, cativo ou morte, é um atilho forte, grosso, durável e resistente, e um grilhão pesado.”

“Da mesma forma, Udayin, aqui há certos homens tolos e quando lhes digo ‘Abandonem isso,’ ... não abandonam, eles demonstram descortesia em relação a mim bem como em relação àqueles *bhikkhus* que desejam ser treinados. Para eles, essa coisa se torna um atilho forte, grosso, durável e resistente e um grilhão pesado.

9. “Udayin, aqui há certos membros de clãs e quando lhes digo ‘Abandonem isso,’ dizem: ‘O quê, essa mera trivialidade, uma coisa tão insignificante como essa o Abençoado nos diz para abandonar, o Sublime nos diz para renunciar.’ No entanto, eles abandonam isso e não demonstram descortesia em relação a mim, nem em relação àqueles *bhikkhus* que desejam ser treinados. Ao abandonar isso, vivem em paz, serenos, subsistindo daquilo que os outros dão, permanecendo com a mente [desapegada] como um gamo selvagem. Para eles, essa coisa se torna um atilho débil, fraco, podrido e vazio.

10. “Suponha, Udayin, que um elefante real com as presas tão longas quanto os eixos de uma carruagem, maduro em tamanho, com bom pedigree e acostumado às batalhas, fosse atado com fortes correias de couro, mas que só com uma pequena torcida do corpo ele pudesse romper e arrebentar as correias e depois pudesse ir aonde ele desejasse. Agora, suponha que alguém dissesse: ‘As fortes correias de couro pelas quais este elefante real está atado ... são para ele um atilho forte, grosso, durável e resistente, e um grilhão pesado.’ Ele estaria falando da forma correta?”

“Não, venerável senhor. As fortes correias de couro pelas quais aquele elefante real está atado e que só com uma pequena torcida do corpo ele poderia rompê-las e arrebentá-las e depois poderia ir aonde ele desejasse, são para ele um atilho débil, fraco, podrido e vazio.”

“Da mesma forma, Udayin, aqui há certos membros de clãs, e quando lhes digo ‘Abandonem isso,’ ... abandonam isso, eles não demonstram descortesia em relação a mim, nem em relação àqueles *bhikkhus* que desejam ser treinados. Ao abandonar isso,

vivem em paz, serenos, subsistindo daquilo que os outros dão, permanecendo com a mente [desapegada] como um gamo selvagem. Para eles, essa coisa se torna um atilho débil, fraco, podrido e vazio.

11. “Suponha, Udayin, que houvesse um homem pobre, sem dinheiro, destituído e que ele tivesse uma cabana dilapidada aberta aos corvos, não do melhor tipo, e um estrado trançado dilapidado, não do melhor tipo, e um pouco de grãos e sementes de abóbora num pote, não do melhor tipo, e uma bruxa como esposa, não do melhor tipo. Pode ser que ele visse um *bhikkhu* num parque dum monastério sentado à sombra de uma árvore, com as mãos e os pés bem lavados depois de ter comido uma refeição deliciosa, dedicando-se à mente superior. Ele poderia pensar: ‘Que prazerosa é a situação daquele contemplativo! Que saudável é a situação daquele contemplativo! Se eu pudesse raspar o meu cabelo e barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família para seguir a vida santa!’ Mas sendo incapaz de abandonar a sua cabana dilapidada aberta aos corvos, ... o seu estrado trançado dilapidado ... o seu pouco de grãos e sementes de abóbora num pote ... a sua bruxa como esposa, ele é incapaz de raspar o cabelo e barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família para seguir a vida santa. Agora, suponha que alguém dissesse: ‘Os atilhos pelos quais aquele homem está atado, de modo que ele não é capaz de abandonar a sua cabana dilapidada ... e a sua bruxa como esposa, e de raspar o cabelo e barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família para seguir a vida santa – para ele, são um atilho débil, fraco, podrido e vazio.’ Ele estaria falando da forma correta?”

“Não, venerável senhor. ‘Os atilhos pelos quais aquele homem está atado são um atilho forte, grosso, durável e resistente, e um grilhão pesado.’”

“Da mesma forma, Udayin, aqui há certos homens tolos e quando lhes digo ‘Abandonem isso,’ ... não abandonam, eles demonstram descortesia em relação a mim bem como em relação àqueles *bhikkhus* que desejam ser treinados. Para eles, essa coisa se torna um atilho forte, grosso, durável e resistente, e um grilhão pesado.

12. “Suponha, Udayin, que houvesse um rico chefe de família ou filho de um chefe de família, com grande riqueza e posses, com uma grande quantidade de barras de ouro, uma grande quantidade de celeiros, uma grande quantidade de campos, uma grande extensão de terras, inúmeras esposas e uma grande quantidade de escravos e escravas. Pode ser que ele visse um *bhikkhu* num parque dum monastério sentado à sombra de uma árvore, com as mãos e os pés bem lavados depois de ter comido uma refeição deliciosa, dedicando-se à mente superior. Ele poderia pensar: ‘Que prazerosa é a situação daquele contemplativo! Que saudável é a situação daquele contemplativo! Se eu pudesse raspar o meu cabelo e barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família para seguir a vida santa!’ E sendo capaz de abandonar as suas inúmeras barras de ouro ... os seus inúmeros celeiros ... os seus inúmeros campos ... a sua grande extensão de terras ... as suas inúmeras esposas ... os seus inúmeros escravos e escravas, ele é capaz de raspar o seu cabelo e barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família para seguir a vida santa. Agora, suponha que alguém dissesse: ‘Os atilhos pelos quais aquele homem está atado, de modo que ele é capaz de abandonar as suas inúmeras barras de ouro ... os seus inúmeros escravos e

escravas, e raspar o seu cabelo e barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família para seguir a vida santa - para ele, eles são um atilho forte, grosso, durável e resistente.’ Ele estaria falando da forma correta?”

“Não, venerável senhor. ‘Os atilhos pelos quais aquele homem está atado são um atilho débil, fraco, podrido e vazio.’”

“Da mesma forma, Udayin, aqui há certos membros de clãs, e quando lhes digo ‘Abandonem isso,’ ... abandonam isso, eles não demonstram descortesia em relação a mim, nem em relação àqueles *bhikkhus* que desejam ser treinados. Ao abandonar isso, vivem em paz, serenos, subsistindo daquilo que os outros dão, permanecendo com a mente [desapegada] como um gamo selvagem. Para eles, essa coisa se torna um atilho débil, fraco, podrido e vazio.

13. “Udayin, existem quatro tipos de pessoas que podem ser encontradas no mundo. Quais quatro?”

14. “Aqui, Udayin, certa pessoa pratica o caminho para o abandono das aquisições, para a renúncia às aquisições. Enquanto ela está assim praticando, memórias e intenções associadas com as aquisições a incomodam. Ela as tolera. ela não as abandona, não as remove, não as elimina e não as aniquila. Tal pessoa eu chamo de presa por grilhões, não livre de grilhões. Por que isso? Porque eu conheço a diversidade particular das faculdades nessa pessoa.

15. “Aqui, Udayin, certa pessoa pratica o caminho para o abandono das aquisições para a renúncia às aquisições. Enquanto ela está assim praticando, memórias e intenções associadas com as aquisições a incomodam. Ela não as tolera, ela as abandona, remove, elimina e aniquila. Tal pessoa também, eu chamo de presa por grilhões, não livre de grilhões. Por que isso? Porque eu conheço a diversidade particular das faculdades nessa pessoa.

16. “Aqui, Udayin, certa pessoa pratica o caminho para o abandono das aquisições para a renúncia às aquisições. Enquanto ela está assim praticando, memórias e intenções associadas com as aquisições a incomodam de vez em quando devido a lapsos na atenção plena. A sua atenção plena pode ser lenta no seu surgimento, mas ela rapidamente as abandona, remove, elimina e aniquila. Como se um homem deixasse cair duas ou três gotas d’água sobre uma chapa de ferro aquecida durante todo um dia, a queda das gotas poderia ser lenta mas elas se vaporizariam rapidamente e desapareceriam. Da mesma forma, aqui certa pessoa pratica o caminho ... A sua atenção plena pode ser lenta no seu surgimento, mas ela rapidamente as abandona, remove, elimina e aniquila. Tal pessoa eu também chamo de presa por grilhões, não livre de grilhões. Por que isso? Porque eu conheço a diversidade particular das faculdades nessa pessoa.

17. “Aqui, Udayin, certa pessoa, tendo compreendido que as aquisições são a raiz do sofrimento, se livra das aquisições e é libertada através da destruição das aquisições. Tal

pessoa eu chamo de livre de grilhões e não presa por grilhões. Por que isso? Porque eu conheço a diversidade particular das faculdades nessa pessoa.

18. “Existem, Udayin, esses cinco elementos do prazer sensual. Quais cinco? Formas conscientizadas através do olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Sons conscientizados através do ouvido ... Aromas conscientizados através do nariz ... Sabores conscientizados através da língua ... Tangíveis conscientizados através do corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Esses são os cinco elementos do prazer sensual.

19. “Agora, Udayin, o prazer e a alegria que surge na dependência desses cinco elementos do prazer sensual é chamado de prazer sensual – um prazer baixo, um prazer grosseiro, um prazer ignóbil. Eu digo desse tipo de prazer que não deve ser buscado, não deve ser desenvolvido, não deve ser cultivado e que deve ser temido.

20. “Agora, Udayin, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, um *bhikkhu* entra e permanece no primeiro *jhana* ... abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* ... abandonando o êxtase ... um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* ... com o completo desaparecimento da felicidade ... um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana* ...

21. “Isto é chamado de felicidade da renúncia, a felicidade do afastamento, a felicidade da paz, a felicidade da iluminação. ^{xlvi} Eu digo desse tipo de prazer que ele deve ser buscado, deve ser desenvolvido, deve ser cultivado e que não deve ser temido.

22. “Aqui, Udayin, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, um *bhikkhu* entra e permanece no primeiro *jhana* ... Agora isso, eu digo, faz parte do perturbável. E nisso, o que faz parte do perturbável? O pensamento aplicado e sustentado que ainda não cessou, isso é o que faz parte do perturbável.

23. “Aqui, Udayin, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* ... Agora isto, eu digo, também faz parte do perturbável. E nisso, o que faz parte do perturbável? O êxtase e a felicidade que ainda não cessaram, isso é o que faz parte do perturbável.

24. “Aqui, Udayin, abandonando o êxtase ... um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* ... Agora isto, eu digo, também faz parte do perturbável. E nisso, o que faz parte do perturbável? A equanimidade e a felicidade que ainda não cessaram, isso é o que faz parte do perturbável.

25. “Aqui, Udayin, com o completo desaparecimento da felicidade ... um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana* ... Agora isto, eu digo, faz parte do imperturbável.

26. “Aqui, Udayin, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, um *bhikkhu* entra e permanece no primeiro *jhana* ... Isso, eu digo, não é o bastante. Abandone isso, eu digo; supere isso, eu digo. E o que supera isso?
27. “Aqui, Udayin, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* ... Isso supera aquilo. Mas isso também, eu digo, não é o bastante. Abandone isso, eu digo; supere isso, eu digo. E o que supera isso?
28. “Aqui, Udayin, abandonando o êxtase ... um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* ... Isso supera aquilo. Mas isso também, eu digo, não é o bastante. Abandone isso, eu digo; supere isso, eu digo. E o que supera isso?
29. “Aqui, Udayin, com o completo desaparecimento da felicidade ... um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana* ... Isso supera aquilo. Mas isso também, eu digo, não é o bastante. Abandone isso, eu digo; supere isso, eu digo. E o que supera isso?
30. “Aqui, Udayin, com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente de que o ‘espaço é infinito,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base do espaço infinito. Isso supera aquilo. Mas isso também, eu digo, não é o bastante. Abandone isso, eu digo; supere isso, eu digo. E o que supera isso?
31. “Aqui, Udayin, com a completa superação da base do espaço infinito, consciente de que a ‘consciência é infinita,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base da consciência infinita. Isso supera aquilo. Mas isso também, eu digo, não é o bastante. Abandone isso, eu digo; supere isso, eu digo. E o que supera isso?
32. “Aqui, Udayin, com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ um *bhikkhu* entra e permanece na base do nada. Isso supera aquilo. Mas isso também, eu digo, não é o bastante. Abandone isso, eu digo; supere isso, eu digo. E o que supera isso?
33. “Aqui, Udayin, com a completa superação da base do nada, um *bhikkhu* entra e permanece na base da nem percepção, nem não percepção. Isso supera aquilo. Mas isso também, eu digo, não é o bastante. Abandone isso, eu digo; supere isso, eu digo. E o que supera isso?
34. “Aqui, Udayin, com a completa superação da base da nem percepção, nem não percepção, um *bhikkhu* entra e permanece na cessação da percepção e sensação. [xlix](#) Isso supera aquilo. Portanto, eu digo, para abandonar até mesmo a base da nem percepção, nem não percepção. Você vê, Udayin, algum grilhão, pequeno ou grande, cujo abandono eu não afirmo?”

“Não, venerável senhor.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Udayin ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

67 *Catuma Sutta*

Em Catuma

Os quatro perigos para aqueles que seguem a vida santa

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Catuma num bosque de prunos.
2. Agora, naquela ocasião quinhentos *bhikkhus* liderados pelo venerável Sariputta e pelo venerável Maha Moggallana vieram até Catuma para ver o Abençoado. Enquanto os *bhikkhus* visitantes estavam cumprimentando os *bhikkhus* residentes, estavam preparando os lugares para descanso, guardando as suas tigelas e mantos externos, eles faziam muito ruído e barulho.
3. Então o Abençoado se dirigiu ao venerável Ananda assim: “Ananda, quem são essas pessoas ruidosas e barulhentas? Alguém poderia pensar que eles são pescadores apregoando peixes.”

“Venerável senhor, eles são os quinhentos *bhikkhus* liderados pelo venerável Sariputta e pelo venerável Maha Moggallana que vieram até Catuma para ver o Abençoado.”

4. “Então, Ananda, diga a esses *bhikkhus* em meu nome que o Mestre chama os veneráveis.”

“Sim, venerável senhor,” ele respondeu e foi até aqueles *bhikkhus* e lhes disse: “O Mestre chama os veneráveis.”

“Sim, amigo,” eles responderam e foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentaram a um lado. Estando sentados o Abençoado lhes perguntou: “*Bhikkhus* por que vocês são tão ruidosos e barulhentos? Alguém poderia pensar que vocês são pescadores apregoando peixes.”

“Venerável senhor, nós somos os quinhentos *bhikkhus* liderados pelo venerável Sariputta e pelo venerável Maha Moggallana que viemos até Catuma para ver o Abençoado. E foi enquanto nós, *bhikkhus* visitantes, cumprimentávamos os *bhikkhus* residentes, preparávamos os lugares para descanso, guardávamos as nossas tigelas e mantos externos, que fizemos muito ruído e barulho.”

5. “Vão, *bhikkhus*, eu os dispense. Vocês não podem estar comigo.”

“Sim, venerável senhor,” eles responderam e se levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, guardaram as coisas nos seus devidos lugares e tomando a tigela e o manto externo, partiram.

6. Agora, naquela ocasião os Sakyas de Catuma haviam se reunido no seu salão de assembléias para tratar de negócios. Vendo os *bhikkhus* vindo à distância, eles foram até eles e perguntaram: “Onde vocês estão indo, veneráveis senhores?”

“Amigos, a Sangha dos *bhikkhus* foi dispensada pelo Abençoado.”

“Então, que os veneráveis sentem um pouco. Talvez nós possamos restaurar a confiança dele.” “Sim, amigos, eles responderam.

7. Então, os Sakyas de Catuma foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentaram a um lado e disseram:

“Venerável senhor, que o Abençoado se deleite com a Sangha dos *bhikkhus*; venerável senhor, que o Abençoado dê as boas vindas à Sangha dos *bhikkhus*; venerável senhor, que o Abençoado demonstre compaixão para com Sangha dos *bhikkhus* agora, tal como ele costumava demonstrar compaixão para com eles no passado. Venerável senhor, aqui há *bhikkhus* novos, que acabam de entrar para a vida santa, que recém-chegaram neste Dhamma e Disciplina. Se eles não tiverem a oportunidade de ver o Abençoado, poderá ocorrer neles alguma mudança ou alteração. Venerável senhor, tal como quando mudas tenras não obtêm água, poderá nelas ocorrer alguma mudança ou alteração, assim também, venerável senhor, há *bhikkhus* novos, que acabam de entrar para a vida santa, que recém-chegaram neste Dhamma e Disciplina. Se eles não tiverem a oportunidade de ver o Abençoado, poderá ocorrer neles alguma mudança ou alteração. Venerável senhor, tal como quando um bezerro tenro não vê a mãe, poderá nele ocorrer alguma mudança ou alteração, assim também, venerável senhor, há *bhikkhus* novos, que acabam de entrar para a vida santa, que recém-chegaram neste Dhamma e Disciplina. Se eles não tiverem a oportunidade de ver o Abençoado, poderá ocorrer neles alguma mudança ou alteração. Venerável senhor, que o Abençoado se deleite com a Sangha dos *bhikkhus*; venerável senhor, que o Abençoado dê as boas vindas à Sangha dos *bhikkhus*; venerável senhor, que o Abençoado demonstre compaixão para com Sangha dos *bhikkhus* agora, como ele costumava demonstrar compaixão para com eles no passado.”

8. Então o *Brahma Sahampati*¹ soube com a sua mente o pensamento na mente do Abençoado, então, com a mesma rapidez com que um homem forte pode estender o seu braço flexionado ou flexionar o seu braço estendido, *Brahma Sahampati* desapareceu do mundo de *Brahma* e apareceu na frente do Abençoado. Ele arrumou o seu manto externo sobre o ombro e juntou as mãos numa reverenciosa saudação, dizendo:

9. “Venerável senhor, que o Abençoado se deleite com a Sangha dos *bhikkhus*; venerável senhor, que o Abençoado dê as boas vindas à Sangha dos *bhikkhus* ... (igual ao verso 7) ... agora, como ele costumava demonstrar compaixão para com eles no passado.”

10. Os Sakyas de Catuma e o *Brahma Sahampati* foram capazes de restaurar a confiança do Abençoado com os símiles das mudas e do bezerro tenro.

11. Então, o venerável Maha Moggallana se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: “Levantem-se, amigos, tomem as suas tigelas e os mantos externos. A confiança foi restaurada no Abençoado pelos Sakyas de Catuma e pelo *Brahma* Sahampati com os símiles das mudas e do bezerro tenro.”

12. “Sim, amigo,” eles responderam e tomando as tigelas e os mantos externos eles foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentaram a um lado. Depois de terem feito isso o Abençoado perguntou ao venerável Sariputta: “O que você pensou, Sariputta, quando a Sangha dos *bhikkhus* foi por mim dispensada?”

“Venerável senhor, eu pensei o seguinte: ‘A Sangha dos *bhikkhus* foi dispensada pelo Abençoado. O Abençoado irá agora permanecer inativo, dedicado a uma estada prazerosa aqui e agora, e nós também deveríamos permanecer inativos, dedicados a uma estada prazerosa aqui e agora.’”

“Pare, Sariputta, pare! Você não deve mais entreter esse tipo de pensamento.”

13. Então, o Abençoado se dirigiu ao venerável Maha Moggallana: “O que você pensou, Moggallana, quando a Sangha dos *bhikkhus* foi por mim dispensada?”

“Venerável senhor, eu pensei o seguinte: ‘A Sangha dos *bhikkhus* foi dispensada pelo Abençoado. O Abençoado irá agora permanecer inativo, dedicado a uma estada prazerosa aqui e agora. Agora, o venerável Sariputta e eu iremos liderar a Sangha dos *bhikkhus*.’”

“Muito bem, Moggallana! Ou eu devo liderar a Sangha dos *bhikkhus* ou então Sariputta e Moggallana devem liderá-la.

14. Então, o Abençoado dirigiu-se aos *bhikkhus* da seguinte forma:

“*Bhikkhus*, há esses quatro tipos de medo que podem ser esperados por aqueles que entram na água. Quais são os quatro? Eles são: medo das ondas, medo dos crocodilos, medo dos redemoinhos e o medo dos tubarões. Esses são os quatro tipos de medo que podem ser esperados por aqueles que entram na água.

15. “Da mesma forma, *bhikkhus*, há quatro tipos de medo que podem ser esperados por certas pessoas que deixaram a vida em família e seguiram a vida santa neste Dhamma e Disciplina. Quais são os quatro? Eles são: medo das ondas, medo dos crocodilos, medo dos redemoinhos e o medo dos tubarões.

16. “O que, *bhikkhus*, é o medo das ondas? Aqui, um membro de um clã com base na fé deixa a vida em família e segue a vida santa, considerando: ‘Eu sou uma vítima do nascimento, envelhecimento e morte, da tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero; eu sou uma vítima do sofrimento, uma presa do sofrimento. Com certeza, um fim a toda essa massa de sofrimento pode ser apreendido.’ Então, depois dele ter assim seguido a vida santa, os seus companheiros na vida santa o aconselham e instruem assim: ‘Você deve se mover de cá para lá assim; você deve olhar para frente e para o lado assim; você

deve flexionar e estender os membros assim; você deve usar o manto de retalhos, a tigela e o manto externo assim.’ Então, ele pensa: ‘Antes, quando vivíamos em família, nós aconselhávamos e instruíamos os outros, e agora esses [*bhikkhus*], que, parece, poderiam ser nossos filhos ou netos, pensam que podem nos aconselhar e instruir.’ E assim ele abandona o treinamento e reverte à vida inferior. Ele é chamado aquele que abandonou o treinamento e regressou para a vida comum porque ele ficou assustado com o medo das ondas. Agora ‘ondas’ é um termo para a desesperança enraivecida.

17. “O que, *bhikkhus*, é o medo dos crocodilos? Aqui, um membro de um clã com base na fé deixa a vida em família e segue a vida santa, considerando: ‘Eu sou uma vítima do nascimento, envelhecimento e morte, da tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero; eu sou uma vítima do sofrimento, uma presa do sofrimento. Com certeza, um fim a toda essa massa de sofrimento pode ser apreendido.’ Então, depois dele ter assim seguido a vida santa, os seus companheiros na vida santa o aconselham e instruem assim: ‘Isto pode ser consumido por você, isso não pode ser consumido por você; isso pode ser comido por você, isso não pode ser comido por você; isso pode ser provado por você, isso não pode ser provado por você; isso pode ser bebido por você, isso não pode ser bebido por você. ⁱⁱ Você pode consumir aquilo que é permitido, você não pode consumir aquilo que não é permitido; você pode comer aquilo que é permitido, você não pode comer aquilo que não é permitido; você pode provar aquilo que é permitido, você não pode provar aquilo que não é permitido; você pode beber aquilo que é permitido, você não pode beber aquilo que não é permitido. Você pode consumir comida dentro do horário apropriado, você não pode consumir comida fora do horário apropriado; você pode comer dentro do horário apropriado, você não pode comer fora do horário apropriado; você pode provar comida dentro do horário apropriado, você não pode provar comida fora do horário apropriado; você pode beber dentro do horário apropriado, você não pode beber fora do horário apropriado.

“Então, ele pensa: ‘Antes, quando vivíamos em família, nós consumíamos aquilo que gostávamos e não consumíamos aquilo que não gostávamos; nós comíamos aquilo que gostávamos e não comíamos aquilo que não gostávamos; nós provávamos aquilo que gostávamos e não provávamos aquilo que não gostávamos; nós bebíamos aquilo que gostávamos e não bebíamos aquilo que não gostávamos. Nós consumíamos aquilo que era permitido e aquilo que não era permitido; nós comíamos aquilo que era permitido e aquilo que não era permitido; nós provávamos aquilo que era permitido e aquilo que não era permitido; nós bebíamos aquilo que era permitido e aquilo que não era permitido. Nós consumíamos comida dentro do horário apropriado e fora do horário apropriado; nós comíamos dentro do horário apropriado e fora do horário apropriado; nós provávamos comida dentro do horário apropriado e fora do horário apropriado; nós bebíamos dentro do horário apropriado e fora do horário apropriado. Agora, quando chefes de família devotos nos dão bons alimentos de vários tipos durante o dia, fora do horário apropriado, é como se esses [*bhikkhus*] colocassem uma mordaca nas nossas bocas.’ E assim ele abandona o treinamento e reverte à vida inferior. Ele é chamado aquele que abandonou o treinamento e regressou para a vida comum porque ele ficou assustado com o medo dos crocodilos. Agora ‘crocodilos’ é um termo para a gula.

18. “O que, *bhikkhus*, é o medo dos redemoinhos? Aqui, um membro de um clã com base na fé, deixa a vida em família e segue a vida santa, considerando: ‘Eu sou uma vítima do nascimento, envelhecimento e morte, da tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero; eu sou uma vítima do sofrimento, uma presa do sofrimento. Com certeza, um fim a toda essa massa de sofrimento pode ser apreendido.’ Então, depois dele ter assim seguido a vida santa, ao amanhecer ele se veste, e tomando a tigela e o manto externo ele vai para um vilarejo ou cidade esmolar alimentos, com o corpo descuidado, com a linguagem descuidada, com a atenção plena não estabelecida e com as faculdades dos sentidos descontroladas. Ele vê algum chefe de família ou o filho de um chefe de família provido e dotado com os cinco elementos do prazer sensual desfrutando deles com prazer. Ele pensa o seguinte: ‘Antes, quando vivíamos a vida em família, éramos providos e dotados com os cinco elementos do prazer sensual e nós desfrutávamos deles com prazer. Minha família tem riqueza; eu posso tanto desfrutar da riqueza como realizar méritos.’ E assim ele abandona o treinamento e reverte à vida inferior. Ele é chamado aquele que abandonou o treinamento e regressou para a vida comum porque ele ficou assustado com o medo dos redemoinhos. Agora ‘redemoinhos’ é um termo para os cinco elementos do prazer sensual.

19. “O que, *bhikkhus*, é o medo dos tubarões? Aqui, um membro de um clã com base na fé deixa a vida em família e segue a vida santa, considerando: ‘Eu sou uma vítima do nascimento, envelhecimento e morte, da tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero; eu sou uma vítima do sofrimento, uma presa do sofrimento. Com certeza, um fim a toda essa massa de sofrimento pode ser apreendido.’ Então, depois dele ter assim seguido a vida santa, ao amanhecer ele se veste, e tomando a tigela e o manto externo ele vai para um vilarejo ou cidade esmolar alimentos, com o corpo descuidado, com a linguagem descuidada, com a atenção plena não estabelecida e com as faculdades dos sentidos descontroladas. Ele vê uma mulher vestida com pouca roupa. Ao ver tal mulher, a paixão infecta a sua mente. Como a sua mente está infectada pela paixão, ele abandona o treinamento e reverte à vida inferior. Ele é chamado aquele que abandonou o treinamento e regressou para a vida comum porque ele ficou assustado com o medo dos tubarões. Agora ‘tubarões’ é um termo para as mulheres.

20. “*Bhikkhus*, esses são os quatro tipos de medo que podem ser esperados por certas pessoas que deixaram a vida em família e seguiram a vida santa neste Dhamma e Disciplina

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

68 Natakapana Sutta

Em Natakapana

O nível de realização de um discípulo depois da sua morte

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Kosalas em Natakapana, no Bosque de Palasa.

2. Agora, naquela ocasião havia muitos membros de clãs bem conhecidos que com base na fé tinham deixado a vida em família e seguido a vida santa sob o Abençoado – o venerável Anuruddha, o venerável Nandiya, o venerável Kimbila, o venerável Bhagu, o venerável Kundadhana, o venerável Revata, o venerável Ananda, e outros bem conhecidos membros de clãs.

3. E naquela ocasião, o Abençoado estava sentado ao ar livre circundado pela Sangha dos *bhikkhus*. Então, referindo-se a esses membros de clãs, ele se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: “*Bhikkhus*, esses membros de clãs que com base na fé deixaram a vida em família e seguiram a vida santa sob mim – eles se deliciam com a vida santa?”

Quando isso foi dito, aqueles *bhikkhus* permaneceram em silêncio.

4. Então o Abençoado pensou o seguinte: “E se eu questionasse esses membros de clãs?”

Então ele se dirigiu ao venerável Anuruddha da seguinte forma: “Anuruddha, vocês todos se deliciam com a vida santa?”

“Com certeza. venerável senhor, nós nos deliciamos com a vida santa.”

5. “Muito bem, Anuruddha! É apropriado que todos vocês, membros de clãs, que pela fé deixaram a vida em família e seguiram a vida santa, se deliciem com a vida santa. Visto que, ainda dotados das bênçãos da juventude, jovens com o cabelo negro com o vigor da juventude, vocês poderiam estar desfrutando dos prazeres sensuais, no entanto, vocês abandonaram a vida em família e seguiram a vida santa. Não foi por terem sido induzidos por reis que vocês deixaram a vida em família e seguiram a vida santa, ou por ladrões, ou devido a dívidas, ou por necessitar de um meio de sobrevivência. Ao invés disso, vocês deixaram a vida em família, para seguir a vida santa pela fé, depois de considerar o seguinte: ‘Eu sou uma vítima do nascimento, envelhecimento e morte, da tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero; eu sou uma vítima do sofrimento, uma presa do sofrimento. Com certeza, um fim a toda essa massa de sofrimento pode ser apreendido?’” – “Sim, venerável senhor.”

6. “O que, Anurudha, deve fazer um membro de clã que seguiu a vida santa? Enquanto ele ainda não tiver alcançado o êxtase e o prazer que estão afastados dos prazeres sensuais e afastados dos estados prejudiciais, ou algo ainda mais pacífico do que isso, ^{lii} a cobiça invadirá e permanecerá na sua mente, a má vontade invadirá e permanecerá na sua mente, a preguiça e o torpor invadirão e permanecerão na sua mente, a inquietação e a ansiedade invadirão e permanecerão na sua mente, a dúvida invadirá e permanecerá na sua mente, o descontentamento invadirá e permanecerá na sua mente, a fadiga invadirá e permanecerá na sua mente. Assim ocorre enquanto ele ainda não tiver alcançado o êxtase e o prazer que estão afastados dos prazeres sensuais e afastados dos estados prejudiciais, ou algo ainda mais pacífico que isso. Quando ele tiver alcançado o êxtase e o prazer que

estão afastados dos prazeres sensuais e afastados dos estados prejudiciais, ou algo ainda mais pacífico do que isso, a cobiça não invadirá e permanecerá na sua mente, a má vontade ... a preguiça e o torpor ... a inquietação e a ansiedade ... a dúvida ... o descontentamento ... a fadiga não invadirá e permanecerá na sua mente.

7. “É deste modo, Anuruddha, que vocês todos pensam de mim: ‘O *Tathagata* não abandonou as impurezas que contaminam, trazem a renovação dos seres, trazem problemas, amadurecem no sofrimento e conduzem ao futuro renascimento, envelhecimento e morte. É por isso que o *Tathagata* usa uma coisa depois de refletir, agüenta outra coisa depois de refletir, evita outra coisa depois de refletir e remove outra coisa depois de refletir?’” [liii](#)

“Não, venerável senhor, nós não pensamos assim do Abençoado. Nós pensamos do Abençoado o seguinte: O *Tathagata* abandonou as impurezas que contaminam, trazem a renovação dos seres, trazem problemas, amadurecem no sofrimento e conduzem ao futuro renascimento, envelhecimento e morte. É por isso que o *Tathagata* usa uma coisa depois de refletir, agüenta outra coisa depois de refletir, evita outra coisa depois de refletir e remove outra coisa depois de refletir.”

“Muito bem, Anuruddha! O *Tathagata* abandonou as impurezas que contaminam, trazem a renovação dos seres, trazem problemas, amadurecem no sofrimento e conduzem ao futuro renascimento, envelhecimento e morte; cortou-as pela raiz, fez como com um tronco de palmeira, eliminando-as de tal forma que não estarão mais sujeitas a um futuro surgimento. Tal como uma palmeira com o topo cortado é incapaz de crescer outra vez, da mesma forma, o *Tathagata* abandonou as impurezas que contaminam ... cortou-as pela raiz, fez como com um tronco de palmeira, eliminando-as de tal forma que não estarão mais sujeitas a um futuro surgimento.

8. “O que você pensa, Anuruddha? Qual o propósito do *Tathagata* ao declarar, quando um discípulo falece, o seu renascimento assim: ‘Fulano de tal renasceu em tal e qual lugar; beltrano de tal renasceu em tal e qual lugar?’” [liv](#)

“Venerável senhor, os nossos ensinamentos têm o Abençoado como origem, como guia e como refúgio. Seria bom se o Abençoado pudesse explicar o significado dessas palavras. Tendo ouvido do Abençoado, os *bhikkhus* o recordarão.”

9. “Anuruddha, não é com o propósito de fazer tramas para enganar as pessoas, ou com o propósito de lisonjear as pessoas, ou de obter ganho, honrarias ou fama, ou com o pensamento ‘Que as pessoas me conheçam dessa maneira,’ quando do falecimento de um discípulo, o *Tathagata* declara o seu renascimento assim: ‘Fulano de tal renasceu em tal e qual lugar; beltrano de tal renasceu em tal e qual lugar.’ Mas, sim, porque há devotos membros de clãs que se inspiram e se alegram com aquilo que é sublime, e que ao ouvirem isso, dirigirão as suas mentes para esse estado, e isso é para o bem-estar e felicidade deles por muito tempo.

10. “Aqui, um *bhikkhu* ouve o seguinte: ‘O *bhikkhu* fulano de tal morreu; o Abençoado declarou : “Ele estava fundamentado no conhecimento supremo.”’ E ele mesmo viu aquele venerável ou ouviu ser dito dele: ‘A virtude daquele venerável era assim, a sua concentração era assim, a sua sabedoria era assim, as suas realizações eram assim, a sua libertação era assim.’ Recordando-se da fé, virtude, aprendizado, generosidade e sabedoria dele, ele dirige a sua mente para esse estado. Dessa forma um *bhikkhu* tem uma estada confortável.

11. “Aqui, um *bhikkhu* ouve o seguinte: ‘O *bhikkhu* fulano de tal morreu; o Abençoado declarou a respeito dele: “Com a destruição dos cinco primeiros grilhões, ele renasceu espontaneamente [nas Moradas Puras] e lá irá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.”’ E ele mesmo viu aquele venerável ou ouviu ser dito dele: ‘A virtude daquele venerável era assim, a sua concentração era assim, a sua sabedoria era assim, as suas realizações eram assim, a sua libertação era assim.’ Recordando-se da fé, virtude, aprendizado, generosidade e sabedoria dele, ele dirige a sua mente para esse estado. Dessa forma um *bhikkhu* tem uma estada confortável.

12. “Aqui, um *bhikkhu* ouve o seguinte: ‘O *bhikkhu* fulano de tal morreu; o Abençoado declarou a respeito dele: “Com a destruição de três grilhões, e com a atenuação da cobiça, raiva e delusão, ele se tornou um que retorna uma vez, retornando uma vez a este mundo para dar um fim ao sofrimento.”’ E ele mesmo viu aquele venerável ou ouviu ser dito dele: ‘A virtude daquele venerável era assim, a sua concentração era assim, a sua sabedoria era assim, as suas realizações eram assim, a sua libertação era assim.’ Recordando-se da fé, virtude, aprendizado, generosidade e sabedoria dele, ele dirige a sua mente para esse estado. Dessa forma um *bhikkhu* tem uma estada confortável.

13. “Aqui, um *bhikkhu* ouve o seguinte: ‘O *bhikkhu* fulano de tal morreu; o Abençoado declarou a respeito dele: “Com a destruição de três grilhões, ele se tornou um que entrou na correnteza, não mais destinado aos mundos inferiores, com o destino fixo, ele tem a iluminação como destino.”’ E ele mesmo viu aquele venerável ou ouviu ser dito dele: ‘A virtude daquele venerável era assim, a sua concentração era assim, a sua sabedoria era assim, as suas realizações eram assim, a sua libertação era assim.’ Recordando-se da fé, virtude, aprendizado, generosidade e sabedoria dele, ele dirige a sua mente para esse estado. Dessa forma um *bhikkhu* tem uma estada confortável.

14-17. Repete os versos 10 a 13 com respeito a uma *bhikkhuni*.

18-23. Repete os versos 11 a 13 com respeito a um discípulo leigo e discípula leiga.

24. ‘Portanto, Anuruddha, não é com o propósito de fazer tramas para enganar as pessoas, ou com o propósito de lisonjear as pessoas, ou com o propósito de obter ganho, honrarias, ou fama, ou com o pensamento ‘Que as pessoas me conheçam dessa forma,’ quando do falecimento de um discípulo, o *Tathagata* declara o seu renascimento assim: ‘Fulano de tal reapareceu em tal e qual lugar; beltrano de tal reapareceu em tal e qual lugar.’ Mas, sim, porque há devotos membros de clãs que se inspiram e se alegram com aquilo que é

sublime, e que ao ouvirem isso, dirigirão as suas mentes para esse estado, e isso é para o bem-estar e felicidade deles por muito tempo.

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Anuruddha ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

69 *Gulissani Sutta*

Gulissani

O treinamento apropriado para um *bhikkhu* que vive na floresta

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.
2. Agora, naquela ocasião um *bhikkhu* chamado Gulissani, que habitava nas florestas, de comportamento negligente, veio visitar e ficar com a Sangha para tratar de alguns assuntos. O venerável Sariputta se dirigiu aos *bhikkhus* com referência ao *bhikkhu* Gulissani da seguinte forma:
3. “Amigos, quando um *bhikkhu* que habita nas florestas vem para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, ele deveria ter respeito e deferência para com os seus companheiros na vida santa. Se ele não tiver respeito e deferência para com os seus companheiros na vida santa, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não tem respeito e deferência para com os seus companheiros na vida santa?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas, que veio para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, deveria ter respeito e deferência para com os seus companheiros na vida santa.
4. “Quando um *bhikkhu* que habita nas florestas vem para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, ele deveria ser proficiente no bom comportamento relativo a assentos da seguinte forma: ‘Eu sentarei de tal modo que não invada o espaço dos *bhikkhus* sêniores e não negue um assento aos *bhikkhus* júniores.’ Se ele não for proficiente no bom comportamento relativo a assentos, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele nem mesmo sabe o que é bom comportamento?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas, que veio para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, deveria ser proficiente no bom comportamento relativo a assentos.
5. “Quando um *bhikkhu* que habita nas florestas vem para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, ele não deve entrar no vilarejo muito cedo ou regressar no fim do dia. Se ele entrar no vilarejo muito cedo e regressar no fim do dia, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele entra no vilarejo muito cedo e regressa no fim do dia?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas, que veio

para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, não deve entrar no vilarejo muito cedo ou regressar no fim do dia.

6. “Quando um *bhikkhu* que habita nas florestas vem para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, ele não deve visitar famílias antes da refeição ou depois da refeição. Se ele for visitar famílias antes da refeição ou depois da refeição, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, ele deve estar acostumado a fazer visitas fora de hora, visto que ele assim se comporta quando está na Sangha.’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas, que veio para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, não deve visitar famílias antes da refeição ou depois da refeição.

7. “Quando um *bhikkhu* que habita nas florestas vem para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, ele não deve ser arrogante e vaidoso. Se ele for arrogante e vaidoso, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, ele deve em geral ser arrogante e vaidoso, visto que ele assim se comporta quando está na Sangha.’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas, que veio para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, não deve ser arrogante e vaidoso.

8. “Quando um *bhikkhu* que habita nas florestas, vem para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, ele não deve falar de forma grosseira e frívola. Se ele falar de forma grosseira e frívola, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele fala de forma grosseira e frívola?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas, que veio para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, não deve falar de forma grosseira e frívola.

9. “Quando um *bhikkhu* que habita nas florestas vem para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, ele deve ser fácil de ser corrigido e deve se associar com bons amigos. Se ele for difícil de ser corrigido e se associar com maus amigos, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele é difícil de ser corrigido e se associa com maus amigos?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas, que veio para a Sangha e está vivendo junto com a Sangha, deve ser fácil de ser corrigido e deve se associar com bons amigos.

10. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve guardar as portas dos meios dos sentidos. Se ele não guardar as portas dos meios dos sentidos, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não guarda as portas dos meios dos sentidos?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve guardar as suas portas dos meios dos sentidos.

11. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ser moderado ao comer. Se ele não for moderado ao comer, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas

florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não é moderado ao comer?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ser moderado ao comer.

12. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ser dedicado à vigilância. Se ele não for dedicado à vigilância, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não é dedicado à vigilância?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ser dedicado à vigilância.

13. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ser energético. Se ele não for energético, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele é preguiçoso?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ser energético.

14. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ter a atenção plena estabelecida. Se ele for desatento, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele é desatento?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ter a atenção plena estabelecida.

15. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ter concentração. Se ele não tiver concentração, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não tem concentração?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ter concentração.

16. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ser sábio. Se ele não for sábio, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não é sábio?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve ser sábio.

17. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve se dedicar ao Dhamma superior e à Disciplina superior. Se ele não se dedicar ao Dhamma superior e à Disciplina superior, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não se dedica ao Dhamma superior e à Disciplina superior?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve se dedicar ao Dhamma superior e à Disciplina superior.

18. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve se dedicar àquelas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas; pois há aqueles que indagam de um *bhikkhu* que habita nas florestas questões sobre as libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas. Se ele não se dedicar a essas libertações, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não se dedica a essas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas?’ Posto que haveria aqueles que diriam

isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve se dedicar a essas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas.

19. “Um *bhikkhu* que habita nas florestas deve se dedicar aos estados supra-humanos, pois há aqueles que indagam de um *bhikkhu* que habita nas florestas questões sobre os estados supra-humanos. Se ele não se dedicar a esses estados, haverá aqueles que dirão: ‘O que esse venerável que habita nas florestas ganhou ao viver sozinho na floresta, fazendo o que quer, visto que ele não se dedica aos estados supra-humanos?’ Posto que haveria aqueles que diriam isso dele, um *bhikkhu* que habita nas florestas deve se dedicar aos estados supra-humanos.”

20. Quando isso foi dito, o venerável Maha Moggallana perguntou ao venerável Sariputta: “Amigo Sariputta, essas coisas devem ser adotadas e praticadas apenas por um *bhikkhu* que habita nas florestas ou por um *bhikkhu* que habita na cidade também?”

“Amigo Moggallana, essas coisas devem ser adotadas e praticadas não apenas por um *bhikkhu* que habita nas florestas, mas também por um *bhikkhu* que habita na cidade.”

70 Kitagiri Sutta

Kitagiri

O Buda adverte dois *bhikkhus*

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando por Kasi junto com uma grande Sangha de *bhikkhus*. Lá ele se dirigiu aos monges desta forma:

2. “*Bhikkhus*, eu me abstenho de comer à noite. Fazendo isso, estou livre de enfermidades e aflições e desfruto de boa saúde, energia e bem-estar. Venham, *bhikkhus*, abstenham-se de comer à noite. Fazendo isso, vocês também estarão livres de enfermidades e aflições e desfrutarão de boa saúde, energia e bem-estar.” ^{lv}

“Sim, venerável senhor,” eles responderam.

3. Então, enquanto o Abençoado perambulava em etapas pela região de Kasi, ele por fim acabou chegando numa cidade denominada Kitagiri, estabelecendo-se nessa cidade.

4. Agora, naquela ocasião os *bhikkhus* liderados por Assaji e Punabbasuka estavam residindo em Kitagiri. ^{lvi} Então um grande número de *bhikkhus* foi até eles e disse: “Amigos, o Abençoado e a Sangha dos *bhikkhus* agora se abstêm de comer à noite. Ao fazerem isso, eles estão livres de enfermidades e aflições e desfrutam de boa saúde, energia e bem-estar. Venham, amigos, abstenham-se de comer à noite. Fazendo isso, vocês também estarão livres de enfermidades e aflições e desfrutarão de boa saúde, energia e bem-estar.” Quando isso foi dito, os *bhikkhus* Assaji e Punabbasuka responderam aos *bhikkhus*: “Amigos, nós comemos à noite, pela manhã e durante o dia, fora do horário apropriado. Fazendo isso, estamos livres de enfermidades e aflições e

desfrutamos de boa saúde, energia e bem-estar. Por que deveríamos abandonar [um ganho] visível aqui e agora para perseguir [um ganho a ser alcançado] num momento futuro? Nós comeremos à noite, pela manhã e durante o dia, fora do horário apropriado.”

5. Visto que os *bhikkhus* foram incapazes de convencer Assaji e Punabbasuka, eles se dirigiram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentaram a um lado e relataram o que havia ocorrido, adicionando: “Venerável senhor, visto que fomos incapazes de convencer Assaji e Punabbasuka, nós estamos reportando este assunto ao Abençoado.”

6. Então o Abençoado se dirigiu a um certo *bhikkhu* desta forma: “Venha, *bhikkhu*, diga em meu nome, a Assaji e Punabbasuka, que o Mestre os chama.”

“Sim, venerável senhor,” ele respondeu e foi até Assaji e Punabbasuka e lhes disse: “O Mestre os chama, amigos.”

“Sim, Amigo,” eles responderam, e foram até o Abençoado e após cumprimentá-lo sentaram a um lado. O Abençoado então lhes perguntou: “*Bhikkhus*, é verdade que quando um grupo de *bhikkhus* foi até vocês e disse: ‘Amigos, o Abençoado e a Sangha dos *bhikkhus* agora se abstêm de comer à noite ... Venham, amigos, abstenham-se de comer à noite ...,’ vocês disseram para esses *bhikkhus*: ‘Amigos, nós comemos à noite ... Por que deveríamos abandonar [um ganho] visível aqui e agora para perseguir [um ganho a ser alcançado] num momento futuro? Nós comeremos à noite, pela manhã e durante o dia fora do horário apropriado?’” – “Sim, venerável senhor.”

“*Bhikkhus*, vocês me ouviram ensinando o Dhamma desta forma: ‘Qualquer coisa que uma pessoa experimente, quer seja prazerosa, ou dolorosa, ou nem dolorosa, nem prazerosa, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam?’” – “Não, venerável senhor.”

7. “*Bhikkhus*, vocês não me ouviram ensinando o Dhamma desta forma: ‘Aqui, quando alguém sente um certo tipo de sensação prazerosa, os estados prejudiciais aumentam e os estados benéficos diminuem; mas quando alguém sente um outro tipo de sensação prazerosa, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam. ^{vii} Aqui, quando alguém sente um certo tipo de sensação dolorosa, os estados prejudiciais aumentam e os estados benéficos diminuem; mas quando alguém sente um outro tipo de sensação dolorosa, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam. Aqui, quando alguém sente um certo tipo de sensação nem dolorosa, nem prazerosa, os estados prejudiciais aumentam e os estados benéficos diminuem; mas quando alguém sente um outro tipo de sensação nem dolorosa, nem prazerosa, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam?’”

“Sim, venerável senhor.”

8. “Muito bem, *bhikkhus*. E se por mim fosse desconhecido, não visto, não experimentado, não compreendido, não penetrado pela sabedoria assim: ‘Aqui, quando alguém sente um certo tipo de sensação prazerosa, os estados prejudiciais aumentam e os

estados benéficos diminuem,’ seria apropriado que eu, sem saber disso, dissesse: ‘Abandonem esse tipo de sensação prazerosa?’” – “Não, venerável senhor.”

“Mas porque por mim é conhecido, visto, experimentado, compreendido e penetrado pela sabedoria assim: ‘Aqui, quando alguém sente um certo tipo de sensação prazerosa, os estados prejudiciais aumentam e os estados benéficos diminuem,’ eu portanto digo: ‘Abandonem esse tipo de sensação prazerosa.’”

“Se por mim fosse desconhecido, não visto, não experimentado, não compreendido, não penetrado pela sabedoria assim: ‘Aqui, quando alguém sente um outro tipo de sensação prazerosa, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam,’ seria apropriado que eu, sem saber disso, dissesse: ‘Entrem e permaneçam nesse tipo de sensação prazerosa?’” – “Não, venerável senhor.”

“Mas porque por mim é conhecido, visto, experimentado, compreendido e penetrado pela sabedoria assim: ‘Aqui, quando alguém sente um outro tipo de sensação prazerosa, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam,’ eu portanto digo: ‘Entrem e permaneçam nesse tipo de sensação prazerosa.’”

9. “Se por mim fosse desconhecido ... Mas porque por mim é conhecido ... penetrado pela sabedoria assim: ‘Aqui, quando alguém sente um certo tipo de sensação dolorosa, os estados prejudiciais aumentam e os estados benéficos diminuem,’ eu portanto digo: ‘Abandonem esse tipo de sensação dolorosa.’”

“Se por mim fosse desconhecido ... Mas porque por mim é conhecido ... penetrado pela sabedoria assim: ‘Aqui, quando alguém sente um outro tipo de sensação dolorosa, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam,’ eu portanto digo: ‘Entrem e permaneçam nesse tipo de sensação dolorosa.’”

10. “Se por mim fosse desconhecido ... Mas porque por mim é conhecido ... penetrado pela sabedoria assim: ‘Aqui, quando alguém sente um certo tipo de sensação nem dolorosa, nem prazerosa, os estados prejudiciais aumentam e os estados benéficos diminuem,’ eu portanto digo: ‘Abandonem esse tipo de sensação nem dolorosa, nem prazerosa.’”

“Se por mim fosse desconhecido ... Mas porque por mim é conhecido ... penetrado pela sabedoria assim: ‘Aqui, quando alguém sente um outro tipo de sensação nem dolorosa, nem prazerosa, os estados prejudiciais diminuem e os estados benéficos aumentam,’ eu portanto digo: ‘Entrem e permaneçam nesse tipo de sensação nem dolorosa, nem prazerosa.’”

11. “*Bhikkhus*, eu não digo que todos os *bhikkhus* ainda têm trabalho a ser feito com diligência; nem eu digo que todos os *bhikkhus* não têm mais trabalho a ser feito com diligência.”

12. “Eu não digo que aqueles *bhikkhus* que são *arahants* com as impurezas destruídas, que viveram a vida santa, fizeram o que deve ser feito, depuseram o fardo, alcançaram o verdadeiro objetivo, destruíram os grilhões da existência e estão completamente libertados através do conhecimento supremo, que eles ainda têm trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Eles fizeram o seu trabalho com diligência; eles não são mais capazes de serem negligentes.

13. “Eu digo daqueles *bhikkhus* que estão em treinamento superior, cujas mentes ainda não alcançaram o objetivo e que ainda aspiram pela suprema segurança contra o cativeiro, que eles ainda têm mais trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Porque quando esses veneráveis fazem uso de moradias apropriadas e se associam com bons amigos e equilibram as suas faculdades espirituais, eles poderão, realizando por si mesmos, com o conhecimento direto, aqui e agora, entrar e permanecer no que é o objetivo supremo da vida santa, pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa. Vendo esse fruto da diligência para esses *bhikkhus*, eu digo que eles ainda têm mais trabalho a ser feito com diligência.

14. “*Bhikkhus*, existem sete tipos de pessoas que podem ser encontradas no mundo. [lviii](#) Quais sete? Elas são: uma pessoa libertada de ambos os modos, libertada através da sabedoria, que toca com o corpo, com entendimento realizado, libertada pela fé, discípulo do Dhamma, discípulo pela fé.

15. “Que tipo de pessoa é aquela libertada de ambos os modos? Aqui uma pessoa, permanece tocando com o corpo aquelas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas, e as impurezas dela são destruídas ao ver com sabedoria. Esse tipo de pessoa é chamada de libertada de ambos os modos. Eu não digo desse *bhikkhu* que ele ainda tem trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Ele fez o seu trabalho com diligência; ele não é mais capaz de ser negligente.

16. “Que tipo de pessoa é aquela libertada através da sabedoria? Aqui uma pessoa, não permanece tocando com o corpo aquelas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas, mas as impurezas dela são destruídas ao ver com sabedoria. Esse tipo de pessoa é chamada aquela libertada através da sabedoria. Eu não digo desse *bhikkhu* que ele ainda tem trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Ele fez o seu trabalho com diligência; ele não é mais capaz de ser negligente.

17. “Que tipo de pessoa é aquela que toca com o corpo? Aqui uma pessoa, permanece tocando com o corpo aquelas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas, e algumas impurezas dela são destruídas ao ver com sabedoria. Esse tipo de pessoa é chamada aquela que toca com o corpo. Eu digo desse *bhikkhu* que ele ainda tem trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Porque quando esse venerável faz uso de moradias apropriadas e se associa com bons amigos e equilibra as suas faculdades espirituais, ele poderá, realizando por si mesmo com o conhecimento direto, aqui e agora, alcançar e permanecer no que é o objetivo supremo da vida santa pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa. Vendo esse fruto da diligência para esse *bhikkhu*, eu digo que ele ainda tem mais trabalho a ser feito com diligência.

18. “Que tipo de pessoa é aquela com o entendimento realizado? Aqui uma pessoa, não permanece tocando com o corpo aquelas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas, mas algumas das impurezas dela são destruídas ao ver com sabedoria, pois ela analisou e examinou com sabedoria os ensinamentos proclamados pelo *Tathagata*. Esse tipo de pessoa é chamada aquela com o entendimento realizado. Eu digo desse *bhikkhu* que ele ainda tem trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Porque quando esse venerável faz uso de moradias apropriadas e se associa com bons amigos e equilibra as suas faculdades espirituais, ele poderá, realizando por si mesmo com o conhecimento direto, aqui e agora, alcançar e permanecer no que é o objetivo supremo da vida santa pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa. Vendo esse fruto da diligência para esse *bhikkhu*, eu digo que ele ainda tem mais trabalho a ser feito com diligência.

19. “Que tipo de pessoa é aquela libertada pela fé? Aqui uma pessoa, não permanece tocando com o corpo aquelas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas, mas algumas das impurezas dela são destruídas ao ver com sabedoria, pois a fé dela está plantada, enraizada e estabelecida no *Tathagata*. Esse tipo de pessoa é chamada aquela libertada pela fé. Eu digo desse *bhikkhu* que ele ainda tem trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Porque quando esse venerável faz uso de moradias apropriadas e se associa com bons amigos e equilibra as suas faculdades espirituais, ele poderá, realizando por si mesmo com o conhecimento direto, aqui e agora, alcançar e permanecer no que é o objetivo supremo da vida santa pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa. Vendo esse fruto da diligência para esse *bhikkhu*, eu digo que ele ainda tem mais trabalho a ser feito com diligência.

20. “Que tipo de pessoa é um discípulo do Dhamma? Aqui uma pessoa, não permanece tocando com o corpo aquelas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas, e as impurezas dela ainda não foram destruídas ao ver com sabedoria, mas através da sabedoria ela obtém suficiente aceitação com base na reflexão dos ensinamentos proclamados pelo *Tathagata*. Além disso, ela possui estas qualidades: a faculdade da convicção, a faculdade da energia, a faculdade da atenção plena, a faculdade da concentração e a faculdade da sabedoria. Esse tipo de pessoa é chamada um discípulo do Dhamma. Eu digo desse *bhikkhu* que ele ainda tem trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Porque quando esse venerável faz uso de moradias apropriadas e se associa com bons amigos e equilibra as suas faculdades espirituais, ele poderá, realizando por si mesmo com o conhecimento direto, aqui e agora, alcançar e permanecer no que é o objetivo supremo da vida santa pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa. Vendo esse fruto da diligência para esse *bhikkhu*, eu digo que ele ainda tem mais trabalho a ser feito com diligência.

21. “Que tipo de pessoa é um discípulo pela fé? Aqui uma pessoa, não permanece tocando com o corpo aquelas libertações que são pacíficas e imateriais, que transcendem as formas, e as impurezas dela ainda não foram destruídas ao ver com sabedoria, no entanto ela tem suficiente fé e amor pelo *Tathagata*. Além disso, ela possui estas qualidades: a faculdade da convicção, a faculdade da energia, a faculdade da atenção

plena, a faculdade da concentração e a faculdade da sabedoria. Esse tipo de pessoa é chamada um discípulo pela fé. Eu digo desse *bhikkhu* que ele ainda tem trabalho a ser feito com diligência. Por que isso? Porque quando esse venerável faz uso de moradias apropriadas e se associa com bons amigos e equilibra as suas faculdades espirituais, ele poderá, realizando por si mesmo com o conhecimento direto, aqui e agora, alcançar e permanecer no que é o objetivo supremo da vida santa pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa. Vendo esse fruto da diligência para esse *bhikkhu*, eu digo que ele ainda tem mais trabalho a ser feito com diligência.

22. “*Bhikkhus*, eu não digo que o conhecimento supremo é alcançado todo de uma vez. Ao contrário, o conhecimento supremo é alcançado através do treinamento gradual, através da prática gradual, através do progresso gradual.

23. “E como ocorre o treinamento gradual, a prática gradual, o progresso gradual? Aqui alguém que possui fé [num mestre] o visita; ao visitá-lo ele o homenageia; ao homenageá-lo, ele lhe dá ouvidos; ao dar ouvidos, ele ouve o Dhamma; ao ouvir o Dhamma, ele o memoriza e examina o significado dos ensinamentos que ele memorizou; ao examinar o significado, ele aceita esses ensinamentos com base na reflexão; ao obter a aceitação dos ensinamentos baseado na reflexão, a aspiração brota; ao brotar a aspiração, ele aplica a vontade; ao aplicar a vontade, ele examina cuidadosamente, ao examinar cuidadosamente, ele se esforça; com esforço decidido, ele realiza com o corpo a verdade suprema, vendo-a e penetrando-a com sabedoria.

24. “Não existe aquela fé, *bhikkhus*, não existe aquela visitação, não existe aquela homenagem, não existe aquele dar ouvidos, não existe aquele ouvir o Dhamma, não existe aquela memorização do Dhamma, não existe aquele exame do significado, não existe aquela aceitação dos ensinamentos com base na reflexão, não existe aquela aspiração, não existe aquela aplicação da vontade, não existe aquele exame cuidadoso, e não existe aquele esforço. *Bhikkhus*, vocês perderam o caminho; *bhikkhus*, vocês estão praticando o caminho errado. Quanto vocês se desviaram, homens tolos, deste Dhamma e Disciplina!

25. “*Bhikkhus*, há um enunciado com quatro frases e quando ele é recitado um homem sábio o compreende rapidamente. Eu irei recitá-lo para vocês *bhikkhus*. Tentem entendê-lo.”

“Venerável senhor, quem somos nós para entender o Dhamma?”

26. “*Bhikkhus*, mesmo com um mestre que tenha interesse pelas coisas materiais, um herdeiro de coisas materiais, apegado a coisas materiais, esse tipo de regateio [pelos seus discípulos] não seria apropriado: ‘Se obtivermos isso, nós faremos; se não obtivermos, não faremos’; então o que [deveria ser dito quando o mestre é] o *Tathagata*, que está completamente desapegado das coisas materiais?

27. “*Bhikkhus*, para um discípulo que tem convicção na mensagem do Abençoado e vive para penetrá-la, o que se harmoniza com o Dhamma é: ‘O Abençoado é o Mestre, eu sou

um discípulo. O Abençoado é aquele que sabe, não eu.’ Para um discípulo que tem convicção na mensagem do Abençoado e vive para penetrá-la, a mensagem do Abençoado é nutritiva e refrescante. Para um discípulo que tem convicção na mensagem do Mestre e vive para penetrá-la, o que se harmoniza com o Dhamma é: ‘Com satisfação eu deixaria a carne e o sangue do meu corpo secar, deixando só pele, tendões e ossos, se eu não tiver atingido o que pode ser atingido através da firmeza humana, da energia humana e do esforço humano, não haverá nenhum relaxamento na minha energia.’” Para um discípulo que tem convicção na mensagem do Abençoado e vive para penetrá-la, um de dois frutos podem ser esperados: o conhecimento supremo aqui e agora, ou o ‘não-retorno’ se ainda houver algum resíduo de apego.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

71 *Tevijjavacchagotta Sutta*

Para Vacchagotta, sobre os Três
Conhecimentos Verdadeiros

O Buda nega possuir onisciência o tempo todo e define o conhecimento tríplice

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Vesali na Grande Floresta no Salão com um Pico na Cumeeira.
2. Agora naquela ocasião o errante Vacchagotta estava no Parque dos Errantes com a Mangueira com uma Única Flor de Lótus. [lix](#)
3. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para Vesali para esmolar alimentos. Então o Abençoado pensou: “Ainda é muito cedo para esmolar alimentos em Vesali. E se eu fosse até o errante Vacchagotta no Parque dos Errantes com a Mangueira com Uma Única Flor de Lótus.”
4. O errante Vaccagotta viu o Abençoado vindo à distância e lhe disse: “Venha Abençoado, venerável senhor! Bem vindo Abençoado! Já faz muito tempo desde que o Abençoado encontrou uma oportunidade para vir aqui. Que o Abençoado sente; este assento está preparado.” O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado. O errante Vaccagotta tomou um assento mais baixo, sentou a um lado e perguntou ao Abençoado:
5. Venerável senhor, eu ouvi isto: ‘O contemplativo Gotama declara ser onisciente e capaz de ver tudo, reivindica ter conhecimento completo e visão desta forma: “Quer eu esteja andando ou em pé ou dormindo ou acordado, o conhecimento e visão estão presentes em mim de forma contínua e ininterrupta.” Venerável senhor, aqueles que assim dizem, falam aquilo que foi dito pelo Abençoado e não o deturpam com algo contrário aos fatos? Eles explicam de acordo com o Dhamma de tal modo que nada que possa dar margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da declaração deles?”

“Vaccha, aqueles que dizem isso não falam aquilo que foi dito por mim, mas me deturpam com algo que não é verdadeiro e é contrário aos fatos.” [lx](#)

6. “Venerável senhor, como deverei responder de forma a falar aquilo que foi dito pelo Abençoado e não deturpá-lo com algo contrário aos fatos? Como poderei explicar de acordo com o Dhamma de tal modo que nada que possa dar margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da minha declaração?”

“Vaccha, se você responder assim: ‘O contemplativo Gotama possui os três conhecimentos verdadeiros,’ você estará falando o que foi dito por mim e não irá me deturpar com algo contrário aos fatos. Você irá explicar de acordo com o Dhamma de tal forma que nada que possa dar margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da sua declaração.”

7. “Pois até onde eu queira, eu me recordo das minhas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos ... (igual ao [MN 51, verso 24](#)) ... Assim eu me recordo das minhas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes.”

8. “E até onde eu queira, com o olho divino que é purificado e sobrepuja o humano, eu vejo seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Eu compreendo como os seres prosseguem de acordo com as suas ações ... (igual ao [MN 51, verso 25](#)).

9. “E realizando por mim mesmo com o conhecimento direto, eu aqui e agora entro e permaneço na libertação da mente e libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas.

10. “ Se você responder assim: ‘O contemplativo Gotama possui os três conhecimentos verdadeiros,’ você estará falando o que foi dito por mim e não irá me deturpar com algo contrário aos fatos. Você irá explicar de acordo com o Dhamma de tal modo que nada que possa dar margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da sua declaração.”

11. Quando isso foi dito, o errante Vaccagotta perguntou ao Abençoado: “Mestre Gotama, existe algum chefe de família que, sem ter abandonado o grilhão da vida em família, na dissolução do corpo tenha dado um fim ao sofrimento?”

“Vaccha, não existe chefe de família que, sem ter abandonado o grilhão da vida em família, na dissolução do corpo tenha dado um fim ao sofrimento.”

12. “Mestre Gotama, existe algum chefe de família que, sem ter abandonado o grilhão da vida em família, na dissolução do corpo tenha alcançado o paraíso?”

“Vaccha, existem não somente cem ou duzentos ou trezentos ou quatrocentos ou quinhentos, mas muitos mais chefes de família que, sem ter abandonado o grilhão da vida em família, na dissolução do corpo tenham alcançado o paraíso.”

13. “Mestre Gotama, existe algum Ajivaka que na dissolução do corpo tenha dado um fim ao sofrimento?” [lxi](#)

“Vaccha, não existe Ajivaka que na dissolução do corpo tenha dado um fim ao sofrimento.”

14. “Mestre Gotama, existe algum Ajivaka que na dissolução do corpo tenha alcançado o paraíso?”

“Quando me recordo dos noventa e um ciclos cósmicos passados, Vaccha, não me lembro de nenhum Ajivaka que, na dissolução do corpo, tenha alcançado o paraíso, com uma exceção, e ele acreditava na doutrina da eficácia moral da ação, a doutrina da eficácia moral dos atos.” [lxii](#)

15. “Em sendo assim, Mestre Gotama, as outras seitas de errantes estão vazias até mesmo da possibilidade de alcançar o paraíso.”

“Em sendo assim, Vaccha, as outras seitas de errantes estão vazias até mesmo da possibilidade de alcançar o paraíso.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O errante Vacchagotta ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

72 Aggivacchagotta Sutta

Para Vacchagotta, sobre o Fogo

Por que o Buda não mantém opiniões especulativas

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savathi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Então o errante Vacchagotta foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e perguntou ao Abençoado:

3-12. “Como é, Mestre Gotama, o Mestre Gotama tem esta idéia: ‘O mundo é eterno ... O mundo não é eterno: ... O mundo é finito ... O mundo é infinito ... A alma e o corpo são a mesma coisa ... A alma é uma coisa e o corpo outra [lxiii](#) ... Após a morte um *Tathagata* existe ... Após a morte um *Tathagata* não existe ... Após a morte um *Tathagata* tanto existe como não existe ... Após a morte um *Tathagata* nem existe nem não existe: [lxiv](#) somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso?’”

“Vaccha, eu não tenho essa idéia: ‘O mundo é eterno O mundo não é eterno: ... O mundo é finito ... O mundo é infinito ... A alma e o corpo são a mesma coisa ... A alma é uma coisa e o corpo outra ... Após a morte um *Tathagata* existe ... Após a morte um *Tathagata* não existe ... Após a morte um *Tathagata* tanto existe como não existe ... Após a morte um *Tathagata* nem existe nem não existe: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso’.”

13. “Como pode ser isso Mestre Gotama? Quando o Mestre Gotama é perguntado ele responde a cada uma dessas dez questões: ‘Eu não tenho essa idéia’. Qual perigo que o Mestre Gotama vê para que ele não aceite nenhuma dessas idéias especulativas?”

14. “Vaccha, a idéia especulativa de que o mundo é eterno ... que o mundo não é eterno ... que o mundo é finito ... que o mundo é infinito ... que a alma e o corpo são a mesma coisa ... que a alma é uma coisa e o corpo outra ... que após a morte um *Tathagata* existe...que após a morte um *Tathagata* não existe ... que após a morte um *Tathagata* tanto existe como não existe ... que após a morte um *Tathagata* nem existe, nem não existe é uma idéia emaranhada, uma idéia confusa, uma idéia contorcida, uma idéia vacilante, uma idéia que agrilhoa. Ela está atormentada pelo sofrimento, pela aflição, pelo desespero e pela febre e ela não conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. Vendo esse perigo, eu não defendo nenhuma dessas opiniões especulativas.”

15. “Então o Mestre Gotama não apóia nenhuma idéia especulativa?”

“ Vaccha, ‘idéia especulativa’ é algo que o *Tathagata* colocou de lado. Pois o *Tathagata*, Vaccha, viu isto: ‘Assim é a forma material, essa é a sua origem, essa é a sua cessação; assim é a sensação, essa é a sua origem, essa é a sua cessação; assim é a percepção, essa é a sua origem, essa é a sua cessação; assim são as formações volitivas, essa é a sua origem, essa é a sua cessação; assim é a consciência, essa é a sua origem, essa é a sua cessação’. Então, eu digo, com a destruição, desaparecimento, cessação, desistência e abandono de toda a concepção de idéias, de todas as invenções, de todas as fabricações de um eu, de todas as fabricações de um meu, e da tendência subjacente para a presunção, o *Tathagata* está libertado através do desapego.”

16. “Quando a mente de um *bhikkhu* está libertada dessa forma, Mestre Gotama, onde ele renasce [após a morte]?”

“O termo ‘renasce’ não se aplica, Vaccha.”

“Então ele não renasce, Mestre Gotama?”

“ O termo ‘não renasce’ não se aplica, Vaccha.”

“ Então, ambos, ele renasce e não renasce, Mestre Gotama?”

“O termo ‘ambos, renasce e não renasce’ não se aplica, Vaccha.”

“Então ele nem renasce nem não renasce, Mestre Gotama?”

“O termo ‘nem renasce nem não renasce’ não se aplica, Vaccha.”

17. “Agora fiquei atordoado, Mestre Gotama, agora fiquei confuso, e o tanto de confiança, que eu havia obtido através da conversa anterior com o Mestre Gotama, agora desapareceu.”

18. “É normal que isso o deixe atordoado, Vaccha, normal que isso o deixe confuso. Pois este Dhamma, Vaccha, é profundo, difícil de ser visto e difícil de ser compreendido, pacífico e sublime, não pode ser alcançado através do mero raciocínio, sutil, para ser experimentado pelos sábios. É difícil que você o entenda possuindo uma outra idéia, aceitando um outro ensinamento, aprovando um outro ensinamento, dedicando-se a um outro treinamento e seguindo um outro mestre. Portanto, em retribuição, eu o questionarei acerca disso, Vaccha. Responda como quiser.

19. “O que você pensa, Vaccha? Suponha que um fogo estivesse queimando à sua frente. Você saberia que: ‘Este fogo está queimando na minha frente?’”

“Eu saberia, Mestre Gotama.”

“Se alguém lhe perguntasse, Vaccha: ‘Esse fogo à sua frente queima na dependência do que?’ – tendo sido assim perguntado, o que você responderia?”

“Sendo assim perguntado, Mestre Gotama, eu responderia: ‘Este fogo na minha frente queima na dependência de capim e gravetos’.”

“Se esse fogo à sua frente se extinguísse, você saberia que: ‘Este fogo na minha frente se extinguiu?’”

“Eu saberia, Mestre Gotama.”

“Se alguém lhe perguntasse, Vaccha: ‘Quando esse fogo à sua frente foi extinto, para qual direção ele se foi: para o leste, para o oeste, para o norte, ou para o sul?’ – tendo sido perguntado dessa forma, o que você responderia?”

“Isso não se aplica, Mestre Gotama. O fogo queimou na dependência do seu combustível, capim e gravetos. Quando ele foi consumido, se não há mais combustível, não tendo combustível, ele é extinto.”

20. “Assim também, Vaccha, o *Tathagata* abandonou aquela forma material pela qual alguém, descrevendo o *Tathagata*, o descreveria; ele cortou-a pela raiz, fez como com um tronco de palmeira, eliminando-a de tal forma que não estará mais sujeita a um futuro surgimento. O *Tathagata* está libertado de pensar em termos da forma material, Vaccha,

ele é profundo, imensurável, difícil de ver e difícil de compreender em profundidade tal como o oceano. O termo ‘renasce’ não se aplica, o termo ‘não renasce’ não se aplica, o termo ‘ambos, renasce nem não renasce’ não se aplica, o termo ‘nem renasce, nem não renasce’ não se aplica. ^{lxv} O *Tathagata* abandonou aquela sensação pela qual alguém, descrevendo o *Tathagata*, o descreveria ... abandonou aquela percepção pela qual alguém, descrevendo o *Tathagata*, o descreveria ... abandonou aquelas formações volitivas pela qual alguém, descrevendo o *Tathagata*, o descreveria ... abandonou aquela consciência pela qual alguém, descrevendo o *Tathagata* o descreveria; ele cortou-a pela raiz, fez como com um tronco de palmeira, eliminando-a de tal forma que não estará mais sujeita a um futuro surgimento. O *Tathagata* está libertado de pensar em termos da consciência, Vaccha; ele é profundo, imensurável, difícil de ser examinado em profundidade, tal como o oceano. O termo ‘renasce’ não se aplica, o termo ‘não renasce’ não se aplica, o termo ‘ambos, renasce nem não renasce’ não se aplica, o termo ‘nem renasce, nem não renasce’ não se aplica.”

21. Quando isso foi dito, o errante Vacchagotta disse ao Abençoado: “Mestre Gotama, suponha que exista uma grande árvore, não muito distante de um vilarejo ou de uma cidade e que a impermanência tivesse desgastado os seus galhos e folhas, a sua casca e o alburno, de forma que mais tarde, tendo sido desvestida dos galhos e folhas, desvestida da casca e do alburno, ela se torne pura, consistindo unicamente do cerne; assim também, este discurso do Mestre Gotama está desvestido de galhos e folhas, desvestido da casca e do alburno, ele é puro, consistindo inteiramente do cerne.”

22. “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. A partir de hoje que o Mestre Gotama se recorde de mim como um discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da sua vida.”

73 Mahavacchagotta Sutta O Grande Discurso para Vacchagotta

A conversão para o Dhamma do errante Vacchagotta

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.
2. Então, o errante Vacchagotta foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e disse para o Abençoado:
3. “Já faz muito tempo que tenho conversado com o Mestre Gotama. Seria bom se o Mestre Gotama me ensinasse de forma resumida o benéfico e o prejudicial.”

“Eu posso ensinar-lhe o benéfico e o prejudicial de forma resumida, Vaccha, e posso ensinar-lhe o benéfico e o prejudicial em detalhe. Todavia, eu vou ensinar o benéfico e o prejudicial de forma resumida. Ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.” – “Sim, venerável senhor,” ele respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

4. “Vaccha, o desejo é prejudicial, o não-desejo é benéfico; a raiva é prejudicial, a não-raiva é benéfica; a delusão é prejudicial, a não-delusão é benéfica. Deste modo, três coisas são prejudiciais e as outras três são benéficas.

5. “Matar seres vivos é prejudicial, abster-se de matar seres vivos é benéfico; tomar aquilo que não é dado é prejudicial, abster-se de tomar aquilo que não é dado é benéfico; a conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais é prejudicial, abster-se da conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais é benéfico; a linguagem mentirosa é prejudicial, abster-se da linguagem mentirosa é benéfico; a linguagem maliciosa é prejudicial, abster-se da linguagem maliciosa é benéfico; a linguagem grosseira é prejudicial, abster-se da linguagem grosseira é benéfico; a linguagem frívola é prejudicial, abster-se da linguagem frívola é benéfico; a cobiça é prejudicial, a não-cobiça é benéfica; a má vontade é prejudicial, a não-má vontade é benéfica; o entendimento incorreto é prejudicial, o entendimento correto é benéfico. Dessa forma, dez coisas são prejudiciais e as outras dez são benéficas.

6. “Quando um *bhikkhu* abandonou o desejo, cortou-o pela raiz, fez como um tronco de palmeira, eliminando-o de tal forma que não estará mais sujeito a um futuro surgimento, então aquele *bhikkhu* é um *arahant* com as impurezas destruídas, aquele que viveu a vida santa, fez o que devia ser feito, depôs o fardo, alcançou o verdadeiro objetivo, destruiu os grilhões da existência e está completamente libertado através do conhecimento supremo.”

7. “Além do Mestre Gotama, há algum outro *bhikkhu*, discípulo do Mestre Gotama que, realizando por si mesmo através do conhecimento direto aqui e agora, entrou e permaneceu na libertação da mente e libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas?”

“Não há apenas cem *bhikkhus*, Vaccha, ou duzentos, trezentos, quatrocentos ou quinhentos, mas muitos mais, meus discípulos que, realizando por si mesmos através do conhecimento direto aqui e agora, entraram e permanecem na libertação da mente e libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas.”

8. “Além do Mestre Gotama, há alguma outra *bhikkhuni*, discípulo do Mestre Gotama que, realizando por si mesma através do conhecimento direto aqui e agora, entrou e permaneceu na libertação da mente e libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas?”

“Não há apenas cem *bhikkhunis* ... quinhentas, mas muitas mais, que realizando por si mesmas através do conhecimento direto aqui e agora entraram e permanecem na

libertação da mente e libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas.”

9. “Além do Mestre Gotama, dos *bhikkhus* e das *bhikkhunis*, há algum leigo vestido de branco, discípulo do Mestre Gotama, que vive uma vida celibatária que, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, irá renascer espontaneamente [nas Moradas Puras] para lá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo?” [lxvi](#)

“Não há apenas cem leigos vestidos de branco ... quinhentos, mas muitos mais, meus discípulos, que vivem uma vida celibatária que, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, irão renascer espontaneamente [nas Moradas Puras] para lá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.”

10. “Além do Mestre Gotama, dos *bhikkhus* e das *bhikkhunis*, e dos discípulos leigos vestidos de branco que vivem em celibato, há algum leigo vestido de branco, discípulo do Mestre Gotama, que desfruta dos prazeres sensuais, que cumpre as suas instruções, responde favoravelmente aos seus conselhos, que superou a dúvida, se libertou da perplexidade, conquistou a intrepidez e se tornou independente dos outros na Revelação do Mestre?” [lxvii](#)

“Não há apenas cem leigos vestidos de branco ... quinhentos, mas muitos mais, meus discípulos, que desfrutam dos prazeres sensuais, que cumprem as minhas instruções, respondem favoravelmente aos meus conselhos, que superaram a dúvida, se libertaram da perplexidade, conquistaram a intrepidez e se tornaram independentes dos outros na Revelação do Mestre.”

11. “Além do Mestre Gotama, dos *bhikkhus* e das *bhikkhunis*, e dos discípulos leigos vestidos de branco, tanto aqueles que vivem em celibato como aqueles que desfrutam dos prazeres sensuais, há alguma leiga vestida de branco, discípula do Mestre Gotama, que vive uma vida celibatária que, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, irá renascer espontaneamente [nas Moradas Puras] para lá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo?”

“Não há apenas cem leigas vestidas de branco ... quinhentas, mas muitas mais, minhas discípulas, vivendo uma vida celibatária que, com a destruição dos cinco primeiros grilhões, irão renascer espontaneamente [nas Moradas Puras] para lá realizar o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.”

12. “Além do Mestre Gotama, dos *bhikkhus* e das *bhikkhunis*, e dos discípulos leigos vestidos de branco, tanto aqueles que vivem em celibato como aqueles que desfrutam dos prazeres sensuais, e das discípulas leigas vestidas de branco que vivem em celibato, há alguma leiga vestida de branco, discípula do Mestre Gotama, que desfruta dos prazeres sensuais, que cumpre as suas instruções, que responde favoravelmente aos seus conselhos, que superou a dúvida, se libertou da perplexidade, conquistou a intrepidez e se tornou independente dos outros na Revelação do Mestre?”

“Não há apenas cem leigas vestidas de branco ... quinhentas, mas muitas mais, minhas discípulas, desfrutando dos prazeres sensuais, que cumprem as minhas instruções, respondem favoravelmente aos meus conselhos, que superaram a dúvida, se libertaram da perplexidade, conquistaram a intrepidez e se tornaram independentes dos outros na Revelação do Mestre.”

13. “Mestre Gotama, se só o Mestre Gotama fosse realizado neste Dhamma, mas nenhum *bhikkhu* fosse realizado, então esta vida santa seria deficiente nesse aspecto; mas como o Mestre Gotama e os *bhikkhus* são realizados neste Dhamma, esta vida santa é dessa forma completa nesse aspecto. Se só o Mestre Gotama e os *bhikkhus* fossem realizados neste Dhamma, mas nenhuma *bhikkhuni* fosse realizada, então esta vida santa seria deficiente nesse aspecto; mas como o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis* são realizados neste Dhamma, esta vida santa é dessa forma completa nesse aspecto. Se só o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis* fossem realizados neste Dhamma, mas nenhum discípulo leigo vestido de branco vivendo uma vida celibatária fosse realizado, então esta vida santa seria deficiente nesse aspecto; mas como o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis*, e os discípulos leigos vestidos de branco que vivem uma vida celibatária são realizados neste Dhamma, esta vida santa é dessa forma completa nesse aspecto. Se só o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis*, e os discípulos leigos vestidos de branco que vivem uma vida celibatária, fossem realizados neste Dhamma, mas nenhum discípulo leigo vestido de branco que desfruta dos prazeres sensuais fosse realizado, então esta vida santa seria deficiente nesse aspecto; mas como o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis*, e ambos discípulos leigos vestidos de branco que vivem uma vida celibatária e que desfrutam dos prazeres sensuais são realizados neste Dhamma, esta vida santa é dessa forma completa nesse aspecto. Se só o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis*, e ambos discípulos leigos vestidos de branco que vivem uma vida celibatária e que desfrutam dos prazeres sensuais fossem realizados neste Dhamma, mas nenhuma discípula leiga vestida de branco que vive uma vida celibatária fosse realizada, então esta vida santa seria deficiente nesse aspecto; mas como o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis*, ambos discípulos leigos vestidos de branco que vivem uma vida celibatária e que desfrutam dos prazeres sensuais, e as discípulas leigas vestidas de branco que vivem uma vida celibatária são realizados neste Dhamma, esta vida santa é dessa forma completa nesse aspecto. Se só o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis*, e ambos discípulos leigos vestidos de branco que vivem uma vida celibatária e que desfrutam dos prazeres sensuais e as discípulas leigas vestidas de branco que vivem uma vida celibatária fossem realizados neste Dhamma, mas nenhuma discípula leiga vestida de branco que desfruta dos prazeres sensuais fosse realizada, então esta vida santa seria deficiente nesse aspecto; mas como o Mestre Gotama, os *bhikkhus* e as *bhikkhunis*, ambos discípulos leigos vestidos de branco que vivem uma vida celibatária e que desfrutam dos prazeres sensuais, e ambas discípulas leigas vestidas de branco que vivem uma vida celibatária e que desfrutam dos prazeres sensuais são realizadas neste Dhamma, esta vida santa é dessa forma completa nesse aspecto.

14. “Assim como o rio Gânges decliva, tende e se inclina na direção do oceano, da mesma forma a assembléia do Mestre Gotama, com aqueles que seguiram a vida santa e os chefes de família, decliva, tende e se inclina na direção de *nibbana*.

15. “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido, ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Eu receberia a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa.”

16. “Vaccha, aquele que anteriormente tiver pertencido a uma outra seita e quiser ser admitido na vida santa e ter a admissão completa neste Dhamma e Disciplina terá um período de noviciado de quatro meses. Ao final dos quatro meses, se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos com ele, eles darão a ele a admissão na vida santa e também a admissão completa como *bhikkhu*. Porém, eu reconheço diferenças entre indivíduos neste assunto.”

“Venerável senhor, se aqueles que anteriormente pertenceram a uma outra seita e querem a admissão na vida santa e a admissão completa nesse Dhamma e Disciplina vivem como noviços durante quatro meses e ao final dos quatro meses os *bhikkhus* que estiverem satisfeitos darão a ele a admissão na vida santa e também a admissão completa como *bhikkhu*, eu viverei como noviço durante quatro anos. Ao final dos quatro anos, se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos, que me dêem a admissão na vida santa e a admissão completa como *bhikkhu*.”

17. Então, o errante Vacchagotta recebeu a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa como *bhikkhu*. Não muito tempo depois da sua admissão completa, quinze dias depois da sua admissão completa, o venerável Vacchagotta foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse para o Abençoado: “Venerável senhor, eu alcancei aquilo que pode ser alcançado através do conhecimento por um discípulo no treinamento superior, através do conhecimento verdadeiro de um discípulo no treinamento superior. Que o Abençoado me ensine mais o Dhamma.” [lxviii](#)

18. “Neste caso, Vaccha, desenvolva muito bem duas coisas: tranquilidade e insight. Quando essas duas coisas estiverem bem desenvolvidas, elas conduzirão à penetração de muitos elementos.

19. “No grau que você desejar: ‘Que eu possa exercer os vários tipos de poderes supra-humanos: sendo um, que eu me torne vários; sendo vários, que eu me torne um; que eu apareça e desapareça; que eu cruze uma parede sem nenhum problema, cruze um cercado, uma montanha, como se cruzasse o espaço; que eu mergulhe e saia da terra como se fosse água; caminhe sobre a água sem afundar, como se fosse terra; sentado de pernas cruzadas, que eu cruze o espaço como se fosse um pássaro; que eu toque com a minha mão e acaricie a lua e o sol tão forte e poderoso; que eu exerça poderes corporais até mesmo nos distantes mundos de *Brahma*,’ – você será capaz de experimentar qualquer um desses aspectos, havendo uma base adequada. [lxix](#)

20. “No grau que você desejar: ‘Que eu, com o elemento do ouvido divino, que é purificado e sobrepuja o humano, ouça tanto os sons divinos como os humanos, aqueles que estão distantes bem como os que estão próximos,’ - você será capaz de experimentar qualquer um desses aspectos, havendo uma base adequada.

21. “No grau que você que você desejar: ‘Que eu compreenda as mentes de outros seres, de outras pessoas, abarcando-as com a minha própria mente. Que eu compreenda uma mente afetada pelo desejo como afetada pelo desejo e uma mente não afetada pelo desejo como não afetada pelo desejo; Que eu compreenda uma mente afetada pela raiva como afetada pela raiva e uma mente não afetada pela raiva como não afetada pela raiva; Que eu compreenda uma mente afetada pela delusão como afetada pela delusão e uma mente não afetada pela delusão como não afetada pela delusão; Que eu compreenda uma mente contraída como contraída e uma mente distraída como distraída; Que eu compreenda uma mente transcendente como transcendente e uma mente não transcendente como não transcendente; Que eu compreenda uma mente superável como superável e uma mente não superável como não superável; Que eu compreenda uma mente concentrada como concentrada e uma mente não concentrada como não concentrada; Que eu compreenda uma mente libertada como libertada e uma mente não libertada como não libertada,’ - você será capaz de experimentar qualquer um desses aspectos, havendo uma base adequada.

22. “No grau que você que você desejar: ‘Que eu me recorde das minhas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos ... (igual ao [MN 51.24](#)) ... Assim eu me recordei das minhas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes,’ - você será capaz de experimentar qualquer um desses aspectos, havendo uma base adequada

23. “No grau que você que você desejar: ‘Que eu, por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano, veja seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados... (igual ao [MN 51.25](#)) ... Que eu compreenda como os seres prosseguem de acordo com as suas ações’ - você será capaz de experimentar qualquer um desses aspectos, havendo uma base adequada.

24. “No grau que você que você desejar: ‘Que eu, realizando por mim mesmo através do conhecimento direto, aqui e agora, entre e permaneça na libertação da mente e libertação através da sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas’ - você será capaz de experimentar qualquer um desses aspectos, havendo uma base adequada.

25. Então, o venerável Vacchagotta, tendo ficado contente e satisfeito com as palavras do Abençoado, levantou-se do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

26. Depois de não muito tempo, permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, ele alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: “O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que

deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.” E assim o venerável Vacchagotta tornou-se mais um dos *arahants*.

27. Agora, naquela ocasião inúmeros *bhikkhus* estavam indo ver o Abençoado. O venerável Vacchagotta os viu vindo à distância. Ao vê-los ele foi até eles e perguntou: “Onde os veneráveis estão indo?”

“Nós estamos indo ver o Abençoado, amigo.”

“Nesse caso, possam os veneráveis homenagear em meu nome com as suas cabeças aos pés do Abençoado dizendo: ‘Venerável senhor, o *bhikkhu* Vacchagotta presta uma homenagem com a cabeça dele aos pés do Abençoado.’ Então digam: ‘O Abençoado tem sido venerado por mim, o Sublime tem sido venerado por mim.’”

“Sim, amigo,” aqueles *bhikkhus* responderam. Então eles foram até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, sentaram a um lado e disseram para o Abençoado: “Venerável senhor, o venerável Vacchagotta presta uma homenagem com a cabeça dele aos pés do Abençoado, e ele diz: ‘O Abençoado tem sido venerado por mim, o Sublime tem sido venerado por mim.’”

28. “*Bhikkhus*, tendo abrangido a mente dele com a minha mente, eu já sabia do *bhikkhu* Vacchagotta: ‘O *bhikkhu* Vacchagotta realizou os três conhecimentos verdadeiros e tem grande poder e força supra-humanos.’ E as divindades também me disseram isso: “O *bhikkhu* Vacchagotta realizou os três conhecimentos verdadeiros e tem grande poder e força supra-humanos.’”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

74 *Dighanakha Sutta* Para Dighanakha

O Buda contesta as afirmações de um céptico

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava em Rajagaha na Caverna do Javali no Pico do Abutre.

2. Então, o errante Dighanakha foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele ficou em pé a um lado e disse para o Abençoado: “Mestre Gotama, assim é a minha doutrina e entendimento : ‘Nada é admissível para mim.’”

“Essa sua idéia, Aggivessana, ‘Nada é admissível para mim.’ – nem ao menos essa idéia é admissível para você?”

“Se essa minha idéia fosse admissível para mim, Mestre Gotama, isso também seria a mesma coisa, isso também seria a mesma coisa.”

3. “Bem, Aggivessana, há muitos no mundo que dizem: ‘Isso também seria a mesma coisa, isso também seria a mesma coisa’ mas eles não abandonam aquela idéia e tomam mais uma outra idéia. São poucos no mundo que dizem: ‘Isso também seria a mesma coisa, isso também seria a mesma coisa’ e que abandonam aquela idéia e não tomam uma outra idéia.

4. “Aggivessana, existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é: ‘Tudo é admissível para mim.’ Existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é: ‘Nada é admissível para mim.’ E existem alguns contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é: ‘Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim.’ Dentre estes, o entendimento daqueles contemplativos e brâmanes, cuja doutrina e entendimento é ‘Tudo é admissível para mim,’ está próximo da cobiça, próximo do cativo, próximo do leite, próximo da agarrão, próximo do apego. O entendimento daqueles contemplativos e brâmanes, cuja doutrina e entendimento é ‘Nada é admissível para mim,’ está próximo da não-cobiça, próximo do não-cativo, próximo do não-leite, próximo da não-agarrão, próximo do não-apego.”

5. Quando isso foi dito, o errante Dighanakha observou: “Mestre Gotama recomenda a minha idéia, Mestre Gotama recomenda a minha idéia.”

“Aggivessana, quanto aos contemplativos e brâmanes cuja doutrina e entendimento é ‘Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim,’ - o entendimento deles quanto ao que é admissível está próximo da cobiça, próximo do cativo, próximo do leite, próximo da agarrão, próximo do apego, enquanto que o entendimento deles quanto ao que não é admissível está próximo da não-cobiça, próximo do não-cativo, próximo do não-leite, próximo da não-agarrão, próximo do não-apego.”

6. “Agora, Aggivessana, um homem sábio, entre aqueles contemplativos e brâmanes, cuja doutrina e entendimento é ‘Tudo é admissível para mim’ considera o seguinte: ‘Se eu agarrar com obstinação a minha idéia “Tudo é admissível para mim” e declarar: “Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso,” então poderei ter uma desavença com os outros dois: com um contemplativo ou brâmane cuja doutrina e entendimento é “Nada é admissível para mim” e com um contemplativo ou brâmane cuja doutrina e entendimento é “Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim.” Eu poderei ter uma desavença com esses dois, e quando há uma desavença, há disputas; quando há disputas, há brigas; quando há brigas, há irritação.’ Antevendo desavenças, disputas, brigas e irritação, ele abandona aquela idéia e não toma nenhuma outra idéia. Assim é como ocorre o abandono daquelas idéias; assim é como ocorre a abdicação daquelas idéias.

7. “Um homem sábio, entre aqueles contemplativos e brâmanes, cuja doutrina e entendimento é ‘Nada é admissível para mim’ considera o seguinte: ‘Se eu agarrar com obstinação a minha idéia “Nada é admissível para mim” e declarar: “Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso,” então poderei ter uma desavença com os outros dois: com um contemplativo ou Brâmane cuja doutrina e entendimento é “Tudo é admissível para mim” e com um contemplativo ou brâmane cuja doutrina e entendimento é “Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim.” Eu poderei ter uma desavença com esses dois e quando há uma desavença, há disputas; quando há disputas, há brigas; quando há brigas, há irritação.’ Antevendo desavenças, disputas, brigas e irritação, ele abandona aquela idéia e não toma nenhuma outra idéia. Assim é como ocorre o abandono daquelas idéias; assim é como ocorre a abdicação daquelas idéias.

8. “Um homem sábio, entre aqueles contemplativos e brâmanes, cuja doutrina e entendimento é ‘Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim’ considera o seguinte: ‘Se eu agarrar com obstinação a minha idéia “Algumas coisas são admissíveis para mim, algumas coisas não são admissíveis para mim” e declarar: “Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso,” então poderei ter uma desavença com os outros dois: com um contemplativo ou brâmane cuja doutrina e entendimento é “Tudo é admissível para mim” e com um contemplativo ou brâmane cuja doutrina e entendimento é “Nada é admissível para mim.” Eu poderei ter uma desavença com esses dois, e quando há uma desavença, há disputas; quando há disputas, há brigas; quando há brigas, há irritação.’ Antevendo desavenças, disputas, brigas e irritação, ele abandona aquela idéia e não toma nenhuma outra idéia. Assim é como ocorre o abandono daquelas idéias; assim é como ocorre a abdicação daquelas idéias.

9. “Agora, Aggivessana, este corpo feito de forma material, consistindo dos quatro grandes elementos, procriado por uma mãe e pai, construído com arroz cozido e mingau, está sujeito à impermanência, a ser gasto e pulverizado, à dissolução e desintegração. Ele deve ser considerado como impermanente, como sofrimento, como uma enfermidade, como um tumor, como uma flecha, como uma calamidade, como uma aflição, como um estranho, desintegrando, vazio, não-eu. Quando alguém considera este corpo assim, ele abandona o desejo pelo corpo, a afeição pelo corpo, a subserviência ao corpo.

10. “Existem, Aggivessana, três tipos de sensações: sensação prazerosa, sensação dolorosa e sensação nem dolorosa, nem prazerosa. Quando uma pessoa sente uma sensação prazerosa, ela não sente uma sensação dolorosa ou uma sensação nem dolorosa, nem prazerosa; naquela ocasião ela sente apenas a sensação prazerosa. Quando uma pessoa sente uma sensação dolorosa, ela não sente uma sensação prazerosa ou uma sensação nem dolorosa, nem prazerosa; naquela ocasião ela sente apenas a sensação dolorosa. Quando uma pessoa sente uma sensação nem dolorosa, nem prazerosa, ela não sente uma sensação dolorosa ou uma sensação prazerosa; naquela ocasião ela sente apenas a sensação nem dolorosa, nem prazerosa.

11. “A sensação prazerosa, Aggivessana, é impermanente, condicionada, com origem dependente, sujeita à destruição, desaparecimento, decadência e cessação. A sensação

dolorosa também é impermanente, condicionada, com origem dependente, sujeita à destruição, desaparecimento, decadência e cessação. A sensação nem dolorosa, nem prazerosa também é impermanente, condicionada, com origem dependente, sujeita à destruição, desaparecimento, decadência e cessação.

12. “Vendo dessa forma, um nobre discípulo bem instruído se desencanta com a sensação prazerosa, se desencanta com a sensação dolorosa, se desencanta com a sensação nem dolorosa, nem prazerosa. Desencantado, ele se torna desapegado. Através do desapego a sua mente é libertada. Quando ela está libertada surge o conhecimento: ‘Libertada.’ Ele compreende que: ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’

13. “Um *bhikkhu* cuja mente esteja assim libertada, Aggivessana, não toma partido de ninguém e não disputa com ninguém; ele emprega a linguagem usada de forma corrente no mundo sem se agarrar a ela.”

14. Agora, naquela ocasião o venerável Sariputta estava em pé atrás do Abençoado, ventilando-o. Então ele pensou “O Abençoado, de fato, fala do abandono dessas coisas através do conhecimento direto; o Iluminado, de fato, fala da abdicação dessas coisas através do conhecimento direto.” Enquanto o venerável Sariputta considerava isso, através do desapego a sua mente foi libertada das impurezas.

15. Mas no errante Dighanakha surgiu a perfeita e imaculada visão do Dhamma: “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.” O errante Dighanakha viu o Dhamma, alcançou o Dhamma, compreendeu o Dhamma, examinou a fundo o Dhamma; ele superou a dúvida, se libertou da perplexidade, conquistou a intrepidez, e se tornou independente dos outros na Revelação do Mestre. [Lxx](#)

16. Então ele disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estava perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para que aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como o discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida.”

75 *Magandiya Sutta*

Para Magandiya

O Buda encontra o filósofo hedonista Magandiya

1. Assim ouvi. Certa ocasião o Abençoado estava no país dos Kurus em uma cidade Kuru denominada Kammasadhamma, num leito de capim no cômodo com lareira de um brâmane pertencente ao clã Bharadvaja.

2. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Kammasadhamma esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Kammasadhamma e de haver retornado, após a refeição ele foi até um certo bosque para passar o resto do dia. Tendo entrado no bosque, ele sentou à sombra de uma árvore.

3. Então o errante Magandiya, enquanto caminhava e perambulava fazendo exercício, foi até o cômodo com lareira do brâmane pertencente ao clã Bharadvaja. Lá, ele viu um leito preparado com capim e perguntou ao brâmane: “Para quem foi preparado esse leito com capim no cômodo com lareira do Mestre Bharadvaja? Parece a cama de um contemplativo.”

4. “Mestre Magandiya, é para o contemplativo Gotama, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.’ Esse leito foi preparado para o Mestre Gotama.”

5. “Sem dúvida, Mestre Bharadvaja, é uma visão ruim quando vemos a cama daquele destruidor do crescimento, [lxxi](#) Mestre Gotama.”

“Seja cuidadoso com aquilo que você diz, Magandiya, seja cuidadoso com aquilo que você diz! Muitos nobres sábios, brâmanes sábios, chefes de família sábios e contemplativos sábios têm plena confiança no Mestre Gotama e foram treinados por ele no nobre caminho, no Dhamma que é benéfico.”

“Mestre Bharadvaja, mesmo se vissemos esse Mestre Gotama cara a cara, diríamos na cara dele: ‘O contemplativo Gotama é um destruidor do crescimento.’ Por que isso? Porque isso está registrado nas nossas escrituras.”

“Se o Mestre Magandiya não tiver objeção, posso relatar isso ao Mestre Gotama?”

“Que o Mestre Bharadvaja fique tranqüilo. Conte aquilo que eu acabei de dizer.”

6. Enquanto isso, com o ouvido divino, que é purificado e ultrapassa o humano, o Abençoado ouviu essa conversa entre o brâmane do clã Bharadvaja e o errante Magandiya. Então, ao anoitecer o Abençoado se levantou da meditação, foi para o cômodo com lareira do brâmane e sentou-se na cama com capim que havia sido preparada. Então o brâmane do clã Bharadvaja foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado ele sentou a um lado. O Abençoado perguntou: “Bharadvaja, você teve alguma conversa com o errante Magandiya acerca desta cama com capim?” Quando isso foi dito, o brâmane, espantado e com os cabelos em pé, respondeu: “Queríamos contar ao Mestre Gotama exatamente sobre isso, mas o Mestre Gotama se antecipou.”

7. Mas essa conversa entre o Abençoado e o brâmane do clã Bharadvaja não foi concluída pois então o errante Magandiya, enquanto caminhava e perambulava fazendo exercício, chegou no cômodo com lareira do brâmane e se dirigiu ao Abençoado. Ambos se cumprimentaram e quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado. O Abençoado disse:

8. “Magandiya, o olho sente prazer com as formas, goza com as formas, se delicia com as formas; isso foi domado, guardado, protegido e contido pelo *Tathagata*, e ele ensina o Dhamma para a sua contenção. Foi com referência a isso que você disse: ‘O contemplativo Gotama é um destruidor do crescimento’?”

“Foi com referência a isso, Mestre Gotama, que eu disse: ‘O contemplativo Gotama é um destruidor do crescimento.’ Por que isso? Porque isso está registrado nas nossas escrituras.”

“O ouvido sente prazer com os sons... O nariz sente prazer com os aromas... A língua sente prazer com os sabores... O corpo sente prazer com os tangíveis... A mente sente prazer com os objetos mentais, goza com os objetos mentais, se delicia com os objetos mentais; isso foi domado, guardado, protegido e contido pelo *Tathagata*, e ele ensina o Dhamma para a sua contenção. Foi com referência a isso que você disse: ‘O contemplativo Gotama é um destruidor do crescimento’?”

“Foi com referência a isso, Mestre Gotama, que eu disse: ‘O contemplativo Gotama é um destruidor do crescimento’ Por que isso? Porque isso está registrado nas nossas escrituras.”

9. “O que você pensa, Magandiya? Aqui, alguém pode no passado ter desfrutado o prazer através das formas percebidas pelo olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Mais tarde, tendo compreendido como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória no caso das formas, ele poderá abandonar o desejo pelas formas, remover a febre pelas formas e permanecer sem sede, com a mente em paz no seu interior. O que você diria para ele, Magandiya?” – “Nada, Mestre Gotama.”

“O que você pensa, Magandiya? Aqui, alguém pode no passado ter desfrutado o prazer através dos sons percebidos pelo ouvido... dos aromas percebidos pelo nariz... sabores percebidos pela língua... tangíveis percebidos pelo corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Mais tarde, tendo compreendido como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória no caso dos tangíveis, ele poderá abandonar o desejo pelos tangíveis, remover a febre pelos tangíveis e permanecer sem sede, com a mente em paz no seu interior. O que você diria para ele, Magandiya?” – “Nada, Mestre Gotama.”

10. “Magandiya, no passado quando vivia a vida em família, eu desfrutava o prazer provido e dotado dos cinco elementos do prazer sensual: com as formas percebidas pelo olho... com os sons percebidos pelo ouvido... com os aromas percebidos pelo nariz...

com os sabores percebidos pela língua... com os tangíveis percebidos pelo corpo, que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Eu tinha três palácios, um para a estação das chuvas, um para o inverno e um para o verão. Eu vivia no palácio para a estação das chuvas durante os quatro meses da estação das chuvas, desfrutando o prazer com músicos que eram todas mulheres, e eu não ia até o palácio que estava mais abaixo. Mais tarde, tendo compreendido como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória no caso das formas, eu abandonei o desejo pelas formas, removi a febre pelas formas e permaneci sem sede, com a mente em paz no seu interior. Eu vejo outros seres que não estão livres da cobiça pelos prazeres sensuais sendo devorados pelo desejo pelos prazeres sensuais, queimando com a febre pelos desejos sensuais, se entregando aos prazeres sensuais, e eu não os invejo, nem sinto prazer nisso. Por que isso? Porque existe um deleite, Magandiya, que está afastado dos prazeres sensuais, afastado dos estados prejudiciais, que ultrapassa até mesmo o prazer divino.^{lxxii} Como eu me deleito nisso, não invejo o que é inferior, nem sinto prazer naquilo.

11. “Suponha, Magandiya, que um chefe de família ou o filho de um chefe de família fosse rico, com grande riqueza e grandes posses, e tendo sido provido e dotado dos cinco elementos do prazer sensual, ele desfrutasse do prazer com as formas percebidas pelo olho ... com os sons percebidos pelo ouvido ... com os aromas percebidos pelo nariz ... com os sabores percebidos pela língua ... com os tangíveis percebidos pelo corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Tendo boa conduta com o corpo, linguagem e mente, na dissolução do corpo, após a morte, ele renasce num destino feliz, no paraíso, em companhia dos *devas* do Trinta e três; e lá, cercado por um grupo de ninfas do Bosque de Nandana, ele desfruta o prazer, provido e dotado dos cinco elementos do prazer sensual divino. Suponha que ele visse um chefe de família ou o filho de um chefe de família desfrutando o prazer, provido e dotado dos cinco elementos [humanos] do prazer sensual. O que você pensa, Magandiya? Aquele jovem *deva* cercado pelo grupo de ninfas do Bosque de Nandana, desfrutando o prazer, provido e dotado dos cinco elementos do prazer sensual divino, invejaria o chefe de família ou o filho do chefe de família devido aos cinco elementos do prazer sensual humano, ele retornaria ao prazer sensual humano?”

“Não, Mestre Gotama. Por que não? Porque o prazer sensual divino é mais excelente e sublime que os prazeres sensuais humanos.”

12. “Da mesma forma, Magandiya, no passado quando vivia a vida em família, eu desfrutava o prazer, provido e dotado dos cinco elementos do prazer sensual: com as formas percebidas pelo olho ... com os sons percebidos pelo ouvido ... com os aromas percebidos pelo nariz ... com os sabores percebidos pela língua ... com os tangíveis percebidos pelo corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Mais tarde, tendo compreendido como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória no caso das formas, eu abandonei o desejo pelas formas, removi a febre pelas formas e permaneci sem sede, com a mente em paz no seu interior. Eu vejo outros seres que não estão livres da cobiça pelos prazeres sensuais sendo devorados pelo desejo pelos

prazeres sensuais, queimando com a febre pelos prazeres sensuais, se entregando aos prazeres sensuais, e eu não os invejo, nem sinto prazer naquilo. Por que isso? Porque existe um deleite, Magandiya, que está afastado dos prazeres sensuais, afastado de estados prejudiciais, que ultrapassa até mesmo o prazer divino. Como eu me deleito nisso, não invejo o que é inferior, nem sinto prazer naquilo.

13. “Suponha, Magandiya, que houvesse um leproso com feridas e chagas nos membros, sendo devorado por vermes, coçando as crostas das feridas com as unhas, cauterizando as feridas do corpo com carvão em brasa. Então os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, trouxessem um médico para tratar dele. O médico prepararia um remédio para ele, e através desse remédio o homem ficaria curado da lepra e estaria saudável e feliz, independente, senhor de si mesmo, capaz de ir onde quisesse. Então, ele talvez visse um outro leproso com feridas e chagas nos membros, sendo devorado por vermes, coçando as crostas das feridas com as unhas, cauterizando as feridas do corpo com carvão em brasa. O que você pensa, Magandiya? Aquele homem invejaria aquele leproso pelo seu carvão em brasas ou pelos remédios que ele estivesse usando?”

“Não, Mestre Gotama. Por que isso? Porque quando há enfermidade, o remédio tem que ser usado, e quando não há enfermidade o remédio não tem que ser usado.”

14. “Da mesma forma, Magandiya, no passado quando eu vivia a vida em família ... (igual ao verso12) ... Como eu me deleito nisso, não invejo o que é inferior, nem sinto prazer naquilo.

15. “Suponha, Magandiya, que houvesse um leproso com feridas e chagas nos membros, sendo devorado por vermes, coçando as crostas das feridas com as unhas, cauterizando as feridas do corpo com carvão em brasa. Então os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, trouxessem um médico para tratar dele. O médico prepararia um remédio para ele, e através desse remédio o homem ficaria curado da lepra e estaria saudável e feliz, independente, senhor de si mesmo, capaz de ir onde quisesse. Então dois homens fortes o agarrassem pelos dois braços e o arrastassem na direção de uma cova com carvão em brasa. O que você pensa, Magandiya? Aquele homem iria contorcer o corpo nesta e naquela direção?”

“Sim, Mestre Gotama. Por que isso? Porque aquele fogo é de fato doloroso de tocar, ardente e com calor intenso.”

“O que você pensa, Magandiya? Apenas agora aquele fogo é doloroso de tocar, ardente e com calor intenso, ou antes também aquele fogo era doloroso de tocar, ardente e com calor intenso?”

“Mestre Gotama, aquele fogo agora é doloroso de tocar, ardente e com calor intenso, e antes também aquele fogo era doloroso de tocar, ardente e com calor intenso. Pois quando aquele homem era um leproso com feridas e chagas nos membros e era devorado por vermes, coçando as crostas das feridas com as unhas, as suas faculdades estavam

debilitadas; dessa forma, embora o fogo na verdade fosse doloroso de tocar, ele de forma equivocada o percebia como prazeroso.”

16. “Da mesma forma, Magandiya, no passado os prazeres sensuais foram dolorosos de tocar, ardentes e com calor intenso; no futuro os prazeres sensuais serão dolorosos de tocar, ardentes e com calor intenso; e agora no presente os prazeres sensuais são dolorosos de tocar, ardentes e com calor intenso. Mas esses seres que não estão livres da cobiça pelos prazeres sensuais, que estão sendo devorados pelo desejo pelos prazeres sensuais, queimando com a febre pelos prazeres sensuais, que estão se entregando aos prazeres sensuais, estão com as faculdades debilitadas; dessa forma, embora os prazeres sensuais sejam na verdade dolorosos de tocar, eles de forma equivocada os percebem como prazer.

17. “Suponha, Magandiya, que houvesse um leproso com feridas e chagas nos membros, sendo devorado por vermes, coçando as crostas das feridas com as unhas, cauterizando as feridas do corpo com carvão em brasa; quanto mais ele coçasse as crostas e cauterizasse seu corpo, mais asquerosas, mais mal cheirosas e mais infectadas ficariam as feridas, no entanto ele descobriria uma certa dose de satisfação e prazer ao coçar suas feridas. Da mesma forma, Magandiya, seres que não estão livres da cobiça pelos prazeres sensuais, que estão sendo devorados pelo desejo pelos prazeres sensuais, que estão queimando com a febre pelos prazeres sensuais, ainda se entregando aos prazeres sensuais; quanto mais esses seres se entregarem aos prazeres sensuais, mais aumentará a sua cobiça pelos prazeres sensuais e mais eles serão queimados pela febre pelos prazeres sensuais, eles no entanto descobrem uma certa dose de satisfação e prazer na dependência desses cinco elementos do prazer sensual.

18. “O que você pensa, Magandiya? Você alguma vez viu ou ouviu um rei, ou o ministro de um rei, desfrutando do prazer, provido e dotado dos cinco elementos do prazer sensual que, sem abandonar o desejo pelos prazeres sensuais, sem remover a febre pelos prazeres sensuais, foi capaz de permanecer livre da sede, com a mente em paz no seu interior, ou que é capaz ou que será capaz de assim permanecer?” – “Não, Mestre Gotama.”

“Muito bem, Magandiya. Eu tampouco vi ou ouvi um rei, ou o ministro de um rei, desfrutando do prazer, provido e dotado dos cinco elementos do prazer sensual que, sem abandonar o desejo pelos prazeres sensuais, sem remover a febre pelos prazeres sensuais, foi capaz de permanecer livre da sede, com a mente em paz no seu interior, ou que seja capaz, ou que será capaz de assim permanecer. Ao contrário, Magandiya, aqueles contemplativos ou brâmanes que permaneceram ou permanecem ou permanecerão livres da sede, com a mente em paz no seu interior, todos assim o fazem depois de terem compreendido como na verdade é a origem, a cessação, a gratificação, o perigo e a escapatória no caso dos prazeres sensuais, e é depois de abandonar o desejo pelos prazeres sensuais e remover a febre pelos prazeres sensuais que eles permanecem ou permanecerão livres da sede, com a mente em paz no seu interior.”

19. Então naquele ponto o Abençoado pronunciou estes versos:

“O melhor de todos os ganhos é a saúde,
nibbana é a felicidade máxima,
o caminho óctuplo é o melhor dos caminhos,
pois ele conduz com segurança ao imortal.”

Quando isso foi dito, o errante Magandiya disse para o Abençoado: “É maravilhoso, Mestre Gotama, é admirável quão bem isso foi dito pelo Mestre Gotama:

‘O melhor de todos os ganhos é a saúde,
nibbana é a felicidade máxima’

Nós também ouvimos isso ser dito por errantes do passado na tradição dos mestres, e é a mesma coisa, Mestre Gotama.”

“Mas, Magandiya, quando você ouviu isso ser dito por errantes do passado na tradição dos mestres, o que é a saúde, o que é *nibbana*?”

Quando isso foi dito, o errante Magandiya esfregou os membros com as mãos e disse: “Isto é saúde, Mestre Gotama, isto é *nibbana*; pois eu agora estou saudável e feliz e nada me aflige.”

20. “Magandiya, suponha que houvesse um homem cego que não pudesse enxergar as formas escuras e claras, que não pudesse enxergar as formas azuis, amarelas, vermelhas ou rosa, que não pudesse enxergar o que fosse regular ou irregular, não pudesse enxergar as estrelas ou o sol e a lua. Pode ser que ele ouvisse um homem com boa visão dizendo: ‘Bom, senhores, deveras é um tecido branco, belo, imaculado e limpo!’ e ele sairia em busca de um tecido branco. Então um homem o trapacearia com um tecido sujo, manchado, assim: ‘Bom homem, aqui está para você um tecido branco, belo, imaculado e limpo.’ E ele o aceitaria e vestiria, e estando satisfeito diria estas palavras de satisfação: ‘Bom, senhores, deveras é um tecido branco, belo, imaculado e limpo!’ O que você pensa, Magandiya? Quando aquele homem cego de nascença aceitou aquele tecido sujo, manchado, vestiu-o e satisfeito disse estas palavras de satisfação: ‘Bom, senhores, deveras é um tecido branco, belo, imaculado e limpo!’ – ele assim o fez sabendo e vendo, ou por fé no homem com boa visão?”

“Venerável senhor, ele teria feito isso sem saber e sem ver, por fé no homem com boa visão.”

21. “Da mesma forma, Magandiya, os errantes de outras seitas são cegos e sem visão. Eles não sabem o que é saúde, eles não vêm *nibbana*, apesar disso proclamam estes versos:

‘O melhor de todos os ganhos é a saúde,
nibbana é a felicidade máxima’

Estes versos foram proclamados pelos Abençoados, Perfeitamente Iluminados do passado:

‘O melhor de todos os ganhos é a saúde,
nibbana é a felicidade máxima,
o caminho óctuplo é o melhor dos caminhos,
pois ele conduz com segurança ao imortal.’

Agora, aos poucos, esses versos se tornaram conhecidos entre as pessoas comuns. E embora este corpo, Magandiya, seja uma enfermidade, um tumor, uma flecha, uma calamidade e uma aflição, referindo-se a este corpo você diz: ‘Isto é saúde, Mestre Gotama, isto é *nibbana*.’ Você não tem aquela nobre visão, Magandiya, através da qual você possa saber o que é saúde e ver *nibbana*.’

22. “Eu tenho confiança no Mestre Gotama assim: ‘Mestre Gotama é capaz de ensinar-me o Dhamma de tal forma que eu possa vir a saber o que é saúde e ver *nibbana*.’”

“Magandiya, suponha que houvesse um homem cego que não pudesse enxergar as formas escuras e claras, que não pudesse enxergar as formas azuis, amarelas, vermelhas ou rosa, que não pudesse enxergar o que fosse regular ou irregular, não pudesse enxergar as estrelas ou o sol e a lua. Então, os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, trouxessem um médico para tratar dele. O médico lhe prepararia um remédio e através desse remédio a visão do homem não surgiria e não se purificaria. O que você pensa, Magandiya, aquele médico iria obter apenas fadiga e enervação?” – “Sim, Mestre Gotama.” – “Da mesma forma, Magandiya, se eu lhe ensinasse o Dhamma desta forma: ‘Isto é saúde, isto é *nibbana*,’ você poderá não saber o que é saúde e poderá não ver *nibbana* e isso seria fatigante e problemático para mim.”

23. “Eu tenho confiança no Mestre Gotama assim: ‘Mestre Gotama é capaz de ensinar-me o Dhamma de tal forma que eu possa vir a saber o que é saúde e ver *nibbana*.’”

“Magandiya, suponha que houvesse um homem cego que não pudesse enxergar as formas escuras e claras ... ou o sol e a lua. Pode ser que ele ouvisse um homem com boa visão dizendo: ‘Bom, senhores, de veras é um tecido branco, belo, imaculado e limpo!’ e ele sairia em busca de um tecido branco. Então um homem o trapacearia com um tecido sujo, manchado, assim: ‘Bom homem, aqui está para você um tecido branco, belo, imaculado e limpo.’ E ele o aceitaria e vestiria. Então os seus amigos e companheiros, seus pares e parentes, trariam um médico para tratar dele. O médico prepararia um remédio – eméticos e purgativos, pomadas e contra-pomadas e tratamento nasal – e através desse remédio a visão do homem surgiria e se purificaria. Junto com o surgimento da sua visão, o desejo e apreço por aquele tecido sujo e manchado seriam abandonados; então é possível que ele ardesse de indignação e inimizade em relação aquele homem e é possível que ele pensasse que deveria matá-lo assim: ‘De fato, durante muito tempo eu fui enganado, trapaceado e defraudado por esse homem com este tecido sujo e manchado quando ele me disse: “Bom homem, aqui está para você um tecido branco, belo, imaculado e limpo.”’”

24. “Da mesma forma, Magandiya, se eu lhe ensinasse o Dhamma desta forma: ‘Isto é saúde, isto é *nibbana*,’ é possível que você saiba o que é saúde e veja *nibbana*. Junto com o surgimento da sua visão, é possível que o desejo e cobiça pelos cinco agregados influenciados pelo apego seja abandonado. Então, talvez você pense: ‘De fato, durante muito tempo eu fui enganado, trapaceado e defraudado por esta mente. Pois ao me apegar, eu estava me apegando apenas à forma material, eu estava me apegando apenas à sensação, eu estava me apegando apenas à percepção, eu estava me apegando apenas às formações, eu estava me apegando apenas à consciência. Com o meu apego como condição, ser/existir [surge]; com o ser/existir como condição, nascimento; com o nascimento como condição, envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgem. Essa é a origem de toda essa massa de sofrimento.’”

25. “Eu tenho confiança no Mestre Gotama assim: ‘Mestre Gotama é capaz de ensinar-me o Dhamma de tal forma que eu possa me levantar do meu assento curado da minha cegueira.’”

“Então, Magandiya, associe-se com homens verdadeiros. Se você se associar com homens verdadeiros, irá ouvir o Dhamma verdadeiro. Ao ouvir o Dhamma verdadeiro, você irá praticar de acordo com o Dhamma verdadeiro. Quando você pratica de acordo com o Dhamma verdadeiro, você irá conhecer e ver por você mesmo assim: ‘Essas são enfermidades, tumores e flechas; mas aqui essas enfermidades, tumores e flechas cessam sem deixar vestígios. [lxxiii](#) Com a cessação do meu apego, cessa o ser/existir; com a cessação do ser/existir, cessa o nascimento; com a cessação do nascimento, envelhecimento, morte, tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero tudo cessa. Essa é a cessação de toda essa massa de sofrimento.’”

26. Quando isso foi dito o errante Magandiya disse: "Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para que aqueles que possuem visão possam ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Eu receberia a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa.”

27. “Magandiya, alguém que anteriormente tenha pertencido a uma outra seita e que quer ser admitido na vida santa e a admissão completa neste Dhamma e Disciplina terá um período de noviciado de quatro meses. Ao final dos quatro meses, se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos com ele, eles lhe darão a admissão na vida santa e também a admissão completa como *bhikkhu*. Mas eu reconheço diferenças entre indivíduos neste assunto.”

"Venerável senhor, se aqueles que pertenceram anteriormente a uma outra seita e querem a admissão na vida santa e a admissão completa nesse Dhamma e Disciplina vivem como noviços durante quatro meses e ao final dos quatro meses os *bhikkhus* que estiverem satisfeitos com ele lhe darão admissão na vida santa e também a admissão completa como

bhikkhu, eu viverei como noviço durante quatro anos. Ao final dos quatro anos, se os *bhikkhus* estiverem satisfeitos, que me dêem a admissão na vida santa e a admissão completa como *bhikkhu*."

28. Então o errante Magandiya recebeu a admissão na vida santa sob o Abençoado e ele recebeu a admissão completa como *bhikkhu*. E depois da sua admissão completa, permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, em pouco tempo, ele alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: "O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado." E o venerável Magandiya se tornou mais um dos *arahants*.

76 Sandaka Sutta

Para Sandaka

A vida santa que realmente produz frutos

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Kosambi no Parque de Ghosita.
2. Agora naquela ocasião o errante Sandaka estava na Caverna da árvore Pilakkha com uma grande assembléia de errantes.
3. Então ao anoitecer, o venerável Ananda saiu da meditação e se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: "Venham, amigos, vamos até o Lago Devakata para ver a caverna," – "Sim, amigo," aqueles *bhikkhus* responderam.
4. Agora naquela ocasião o errante Sandaka estava sentado com uma grande assembléia de errantes que estavam fazendo uma grande baderna, conversando em voz alta e aos berros sobre muitos assuntos inúteis, tal como falar sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e falar sobre a existência ou não das coisas. Então o errante Sandaka viu o venerável Ananda vindo à distância. Ao vê-lo, ele silenciou a assembléia dizendo o seguinte: "Senhores, fiquem quietos; senhores, não façam ruído. Ali vem o contemplativo Ananda, um discípulo do contemplativo Gotama, um dos discípulos do contemplativo Gotama que está em Kosambi. Esses veneráveis gostam do silêncio; eles são disciplinados no silêncio; eles recomendam o silêncio. Talvez, se ele encontrar a nossa assembléia em silêncio, ele pensará em juntar-se a nós." Então os errantes ficaram em silêncio.
5. O venerável Ananda foi até o errante Sandaka que lhe disse: "Venha Mestre Ananda! Bem vindo Mestre Ananda! Já faz muito tempo desde que o Mestre Ananda encontrou

uma oportunidade para vir aqui. Que o Mestre Ananda sente; este assento está preparado.”

O venerável Ananda sentou no assento que havia sido preparado e o errante Sandaka tomou um assento mais baixo ao lado. Tendo feito isso, o venerável Ananda perguntou: “Qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui agora, Sandaka? E qual é a discussão que foi interrompida?”

“Mestre Ananda, deixemos de lado a discussão pela qual estamos aqui sentados juntos. O Mestre Ananda poderá ouvi-la mais tarde. Seria bom se o Mestre Ananda pudesse discursar sobre o Dhamma do seu mestre.”

“Então, Sandaka, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.”

“Sim, senhor,” ele respondeu. O venerável Ananda disse o seguinte:

6. “Sandaka, esses quatro modos que impossibilitam viver a vida santa foram declarados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado e também esses quatro tipos de vida santa insatisfatória foram declarados, nos quais um homem sábio com certeza não viveria a vida santa, ou se ele a vivesse, não realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico.”

“Mas, Mestre Ananda, quais são esses quatro modos que impossibilitam viver a vida santa, que foram declarados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, nos quais um homem sábio com certeza não viveria a vida santa, ou se ele a vivesse, não realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico?”

7. “Nesse caso, Sandaka, um mestre possui uma doutrina e entendimento desta forma: [lxxiv](#) Não existe nada que é dado, nada que é oferecido, nada que é sacrificado; não existe fruto ou resultado de ações boas ou más; não existe este mundo, nem outro mundo; não existe mãe, nem pai; nenhum ser que renasça espontaneamente; não existem no mundo brâmanes nem contemplativos bons e virtuosos que, após terem conhecido e compreendido diretamente por eles mesmos, proclamem este mundo e o próximo. Uma pessoa consiste dos quatro grandes elementos. Quando ela morre, a terra retorna e vai para o corpo da terra, a água retorna e vai para o corpo da água, o fogo retorna e vai para o corpo do fogo, o ar retorna e vai para o corpo do ar; as faculdades são transferidas para o espaço. Quatro homens com o ataúde como quinto levam o corpo embora. As orações funerárias duram até chegar no cemitério; os ossos branqueiam; as oferendas queimadas terminam como cinzas. A generosidade é uma doutrina dos tolos. Qualquer um que afirme uma doutrina de que a generosidade existe, isso é vazio, falsa tagarelice. Tolos e sábios são da mesma forma extintos e aniquilados com a dissolução do corpo; depois da morte eles não existem.’

8. “Com relação a isso um homem sábio considera o seguinte: ‘Este bom mestre possui esta doutrina e entendimento: “Não existe nada que é dado ... depois da morte eles não existem.” Se as palavras desse bom mestre forem verdadeiras, então com respeito a esse

ensinamento eu fiz a minha tarefa ao não fazê-la, com respeito a esse ensinamento eu vivi a vida santa ao não vivê-la. [lxxv](#) Com respeito a esse ensinamento nós dois somos absolutamente iguais, ambos alcançamos a igualdade, no entanto eu não digo que nós dois seremos extintos e aniquilados com a dissolução do corpo, que depois da morte nós não existiremos. Mas é desnecessário que esse bom mestre ande por aí nu, sem barbear, que ele se esforce numa posição agachada e que arranque o seu cabelo e barba, visto que eu, que vivo numa casa cheia de crianças, gozando do sândalo de Benares, usando grinaldas, perfumes e unguentos, recebendo ouro e prata, irei colher exatamente o mesmo destino, o mesmo curso que esse bom mestre. O que é que sei e vejo, que me levaria a viver a vida santa sob a orientação desse mestre?’ Assim, ao descobrir que esse modo impossibilita viver a vida santa, ele se afasta dele e o abandona.

9. “Esse é o primeiro modo que impossibilita viver a vida santa, que foi declarado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, no qual um homem sábio com certeza não viveria a vida santa, ou se ele a vivesse, não realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico.

10. “Novamente, Sandaka, um mestre possui uma doutrina e entendimento desta forma: [lxxvi](#) ‘Agindo ou fazendo com que outros ajam, mutilando ou fazendo com que outros mutilem, torturando ou fazendo com que outros torturem, causando sofrimento ou fazendo com que outros causem sofrimento, atormentando ou fazendo com que outros atormentem, intimidando ou fazendo com que outros intimidem, matando, tomando o que não é dado, arrombando casas, pilhando riquezas, roubando, emboscando nas estradas, cometendo adultério, dizendo mentiras - a pessoa não faz o mal. Se com uma lâmina afiada como uma navalha alguém convertesse todos os seres vivos sobre a terra num único amontoado de carne, uma única pilha de carne, não haveria mal por isso, nenhum resultado do mal. Mesmo se alguém fosse ao longo da margem direita do rio Gânges, matando e fazendo com que outros matem, mutilando e fazendo com que outros mutilem, torturando e fazendo com que outros torturem, não haveria mal por isso, nenhum resultado do mal. Mesmo se alguém fosse ao longo da margem esquerda do rio Gânges, dando dádivas e fazendo com que outros dêem dádivas, dando oferendas e fazendo com que outros dêem oferendas, por causa disso não haveria mérito e nenhum resultado do mérito. Através da generosidade, do autocontrole, da contenção e dizendo a verdade não há mérito por essa causa, nenhum resultado do mérito.’

11. “Com relação a isso um homem sábio considera o seguinte: ‘Este bom mestre possui esta doutrina e entendimento: “Agindo ou fazendo com que outros ajam ... não há mérito por essa causa, nenhum resultado do mérito.” Se as palavras desse bom mestre forem verdadeiras, então com respeito a esse ensinamento eu fiz a minha tarefa ao não fazê-la, com respeito a esse ensinamento eu vivi a vida santa ao não vivê-la. Com respeito a esse ensinamento nós dois somos absolutamente iguais, ambos alcançamos a igualdade, no entanto, eu não digo que, o que quer que nós dois façamos, nenhum mal será feito. Mas é desnecessário que esse bom mestre ande por aí nu ... O que é que sei e vejo, que me levaria a viver a vida santa sob a orientação desse mestre?’ Assim ao descobrir que esse modo impossibilita viver a vida santa, ele se afasta dele e o abandona.

12. “Esse é o segundo modo que impossibilita viver a vida santa que foi declarado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado ...

13. “Novamente, Sandaka, um mestre possui uma doutrina e entendimento desta forma: [lxvii](#) ‘Não existem causas e condições para a contaminação dos seres. Os seres são contaminados sem causas e condições. Não há causas e condições para a purificação dos seres. Os seres são purificados sem causas e condições. A realização de uma dada condição, de qualquer caráter, não depende quer seja das próprias ações, ou das ações dos outros, ou do esforço humano. Não há tal coisa como o poder ou energia, nem o poder humano ou a energia humana. Todos os animais, todas as criaturas, todos os seres, todas as almas, não têm força, poder e energia por si mesmos. Eles se inclinam nesta ou naquela direção de acordo com o seu destino, moldado de acordo com as circunstâncias e natureza da classe à qual pertencem, de acordo com a sua respectiva natureza: e é de acordo com a sua posição numa dessas seis classes que eles experimentam o prazer e a dor.’

14. “Com relação a isso um homem sábio considera o seguinte: ‘Este bom mestre possui esta doutrina e entendimento: “Não existem causas e condições para a contaminação dos seres ... numa dessas seis classes que eles experimentam o prazer e a dor.” Se as palavras desse bom mestre forem verdadeiras, então com respeito a esse ensinamento eu fiz a minha tarefa ao não fazê-la, com respeito a esse ensinamento eu vivi a vida santa ao não vivê-la. Com respeito a esse ensinamento nós dois somos absolutamente iguais, ambos alcançamos a igualdade, no entanto eu não digo que nós dois seremos purificados sem causa e condição. Mas é desnecessário que esse bom mestre ande por aí nu ... O que é que sei e vejo, que me levaria a viver a vida santa sob a orientação desse mestre?’ Assim ao descobrir que esse modo impossibilita viver a vida santa, ele se afasta dele e o abandona.

15. “Esse é o terceiro modo que impossibilita viver a vida santa que foi declarado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado ...

16. “Novamente, Sandaka, um mestre possui uma doutrina e entendimento desta forma: [lxviii](#) ‘Existem sete elementos - não feitos, não causados, não criados, sem um criador, estéreis como o pico de uma montanha, plantados firmes como um pilar - que não se alteram, não mudam, não interferem uns com os outros, são incapazes de causar um ao outro o prazer, a dor, ou ambos. Quais sete? O elemento terra, o elemento água, o elemento fogo, o elemento ar, prazer, dor e alma como sétimo. Esses são os sete elementos não feitos, não causados, não criados, sem um criador, estéreis como o pico de uma montanha, plantados firmes como um pilar – que não se alteram, não mudam, não interferem uns com os outros, são incapazes de causar um ao outro o prazer, a dor, ou ambos. Portanto não há matador ou morto, ouvinte ou falante, conhecedor ou explicador. Quando alguém com uma espada afiada corta a cabeça de outra pessoa, não é tirada a vida de ninguém, a espada simplesmente passa no espaço entre os sete elementos. Existem 1.400.000 tipos principais de nascimento, 6.000 outros, e mais 600; existem 500 tipos de *kamma*, ou 5 tipos e 3 tipos, e meio *kamma*; existem 62 caminhos (modos de conduta), 62 ciclos cósmicos intermediários, 6 classes (diferenças entre os seres

humanos), 8 estágios na existência humana, 4.900 ocupações, 4.900 tipos de errantes, 4.900 moradas dos Nagas, 2.000 existências sencientes, 3.000 infernos, 36 lugares com poeira, 7 classes de renascimento de seres com consciência, 7 sem consciência, 7 classes de seres ‘livres dos grilhões’, 7 tipos de divindades, 7 tipos de seres humanos, 7 tipos de demônios, 7 lagos, 7 nós, 7 grandes e 7 pequenos precipícios, 7 grandes e 7 pequenos tipos de sonhos. Existem 8 milhões e 400 mil grandes ciclos cósmicos durante os quais, ambos os sábios e os tolos, transmigrando e perambulando através do ciclo de renascimentos darão um fim ao sofrimento da mesma forma. Embora os sábios aspirem: ‘Através desta virtude ou observância ou ascetismo ou desta vida santa eu amadurecerei o *kamma* que não está maduro e aniquilarei o *kamma* amadurecido na medida em que ele surgir.’ Embora os tolos tenham a mesma aspiração, nenhum deles será capaz de fazer isso. O prazer e a dor são repartidos e não podem ser alterados ao longo da transmigração, não pode haver o seu incremento nem a sua diminuição, não há excesso nem falta. Tal como uma bola de linha, quando arremessada, chega ao seu fim simplesmente desenrolando, da mesma forma, tendo transmigrado e perambulado através do ciclo de renascimentos, durante o tempo determinado, e somente depois disso, ambos os sábios e os tolos darão um fim ao sofrimento.’ [lxxix](#)

17. “Com relação a isso um homem sábio considera o seguinte: ‘Este bom mestre possui esta doutrina e entendimento: “Existem sete elementos ... os sábios e os tolos darão um fim ao sofrimento.” Se as palavras desse bom mestre forem verdadeiras, então com respeito a esse ensinamento eu fiz a minha tarefa ao não fazê-la, com respeito a esse ensinamento eu vivi a vida santa ao não vivê-la. Com respeito a esse ensinamento nós dois somos absolutamente iguais, ambos alcançamos a igualdade, no entanto eu não digo que nós dois daremos um fim ao sofrimento transmigrando e perambulando através do ciclo de renascimentos. Mas é desnecessário que esse bom mestre ande por aí nu ... O que é que sei e vejo, que me levaria a viver a vida santa sob a orientação desse mestre?’ Assim ao descobrir que esse modo impossibilita viver a vida santa, ele se afasta dele e o abandona.

18. “Esse é o quarto modo que impossibilita viver a vida santa, que foi declarado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado ...

19. “Esses, Sandaka, são os quatro modos que impossibilitam viver a vida santa, que foram declarados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, nos quais um homem sábio com certeza não viveria a vida santa, ou se ele a vivesse, não realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico.” [lxxx](#)

20. “É maravilhoso, Mestre Ananda, é admirável, como os quatro modos que impossibilitam viver a vida santa foram declarados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado ... Mas, Mestre Ananda, quais são os quatro tipos de vida santa insatisfatória que foram declarados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, nos quais um homem sábio com certeza não viveria a vida santa, ou se ele a vivesse, não realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico?”

21. “Nesse caso, Sandaka, um mestre declara ser onisciente e capaz de ver tudo, reivindica ter conhecimento completo e visão desta forma: ‘Quer eu esteja caminhando ou em pé, ou dormindo, ou desperto, o conhecimento e visão estão presentes em mim de forma contínua e ininterrupta.’ ^{lxxxii} Ele entra numa casa vazia, ele não obtém comida esmolada, um cachorro o morde, ele encontra um elefante selvagem, um cavalo selvagem, um touro selvagem, ele pergunta o nome e o clã de uma mulher ou um homem, ele pergunta o nome de um vilarejo ou cidade e o caminho para chegar lá. Ao ser questionado: ‘Como é isso?’ ele responde: ‘Eu tinha que entrar numa casa vazia, é por isso que entrei. Eu não tinha que obter comida esmolada, é por isso que não obtive. Eu tinha que ser mordido por um cachorro, é por isso que fui mordido. Eu tinha que encontrar um elefante selvagem, um cavalo selvagem, um touro selvagem, é por isso que os encontrei. Eu tinha que perguntar o nome e o clã de uma mulher ou um homem, é por isso que perguntei. Eu tinha que perguntar o nome de um vilarejo ou cidade e o caminho para chegar lá, é por isso que perguntei.’

22. “Com relação a isso um homem sábio considera o seguinte: ‘Este bom mestre declara ser onisciente e capaz de ver tudo, reivindica ter conhecimento completo e visão desta forma ... Ao ser questionado: “Como é isso?” ele responde: “Eu tinha que ... é por isso que perguntei.” Assim ao descobrir que esta vida santa é insatisfatória, ele se afasta dela e a abandona.

23. “Esse é o primeiro tipo de vida santa insatisfatória, que foi declarado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, no qual um homem sábio com certeza não viveria a vida santa, ou se ele a vivesse, não realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico.

24. “Novamente, Sandaka, um mestre é um tradicionalista, que considera a tradição oral como verdade; ele ensina o Dhamma por meio da tradição oral, através de lendas que foram transmitidas, através do que foi registrado nas escrituras. Mas quando um mestre é um tradicionalista, que considera a tradição oral como verdade, algumas coisas são lembradas da forma correta e algumas são lembradas da forma incorreta, algumas são verdadeiras outras não.

25. “Com relação a isso um homem sábio considera o seguinte: ‘Este bom mestre é um tradicionalista ... algumas são verdadeiras outras não.’ Assim ao descobrir que esta vida santa é insatisfatória, ele se afasta dela e a abandona.

26. “Esse é o segundo tipo de vida santa insatisfatória, que foi declarado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado ...

27. “Novamente, Sandaka, um mestre é um racionalista, um investigador. Ele ensina um Dhamma elaborado com o raciocínio seguindo uma linha de investigação conforme ela lhe ocorrer. Mas quando um mestre é um racionalista, um investigador, algumas coisas são raciocinadas da forma correta e algumas são raciocinadas da forma incorreta, algumas são verdadeiras outras não.

28. “Com relação a isso um homem sábio considera o seguinte: ‘Este bom mestre é um racionalista ... algumas são verdadeiras outras não.’ Assim ao descobrir que esta vida santa é insatisfatória, ele se afasta dela e a abandona.
29. “Esse é o terceiro tipo de vida santa insatisfatória que foi declarado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado ...
30. “Novamente, Sandaka, um mestre é tolo e confuso. Porque ele é tolo e confuso, ao ser questionado, ele recorre à evasão verbal, contorcendo-se como uma enguia: ‘Eu não digo que é dessa forma. E eu não digo que é daquela forma. E eu não digo que é de outra forma. E eu não digo que não é dessa forma. E eu não digo que não não é dessa forma.’ [lxxxii](#)
31. “Com relação a isso um homem sábio considera o seguinte: ‘Este bom mestre é tolo e confuso ... ele recorre à evasão verbal, contorcendo-se como uma enguia.’ Assim ao descobrir que esta vida santa é insatisfatória, ele se afasta dela e a abandona.
32. “Esse é o quarto tipo de vida santa insatisfatória, que foi declarado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado ...
33. “Esses, Sandaka, são os quatro tipos de vida santa insatisfatória, que foram declarados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, nos quais um homem sábio com certeza não viveria a vida santa, ou se ele a vivesse, não realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico.”
34. “É maravilhoso, Mestre Ananda, é admirável, como os quatro tipos de vida santa insatisfatória foram declarados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado ... Mas, Mestre Ananda, o que esse mestre afirma, o que ele declara, através do que um homem sábio com certeza viveria a vida santa, e enquanto a vivesse, realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico?”
- 35-42. “Neste caso, Sandaka, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, perfeitamente iluminado ... (igual ao [MN 51, versos 12-19](#)) ... ele purifica a mente da dúvida.
43. “Tendo assim abandonado esses cinco obstáculos, imperfeições da mente que enfraquecem a sabedoria, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Um homem sábio com certeza viveria a vida santa sob a orientação de um mestre com o qual um discípulo obtém tão eminente distinção, e enquanto a vivesse ele realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico.
- 44-46. “Além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, ele entra e permanece no segundo *jhana* ... Abandonando o êxtase ... ele entra e permanece no terceiro *jhana* ... Com o completo desaparecimento da felicidade ... ele entra e permanece

no quarto *jhana*. Um homem sábio com certeza viveria a vida santa sob a orientação de um mestre com o qual um discípulo obtém tão eminente distinção ...

47. "Com a sua mente assim concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento da recordação de vidas passadas. Ele se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos ... (igual ao [MN 51, verso 24](#)) ... Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. Um homem sábio com certeza viveria a vida santa sob a orientação de um mestre com o qual um discípulo obtém tão eminente distinção ...

48. "Com a sua mente assim concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do falecimento e reaparecimento dos seres ... (igual ao [MN 51, verso 25](#)) ... Dessa forma - por meio do olho divino, que é purificado e sobrepuja o humano - ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios e ele compreende como os seres continuam de acordo com as suas ações. Um homem sábio com certeza viveria a vida santa sob a orientação de um mestre com o qual um discípulo obtém tão eminente distinção ...

49. "Com a sua mente assim concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. Ele compreende como na verdade é que: 'Isto é sofrimento' ... (igual ao [MN 51, verso 26](#)) ... ele compreende como na verdade é que: 'este é o caminho que conduz à cessação das impurezas.'

50. "Ao conhecer e ver, a sua mente está livre da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, da impureza da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento, 'Libertada.' Ele compreende que 'O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.' Um homem sábio com certeza viveria a vida santa sob a orientação de um mestre com o qual um discípulo obtém tão eminente distinção e enquanto a vivesse ele realizaria o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico."

51. "Mas, Mestre Ananda, quando um *bhikkhu* é um *arahant* com as impurezas destruídas, aquele que viveu a vida santa, fez o que devia ser feito, depôs o fardo, alcançou o objetivo verdadeiro, destruiu os grilhões da existência e está completamente libertado através do conhecimento supremo, poderia ele desfrutar de prazeres sensuais?"

"Sandaka, quando um *bhikkhu* é um *arahant* com as impurezas destruídas ... completamente libertado através do conhecimento supremo, ele é incapaz de transgressão em cinco casos. Um *bhikkhu* cujas impurezas foram destruídas é incapaz de deliberadamente tirar a vida de um outro ser vivo; ele é incapaz de tomar aquilo que não for dado, isto é, de roubar; ele é incapaz de entregar-se a uma relação sexual; ele é incapaz de dizer uma mentira; ele é incapaz de desfrutar de prazeres sensuais armazenando-os como ele antes fazia na vida mundana. [lxxxiii](#) Quando um *bhikkhu* é um

arahant com as impurezas destruídas ... ele é incapaz de transgressão em cinco casos”
[lxxxiv](#)

52. “Mas, Mestre Ananda, quando um *bhikkhu* é um *arahant* com as impurezas destruídas ... o seu conhecimento e visão de que as impurezas foram destruídas estão presentes nele de forma contínua e ininterrupta quer ele esteja andando ou em pé, ou dormindo, ou desperto?”

“Quanto a isso, Sandaka, eu explicarei com um símile pois alguns sábios compreendem o significado de um enunciado através de um símile. Suponha que as mãos e os pés de um homem tenham sido cortados. Ele saberia que ‘Minhas mãos e pés foram cortados’ de forma contínua e ininterrupta quer ele estivesse andando ou em pé, ou dormindo, ou desperto, ou ele saberia que ‘Minhas mãos e pés foram cortados’ apenas quando ele revisasse esse fato?”

“O homem, Mestre Ananda, não saberia que ‘Minhas mãos e pés foram cortados’ de forma contínua e ininterrupta; ao invés disso, ele saberia que ‘Minhas mãos e pés foram cortados’ apenas quando ele revisasse esse fato.”

“Da mesma forma, Sandaka, quando um *bhikkhu* é um *arahant* com as impurezas destruídas ... o seu conhecimento e visão de que as impurezas foram destruídas não estão presentes nele de forma contínua e ininterrupta quer ele esteja andando ou em pé, ou dormindo, ou desperto; ao invés disso, ele sabe que ‘Minhas impurezas foram destruídas’ apenas quando ele revisa esse fato.”

53. “Quantos emancipados existem nesse Dhamma e Disciplina, Mestre Ananda?”

“Não existem apenas cem, Sandaka, ou duzentos, trezentos, quatrocentos ou quinhentos, mas muitos mais emancipados do que isso neste Dhamma e Disciplina.”

“É maravilhoso, Mestre Ananda, é admirável! Não existe o enaltecimento do próprio Dhamma nem a crítica do Dhamma dos outros; existe o ensino do Dhamma em toda a sua extensão e existem tantos emancipados. Mas os *Ajivakas*, aqueles natimortos, enaltecem a si mesmos e criticam os outros e eles reconhecem apenas três emancipados, isto é, *Nanda Vaccha*, *Kisa Sankicca* e *Makkhali Gosala*.”

54. Então o errante Sandaka se dirigiu à sua própria assembléia: “Vão, senhores. A vida santa deve ser vivida sob a orientação do contemplativo Gotama. Não é fácil para nós renunciarmos aos ganhos, honrarias e fama.”

Assim foi como o errante Sandaka exortou a sua própria assembléia a viver a vida santa sob a orientação do Abençoado.

77 Mahasakuludayin Sutta
O Grande Discurso para Sakuludayin

Por que os discípulos do Buda buscam o seu ensinamento?

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.
2. Agora, naquela ocasião um número de errantes famosos estavam no Santuário do Pavão, no parque dos errantes – isto é, Annabhara, Varadhara e Sakuludayin, bem como outros conhecidos errantes.
3. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Rajagaha para esmolar alimentos. Então ele pensou: “Ainda é muito cedo para esmolar alimentos em Rajagaha. E se eu fosse até o errante Sakuludayin no Santuário do Pavão, no parque dos errantes.”
4. Então o Abençoado foi até o Santuário do Pavão, no parque dos errantes. Agora naquela ocasião o errante Sakuludayin estava sentado com uma grande assembléia de errantes que estavam fazendo uma grande baderna, conversando em voz alta e aos berros sobre muitos assuntos inúteis, tal como falar sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e falar sobre a existência ou não das coisas. Então o errante Sakuludayin viu o Abençoado chegando à distância. Ao vê-lo, ele silenciou a assembléia dizendo o seguinte: “Senhores, fiquem quietos; senhores, não façam ruído. Ali vem o contemplativo Gotama. Esse venerável gosta do silêncio e recomenda o silêncio. Talvez, se ele encontrar a nossa assembléia em silêncio, pensará em juntar-se a nós.” Então os errantes ficaram em silêncio.
5. O Abençoado foi até o errante Sakuludayin que lhe disse: “Venha Abençoado! Bem vindo Abençoado! Já faz muito tempo que o Abençoado encontrou uma oportunidade para vir aqui. Que o Abençoado sente; este assento está preparado.”

O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado e o errante Sakuludayin tomou um assento mais baixo ao lado. Tendo feito isso, o Abençoado perguntou: “Qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui agora, Udayin? E qual é a discussão que foi interrompida?”

6. “Venerável Senhor, deixemos de lado a discussão pela qual estamos aqui sentados juntos. O Abençoado poderá ouvi-la mais tarde. Nos últimos dias, venerável senhor, quando os contemplativos e brâmanes de várias seitas se reúnem e sentam juntos no salão de debates, este tópico tem surgido: ‘É um ganho para o povo de Anga e Magadha, é um grande ganho para o povo de Anga e Magadha que esses contemplativos e brâmanes, líderes de ordens, líderes de grupos, mestres de grupos, conhecidos e famosos fundadores de seitas religiosas, considerados como santos por muitos, tenham vindo passar o período das chuvas em Rajagaha. Ali está Purana Kassapa, líder de uma ordem, líder de um grupo, mestre de um grupo, conhecido e famoso fundador de uma seita religiosa considerado como um santo por muitos, veio passar o período das chuvas em Rajagaha.

Ali também está Makkhali Gosala ... Ajita Kesakambalin ... Pakudha Kaccayana ... Sanjaya Belatthiputta ... Niganttha Nataputta, líder de uma ordem, líder de um grupo, mestre de um grupo, conhecido e famoso fundador de uma seita religiosa considerado como um santo por muitos, veio passar o período das chuvas em Rajagaha. Ali também está o contemplativo Gotama, líder de uma ordem, líder de um grupo, mestre de um grupo, conhecido e famoso fundador de uma seita religiosa considerado como um santo por muitos: ele também veio passar o período das chuvas em Rajagaha. Agora, dentre esses respeitados contemplativos e brâmanes, líderes de ordens ... considerados como santos por muitos, quem é honrado, respeitado, reverenciado e venerado pelos seus discípulos? E como, honrando-o e respeitando-o eles vivem confiando nele?

"Com respeito a isso alguns dizem o seguinte: 'Esse Purana Kassapa é o líder de uma ordem ... considerado como santo por muitos, todavia ele não é honrado, respeitado, reverenciado e venerado pelos seus discípulos, nem os seus discípulos vivem confiando nele, honrando-o e respeitando-o. Certa vez Purana Kassapa estava ensinando o Dhamma dele para uma assembléia de centenas de discípulos. Então um certo discípulo disse o seguinte: "Senhores, não façam essa pergunta a Purana Kassapa. Ele não sabe sobre isso. Nós sabemos. Perguntem para nós. Nós responderemos sobre isso para vocês, senhores." Sucedeu que Purana Kassapa não conseguiu o que queria, embora agitasse os braços e se queixasse: "Fiquem quietos, senhores, não façam ruído, senhores. Eles não estão perguntando para vocês, senhores. Eles estão perguntando para nós. Nós responderemos para eles." Deveras, muitos dos discípulos o abandonaram depois de refutar sua doutrina assim: "Você não compreende este Dhamma e Disciplina. Eu compreendo este Dhamma e Disciplina. Como poderia você compreender este Dhamma e Disciplina? O seu jeito está errado. O meu jeito está certo. Eu sou consistente. Você é inconsistente. O que deveria ter sido dito primeiro, você disse por último. O que deveria ter sido dito por último, você disse primeiro. Aquilo que você pensou com tanto cuidado foi virado de pernas para o ar. A sua doutrina foi refutada. Ficou provado que você está errado. Vá e aprenda melhor ou desembarace-se se puder!" Portanto Purana Kassapa não é honrado, respeitado, reverenciado e venerado pelos seus discípulos, nem os seus discípulos vivem confiando nele, honrando-o e respeitando-o. Na verdade, ele é desdenhado com o desdém demonstrado em relação ao seu Dhamma.'

" E alguns dizem o seguinte: 'Esse Makkhali Gosala ... esse Ajita Kesakambalin ... esse Pakudha Kaccayana ... esse Sanjaya Belatthiputta ... esse Niganttha Nataputta é o líder de uma ordem ...[mas ele] não é honrado, respeitado, reverenciado e venerado pelos seus discípulos, nem os seus discípulos vivem confiando nele, honrando-o e respeitando-o. Na verdade, ele é desdenhado com o desdém demonstrado em relação ao seu Dhamma.'

" E alguns dizem o seguinte: 'Esse contemplativo Gotama é o líder de uma ordem, líder de um grupo, mestre de um grupo, conhecido e famoso, fundador de uma seita religiosa considerado como um santo por muitos. Ele é honrado, respeitado, reverenciado e venerado pelos seus discípulos e os seus discípulos vivem confiando nele, honrando-o e respeitando-o. Certa vez o contemplativo Gotama estava ensinando o Dhamma dele para uma assembléia de centenas de discípulos. Então um certo discípulo pigarreou. Por causa disso um dos seus companheiros na vida santa o cutucou com o joelho [para indicar]:

“Fique quieto, venerável senhor, não faça ruído; o Abençoado, o Mestre, nos está ensinando o Dhamma.” Quando o contemplativo Gotama está ensinando o Dhamma para uma assembléia de muitas centenas de discípulos, nessa ocasião não há ruídos dos seus discípulos tossindo ou pigarreando. Pois naquele momento aquela grande assembléia está suspensa em expectativa: “Ouçamos o Dhamma que o Abençoado está a ponto de nos ensinar.” Como se um homem estivesse numa encruzilhada espremendo puro mel e um grande grupo de pessoas estivessem suspensas em expectativa, assim também, quando o contemplativo Gotama está ensinando o Dhamma para uma assembléia de muitas centenas de discípulos. E mesmo aqueles discípulos que se indispõem com os seus companheiros na vida santa e abandonam o treinamento e retornam para a vida inferior – mesmo eles elogiam o Mestre e o Dhamma e a Sangha; eles culpam a si mesmos ao invés dos outros, dizendo: “Nós tivemos má sorte, tivemos pouco mérito; pois embora tenhamos seguido a vida santa neste Dhamma tão bem declarado, fomos incapazes de viver a vida santa completamente perfeita e imaculada pelo resto das nossas vidas.” Tornando-se serventes nos monastérios ou discípulos leigos, eles adotam e observam os cinco preceitos. Portanto o contemplativo Gotama é honrado, respeitado, reverenciado e venerado pelos seus discípulos, e os seus discípulos vivem confiando nele, honrando-o e respeitando-o.”

7. “Mas, Udayin, quantas qualidades você vê em mim pelas quais meus discípulos me honram, respeitam, reverenciam e veneram, e vivem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me?”

8. “Venerável senhor, eu vejo cinco qualidades no Abençoado pelas quais os seus discípulos o honram, respeitam, reverenciam e veneram, e vivem confiando no venerável senhor, honrando-o e respeitando-o. Quais cinco? O Abençoado come pouco e recomenda comer pouco; o Abençoado está satisfeito com qualquer tipo de manto e recomenda a satisfação com qualquer tipo de manto; o Abençoado está satisfeito com qualquer tipo de comida esmolada e recomenda a satisfação com qualquer tipo de comida esmolada; o Abençoado está satisfeito com qualquer tipo de moradia e recomenda a satisfação com qualquer tipo de moradia; o Abençoado vive isolado e recomenda o isolamento. Venerável senhor, essas são as cinco qualidades que vejo no Abençoado pelas quais os seus discípulos o honram, respeitam, reverenciam e veneram, e vivem confiando no venerável senhor, honrando-o e respeitando-o.”

9. “Suponha, Udayin, que os meus discípulos me honrassem, respeitassem, reverenciassem e venerassem, e vivessem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama come pouco e recomenda comer pouco.’ Agora existem discípulos meus que vivem com uma xícara de comida ou meia xícara de comida, uma fruta ou meia fruta, enquanto que eu como todo o conteúdo da minha tigela de esmolar alimentos ou até mais. Portanto, se os meus discípulos me honrassem ... com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama come pouco e recomenda comer pouco,’ então, aqueles discípulos meus que vivem com uma xícara de comida ... não deveriam me honrar, respeitar, reverenciar e venerar por essa qualidade, nem deveriam eles viver confiando em mim, honrando-me e respeitando-me.

“Suponha, Udayin, que os meus discípulos me honrassem, respeitassem, reverenciassem e venerassem, e vivessem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama está satisfeito com qualquer tipo de manto e recomenda a satisfação com qualquer tipo de manto.’ Agora existem discípulos meus que vestem mantos feitos de trapos, vestem mantos grosseiros; eles recolhem trapos dos cemitérios, montes de lixo ou oficinas, fazem com eles mantos com remendos e os usam. Mas, eu às vezes uso mantos dados por chefes de família, mantos tão finos que os pelos das abóboras se tornam grosseiros na comparação. Portanto, se os meus discípulos me honrassem ... com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama está satisfeito com qualquer tipo de manto e recomenda a satisfação com qualquer tipo de manto,’ então, aqueles discípulos meus que vestem mantos feitos de trapos, vestem mantos grosseiros ... não deveriam me honrar, respeitar, reverenciar e venerar por essa qualidade, nem deveriam eles viver confiando em mim, honrando-me e respeitando-me.

“Suponha, Udayin, que os meus discípulos me honrassem, respeitassem, reverenciassem e venerassem, e vivessem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama está satisfeito com qualquer tipo de comida esmolada e recomenda a satisfação com qualquer tipo de comida esmolada.’ Agora, existem discípulos meus que comem comida esmolada, que de forma contínua vão de casa em casa esmolando alimentos, que se deliciam em coletar sua comida; estando nas casas eles não concordam em sentar-se mesmo quando convidados. Mas, eu algumas vezes, quando convidado, como refeições com arroz de primeira e muitos tipos de molhos e tipos de caril. Portanto, se os meus discípulos me honrassem ... com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama está satisfeito com qualquer tipo de comida esmolada e recomenda a satisfação com qualquer tipo de comida esmolada,’ então, aqueles discípulos meus que comem comida esmolada ... não deveriam me honrar, respeitar, reverenciar e venerar por essa qualidade, nem deveriam eles viver confiando em mim, honrando-me e respeitando-me.

“Suponha, Udayin, que os meus discípulos me honrassem, respeitassem, reverenciassem e venerassem, e vivessem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama está satisfeito com qualquer tipo de moradia e recomenda a satisfação com qualquer tipo de moradia.’ Agora, existem discípulos meus que habitam sob as árvores e vivem a céu aberto, que não habitam sob um teto durante oito meses do ano, enquanto que eu às vezes vivo em mansões suntuosas com as paredes externas e internas revestidas, protegido do vento, seguro com ferrolhos nas portas e persianas nas janelas. Portanto, se os meus discípulos me honrassem ... com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama está satisfeito com qualquer tipo de moradia e recomenda a satisfação com qualquer tipo de moradia,’ então, aqueles discípulos meus que habitam sob as árvores e vivem a céu aberto ... não deveriam me honrar, respeitar, reverenciar e venerar por essa qualidade, nem deveriam eles viver confiando em mim, honrando-me e respeitando-me.

“Suponha, Udayin, que os meus discípulos me honrassem, respeitassem, reverenciassem e venerassem, e vivessem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me com o pensamento: ‘O contemplativo Gotama vive isolado e recomenda o isolamento.’ Agora

existem discípulos meus que vivem nas florestas, vivem em lugares remotos, que vivem afastados no meio da mata cerrada e que retornam para o meio da Sangha a cada quinzena para a recitação do *Patimokkha*. Mas eu às vezes vivo cercado por *bhikkhus* e *bhikkhunis*, por discípulos leigos, por reis e ministros de reis, por membros de outras seitas e seus discípulos. Portanto, se os meus discípulos me honrassem ... com o pensamento: ‘O contemplativo vive isolado e recomenda o isolamento,’ então aqueles discípulos meus que vivem nas florestas ... não deveriam me honrar, respeitar, reverenciar e venerar por essa qualidade, nem deveriam eles viver com confiança em mim, honrando-me e respeitando-me. Portanto, Udayin, não é devido a essas cinco qualidades que os meus discípulos me honram, respeitam, reverenciam e veneram, e vivem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me.

10. “No entanto, Udayin, existem outras cinco qualidades pelas quais meus discípulos me honram, respeitam, reverenciam e veneram, e vivem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me. Quais são as cinco?”

(I. A VIRTUDE SUPERIOR)

11. “Aqui, Udayin, meus discípulos me estimam pela virtude superior da seguinte forma: ‘O contemplativo Gotama é virtuoso, ele possui o supremo agregado da virtude.’ Essa é a primeira qualidade pela qual meus discípulos me honram, respeitam, reverenciam e veneram, e vivem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me.

(II. CONHECIMENTO E VISÃO)

12. “Outra vez, Udayin, meus discípulos me estimam pelo meu conhecimento direto e visão da seguinte forma: ‘Quando o contemplativo Gotama diz “Eu sei,” ele de verdade sabe; quando ele diz “Eu vejo,” ele de verdade vê. O contemplativo Gotama ensina o Dhamma através do conhecimento direto, não sem o conhecimento direto; ele ensina o Dhamma com uma base sólida, não sem uma base sólida; ele ensina o Dhamma de forma convincente, não de uma forma não convincente.’ Essa é a segunda qualidade pela qual meus discípulos me honram ...

(III. A SABEDORIA SUPERIOR)

13. “Outra vez, Udayin, meus discípulos me estimam pela sabedoria superior da seguinte forma: ‘O contemplativo Gotama é sábio; ele possui o agregado supremo da sabedoria. É impossível que ele não possa prever as implicações de uma determinada afirmação ou não seja capaz de refutar com base em argumentos as doutrinas correntes dos outros.’ O que você pensa, Udayin? Os meus discípulos, sabendo e vendo isso, iriam me interromper e perturbar?” – “Não, venerável senhor.” – “Eu não espero receber instruções dos meus discípulos; sempre, são os meus discípulos que esperam receber instruções de mim. Essa é a segunda qualidade pela qual meus discípulos me honram ...

(IV. AS QUATRO NOBRES VERDADES)

14. “Outra vez, Udayin, quando os meus discípulos encontram o sofrimento e se tornam vítimas do sofrimento, presas do sofrimento, eles vêm até mim e me perguntam sobre a nobre verdade do sofrimento. Tendo sido perguntado, eu lhes explico a nobre verdade do sofrimento e satisfaço a mente deles com a minha explicação. Eles me perguntam sobre a nobre verdade da origem do sofrimento ... sobre a nobre verdade da cessação do sofrimento ... sobre a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento. Tendo sido perguntado, eu lhes explico a nobre verdade do caminho que conduz à cessação do sofrimento e satisfaço a mente deles com a minha explicação. Essa é a quarta qualidade pela qual meus discípulos me honram ...

(V. O CAMINHO PARA DESENVOLVER QUALIDADES BENÉFICAS)

(1. Os Quatro Fundamentos da Atenção Plena)

15. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver os quatro fundamentos da atenção plena ^{lxxxv}. Aqui um *bhikkhu* permanece contemplando o corpo como um corpo, ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. Ele permanece contemplando as sensações como sensações ... Ele permanece contemplando a mente como mente ... Ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(2. Os Quatro Tipos de Esforço)

16. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver os quatro tipos de esforço correto. Aqui um *bhikkhu* gera desejo para que não surjam estados ruins e prejudiciais que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo em abandonar estados ruins e prejudiciais que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(3. As Quatro Bases do Poder Espiritual)

17 “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver as quatro bases do poder espiritual. Aqui um *bhikkhu* desenvolve a base do poder espiritual que possui a concentração devida ao desejo e as formações volitivas para o esforço. Ele desenvolve a base do poder espiritual que possui a concentração devida à energia e as formações volitivas para o esforço. Ele desenvolve a base do poder espiritual

que possui a concentração devida à mente e as formações volitivas para o esforço. Ele desenvolve a base para do poder espiritual que possui a concentração devida à investigação e as formações volitivas para o esforço. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(4. As Cinco Faculdades Dominantes)

18. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver as cinco faculdades dominantes. Aqui um *bhikkhu* desenvolve a faculdade da convicção que conduz à paz, conduz à iluminação. Ele desenvolve a faculdade da energia ... a faculdade da atenção plena ... a faculdade da concentração ... a faculdade da sabedoria que conduz à paz, conduz à iluminação. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(5. Os Cinco Poderes)

19. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver os cinco poderes. Aqui um *bhikkhu* desenvolve o poder da convicção que conduz à paz, conduz à iluminação. Ele desenvolve o poder da energia ... o poder da atenção plena ... o poder da concentração ... o poder da sabedoria que conduz à paz, conduz à iluminação. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(6. Os Sete Fatores da Iluminação)

20. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver os sete fatores da iluminação. Aqui um *bhikkhu* desenvolve o fator da iluminação da atenção plena, que tem como base o afastamento, desapego e cessação que amadurece no abandono. Ele desenvolve o fator da iluminação da investigação dos fenômenos ... Ele desenvolve o fator da iluminação da energia ... Ele desenvolve o fator da iluminação do êxtase ... Ele desenvolve o fator da iluminação da tranquilidade ... Ele desenvolve o fator da iluminação da concentração ... Ele desenvolve o fator da iluminação da equanimidade, que tem como base o afastamento, desapego e cessação que amadurece no abandono. E através disso muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(7. O Nobre Caminho Óctuplo)

21. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver o Nobre Caminho Óctuplo. Aqui um *bhikkhu* desenvolve o entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta e concentração correta. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(8. As Oito Libertações)

22. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver as oito libertações. Possuindo forma material, ele vê a forma: essa é a primeira libertação. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior: essa é a segunda libertação. Ele está decidido apenas pelo belo: essa é a terceira libertação. Com a completa superação das percepções da forma, com o desaparecimento das percepções do contato sensorial, sem dar atenção às percepções da diversidade, consciente que o ‘espaço é infinito,’ ele entra e permanece na base do espaço infinito: essa é a quarta libertação. Com a completa superação da base do espaço infinito, consciente que a ‘consciência é infinita,’ ele entra e permanece na base da consciência infinita: essa é a quinta libertação. Com a completa superação da base da consciência infinita, consciente de que ‘não há nada,’ ele entra e permanece na base do nada: essa é a sexta libertação. Com a completa superação da base do nada, ele entra e permanece na base da nem percepção, nem não percepção: essa é a sétima libertação. Com a completa superação da base da nem percepção, nem não percepção, ele entra e permanece na cessação da sensação e percepção: essa é a oitava libertação. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(9. As Oito Bases para a Transcendência)

23. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver as oito bases para a transcendência. Percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, limitada, bonita e feia; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a primeira base para a transcendência. Percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, imensurável, bonita e feia; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a segunda base para a transcendência. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, limitada, bonita e feia; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a terceira base para a transcendência. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, imensurável, bonita e feia; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a quarta base para a transcendência. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, azul, de cor azul, azul na aparência, com luminosidade azul. Igual a uma flor de linho que é azul, de cor azul, azul na aparência, com luminosidade azul ou como o tecido de Benares liso dos dois lados que é azul, de cor azul, azul na aparência, com luminosidade azul; assim também, não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior ... com luminosidade azul; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a quinta base para a transcendência. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, amarela, de cor amarela, amarela na aparência, com luminosidade amarela. Igual a uma flor que é amarela, de cor amarela, amarela na aparência, com luminosidade amarela ou como o tecido de Benares liso dos dois lados que é amarelo, de cor amarela, amarelo na aparência, com luminosidade amarela; assim também, não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior ... com luminosidade amarela; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a sexta base para a transcendência.. Não

percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, vermelha, de cor vermelha, vermelha na aparência, com luminosidade vermelha. Igual a uma flor de hibisco, que é vermelha, de cor vermelha, vermelha na aparência, com luminosidade vermelha ou como o tecido de Benares liso dos dois lados, que é vermelho, de cor vermelha, vermelho na aparência, com luminosidade vermelha; assim também, não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior ... com luminosidade vermelha; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a sétima base para a transcendência. Não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior, branca, de cor branca, branca na aparência, com luminosidade branca. Igual à estrela da manhã, que é branca, de cor branca, branca na aparência, com luminosidade branca ou como o tecido de Benares liso dos dois lados, que é branco, de cor branca, branco na aparência, com luminosidade branca; assim também, não percebendo a forma no interior, ele vê a forma no exterior ... com luminosidade branca; ao transcendê-la, ele percebe assim: ‘Eu sei, eu vejo.’ Essa é a oitava base para a transcendência. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(10. As Dez Kasinas)

24. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver as dez *kasinas*. ^{lxxxvi} Um contempla a *kasina* da terra acima, abaixo e de lado a lado, indivisa e imensurável. Outro contempla a *kasina* da água ... Outro contempla a *kasina* do fogo ... Outro contempla a *kasina* do ar ... Outro contempla a *kasina* azul ... Outro contempla a *kasina* amarela ... Outro contempla a *kasina* vermelha ... Outro contempla a *kasina* branca ... Outro contempla a *kasina* do espaço ... Outro contempla a *kasina* da consciência acima, abaixo e de lado a lado, indivisa e imensurável. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(11. Os Quatro *Jhanas*)

25. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para desenvolver os quatro *jhanas*. Aqui, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Ele permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Não há nada em todo o corpo que não esteja permeado pelo êxtase e felicidade nascidos do afastamento. É como se um banhista habilidoso ou seu aprendiz vertesse pó de banho numa bacia de latão e o misturasse, borrifando com água de tempos em tempos, de forma que essa bola de pó de banho - saturada, carregada de umidade, permeada por dentro e por fora - no entanto não pingasse; assim, o *bhikkhu* permeia, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento ...

26. “Outra vez, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Ele permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com o

êxtase e felicidade nascidos da concentração. Não há nada em todo o corpo que não esteja permeado pelo êxtase e felicidade nascidos da concentração. Como um lago sendo alimentado por uma fonte de água interna, não tendo um fluxo de água do leste, oeste, norte, ou sul, nem os céus periodicamente fornecendo chuvas abundantes, de modo que a fonte de água interna permeia e impregna, cobre e preenche o lago de água fresca, sem que nenhuma parte do lago não esteja permeada pela água fresca; assim também o *bhikkhu* permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com o êxtase e felicidade nascidos da concentração ...

27. “Outra vez, abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: ‘Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.’ Ele permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com a felicidade despojada do êxtase, de forma que não exista nada em todo o corpo que não esteja permeado com a felicidade despojada do êxtase. Como num lago que tenha flores de lótus azuis, brancas ou vermelhas, podem existir algumas flores de lótus azuis, brancas, ou vermelhas que, nascidas e tendo crescido na água, permanecem imersas na água e florescem sem sair de dentro da água, de forma que elas permanecem permeadas e impregnadas, cobertas e preenchidas com água fresca da raiz até a ponta, e nada dessas flores de lótus azuis, brancas ou vermelhas permanece sem estar permeado pela água fresca; assim também o *bhikkhu* permeia e impregna, cobre e preenche o corpo com a felicidade despojada de êxtase ...

28. “Outra vez, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Ele permanece permeando o corpo com a mente pura e luminosa, de forma que não exista nada em todo o corpo que não esteja permeado pela mente pura e luminosa. Como se um homem estivesse enrolado da cabeça aos pés com um tecido branco de forma que não houvesse nenhuma parte do corpo que não estivesse coberta pelo tecido branco; assim também o *bhikkhu* permanece permeando o corpo com a mente pura e luminosa. Não há nada no corpo que não esteja permeado por essa mente pura e luminosa. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(12. Conhecimento do Insight)

29. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para compreender da seguinte forma: ‘Este meu corpo, feito de forma material, consistindo dos quatro grandes elementos, procriado por uma mãe e um pai, construído com arroz cozido e mingau, está sujeito à impermanência, a ser gasto e pulverizado, à dissolução e desintegração, e esta minha consciência está apoiada nele e atada a ele.’ Suponha que houvesse uma bela pedra de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada, clara e límpida, possuindo todas as boas qualidades e através dela fosse passado um fio azul, amarelo, vermelho ou branco. Então um homem com boa visão, tomando a pedra nas mãos a examinaria da seguinte forma: ‘Esta é uma bela pedra de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada, clara e límpida, possuindo todas as boas qualidades

e através dela passa um fio azul, amarelo, vermelho, branco.' Assim também, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para compreender da seguinte forma: 'Este meu corpo ... está sujeito à impermanência, a ser gasto e pulverizado, à dissolução e desintegração, e esta minha consciência está apoiada nele e atada a ele.' E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(13. O Corpo feito pela Mente)

30. "Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para criar deste corpo um outro corpo dotado de forma, feito pela mente, completo com todas as suas partes, sem defeito em nenhuma das faculdades. Tal como se um homem fosse tirar uma flecha do seu estojo. O pensamento lhe ocorreria: 'Este é o estojo, esta é a flecha. O estojo é uma coisa, a flecha outra, porém a flecha foi tirada do estojo.' Ou como se um homem fosse tirar uma espada da sua bainha. O pensamento lhe ocorreria: 'Esta é a espada, esta é a bainha. A espada é uma coisa, a bainha outra, porém a espada foi tirada da bainha.' Ou como se um homem puxasse uma cobra da sua pele morta. O pensamento lhe ocorreria: 'Esta é a cobra, esta é a pele. A cobra é uma coisa, a pele outra, porém a cobra foi puxada da pele.' Assim também, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para criar deste corpo um outro corpo dotado de forma, feito pela mente, completo com todas as suas partes, sem defeito em nenhuma das faculdades. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(14. Os Tipos de Poderes Supra-humanos)

31. "Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para exercer os vários tipos de poderes supra-humanos: tendo sido um eles se tornam vários, tendo sido vários eles se tornam um; eles aparecem e desaparecem; eles cruzam sem nenhum problema uma parede, um cercado, uma montanha ou através do espaço; eles mergulham e saem da terra como se fosse água; eles caminham sobre a água sem afundar como se fosse terra; sentados de pernas cruzadas eles cruzam o espaço como se fossem um pássaro; com a sua mão eles tocam e acariciam a lua e o sol tão forte e poderoso; eles exercem poderes corporais até mesmo nos distantes mundos de *Brahma*. Tal como um hábil oleiro ou seu aprendiz podem fazer, com uma argila bem preparada, qualquer tipo de vasilhame de cerâmica que ele queira; ou como um hábil escultor em marfim ou seu aprendiz podem fazer, com marfim bem preparado, qualquer tipo de trabalho em marfim que ele queira; ou como um ourives ou seu aprendiz podem fazer, com ouro bem preparado, qualquer peça de ouro que ele queira; da mesma forma eu proclamei para os meus discípulos o caminho para exercer os vários tipos de poderes supra-humanos eles exercem poderes corporais até mesmo nos distantes mundos de *Brahma*. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(15. O Elemento do Ouvido Divino)

32. " Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho através do qual com o elemento do ouvido divino, que é purificado e ultrapassa o humano, eles ouvem ambos os tipos de sons: divinos e humanos, quer estejam próximos ou distantes. Tal como um trompetista vigoroso seria ouvido sem dificuldade nos quatro cantos; da mesma forma eu proclamei para os meus discípulos o caminho através do qual com o elemento do ouvido divino ... próximos ou distantes. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(16. Leitura da Mente)

33. “Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para compreender as mentes dos outros seres, de outras pessoas, tendo abarcado aquelas mentes com as suas próprias mentes. Eles compreendem uma mente afetada pela cobiça como uma mente afetada pela cobiça, uma mente não afetada pela cobiça como uma mente não afetada pela cobiça. Eles compreendem uma mente afetada pela raiva como uma mente afetada pela raiva, uma mente não afetada pela raiva como uma mente não afetada pela raiva. Eles compreendem uma mente afetada pela delusão como uma mente afetada pela delusão, uma mente não afetada pela delusão como uma mente não afetada pela delusão. Eles compreendem uma mente restrita como uma mente restrita, uma mente dispersa como uma mente dispersa. Eles compreendem uma mente ampliada como uma mente ampliada, uma mente não ampliada como uma mente não ampliada. Eles compreendem uma mente excedida como uma mente excedida, uma mente não excedida como uma mente não excedida. Eles compreendem uma mente concentrada como uma mente concentrada, uma mente não concentrada como uma mente não concentrada. Eles compreendem uma mente liberta como uma mente liberta, uma mente não liberta como uma mente não liberta. Tal como um homem ou uma mulher – jovens, plenos de juventude e que apreciam ornamentos – ao verem a imagem do seu próprio rosto em um espelho claro e brilhante ou numa tigela com água limpa, saberiam se existe alguma mácula assim: ‘Ali está uma mácula’ ou saberiam se não existe mácula assim: ‘Não há mácula’; da mesma forma eu proclamei para os meus discípulos o caminho para compreender ... uma mente não liberada como não liberada. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(17. A Recordação de Vidas Passadas)

34. “ Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para a recordação das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos, três nascimentos, quatro, cinco, dez, vinte, trinta, quarenta, cinqüenta, cem, mil, cem mil, muitos ciclos cósmicos de contração, muitos ciclos cósmicos de expansão, muitos ciclos cósmicos de contração e expansão, ‘Lá eu tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu ressurgi ali. Ali eu também tinha tal nome, pertencia a tal clã, tinha tal aparência. Assim era o meu alimento, assim era a minha experiência de prazer e dor, assim foi o fim da minha vida. Falecendo daquele estado, eu ressurgi aqui.’ Assim eles se recordam das suas muitas vidas passadas

nos seus modos e detalhes. Tal como se um homem fosse do seu vilarejo a um outro vilarejo e desse vilarejo a mais um outro vilarejo e então desse vilarejo de volta ao vilarejo onde ele mora. O pensamento lhe ocorreria, ‘Eu fui do meu vilarejo para aquele vilarejo ali. Ali eu fiquei em pé de tal forma, sentei de tal forma, falei de tal forma e permaneci em silêncio de tal forma. Daquele vilarejo eu fui para o outro vilarejo lá e lá eu fiquei em pé de tal forma, sentei de tal forma, falei de tal forma e permaneci em silêncio de tal forma. Desse vilarejo eu voltei para o meu vilarejo.’ ‘Da mesma forma, eu proclamei para os meus discípulos o caminho para a recordação das suas muitas vidas passadas ... Assim eles se recordam das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(18. O Olho Divino)

35. “ Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho através do qual com o olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, eles vêm seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados. Eles compreendem como os seres prosseguem de acordo com as suas ações desta forma: ‘Esses seres – dotados de má conduta corporal, linguagem, e mente, que insultam os nobres, com o entendimento incorreto e realizando ações sob a influência do entendimento incorreto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram no plano de privação, um destino ruim, nos planos inferiores, no inferno. Porém estes seres - dotados de boa conduta corporal, linguagem, e mente, que não insultam os nobres, com o entendimento correto e realizando ações sob a influência do entendimento correto – com a dissolução do corpo, após a morte, renasceram num bom destino, no paraíso.’ Dessa forma - por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano - eles vêm seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios e eles compreendem como os seres continuam de acordo com as suas ações. Tal como se houvessem duas casas com portas e um homem com boa visão parado entre elas visse as pessoas entrando nas casas e saindo, indo e vindo. Da mesma forma, proclamei para os meus discípulos o caminho através do qual com o olho divino ... acordo com as suas ações. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

(19. A Destruição das Impurezas)

36. “ Outra vez, Udayin, eu proclamei para os meus discípulos o caminho através do qual realizando por si mesmos com o conhecimento direto, eles aqui e agora entram e permanecem na libertação da mente e libertação pela sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas impurezas. Tal como se houvesse uma lagoa num vale em uma montanha - clara, límpida e cristalina – em que um homem com boa visão, em pé na margem, pudesse ver conchas, cascalho e seixos e também cardumes de peixes nadando e descansando, isso lhe ocorreria, ‘Esta lagoa tem a água clara, límpida e cristalina. Ali estão aquelas conchas, cascalho e seixos e também aqueles cardumes de peixes nadando e descansando.’ Da mesma forma, proclamei para os meus discípulos o caminho através do qual realizando por si mesmos com o conhecimento direto, eles aqui e agora entram e

permanecem na libertação da mente e libertação pela sabedoria que são imaculadas com a destruição de todas as impurezas. E através disso, muitos dos meus discípulos permanecem assim, tendo alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

37. “Essa, Udayin, é a quinta qualidade pela qual meus discípulos me honram, respeitam, reverenciam e veneram e vivem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me.

38. “Essas, Udayin, são as cinco qualidades pelas quais meus discípulos me honram, respeitam, reverenciam e veneram, e vivem confiando em mim, honrando-me e respeitando-me.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O errante Udayin ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

78 Samanamandika Sutta

Samanamandikaputta

Os hábitos e intenções benéficas e prejudiciais

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Agora, naquela ocasião o errante Uggahamana Samanamandikaputta estava no Parque de Mallika no salão para debates filosóficos na plantação de Tinduka, [lxxxvii](#) junto com um grande grupo de discípulos errantes, uns trezentos errantes.

2. O carpinteiro Pancakanga saiu de Savatthi ao meio dia para ver o Abençoado. Então ele pensou: “Não é o momento apropriado para ver o Abençoado, ele ainda está em retiro. E não é o momento apropriado para ver os *bhikkhus* dignos de respeito, eles ainda estão em retiro. E se eu fosse até o Parque de Mallika, ter com o errante Uggahamana Samanamandikaputta?” E ele foi até o Parque de Mallika.

3. Agora naquela ocasião o errante Uggahamana estava sentado com uma grande assembléia de errantes que estavam fazendo uma grande baderna, conversando em voz alta e aos berros sobre muitos assuntos inúteis, tal como falar sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e falar sobre a existência ou não das coisas. Então o errante Uggahamana Samanamandikaputta viu o carpinteiro Pancakanga vindo à distância. Ao vê-lo, ele silenciou a assembléia dizendo o seguinte: “Senhores, fiquem quietos; senhores, não façam ruído. Ali vem o carpinteiro Pancakanga, um discípulo do contemplativo Gotama, um dos discípulos leigos vestidos de branco do contemplativo Gotama que está em Savatthi. Esses veneráveis gostam do silêncio; eles são disciplinados no silêncio; eles recomendam o silêncio. Talvez, se ele

encontrar a nossa assembléia em silêncio, ele pensará em juntar-se a nós.” Então os errantes ficaram em silêncio.

4. O carpinteiro Pancakanga foi até o errante Uggahamana e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado. O errante Uggahamana então lhe disse:

5. “Carpinteiro, quando alguém possui quatro qualidades, eu o descrevo como alguém realizado naquilo que é benéfico, perfeito naquilo que é benéfico, tendo alcançado a realização suprema, um asceta invencível. Quais são as quatro? Aqui ele não pratica ações ruins com o corpo, ele não pronuncia palavras ruins, ele não possui pensamentos ruins e ele não ganha o seu pão por meio de algum meio de vida ruim. Quando alguém possui estas quatro qualidades, eu o descrevo como alguém realizado naquilo que é benéfico, perfeito naquilo que é benéfico, tendo alcançado a realização suprema, um asceta invencível.”

6. Então o carpinteiro Pancakanga nem aprovou ou desaprovou as palavras do errante Uggahamana. Sem fazer isto ou aquilo ele levantou do seu assento e partiu, pensando: “Devo aprender o significado dessa afirmação na presença do Abençoado.”

7. Então ele foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e relatou toda a conversa com o errante Uggahamana. Em seguida o Abençoado disse:

8. “Se fosse assim, carpinteiro, então um jovem tenro bebê deitado de costas seria realizado naquilo que é benéfico, perfeito naquilo que é benéfico, tendo alcançado a realização suprema, um asceta invencível, de acordo com a afirmação do errante Uggahamana. Visto que, um jovem tenro bebê deitado de costas nem sequer tem noção do ‘corpo,’ então como poderia ele cometer uma ação ruim além de meras contorções? Um jovem tenro bebê deitado de costas nem sequer tem a noção da ‘linguagem,’ então como poderia ele pronunciar palavras ruins além de meros choramingos? Um jovem tenro bebê deitado de costas nem sequer tem a noção de ‘intenção,’ então como poderia ele ter pensamentos ruins além da mera sucção? Um jovem tenro bebê deitado de costas nem sequer tem noção de ‘modo de vida,’ então como poderia ele ganhar o seu pão por meio de algum meio de vida ruim, além de ser amamentado pelo seio da sua mãe? Se fosse assim, carpinteiro, então um jovem tenro bebê deitado de costas seria realizado naquilo que é benéfico ... de acordo com a afirmação do errante Uggahamana.

“Quando alguém possui quatro qualidades, carpinteiro, eu o descrevo, não como alguém realizado naquilo que é benéfico ou perfeito naquilo que é benéfico, ou como alguém que alcançou a realização suprema, ou como um asceta invencível, mas como alguém que está na mesma categoria do jovem tenro bebê deitado de costas. Quais quatro? Aqui ele não pratica ações ruins com o corpo, ele não pronuncia palavras ruins, ele não possui pensamentos ruins e ele não ganha o seu pão por meio de algum meio de vida ruim.

9. “Quando alguém possui dez qualidades, eu o descrevo como alguém realizado naquilo que é benéfico, perfeito naquilo que é benéfico, que alcançou a realização suprema, um

asceta invencível. [Mas antes de mais nada] Eu digo, deve ser compreendido o seguinte: ‘Estes são os hábitos prejudiciais,’ e o seguinte: ‘Hábitos prejudiciais se originam disto,’ e o seguinte: ‘Hábitos prejudiciais cessam aqui sem deixar vestígio,’ e o seguinte: ‘Aquele que pratica desta forma está praticando o caminho para a cessação dos hábitos prejudiciais.’ E eu digo, deve ser compreendido o seguinte: ‘Estes são os hábitos benéficos,’ e o seguinte: ‘Hábitos benéficos se originam disto,’ e o seguinte: ‘Hábitos benéficos cessam aqui sem deixar vestígio,’ e o seguinte: ‘Aquele que pratica desta forma está praticando o caminho para a cessação dos hábitos benéficos.’ E eu digo, deve ser compreendido o seguinte: ‘Estes são os pensamentos prejudiciais,’ e o seguinte: ‘Pensamentos prejudiciais se originam disto,’ e o seguinte: ‘Pensamentos prejudiciais cessam aqui sem deixar vestígio,’ e o seguinte: ‘Aquele que pratica desta forma está praticando o caminho para a cessação dos pensamentos prejudiciais.’ E eu digo, deve ser compreendido o seguinte: ‘Estes são pensamentos benéficos,’ e o seguinte: ‘Pensamentos benéficos se originam disto,’ e o seguinte: ‘Pensamentos benéficos cessam aqui sem deixar vestígio,’ e o seguinte: ‘Aquele que pratica desta forma está praticando o caminho para a cessação dos pensamentos benéficos.’

10. “O que são hábitos prejudiciais? Estes são as ações prejudiciais com o corpo ... linguagem e meio de vida prejudicial.

“E de onde se originam esses hábitos prejudiciais? A sua origem é declarada: deve ser dito que eles se originam da mente. Qual mente? Embora a mente seja múltipla, variada e de aspectos distintos, há a mente influenciada pela cobiça, pela raiva e pela delusão. Os hábitos prejudiciais se originam disso.

“E como esses hábitos prejudiciais cessam sem deixar vestígio? A sua cessação é declarada: aqui um *bhikkhu* abandona a conduta corporal ... verbal ... mental imprópria e desenvolve a conduta corporal ... verbal ... mental apropriada; ele abandona o modo de vida impróprio e ganha o seu pão através de um modo de vida apropriado.” É assim que os hábitos prejudiciais cessam sem deixar vestígio.

“E como é que ao praticar ele pratica o caminho para a cessação dos hábitos prejudiciais? Aqui um *bhikkhu* gera desejo para que não surjam estados ruins e prejudiciais que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo em abandonar estados ruins e prejudiciais que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Aquele que assim pratica está praticando o caminho para a cessação dos hábitos prejudiciais.

11. “O que são hábitos benéficos? Estes são ações benéficas com o corpo ... linguagem e meio de vida benéfico.

“E de onde se originam esses hábitos benéficos? A sua origem é declarada: deve ser dito que eles se originam da mente. Qual mente? Embora a mente seja múltipla, variada e de aspectos distintos, existe a mente não influenciada pela cobiça, pela raiva e pela delusão. Os hábitos benéficos se originam disso.

“E como esses hábitos benéficos cessam sem deixar vestígio? A sua cessação é declarada: aqui um *bhikkhu* é virtuoso, mas ele não se identifica com a sua virtude, e ele compreende como na verdade é a libertação da mente e a libertação através da sabedoria quando esses hábitos benéficos cessam sem deixar vestígio. ^{lxxxviii} É assim que os hábitos benéficos cessam sem deixar vestígio.

“E como é que ao praticar ele pratica o caminho para a cessação dos hábitos benéficos? Aqui um *bhikkhu* gera desejo para que não surjam estados ruins e prejudiciais que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo em abandonar estados ruins e prejudiciais que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Aquele que assim pratica está praticando o caminho para a cessação dos hábitos benéficos.

12. “O que são pensamentos prejudiciais? Estas são o pensamento do desejo sensual ... de má vontade ... de crueldade.

“E de onde se originam esses pensamentos prejudiciais? A sua origem é declarada: deve ser dito que elas se originam da percepção. Qual percepção? Embora a percepção seja múltipla, variada e de aspectos distintos, há a percepção do desejo sensual ... da má vontade ... da crueldade. Os pensamentos prejudiciais se originam disso.

“E como esses pensamentos prejudiciais cessam sem deixar vestígio? A sua cessação é declarada: afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, um *bhikkhu* entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. É assim que os pensamentos prejudiciais cessam sem deixar vestígio.

“E como é que ao praticar ele pratica o caminho para a cessação dos pensamentos prejudiciais? Aqui um *bhikkhu* gera desejo para que não surjam estados ruins e prejudiciais que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo em abandonar estados ruins e prejudiciais que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula

a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Aquele que assim pratica está praticando o caminho para a cessação dos pensamentos prejudiciais.

13. “O que são pensamentos benéficos? Estes são o pensamento de renúncia, ... de não má vontade e ... de não crueldade.

“E de onde se originam esses pensamentos benéficos? A sua origem é declarada: deve ser dito que eles se originam da percepção. Qual percepção? Embora a percepção seja múltipla, variada e de aspectos distintos, há a percepção da renúncia ... da não má vontade e ... da não crueldade. Os pensamentos benéficos se originam disso.

“E como esses pensamentos benéficos cessam sem deixar vestígio? A sua cessação é declarada: aqui silenciando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é acompanhado pela autoconfiança e unicidade da mente sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. É assim que os pensamentos benéficos cessam sem deixar vestígio.

“E como é que ao praticar ele pratica o caminho para a cessação dos pensamentos benéficos? Aqui um *bhikkhu* gera desejo para que não surjam estados ruins e prejudiciais que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo em abandonar estados ruins e prejudiciais que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Ele gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. Aquele que assim pratica está praticando o caminho para a cessação dos pensamentos benéficos.

14. Agora, carpinteiro, quando alguém possui quais dez qualidades eu o descrevo como alguém realizado naquilo que é benéfico, perfeito naquilo que é benéfico, tendo alcançado a realização suprema, um asceta invencível? Aqui, um *bhikkhu* possui o entendimento correto daquele que está além do treinamento, [lxxxix](#) o pensamento correto daquele que está além do treinamento, a linguagem correta daquele que está além do treinamento, a ação correta daquele que está além do treinamento, o modo de vida correto daquele que está além do treinamento, o esforço correto daquele que está além do treinamento, a atenção plena correta daquele que está além do treinamento, a concentração correta daquele que está além do treinamento, o conhecimento correto daquele que está além do treinamento e a libertação correta daquele que está além do treinamento. Quando alguém possui essas dez qualidades eu o descrevo como alguém realizado naquilo que é benéfico, perfeito naquilo que é benéfico, tendo alcançado a realização suprema, um asceta invencível.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O carpinteiro Pancakanga ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

79 Culasakuludayi Sutta O Pequeno Discurso para Sakuludayin

O símile da ‘moça mais bonita do país’

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha no Bambual, no Santuário dos Esquilos. Agora, naquela ocasião o errante Sakuludayin estava no Santuário do Pavão, com uma grande assembléia de errantes.

2. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para Rajagaha para esmolar alimentos. Então ele pensou: “Ainda é muito cedo para esmolar alimentos em Rajagaha. E se eu fosse até o errante Sakuludayin no Santuário do Pavão, no parque dos errantes.”

3. Então o Abençoado foi até o Santuário do Pavão, no parque dos errantes. Agora naquela ocasião o errante Sakuludayin estava sentado com uma grande assembléia de errantes que estava fazendo uma grande baderna, conversando em voz alta e aos berros sobre muitos assuntos inúteis, tal como falar sobre reis, ladrões, ministros de estado, exércitos, alarmes e batalhas; comida e bebida, roupas, mobília, ornamentos e perfumes, parentes; veículos; vilarejos, vilas, cidades, o campo; mulheres e heróis; as fofocas das ruas e do poço; contos dos mortos; contos da diversidade (discussões filosóficas do passado e futuro), a criação do mundo e do mar e falar sobre a existência ou não das coisas. Então o errante Sakuludayin viu o Abençoado chegando à distância. Ao vê-lo, ele silenciou a assembléia dizendo o seguinte: “Senhores, fiquem quietos; senhores, não façam ruído. Ali vem o contemplativo Gotama. Esse venerável gosta do silêncio e recomenda o silêncio. Talvez, se ele encontrar a nossa assembléia em silêncio, pensará em juntar-se a nós.” Então os errantes ficaram em silêncio.

4. O Abençoado foi até o errante Sakuludayin que lhe disse: “Venha Abençoado! Bem vindo Abençoado! Já faz muito tempo que o Abençoado encontrou uma oportunidade para vir aqui. Que o Abençoado sente; este assento está preparado.”

“Qual é o assunto que faz com que vocês estejam sentados juntos aqui agora, Udayin? E qual é a discussão que foi interrompida?”

5. “Venerável Senhor, deixemos de lado a discussão pela qual estamos aqui sentados juntos. O Abençoado poderá ouvi-la mais tarde. Venerável senhor, quando eu não venho a esta assembléia, eles ficam sentados conversando muitos tipos de conversa inútil. Mas quando venho a esta assembléia, então, eles ficam sentados olhando para mim, pensando: ‘Ouçamos o Dhamma que o contemplativo Udayin expõe.’ No entanto, quando o Abençoado vem, então, tanto eu como esta assembléia ficamos sentados olhando para o Abençoado, pensando: ‘Ouçamos o Dhamma que o Abençoado expõe.’”

6. “Então, Udayin, sugira algo sobre o que eu devo falar.”

“Venerável senhor, nos últimos dias houve alguém que reivindicou ser onisciente e capaz de tudo ver, de ter conhecimento completo e visão desta forma: ‘Quer eu esteja caminhando ou em pé, ou dormindo, ou desperto, o conhecimento e visão estão presentes em mim de forma contínua e ininterrupta.’ Quando eu lhe fiz uma pergunta sobre o passado, ele tergiversou, desviou do assunto e mostrou raiva, ódio e amargor. Então eu me lembrei do Abençoado assim: ‘Ah, com certeza é o Abençoado, com certeza é o Iluminado quem tem habilidade com essas coisas.’”

“Mas, Udayin, quem foi que reivindicou ser onisciente e capaz de tudo ver ... mas quando perguntado por você sobre o passado, tergiversou, desviou do assunto e mostrou raiva, ódio e amargor?”

“Foi o Nigantha Nataputta, venerável senhor.”

7. “Udayin, se alguém fosse recordar as suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos ... assim, nos seus modos e detalhes, se ele se recordasse das suas muitas vidas passadas, então um dos dois, ou ele me perguntaria uma questão sobre o passado, ou eu poderia perguntar-lhe uma questão sobre o passado, e ele poderia satisfazer a minha mente com a resposta à minha questão ou eu poderia satisfazer a mente dele com a minha resposta à questão dele. Se alguém por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados ... e compreende como os seres continuam de acordo com as suas ações, então um dos dois, ou ele me perguntaria uma questão sobre o futuro, ou eu poderia perguntar a ele uma questão sobre o futuro, e ele poderia satisfazer a minha mente com a resposta à minha questão ou eu poderia satisfazer a mente dele com a minha resposta à questão dele. Mas deixemos de lado o passado, Udayin, deixemos de lado o futuro. Eu lhe ensinarei o Dhamma: Quando existe isso, aquilo existe; Com o surgimento disso, aquilo surge. Quando não existe isso, aquilo também não existe; Com a cessação disto, aquilo cessa.”

8. “Venerável senhor, eu não posso nem mesmo recordar-me nos seus modos e detalhes de tudo aquilo que experimentei nesta existência, então como poderia recordar as minhas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos ... nos seus modos e detalhes, como o Abençoado o faz? E eu não posso nem mesmo ver um duende da lama, então como poderia por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano, ver seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, afortunados e desafortunados ... e compreender como os seres continuam de acordo com as suas ações, como o Abençoado o faz? Mas, venerável senhor, quando o Abençoado disse: ‘Mas deixemos de lado o passado, Udayin, deixemos de lado o futuro. Eu lhe ensinarei o Dhamma: Quando existe isso, aquilo existe; Com o surgimento disso, aquilo surge. Quando não existe isso, aquilo também não existe; Com a cessação disto, aquilo cessa’ - isso é ainda mais obscuro para mim. Talvez, venerável senhor, eu possa satisfazer a mente do Abençoado respondendo uma questão acerca da doutrina do nosso mestre.”

9. “Bem, Udayin, o que é ensinado na doutrina do seu mestre?”

“Venerável senhor, é ensinado na doutrina do nosso mestre: ‘Isto é o esplendor perfeito, isto é o esplendor perfeito!’”

“Mas, Udayin, visto que é ensinado na doutrina do seu mestre: ‘Isto é o esplendor perfeito, isto é o esplendor perfeito!’ - o que é esse esplendor perfeito?”

“Venerável senhor, esse esplendor é o esplendor perfeito que não é superado por nenhum outro esplendor mais elevado ou mais sublime.”

“Mas, Udayin, o que é esse esplendor que não é superado por nenhum outro esplendor mais elevado ou mais sublime?”

“Venerável senhor, esse esplendor é o esplendor perfeito que não é superado por nenhum outro esplendor mais elevado ou mais sublime.”

10. “Udayin, você pode por muito tempo continuar dizendo isso. Você diz: ‘Venerável senhor, esse esplendor é o esplendor perfeito que não é superado por nenhum outro esplendor mais elevado ou mais sublime,’ mas você não indica que esplendor é esse. Suponha que um homem dissesse: ‘Eu estou apaixonado pela moça mais bonita deste país.’ Então lhe perguntariam: ‘Bom homem, essa moça mais bonita deste país pela qual você está apaixonado – você sabe se ela é da classe nobre ou da classe dos brâmanes, ou da classe dos comerciantes, ou da classe dos trabalhadores?’ e ele responderia: ‘Não.’ Então lhe perguntariam: ‘Bom homem, essa moça mais bonita deste país pela qual você está apaixonado – você sabe o nome e o clã dela? ... Se ela é alta ou baixa ou com estatura média? ... Se ela tem a complexão escura, clara ou dourada? ... Em qual vilarejo, vila ou cidade ela vive?’ e ele responderia: ‘Não.’ E então lhe perguntariam: ‘Bom homem, você então está apaixonado por uma moça que você nem conhece ou viu?’ e ele responderia: ‘Sim.’ O que você pensa, Udayin, em sendo assim, a conversa daquele homem não seria apenas tolice?”

“Com certeza, venerável senhor, em sendo assim, a conversa daquele homem seria apenas tolice.”

“Mas da mesma forma, Udayin, você diz o seguinte: ‘Venerável senhor, esse esplendor é o esplendor perfeito que não é superado por nenhum outro esplendor mais elevado ou mais sublime,’ mas você não indica que esplendor é esse.”

11. “Venerável senhor, como uma bela pedra de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada, sobre um brocado vermelho, brilha, radia e cintila, com tal esplendor é o eu que sobrevive intacto após a morte.”

12. “O que você pensa, Udayin? Essa bela pedra de berilo da mais pura água, com oito facetas, bem lapidada, sobre um brocado vermelho, que brilha, radia e cintila, ou um vaga-lume na escuridão mais profunda da noite – desses dois, qual emite o esplendor que é mais excelente e sublime?” – “O vaga-lume na escuridão mais profunda da noite, venerável senhor.”

13. “O que você pensa, Udayin? Esse vaga-lume na escuridão mais profunda da noite ou uma lâmpada de azeite na escuridão mais profunda da noite - desses dois, qual emite o esplendor que é mais excelente e sublime?” – “A lâmpada de azeite, venerável senhor.”

14. “O que você pensa, Udayin? Essa lâmpada de azeite na escuridão mais profunda da noite ou uma fogueira na escuridão mais profunda da noite - dessas duas, qual emite o esplendor que é mais excelente e sublime?” – “A fogueira, venerável senhor.”

15. “O que você pensa, Udayin? Essa fogueira na escuridão mais profunda da noite ou a estrela-d’alva num céu limpo sem nuvens - dessas duas, qual emite o esplendor que é mais excelente e sublime?” – “A estrela d’alva num céu limpo sem nuvens, venerável senhor.”

16. “O que você pensa, Udayin? A estrela d’alva num céu limpo sem nuvens ou a lua cheia à meia noite no *Uposatha* do décimo quinto dia num céu limpo sem nuvens - dessas duas, qual emite o esplendor que é mais excelente e sublime?” – “A lua cheia à meia noite no *Uposatha* do décimo quinto dia num céu limpo sem nuvens, venerável senhor.”

17. “O que você pensa, Udayin? A lua cheia à meia noite no *Uposatha* do décimo quinto dia num céu limpo sem nuvens, ou o disco completo do sol ao meio dia num céu claro sem nuvens no último mês da estação das chuvas – desses dois, qual emite o esplendor que é mais excelente e sublime?” – “O disco completo do sol ao meio dia num céu claro sem nuvens no último mês da estação das chuvas, venerável senhor.”

18. “Mais além disso, Udayin, eu conheço muitos *devas*, cujo esplendor a luminosidade do sol e da lua não é capaz de igualar, apesar disso, eu não digo que não existe um outro esplendor mais elevado ou mais sublime que aquele esplendor. Mas você, Udayin, diz daquele esplendor que é mais baixo e mais medíocre que o de um vaga-lume: ‘Isto é o esplendor perfeito,’ e você não indica que esplendor é esse.”

19. “O Abençoado deu um fim à discussão; o Iluminado deu um fim à discussão.”

“Mas, Udayin, por que você diz isso?”

“Venerável senhor, é ensinado na doutrina do nosso mestre: ‘Isto é o esplendor perfeito, isto é o esplendor perfeito.’ Mas ao sermos pressionados, questionados e examinados sobre a doutrina do nosso mestre pelo Abençoado, descobrimos que somos vazios, ocios e enganados.”

20. “Como é, Udayin, existe um mundo totalmente prazeroso? Existe uma forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso?”

“Venerável senhor, é ensinado na doutrina do nosso mestre: ‘Existe um mundo totalmente prazeroso; existe uma forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso.’”

21. “Mas, Udayin, como é essa forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso?”

“Aqui, venerável senhor, abandonando o ato de matar seres vivos, a pessoa se abstém de matar seres vivos; abandonando o ato de tomar aquilo que não é dado, a pessoa se abstém de tomar aquilo que não é dado; abandonando a conduta imprópria com os prazeres sensuais, a pessoa se abstém da conduta imprópria com os prazeres sensuais; abandonando a linguagem mentirosa, a pessoa se abstém da linguagem mentirosa; ou então ela assume e pratica algum tipo de ascetismo. Essa é a forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso.”

22. “O que você pensa, Udayin? Na ocasião em que ela abandona o ato de matar seres vivos e se abstém de matar seres vivos, o eu dela então sente apenas prazer ou ambos, prazer e dor?”

“Ambos, prazer e dor, venerável senhor.”

“O que você pensa, Udayin? Na ocasião em que ela abandona o ato de tomar aquilo que não é dado e se abstém de tomar aquilo que não é dado ... quando ela abandona a conduta imprópria com os prazeres sensuais e se abstém da conduta imprópria com os prazeres sensuais ... quando ela abandona a linguagem mentirosa e se abstém da linguagem mentirosa , o eu dela então sente apenas prazer ou ambos, prazer e dor?”

“Ambos, prazer e dor, venerável senhor.”

“O que você pensa, Udayin? Na ocasião em que ela assume e pratica algum tipo de ascetismo, o eu dela então sente apenas prazer ou ambos, prazer e dor?”

“Ambos, prazer e dor, venerável senhor.”

“O que você pensa, Udayin? A realização de um mundo totalmente prazeroso pode ser obtida seguindo um caminho misto de prazer e dor?”

23. “O Abençoado deu um fim à discussão; o Iluminado deu um fim à discussão.”

“Mas, Udayin, por que você diz isso?”

“Venerável senhor, é ensinado na doutrina do nosso mestre: ‘Existe um mundo totalmente prazeroso; existe uma forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso.’ Mas ao sermos pressionados, questionados e examinados sobre a doutrina do nosso mestre pelo Abençoado, descobrimos que somos vazios, ocos e enganados. Mas como é, venerável senhor, existe um mundo totalmente prazeroso? Existe uma forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso?”

24. “Existe um mundo totalmente prazeroso, Udayin; existe uma forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso.”

“Venerável senhor, qual é essa forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso?”

25. “Aqui, Udayin, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, um *bhikkhu* entra e permanece no primeiro *jhana* ... abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* ... abandonando o êxtase, um *bhikkhu* entra e permanece no terceiro *jhana* ... Essa é a forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso.”

“Venerável senhor, essa não é a forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso; nesse ponto um mundo totalmente prazeroso já foi realizado.”

“Udayin, nesse ponto um mundo totalmente prazeroso ainda não foi realizado; essa é apenas a forma prática de realizar um mundo totalmente prazeroso.”

26. Quando isso foi dito, houve um tumulto na assembléia do errante Sakuludayin e eles disseram em voz alta e ruidosa: “Estamos perdidos juntamente com a doutrina dos nossos mestres! Estamos perdidos juntamente com a doutrina dos nossos mestres! Não conhecemos nada mais elevado que isso!”

Então o errante Sakuludayin acalmou aqueles errantes e perguntou ao Abençoado:

27. “Venerável senhor, em que ponto um mundo totalmente prazeroso é realizado?”

“Aqui, Udayin, com o completo desaparecimento da felicidade, um *bhikkhu* entra e permanece no quarto *jhana*, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. Ele permanece com aquelas divindades que surgiram num mundo totalmente prazeroso e lhes dirige a palavra e conversa com elas. ^{xc} É neste ponto que um mundo totalmente prazeroso foi realizado.”

28. “Venerável senhor. Com certeza é com o propósito de realizar esse mundo totalmente prazeroso que os *bhikkhus* vivem a vida santa sob o Abençoado.”

“Não é com o propósito de realizar esse mundo totalmente prazeroso que os *bhikkhus* vivem a vida santa sob a minha liderança. Existem outros estados, Udayin, mais elevados e mais sublimes que esse e é com o propósito de realizá-los que os *bhikkhus* vivem a vida santa sob a minha liderança .”

“Quais são esses estados mais elevados e sublimes, venerável senhor, que com o propósito de realizá-los os *bhikkhus* vivem a vida santa sob o Abençoado?”

29-36. “Aqui, Udayin, um *Tathagata* surge no mundo, um *arahant*, perfeitamente iluminado ... (igual ao [MN 51, versos 12-19](#)) ... ele purifica a mente da dúvida.

37. “Tendo assim abandonado esses cinco obstáculos, imperfeições da mente que enfraquecem a sabedoria, um *bhikkhu* afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro *jhana* ... Este, Udayin, é um estado mais elevado e sublime, e com o propósito de realizá-lo os *bhikkhus* vivem a vida santa sob a minha liderança.

38-40. “Outra vez, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana* ... no terceiro *jhana* ... no quarto *jhana*. Este também, Udayin, é um estado mais elevado e sublime, e com o propósito de realizá-lo os *bhikkhus* vivem a vida santa sob a minha liderança.

41. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento da recordação de vidas passadas. Ele se recorda das suas muitas vidas passadas, isto é, um nascimento, dois nascimentos ... (igual ao [MN 51, verso 24](#)) ... Assim ele se recorda das suas muitas vidas passadas nos seus modos e detalhes. Este também, Udayin, é um estado mais elevado e sublime, e com o propósito de realizá-lo os *bhikkhus* vivem a vida santa sob a minha liderança.

42. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do falecimento e reaparecimento dos seres ... (igual ao [MN 51, verso 25](#)) ... Dessa forma - por meio do olho divino, que é purificado e ultrapassa o humano - ele vê seres falecendo e renascendo, inferiores e superiores, bonitos e feios, e ele compreende como os seres continuam de acordo com as suas ações. Este também, Udayin, é um estado mais elevado e sublime, e com o propósito de realizá-lo os *bhikkhus* vivem a vida santa sob a minha liderança.

43. "Com a sua mente dessa forma concentrada, purificada, luminosa, pura, imaculada, livre de defeitos, flexível, maleável, estável e atingindo a imperturbabilidade, ele a dirige para o conhecimento do fim das impurezas mentais. Ele compreende como na verdade é que: ‘Isto é sofrimento’ ... (igual ao [MN 51, verso 26](#)) ... Ele compreende como na verdade é que: ‘Este é o caminho que conduz à cessação das impurezas.’

44. “Ao conhecer e ver, a sua mente está livre da impureza do desejo sensual, da impureza de ser/existir, da impureza da ignorância. Quando ela está libertada surge o conhecimento, ‘Libertada.’ Ele compreende que ‘O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que devia ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’ Este também, Udayin, é um estado mais elevado e sublime, e com o propósito de realizá-lo os *bhikkhus* vivem a vida santa sob a minha liderança.

“Esses, Udayin, são os estados mais elevados e sublimes, e com o propósito de realizá-los os *bhikkhus* vivem a vida santa sob a minha liderança.”

45. Quando isso foi dito o errante Sakuludayin disse para o Abençoado: "Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuísem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Eu receberia a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa.

46. Quando isso foi dito, a assembléia do errante Sakuludayin se dirigiu a ele da seguinte forma: "Não vá viver a vida santa sob o contemplativo Gotama, Mestre Udayin. Tendo sido um mestre, Mestre Udayin, não vá viver como um pupilo. Pois se o Mestre Udayin assim o fizer será como se uma jarra de água virasse um caneco. Não vá viver a vida santa sob o contemplativo Gotama, Mestre Udayin. Tendo sido um mestre, Mestre Udayin, não vá viver como um pupilo."

Assim foi como a assembléia do errante Sakuludayin impediu que ele vivesse a vida santa sob o Abençoado.

80 Vekhanassa Sutta

Para Vekhanassa

Sutta semelhante MN 79, com um trecho adicional sobre os prazeres dos sentidos

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Então, o errante Vekhanassa foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele ficou em pé a um lado e na presença do Abençoado proferiu a seguinte exclamação:

"Este é o esplendor perfeito, este é o esplendor perfeito!"

"Mas, Kaccana, por que você diz: 'Este é o esplendor perfeito, este é o esplendor perfeito!'? O que é esse esplendor perfeito?"

"Mestre Gotama, esse esplendor é o esplendor perfeito que não é superado por nenhum outro esplendor mais elevado ou mais sublime."

"Mas, Kaccana, o que é esse esplendor que não é superado por nenhum outro esplendor mais elevado ou mais sublime?"

"Mestre Gotama, esse esplendor é o esplendor perfeito que não é superado por nenhum outro esplendor mais elevado ou mais sublime."

3-11. “Kaccana, você pode por muito tempo continuar dizendo isso ... (igual ao [MN 79.10-18](#)) ... mas você não indica que esplendor é esse.

12. “Kaccana, existem esses cinco elementos do prazer sensual. Quais cinco? Formas conscientizadas através do olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Sons conscientizados através do ouvido ... Aromas conscientizados através do nariz ... Sabores conscientizados através da língua ... Tangíveis conscientizados através do corpo que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Esses são os cinco elementos do prazer sensual..

13. “Agora, Kaccana, o prazer e a alegria que surgem na dependência desses cinco elementos do prazer sensual são chamados de prazer sensual. Portanto, o prazer sensual [surge] através dos prazeres sensuais, mas além do prazer sensual há um prazer mais elevado do que o sensual e ele é declarado como o superior dentre eles.”

14. Quando isso foi dito, o errante Vekhanassa disse: “É maravilhoso, Mestre Gotama, é surpreendente, quão bem isso foi expresso pelo Mestre Gotama: “Portanto, o prazer sensual [surge] através dos prazeres sensuais, mas além do prazer sensual há um prazer mais elevado do que o sensual e ele é declarado como o superior dentre eles.””

“Kaccana, para você que possui um entendimento distinto, que aceita um outro ensinamento, que aprova um outro ensinamento, que se dedica a um treinamento distinto, que segue um mestre distinto, é difícil saber o que é a sensualidade ou o que é o prazer sensual, ou o que é o prazer mais elevado do que o sensual. Mas aqueles bhikkhus que são *arahants* com as impurezas destruídas, que viveram a vida santa, fizeram o que devia ser feito, depuseram o fardo, alcançaram o objetivo verdadeiro, destruíram os grilhões da existência e estão completamente libertados através do conhecimento supremo – são eles que sabem o que é a sensualidade, o que é o prazer e o que é o prazer mais elevado do que o sensual.”

15. Quando isso foi dito, o errante Vekhanassa ficou zangado e irritado, ele insultou, menosprezou e censurou o Abençoado dizendo: “O contemplativo Gotama será derrotado.” Ele então disse para o Abençoado: “Então há aqui alguns contemplativos e brâmanes que sem conhecer o passado e sem ver o futuro, no entanto dizem: ‘O nascimento está destruído, a vida santa foi vivida, o que devia ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.’ O que eles dizem acaba se tornando ridículo; acaba se tornando meras palavras, vazias e ocas.”

16. “Se algum contemplativo ou brâmane, sem conhecer o passado e sem ver o futuro, no entanto diz: ‘O nascimento está destruído, a vida santa foi vivida, o que devia ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado,’ ele pode ser refutado de acordo com o Dhamma. Melhor, Kaccana, deixe o passado e o futuro de lado. Que venha um homem sábio, alguém que seja honesto e sincero, um homem íntegro. Eu o instruirei, eu ensinarei o Dhamma para ele de tal modo que, praticando da forma instruída, ele em breve saberá e verá por si mesmo: ‘Pois, de fato, assim ocorre a libertação do cativo, isto é, do

cativeiro da ignorância.’ Suponha, Kaccana, que houvesse um tenro jovem bebê deitado de costas, atado por quatro ataduras fortes [nos quatro membros] e a quinta no pescoço; e mais tarde, como resultado do seu crescimento e do amadurecimento das suas faculdades, essas ataduras se afrouxassem, ele saberia que ‘Eu estou livre’ e não haveria mais cativeiro. Da mesma maneira, que venha um homem sábio ... ‘Pois, de fato, assim ocorre a libertação do cativeiro, isto é, do cativeiro da ignorância.’”

17. Quando isso foi dito, o errante Vekhanassa disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida.”

81 Ghatikara Sutta

Ghatikara o Oleiro

O principal patrocinador laico do Buda Kassapa que antecedeu o Buda Gotama

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando pela região de Kosala junto com uma grande Sangha de *bhikkhus*.
2. Então, num certo lugar perto da estrada principal o Abençoado sorriu. O venerável Ananda pensou: “Qual é a razão, qual é a causa do sorriso do Abençoado? Os *Tathagatas* não sorriem sem razão.” Assim ele arrumou o seu manto superior sobre o ombro e, juntando as mãos para o Abençoado numa respeitosa saudação, perguntou: “Venerável senhor, qual é a razão, qual é a causa do sorriso do Abençoado? Os *Tathagatas* não sorriem sem razão.”
3. “Certa vez, Ananda, neste lugar havia uma cidade com um próspero e movimentado mercado chamada Vebhalinga, com muitos habitantes e repleta de gente. Agora, o Abençoado Kassapa, um *arahant*, perfeitamente iluminado, vivia próximo a Vebhalinga. Foi aqui, na verdade, que o Abençoado Kassapa tinha o seu monastério, foi aqui, de fato, que o Abençoado Kassapa residia e orientava a Sangha dos *bhikkhus*.”
4. Então, o venerável Ananda dobrou em quatro o seu manto feito de retalhos e, colocando-o sobre o chão, disse para o Abençoado: “Então, venerável senhor, que o Abençoado sente. Assim este lugar terá sido usado por dois *arahants*, perfeitamente iluminados.”

O Abençoado sentou no assento que havia sido preparado e se dirigiu ao venerável Ananda da seguinte forma:

5. “Certa vez, Ananda, neste lugar havia uma cidade com um próspero e movimentado mercado chamada Vebhalinga, com muitos habitantes e repleta de gente. Agora o Abençoado Kassapa, um *arahant*, perfeitamente iluminado, vivia próximo a Vebhalinga. Foi aqui, na verdade, que o Abençoado Kassapa tinha o seu monastério, foi aqui, de fato, que o Abençoado Kassapa residia e orientava a Sangha dos *bhikkhus*.”

6. “Em Vebhalinga o Abençoado Kassapa tinha como patrocinador, como seu principal patrocinador, um oleiro chamado Ghatikara. Ghatikara tinha um amigo, um amigo chegado, um estudante brâmane chamado Jotipala.

“Um dia, Ghatikara se dirigiu a Jotipala assim: ‘Estimado Jotipala, vamos ver o Abençoado Kassapa, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Eu acredito que é bom ver esse Abençoado.’ Jotipala respondeu: ‘Já basta, estimado Ghatikara, qual o benefício de ver esse contemplativo careca?’

‘Então, estimado Jotipala, tomemos uma esponja e pó de banho e vamos até o rio para nos banharmos.’ – ‘Muito bem,’ Jotipala respondeu.

7. “Assim Ghatikara e Jotipala tomaram uma esponja e pó de banho e foram até o rio para se banhar. Então Ghatikara disse para Jotipala: ‘Estimado Jotipala, o monastério do Abençoado Kassapa está ali bem próximo. Vamos ver o Abençoado Kassapa. Eu acredito que é bom ver esse Abençoado.’ Jotipala respondeu: ‘Já basta, estimado Ghatikara, qual o benefício de ver esse contemplativo careca?’ ^{[xci](#)}

8. “Então Ghatikara agarrou Jotipala pelo cinto e disse: ‘Estimado Jotipala, o monastério do Abençoado Kassapa está ali bem próximo. Vamos ver o Abençoado Kassapa. Eu acredito que é bom ver esse Abençoado.’ Então Jotipala soltou o cinto e disse: ‘Já basta, estimado Ghatikara, qual o benefício de ver esse contemplativo careca?’

9. “Então, quando Jotipala já havia lavado a cabeça, Ghatikara o agarrou pelos cabelos e disse: ^{[xcii](#)} ‘Estimado Jotipala, o monastério do Abençoado Kassapa está ali bem próximo. Vamos ver o Abençoado Kassapa. Eu acredito que é bom ver esse Abençoado.’

“Então Jotipala pensou: ‘É impressionante, é surpreendente que Ghatikara, que provém de uma casta inferior, ouse agarrar-me pelo cabelo enquanto lavamos a cabeça! Com certeza este não é um assunto trivial.’ E ele disse para Ghatikara: ‘Isso é o seu limite, estimado Ghatikara?’ – ‘Esse é o meu limite, estimado Jotipala; tudo isso por eu acreditar que é bom ver o Abençoado!’ – ‘Então, estimado Ghatikara, solte-me. Vamos visitá-lo.’

10. “Assim Ghatikara e Jotipala foram até o Abençoado Kassapa. Ghatikara, depois de cumprimentá-lo, sentou a um lado, enquanto Jotipala cumprimentava-o, e depois que a conversa amigável e cortês havia terminado ele também sentou a um lado. Ghatikara então disse para o Abençoado Kassapa: ‘Venerável senhor, este é o estudante brâmane Jotipala, meu amigo, meu amigo chegado. Que o Abençoado ensine o Dhamma para ele.’

“Então o Abençoado Kassapa instruiu, motivou, estimulou e encorajou Ghatikara e Jotipala com um discurso do Dhamma. Com a conclusão do discurso, satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado Kassapa, eles se levantaram dos seus assentos e depois de homenagear o Abençoado Kassapa mantendo-o à sua direita, eles partiram.

11. “Então Jotipala perguntou a Ghatikara: ‘Agora que você ouviu o Dhamma, estimado Ghatikara, porque você não deixa a vida em família e segue a vida santa?’ – ‘Estimado Jotipala, então você não sabe que sustento meus pais cegos e envelhecidos?’ - ‘Então, estimado Ghatikara, eu deixarei a vida em família e seguirei a vida santa.’

12. “Assim Ghatikara e Jotipala foram até o Abençoado Kassapa. Depois de cumprimentá-lo, eles sentaram a um lado e Ghatikara disse para o Abençoado Kassapa: ‘Venerável senhor, este é o estudante brâmane Jotipala, meu amigo, meu amigo chegou. Que o Abençoado o ordene para a vida santa.’ E Jotipala recebeu a ordenação do Abençoado Kassapa e ele recebeu a admissão completa. [xciii](#)

13. “Então, não muito tempo depois de Jotipala ter recebido a admissão completa, uma quinzena depois dele ter recebido a admissão completa, o Abençoado Kassapa tendo permanecido em Vebhalinga todo o tempo que ele quis, saiu perambulando em direção a Benares. Caminhando em etapas ele por fim chegou em Benares, lá, ele se instalou no Parque do Gamo em Isipatana.

14. “Agora, o Rei Kiki de Kasi ouviu: ‘Parece que o Abençoado Kassapa chegou em Benares e está no Parque do Gamo em Isipatana.’ Assim ele mandou preparar um grande número de carruagens reais e montando numa delas saiu de Benares com toda a pompa da realeza para ir ver o Abençoado Kassapa. Ele foi até onde a estrada permitia o acesso das carruagens e depois desmontou da sua carruagem e seguiu a pé até onde estava o Abençoado Kassapa. Depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e o Abençoado Kassapa, instruiu, motivou, estimulou e encorajou o Rei Kiki de Kasi com um discurso do Dhamma.

15. “Com a conclusão do discurso, o Rei Kiki de Kasi disse: ‘Venerável senhor, que o Abençoado Kassapa junto com a Sangha dos *bhikkhus* concorde em aceitar a refeição de amanhã.’ O Abençoado Kassapa concordou em silêncio. Então, sabendo que o Abençoado Kassapa havia concordado, ele se levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

16. Então, quando a noite terminou, o Rei Kiki de Kasi fez com que fossem preparados vários tipos de boa comida na sua própria residência – com arroz de primeira e muitos tipos de molhos e de caril - e ele fez com que a hora fosse anunciada para o Abençoado: ‘É hora, venerável senhor, a refeição está pronta.’

17. “Então, ao amanhecer, o Abençoado Kassapa se vestiu e tomando a sua tigela e o manto externo foi junto com a Sangha dos *bhikkhus* até a residência do Rei Kiki de Kasi e sentou num assento que havia sido preparado. Então, com as suas próprias mãos, o Rei Kiki de Kasi serviu e satisfez a Sangha dos *bhikkhus* liderada pelo Buda com os vários

tipos de alimentos. Quando o Abençoado Kassapa havia terminado de comer e removeu a mão da sua tigela, o Rei Kiki de Kasi tomou um assento mais baixo e disse para o Abençoado: ‘Venerável senhor, que o Abençoado aceite uma residência minha para o retiro das chuvas em Benares; isso será benéfico para a Sangha.’ – ‘Já basta, rei, minha residência para o retiro das chuvas já foi dada.’

“O rei pensou: ‘O Abençoado Kassapa não aceita a residência que ofereço para o retiro das chuvas em Benares,’ e ficou muito desapontado e triste.

18. “Então, ele disse: ‘Venerável senhor, você tem um patrocinador melhor do que eu?’ “Eu tenho, grande rei. Há uma cidade chamada Vebhalinga onde vive um oleiro chamado Ghatikara. Ele é o meu patrocinador, meu principal patrocinador. Agora, grande rei, você pensou: ‘O Abençoado Kassapa não aceita a residência que ofereço para o retiro das chuvas em Benares,’ e você está muito desapontado e triste, mas o oleiro Ghatikara não é assim e não será assim. O oleiro Ghatikara buscou refúgio no Buda, no Dhamma e na Sangha. Ele se abstém de matar seres vivos, de tomar aquilo que não é dado, da conduta imprópria em relação aos prazeres sensuais, da linguagem mentirosa, do vinho, álcool e outros embriagantes que causam a negligência. Ele tem perfeita claridade, serenidade e confiança no Buda, no Dhamma e na Sangha e possui as virtudes apreciadas pelos nobres. Ele está livre da dúvida com relação ao sofrimento, à origem do sofrimento, à cessação do sofrimento e ao caminho que conduz à cessação do sofrimento. Ele come apenas numa parte do dia, ele observa o celibato, ele é virtuoso, de bom caráter. Ele deixou de lado as pedras preciosas e o ouro, abandonou as pedras preciosas e o ouro, ele desistiu das pedras preciosas e do ouro. Ele não cava o chão em busca de argila usando uma picareta com as próprias mãos; a argila que sobra dos aterros ou aquela que foi deixada pelos ratos, ele traz para casa num carrinho; ao terminar um pote ele diz: ‘Que qualquer um que aprecie esses potes deixe um pouco de arroz ou feijão, ou lentilha, e que leve o que lhe agrada,’ Ele sustenta os seus pais cegos e envelhecidos. Tendo destruído os cinco primeiros grilhões, ele é um daqueles que irá renascer espontaneamente [nas Moradas Puras] e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar daquele mundo.

19, “Em certa ocasião, quando eu estava em Vebhalinga, pela manhã, me vesti e, tomando a minha tigela e o manto externo, fui até os pais de Ghatikara e perguntei: ‘Por favor, onde foi o oleiro?’ – ‘Venerável senhor, o seu patrocinador saiu; mas tire arroz do caldeirão e molho da caçarola e coma.’

“Eu assim fiz e fui embora. Então Ghatikara foi até os pais dele e perguntou: ‘Quem tirou arroz do caldeirão e molho da caçarola, comeu, e foi embora?’ – ‘Meu querido, o Abençoado Kassapa.’

“Então Ghatikara pensou: ‘É um ganho para mim, é um grande ganho para mim, que o Abençoado Kassapa conte comigo assim!’ E o êxtase e a felicidade nunca o abandonaram durante quinze dias e os pais dele por uma semana.

20. “Em outra ocasião, quando eu estava em Vebhalinga, pela manhã, me vesti e, tomando a minha tigela e o manto externo, fui até os pais de Ghatikara e perguntei a eles:

‘Por favor, onde foi o oleiro?’ – ‘Venerável senhor, o seu patrocinador saiu; mas tire mingau da panela e molho da caçarola e coma.’

“Eu assim fiz e fui embora. Então Ghatikara foi até os pais dele e perguntou: ‘Quem tirou mingau da panela e molho da caçarola, comeu, e foi embora?’ – ‘Meu querido, o Abençoado Kassapa.’

“Então Ghatikara pensou: ‘É um ganho para mim, é um grande ganho para mim, que o Abençoado Kassapa conte comigo assim!’ E o êxtase e a felicidade nunca o abandonaram durante quinze dias e os pais dele por uma semana.

21. “Em outra ocasião, quando eu estava em Vebhalinga a minha cabana estava com goteiras. Então, me dirigi aos *bhikkhus* da seguinte forma: ‘Vão, *bhikkhus*, e vejam se há alguma palha na casa do oleiro Ghatikara.’ – ‘Venerável senhor, não há palha na casa do oleiro Ghatikara; há palha só na cobertura.’ – ‘Vão, *bhikkhus*, e removam a palha da cobertura da oficina do oleiro Ghatikara.’

“Eles assim fizeram. Os pais de Ghatikara perguntaram aos *bhikkhus*: ‘Quem está tirando a palha da cobertura?’ – ‘Irmã, a cabana do Abençoado Kassapa está com goteiras.’ – ‘Tomem-na, veneráveis senhores, tomem-na, nós os abençoamos!’

“Então Ghatikara foi até os pais dele e perguntou: ‘Quem removeu a palha da cobertura?’ ‘Os *bhikkhus* assim fizeram, meu querido; a cabana do Abençoado Kassapa está com goteiras.’

“Então pensou: ‘É um ganho para mim, é um grande ganho para mim, que o Abençoado Kassapa conte comigo assim!’ E o êxtase e a felicidade nunca o abandonaram durante quinze dias e os pais dele por uma semana. Então, aquela oficina permaneceu três meses completos tendo o céu como cobertura, e mesmo assim, lá não entrou chuva. Assim é o oleiro Ghatikara.’

“É um ganho para Ghatikara, é um grande ganho para ele que o Abençoado Kassapa conte com ele assim.”

22. “Então, o Rei Kiki de Kasi despachou para Ghatikara o equivalente a quinhentas carroças de arroz de primeira e também ingredientes para fazer molhos como acompanhamento. E os soldados do rei foram até Ghatikara e disseram: ‘Venerável senhor, há o equivalente a quinhentas carroças de arroz de primeira, e também ingredientes para fazer molhos como acompanhamento, que lhe foram enviados pelo Rei Kiki de Kasi; por favor aceite-os.’ – ‘O rei está muito ocupado e tem muito que fazer. Eu tenho o suficiente. Que tudo isso fique para o próprio rei.’ [xciv](#)

23. “Agora, Ananda, você poderá pensar assim: ‘Com certeza, o estudante brâmane Jotipala era uma outra pessoa naquela ocasião.’ Mas, essa não deve ser a interpretação. Era eu o estudante brâmane Jotipala naquela ocasião.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

82 Ratthapala Sutta

Ratthapala

Ratthapala deseja seguir a vida monástica

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando pela região dos Kurus com uma grande Sangha de *bhikkhus* e por fim ele chegou a uma cidade denominada Thullakotthita.
2. Os brâmanes chefes de família de Thullakotthita ouviram: “Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, que andava perambulando em Kuru com um grande número de *bhikkhus* chegou em Thullakotthita. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada.’ É bom poder encontrar alguém tão nobre.”
3. Então, os brâmanes chefes de família de Thullakotthita se dirigiram ao Abençoado. Alguns homenagearam o Abençoado ... alguns trocaram saudações corteses com ele ... alguns ajuntaram as mãos em respeitosa saudação ... alguns anunciaram o seu nome e clã ... alguns permaneceram em silêncio e sentaram a um lado. Então, o Abençoado os instruiu, estimulou, motivou e encorajou com um discurso do Dhamma.
4. Agora, naquela ocasião Ratthapala, o filho de um dos principais clãs naquela mesma Thullakotthita, estava sentado na assembléia. Então, ocorreu-lhe que: “Como eu entendo o Dhamma ensinado pelo Abençoado, não é fácil viver em família e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa.”
5. Então, os brâmanes chefes de família de Thullakotthita, depois de instruídos, estimulados, motivados e encorajados por um discurso do Dhamma do Abençoado, ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado. Então, eles se levantaram dos seus assentos e depois de homenageá-lo, mantendo-o à sua direita, partiram.
6. Pouco depois deles terem partido, Ratthapala foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e disse para o Abençoado: “Venerável senhor, tal como eu entendo o Dhamma ensinado pelo Abençoado, não é fácil viver em família e

praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. Venerável senhor, eu desejo raspar o meu cabelo e barba, vestir os mantos de cor ocre e seguir a vida santa. Eu receberia a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa.”

“Você foi autorizado pelos seus pais, Ratthapala, para deixar a vida em família e seguir a vida santa?”

“Não, venerável senhor, eu não tenho a autorização dos meus pais.”

“Ratthapala, os *Tathagatas* não admitem na vida santa ninguém que não tenha a permissão dos seus pais.”

“Venerável senhor, eu farei com que meus pais me dêem a autorização para deixar a vida em família e seguir a vida santa.”

7. Então, Ratthapala levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu. Ele foi até os seus pais e lhes disse: “Mãe e pai, tal como eu entendo o Dhamma ensinado pelo Abençoado, não é fácil viver em família e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. Eu desejo raspar o meu cabelo e barba, vestir os mantos de cor ocre e seguir a vida santa. Dêem-me a sua permissão para que eu deixe a vida em família e siga a vida santa.”

Quando ele disse isso, os pais dele responderam: “Querido Ratthapala, você é o nosso único filho, amado e querido. Você foi educado com conforto, cresceu com conforto; você nada conhece do sofrimento, querido Ratthapala. Mesmo se você morresse nós o deixaríamos ir contra nossa vontade, então como poderíamos dar a nossa permissão para que você deixe a vida em família e siga a vida santa enquanto você ainda está vivo?”

Então, por não ter recebido a permissão dos pais para seguir a vida santa, Ratthapala se deitou no chão e disse: “Exatamente aqui morrerei ou receberei a admissão na vida santa.”

8. Então os pais de Ratthapala disseram: “Querido Ratthapala, você é o nosso único filho, amado e querido. Você foi educado com conforto, cresceu com conforto; você nada conhece do sofrimento, querido Ratthapala. Levante-se, querido Ratthapala, coma, beba e divirta-se. Ao comer, beber e se divertir, você poderá ser feliz desfrutando dos prazeres sensuais e realizar méritos. Nós não permitiremos que você deixe a vida em família e siga a vida santa. Mesmo se você morresse nós o deixaríamos ir contra nossa vontade, então como poderíamos dar a nossa permissão para que você deixe a vida em família e siga a vida santa enquanto você ainda está vivo?” Quando isso foi dito, Ratthapala permaneceu em silêncio.

9. Então os pais de Ratthapala foram até os amigos dele e disseram: “Estimados amigos, Ratthapala está deitado no chão, depois de dizer: ‘Exatamente aqui morrerei ou receberei a admissão na vida santa.’ Venham, estimados amigos, vão até Ratthapala e digam:

‘Amigo Ratthapala, você é o único filho ... Levante-se, amigo Ratthapala, coma, beba e divirta-se ... como seus pais poderiam dar-lhe a permissão deles para que você deixe a vida em família e siga a vida santa enquanto você ainda está vivo?’”

10. Então, os amigos de Ratthapala foram até ele e disseram: “Amigo Ratthapala, você é o único filho, amado e querido. Você foi educado com conforto, cresceu com conforto; você nada conhece do sofrimento, amigo Ratthapala. Levante-se, amigo Ratthapala, coma, beba e divirta-se. Ao comer, beber e se divertir, você poderá ser feliz desfrutando dos prazeres sensuais e realizar méritos. Os seus pais não permitirão que você deixe a vida em família e siga a vida santa. Mesmo se você morresse eles o deixariam ir contra a vontade, então como poderiam eles dar permissão para que você deixe a vida em família e siga a vida santa enquanto você ainda está vivo?” Quando isso foi dito, Ratthapala permaneceu em silêncio.

11. Então os amigos de Ratthapala foram até os pais dele e disseram: “Mãe e pai, Ratthapala está deitado no chão, depois de dizer: ‘Exatamente aqui morrerei ou receberei a admissão na vida santa.’ Agora, se vocês não derem a permissão para que ele deixe a vida em família e siga a vida santa, ele irá morrer ali. Mas se vocês derem a permissão, vocês irão vê-lo depois quando ele estiver seguindo a vida santa. E se ele não apreciar a vida santa, o que mais poderá ele fazer além de voltar para cá? Portanto, dêem a ele permissão para que deixe a vida em família e siga a vida santa.”

“Então, estimados amigos, nós damos a nossa permissão para que Ratthapala deixe a vida em família e siga a vida santa. Mas, seguindo a vida santa, ele terá de nos visitar.”

Então os amigos de Ratthapala foram até ele e disseram: “Levante-se, amigo Ratthapala. Os seus pais deram a permissão para que você deixe a vida em família e siga a vida santa. Mas, seguindo a vida santa, você terá de visitá-los.”

12. Ratthapala então se levantou e depois de haver recuperado as forças, ele foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, eu tenho a permissão dos meus pais para deixar a vida em família e seguir a vida santa. Que o Abençoado me conceda a admissão na vida santa.” Então, Ratthapala recebeu a admissão na vida santa sob o Abençoado e a admissão completa.

13. “Então, não muito tempo depois que o venerável Ratthapala havia recebido a admissão completa, uma quinzena depois dele ter recebido a admissão completa, o Abençoado, depois de permanecer em Thullakotthita todo o tempo que ele quis, saiu perambulando em direção a Savatthi. Caminhando em etapas, ele por fim chegou em Savatthi e lá ele se instalou no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

14. Permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, em pouco tempo, o venerável Ratthapala, alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: “O nascimento foi destruído, a vida

santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.”

[xcv](#)

15. Então, o venerável Ratthapala foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, ele sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, desejo visitar os meus pais, se o Abençoado assim o permitir.”

Então, o Abençoado penetrou com a sua mente os pensamentos na mente do venerável Ratthapala. Ao saber que Ratthapala seria incapaz de abandonar o treinamento e retornar para a vida inferior, ele disse: “Agora é o momento, Ratthapala, faça como julgar adequado.”

16. Então, o venerável Ratthapala se levantou do seu assento e, depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu. Ele então arrumou o seu lugar de descanso e tomando a tigela e o manto externo, saiu perambulando em direção a Thullakotthita. Caminhando em etapas, ele por fim chegou em Thullakotthita e lá ele se instalou no Parque Migacira do Rei Koravya. Então, ao amanhecer, ele se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para Thullakotthita esmolar alimentos. Enquanto esmolava alimentos de casa em casa em Thullakotthita, ele acabou chegando na casa do seu pai.

17. Agora, naquela ocasião o pai do venerável Ratthapala estava sentado na sala principal penteando o cabelo. Ao ver o venerável Ratthapala vindo à distância, ele disse: “Nosso único filho, amado e querido, foi convencido a seguir a vida santa por esses contemplativos carecas.” Então, na casa do seu próprio pai o venerável Ratthapala nem recebeu comida esmolada e tampouco uma recusa cortês; ao invés disso, ele apenas recebeu abusos.

18. Foi quando uma escrava que pertencia aos pais de Ratthapala estava a ponto de jogar fora um mingau velho. Vendo aquilo, o venerável Ratthapala disse: “Irmã, se isso é para ser jogado fora, então despeje aqui na minha tigela. Enquanto assim o fazia, ela reconheceu os traços característicos das suas mãos, dos seus pés e da sua voz. Então ela foi até a mãe dele e disse: “Minha senhora, saiba que o filho do meu amo, Ratthapala, voltou.”

“Que bênção! Se aquilo que você diz for verdade, você não mais será uma escrava!”

“Então, a mãe do venerável Ratthapala foi até o pai dele e disse: ‘Chefe de família, disseram que Ratthapala voltou.’”

19. Justamente naquele momento o venerável Ratthapala estava comendo o mingau velho junto à parede de um certo abrigo. O pai dele foi até ele e disse: “Ratthapala, meu querido, com certeza nós ... e você está comendo mingau velho! [xcvi](#) Você não tem a sua própria casa para onde possa ir?”

“Como poderíamos ter uma casa, chefe de família, quando deixamos a vida em família e seguimos a vida santa? Nós não temos casa, chefe de família. Nós fomos até a sua casa,

mas lá não recebemos nem comida esmolada e tampouco uma recusa cortês; ao invés disso apenas recebemos abusos.”

“Venha querido Ratthapala, vamos para casa.”

“Já basta, chefe de família, hoje minha refeição está terminada.”

“Então, querido Ratthapala, concorde em aceitar a refeição de amanhã.” O venerável Ratthapala concordou em silêncio.

20. Então, sabendo que o venerável Ratthapala havia concordado, o pai dele foi para casa e fez com que se ajuntasse numa grande pilha, moedas e barras de ouro cobrindo-as com tapetes. Então, ele disse para as antigas esposas do venerável Ratthapala: “Venham, noras, enfeitem-se com os ornamentos do jeito que Ratthapala gostava e achava vocês mais atraentes e desejáveis.”

21. Quando a noite havia terminado, o pai do venerável Ratthapala fez com que se preparassem na sua casa vários tipos de boa comida e fez com que se anunciasse a hora para o venerável Ratthapala: “É hora, querido Ratthapala, a refeição está pronta.”

22. Então, depois do amanhecer, o venerável Ratthapala se vestiu e tomando a tigela e o manto externo foi para a casa do seu pai e sentou num assento que havia sido preparado. Então, o seu pai fez com que se descobrisse a pilha de moedas e barras de ouro e disse: “Querido Ratthapala, essa é a sua fortuna maternal; a sua fortuna paternal é outra e a sua fortuna ancestral é ainda outra. Querido Ratthapala, você poderá desfrutar da riqueza e realizar méritos. Venha então, querido, abandone o treinamento e regresse para a vida inferior, desfrute da riqueza e realize méritos.”

“Chefe de família, se você quiser seguir o meu conselho, então faça com que esta pilha de moedas e barras de ouro seja carregada em carretas para ser despejada no meio da correnteza do rio Gânges. Por que isso? Porque, chefe de família, por conta desse ouro irá surgir em você muita tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero.”

23. Então, as antigas esposas do venerável Ratthapala abraçaram os seus pés e disseram: “Como são, filho do meu amo, as ninfas pelas quais você vive a vida santa?”

“Nós não vivemos a vida santa devido a ninfas, irmãs.”

“Ratthapala, o filho do nosso amo, nos chama de ‘irmãs,’” elas exclamaram e ali mesmo desmaiaram.

24. Então o venerável Ratthapala disse para o seu pai: “Chefe de família, se há uma refeição para ser dada, então dê. Não nos assedie.”

“Coma então, querido Ratthapala, a refeição está pronta.”

Então, com as próprias mãos, o pai do venerável Ratthapala o serviu e satisfez com vários tipos de boa comida. Em seguida, quando o venerável Ratthapala havia terminado de comer e retirado a mão da tigela, ele se levantou e disse estes versos:

25. “Vejam aqui uma boneca enfeitada, [xcvii](#)
um corpo feito de chagas,
sujeito a enfermidades, um objeto de preocupações,
no qual não há estabilidade.

Vejam aqui uma figura enfeitada
com jóias e brincos também,
um esqueleto embrulhado pela pele,
feito atrativo através das roupas.

Os pés decorados com tintura de hena
e pó cobrindo a cara:
isso pode enganar um tolo, mas não
aquele que busca a outra margem.

O cabelo penteado em oito tranças
e unguento ao redor dos olhos:
isso pode enganar um tolo, mas não
aquele que busca a outra margem.

Um corpo imundo bem enfeitado
tal como um pote de unguento recém pintado:
isso pode enganar um tolo, mas não
aquele que busca a outra margem.

O caçador de gamos colocou o laço
mas o gamo não caiu na armadilha;
nós comemos o engodo e agora partimos
deixando o caçador a se lamentar.”

26. Depois que o venerável Ratthapala levantou e disse esses versos, ele foi para o Parque Migacira do Rei Koravya e sentou à sombra de uma árvore para passar o resto do dia.

27. Então, o Rei Koravya se dirigiu ao guarda-florestal da seguinte forma: “Estimado guarda-florestal, arrume o Parque Migacira para que possamos ir até o jardim das delícias encontrar um canto agradável.” – “Sim, senhor,” ele respondeu. Agora, enquanto ele arrumava o Parque Migacira, o guarda-florestal viu o venerável Ratthapala sentado à sombra de uma árvore. Ao vê-lo, ele foi até o Rei Koravya e disse: “Senhor, o Parque Migacira está arrumado. Ratthapala está lá, o filho do clã principal nesta mesma Thullakotthita, ao qual você sempre se referiu de forma elogiosa; ele está sentado à sombra de uma árvore.”

“Então, estimado Migava, já basta do jardim das delícias por hoje. Agora vamos demonstrar nossa estima pelo Mestre Ratthapala.”

28. Então, dizendo: “Dê toda a comida que ali foi preparada,” o Rei Koravya fez com que fossem preparadas um grande número de carruagens reais, e montando numa delas, acompanhado pelas demais carruagens, ele saiu de Thullakotthita com toda a pompa da realeza para ir ver o venerável Ratthapala. Ele foi até onde o caminho permitia e depois desmontou da sua carruagem e seguiu a pé, com um séquito das mais eminentes autoridades, até onde se encontrava o venerável Ratthapala. Ambos se cumprimentaram e quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele ficou em pé a um lado e disse: “Aqui está o tapete de um elefante. Que o Mestre Ratthapala sente nele.”

“Não é necessário, grande rei. Sente-se. Eu estou sentado no meu próprio pano.”

O Rei Koravya sentou num assento que havia sido preparado e disse:

29. “Mestre Ratthapala, existem quatro tipos de perda. Porque aqui algumas pessoas sofreram esses quatro tipos de perda, elas raspam o cabelo e a barba, vestem o manto de cor ocre e deixam a vida em família e seguem a vida santa. Quais quatro? Estas são a perda devido ao envelhecimento, a perda devido à enfermidade, a perda de riqueza e a perda de parentes.

30. “E o que é a perda devido ao envelhecimento? Aqui, Mestre Ratthapala, alguém é velho, envelhecido, com a idade avançada, pressionado pelos anos, avançado na vida, chegando ao último estágio. Ele considera o seguinte: ‘Eu sou velho, envelhecido, com a idade avançada, pressionado pelos anos, avançado na vida, chegando ao último estágio. Já não é fácil que eu obtenha a fortuna que ainda não foi obtida ou aumentar a riqueza que já foi obtida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse o manto de cor ocre e deixasse a vida em família e seguisse a vida santa.’ Porque ele sofreu a perda devido ao envelhecimento, ele raspa o cabelo e a barba, veste o manto de cor ocre e deixa a vida em família e segue a vida santa. A essa chamamos de perda devido ao envelhecimento. Mas o Mestre Ratthapala ainda é jovem, um homem com o cabelo negro dotado com as bênçãos da juventude, no auge da vida. O Mestre Ratthapala não sofreu nenhuma perda devido ao envelhecimento. O que o Mestre Ratthapala ouviu, ou viu, ou soube, para ter deixado a vida em família e ter seguido a vida santa?

31. “E o que é a perda devido à enfermidade? Aqui, Mestre Ratthapala, alguém está aflito, sofrendo e gravemente enfermo. Ele considera o seguinte: ‘Eu estou aflito, sofrendo e gravemente enfermo. Já não é fácil que eu obtenha a fortuna que ainda não foi obtida ... seguisse a vida santa.’ Porque ele sofreu a perda devido à enfermidade ... deixa a vida em família e segue a vida santa. A essa chamamos de perda devido à enfermidade. Mas o Mestre Ratthapala ainda é jovem, está livre de doenças e aflições, ele possui uma boa digestão que não é nem demasiado fria nem demasiado quente, mas média. Mestre Ratthapala não sofreu nenhuma perda devido à enfermidade. O que o Mestre Ratthapala ouviu, ou viu, ou soube, para ter deixado a vida em família e ter seguido a vida santa?

32. “E o que é a perda de riqueza? Aqui, Mestre Ratthapala, alguém é rico, com grande fortuna, com muitas posses. Aos poucos a sua fortuna desapareceu. Ele considera o seguinte: ‘Antes eu era rico, com grande fortuna, com muitas posses. Aos poucos a minha fortuna desapareceu. Já não é fácil que eu obtenha a fortuna que ainda não foi obtida ... seguisse a vida santa.’ Porque ele sofreu a perda de riqueza ... deixa a vida em família e segue a vida santa. A essa chamamos de perda de riqueza. Mas o Mestre Ratthapala é o filho do principal clã nesta mesma Thullakotthita. O Mestre Ratthapala não sofreu nenhuma perda de riqueza. O que o Mestre Ratthapala ouviu, ou viu, ou soube, para ter deixado a vida em família e ter seguido a vida santa?

33. “E o que é a perda de parentes? Aqui, Mestre Ratthapala, alguém tem muitos amigos e companheiros, pares e parentes. Aos poucos essas pessoas desaparecem. Ele considera o seguinte: ‘Antes eu tinha muitos amigos e companheiros, pares e parentes. Aos poucos essas pessoas desapareceram. Já não é fácil que eu obtenha a fortuna que ainda não foi obtida ... seguisse a vida santa.’ Porque ele sofreu a perda de parentes ... deixa a vida em família e segue a vida santa. A essa chamamos de perda de parentes. Mas o Mestre Ratthapala tem muitos amigos e companheiros, pares e parentes, nesta mesma Thullakotthita. O Mestre Ratthapala não sofreu a perda de parentes. O que o Mestre Ratthapala ouviu, ou viu, ou soube, para ter deixado a vida em família e ter seguido a vida santa?

34. “Mestre Ratthapala, esses são os quatro tipos de perda. Porque aqui algumas pessoas sofreram esses quatro tipos de perda, elas raspam o cabelo e a barba, vestem o manto de cor ocre e deixam a vida em família e seguem a vida santa. O Mestre Ratthapala não sofreu nenhuma dessas perdas. O que o Mestre Ratthapala ouviu, ou viu, ou soube, para ter deixado a vida em família e ter seguido a vida santa?”

35. “Grande rei, há quatro sumários do Dhamma que foram ensinados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Tendo ouvido, visto e compreendido isso, eu deixei a vida em família e segui a vida santa. Quais são os quatro?

36. (1) “[A vida em] qualquer mundo é instável, é varrida’: [xcviii](#) esse é o primeiro sumário do Dhamma ensinado pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Tendo ouvido, visto e compreendido isso, eu deixei a vida em família e segui a vida santa.

(2) “[A vida em] qualquer mundo não tem refúgio nem protetor’: [xcix](#) esse é o segundo sumário do Dhamma ensinado pelo Abençoado que sabe e vê ...

(3) “[A vida em] qualquer mundo não tem nada que lhe pertença, todos deixam tudo e prosseguem’: esse é o terceiro sumário do Dhamma ensinado pelo Abençoado que sabe e vê ...

(4) “[A vida em] qualquer mundo é incompleta, insatisfatória, é a escravidão do desejo’: esse é o quarto sumário do Dhamma ensinado pelo Abençoado que sabe e vê ...

37. “Grande rei, esses são os quatro sumários do Dhamma que foram ensinados pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Tendo ouvido, visto e compreendido isso, eu deixei a vida em família e segui a vida santa.”

38. “O Mestre Ratthapala disse: ‘[A vida em] qualquer mundo é instável, é varrida’ Como deve ser compreendido o significado dessa afirmação?”

“O que você pensa, grande rei? Quando você tinha vinte ou vinte cinco anos de idade, você era um experto controlador de elefantes, um experto cavaleiro, um experto cocheiro, um experto arqueiro, um experto esgrimista, com as pernas e os braços fortes, vigorosos, capaz na batalha?”

Quando eu tinha vinte ou vinte cinco anos de idade, Mestre Ratthapala, eu era um experto controlador de elefantes ... com as pernas e os braços fortes, vigorosos, capaz na batalha. Algumas vezes me perguntava se naquele então eu tinha poderes supra-humanos. Eu não via ninguém que pudesse se igualar a mim em força.”

“O que você pensa, grande rei? Você agora tem a mesma força nos braços e pernas, o mesmo vigor e capacidade na batalha?”

“Não, Mestre Ratthapala. Agora estou velho, envelhecido, com a idade avançada, pressionado pelos anos, avançado na vida, chegando ao último estágio; tenho oitenta anos. Algumas vezes tenho a intenção de colocar o meu pé aqui e coloco meu pé em algum outro lugar.”

“Grande Rei, foi por conta disso que o Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, disse: ‘[A vida em] qualquer mundo é instável, é varrida’; e quando eu ouvi, vi e compreendi isso, eu deixei a vida em família e segui a vida santa.”

“É maravilhoso, Mestre Ratthapala, é admirável quão bem isso foi expresso pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado: ‘[A vida em] qualquer mundo é instável, é varrida’ De fato é assim!”

39. “Mestre Ratthapala, nesta corte há tropas com elefantes, cavalaria, carruagens e a infantaria, que servirão para subjugar qualquer ameaça que enfrentemos. Agora, o Mestre Ratthapala disse: ‘[A vida em] qualquer mundo não tem refúgio nem protetor’. Como deve ser compreendido o significado dessa afirmação?”

“O que você pensa, grande rei? Você tem algum tipo de enfermidade crônica?”

“Eu tenho um problema crônico de ventos, Mestre Ratthapala. Algumas vezes meus amigos e companheiros, pares e parentes, ficam à minha volta, pensando: ‘Agora, o Rei Koravya está a ponto de morrer, agora o Rei Koravya está a ponto de morrer!’”

“O que você pensa, grande rei? Você pode ordenar aos seus amigos e companheiros, pares e parentes: ‘Venham, meus bons amigos e companheiros, pares e parentes. Todos

vocês aqui presentes compartilhem dessa sensação dolorosa para que eu possa sentir menos dor'? Ou você mesmo sozinho tem que sentir aquela dor?"

"Eu não posso ordenar que os meus amigos e companheiros, pares e parentes façam isso, Mestre Ratthapala. Eu sozinho tenho que sentir aquela dor."

"Grande Rei, foi por conta disso que o Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, disse: '[A vida em] qualquer mundo não tem refúgio nem protetor'; e quando eu ouvi, vi e compreendi isso, eu deixei a vida em família e segui a vida santa."

"É maravilhoso, Mestre Ratthapala, é admirável quão bem isso foi expresso pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado: '[A vida em] qualquer mundo não tem refúgio nem protetor'. De fato é assim!

40. "Mestre Ratthapala, nesta corte há em abundância moedas e barras de ouro armazenadas em caixas fortes e depósitos. Agora, o Mestre Ratthapala disse: '[A vida em] qualquer mundo não tem nada que lhe pertença, todos deixam tudo e prosseguem'. Como deve ser compreendido o significado dessa afirmação?"

"O que você pensa, grande rei? Você agora desfruta de prazeres provido e dotado com esses cinco elementos do prazer sensual, mas será você capaz de mantê-los na vida que virá: 'Que eu da mesma forma desfrute de prazeres provido e dotado com esses mesmos cinco elementos do prazer sensual'? Ou outros tomarão essas posses, enquanto você prosseguirá de acordo com as suas ações?"

"Eu não poderei mantê-los nas vidas que virão, Mestre Ratthapala. Ao contrário, outros tomarão essas posses enquanto que eu terei que prosseguir de acordo com as minhas ações."

"Grande Rei, foi por conta disso que o Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, disse: '[A vida em] qualquer mundo não tem nada que lhe pertença, todos deixam tudo e prosseguem'; e quando eu ouvi, vi e compreendi isso, eu deixei a vida em família e segui a vida santa."

"É maravilhoso, Mestre Ratthapala, é admirável quão bem isso foi expresso pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado: '[A vida em] qualquer mundo não tem nada que lhe pertença, todos deixam tudo e prosseguem'. De fato é assim!

41. "Agora, o Mestre Ratthapala disse: '[A vida em] qualquer mundo é incompleta, insatisfatória, é a escravidão do desejo'. Como deve ser compreendido o significado dessa afirmação?"

"O que você pensa, grande rei? Você governa o rico país dos Kurus?"

“Sim, Mestre Ratthapala, eu o governo.”

“O que você pensa, grande rei? Suponha que um homem confiável e honesto viesse do leste e dissesse: ‘Por favor, grande rei, saiba que eu vim do leste e lá eu vi um grande país, poderoso e rico, com muitos habitantes e repleto de gente. Há em abundância tropas com elefantes, cavalaria, carruagens e infantaria; lá há marfim em abundância e há abundância de moedas e barras de ouro trabalhadas e em bruto, e há mulheres em abundância. Com o seu exército atual você poderá conquistá-lo. Conquiste-o então, grande rei.’ O que você faria?”

“Nós o conquistaríamos e governaríamos Mestre Ratthapala.”

“O que você pensa, grande rei? Suponha que um homem confiável e honesto viesse do oeste ... do norte ... do sul e dissesse: ‘Por favor, grande rei, saiba que eu vim do oeste ... do norte ... do sul e lá eu vi um grande país, poderoso e rico ... Conquiste-o então, grande rei.’ O que você faria?”

“Nós o conquistaríamos e governaríamos Mestre Ratthapala.”

“Grande Rei, foi por conta disso que o Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, disse: ‘[A vida em] qualquer mundo é incompleta, insatisfatória, é a escravidão do desejo’; e quando eu ouvi, vi e compreendi isso, eu deixei a vida em família e segui a vida santa.”

“É maravilhoso, Mestre Ratthapala, é admirável quão bem isso foi expresso pelo Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado: ‘[A vida em] qualquer mundo é incompleta, insatisfatória, é a escravidão do desejo’. De fato é assim!”

42. Isso foi o que o venerável Ratthapala disse. E tendo dito isso ele disse mais:

“Eu vejo homens ricos no mundo, que mesmo assim, devido à ignorância, não dão a sua riqueza acumulada. Com cobiça eles entesouram as suas posses desejando ainda mais prazeres sensuais.

Um rei que conquistou a terra através da força e governa sobre um reino circundado pelo oceano ainda insaciado com esta margem do oceano desejando a outra margem também.

A maioria das outras pessoas também, não somente um rei, se deparam com a morte com a cobiça inalterada; [com planos] ainda incompletos elas largam o cadáver; os desejos permanecendo insaciados no mundo.

Os seus parentes lamentam arrancando os cabelos,

soluçando, ‘Ai de mim! Que pena! Nosso amado está morto!’
Eles carregam o corpo envolto em mortalhas
colocando-o sobre uma pira para queimar.

Envolto numa mortalha, ele deixa a sua riqueza para trás,
cutucado com paus ele queima [sobre a pira].
E ao morrer, nenhum parente ou amigo
pode aqui lhe oferecer refúgio ou abrigo.

Enquanto os seus herdeiros tomam a sua riqueza, esse ser
tem que prosseguir de acordo com as suas ações;
e ao morrer nada pode segui-lo;
nem filho, nem esposa, nem riqueza
e tampouco propriedades.

A longevidade não é adquirida com a riqueza
nem a prosperidade é capaz de banir a velhice;
curta é esta vida, dizem todos os sábios,
a eternidade não é conhecida, apenas a mudança.

Seja rico ou pobre, ambos sentirão o toque [da Morte],
o tolo e o sábio também;
mas enquanto o tolo é abatido pela sua tolice,
nenhum sábio irá sequer tremer com o toque.

Melhor é a sabedoria aqui do que qualquer riqueza,
visto que através da sabedoria se conquista o objetivo último.
Pois através da ignorância as pessoas cometem ações ruins
enquanto de uma vida para outra
fracassam em alcançar o objetivo.

Quando alguém prossegue
para o ventre e para o próximo mundo,
renovando os sucessivos ciclos de renascimento,
outro com pouca sabedoria, confiando nele,
também vai para o ventre e para o próximo mundo.

Tal qual um ladrão pego num roubo
é submetido ao sofrimento devido à sua má ação,
assim também, as pessoas após a morte, no próximo mundo,
são submetidas ao sofrimento por suas más ações.

Os prazeres sensuais, variados, doces, deliciosos,
de muitos e distintos modos perturbam a mente:
vendo o perigo nesses vínculos sensuais
eu optei por viver a vida santa, Oh Rei.

Como os frutos caem das árvores, assim também as pessoas,
tanto jovens como velhas,
caem quando este corpo chega ao fim.
Vendo isso também, Oh Rei, eu segui a vida santa:
melhor é o seguro da vida do contemplativo.”

83 *Makhadeva Sutta*

Rei Makhadeva

A história de uma antiga linhagem de reis

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Mithila no mangueiral de Makhadeva.
2. Então, num certo lugar o Abençoado sorriu. O venerável Ananda pensou: “Qual é a razão, qual é a causa do sorriso do Abençoado? Os *Tathagatas* não sorriem sem razão.” Assim ele arrumou o seu manto superior sobre o ombro e juntando as mãos para o Abençoado numa respeitosa saudação perguntou: “Venerável senhor, qual é a razão, qual é a causa do sorriso do Abençoado? Os *Tathagatas* não sorriem sem razão.”
3. “Certa vez, Ananda, aqui mesmo em Mithila havia um rei chamado Makhadeva. Ele era um monarca justo que governava de acordo com o Dhamma, um grande rei que estava estabelecido no Dhamma. Ele se comportava de acordo com o Dhamma entre brâmanes e chefes de família, entre habitantes das cidades e do campo e observava os dias de *Uposatha*, no décimo quarto, décimo quinto e oitavo dia da quinzena.
4. “Agora, ao final de muitos anos, muitas centenas de anos, muitos milhares de anos, o Rei Makhadeva se dirigiu ao seu barbeiro da seguinte forma: ‘Estimado barbeiro, quando você vir cabelos grisalhos crescendo na minha cabeça, então me diga.’ – ‘Sim, senhor,’ ele respondeu. E depois de muitos anos, muitas centenas de anos, muitos milhares de anos, o barbeiro viu cabelos grisalhos crescendo na cabeça do Rei Makhadeva. Ao vê-los, ele disse para o rei: ‘Os mensageiros divinos apareceram, senhor; cabelos grisalhos podem ser vistos crescendo na cabeça da sua majestade.’ – ‘Então, estimado barbeiro, arranque com cuidado esses cabelos grisalhos com uma pinça e coloque-os na palma da minha mão.’ – ‘Sim, senhor,’ ele respondeu, e arrancou com cuidado aqueles cabelos grisalhos com uma pinça e os colocou na palma da mão do rei.

“Então o Rei Makhadeva deu o melhor vilarejo para o seu barbeiro, e chamando o príncipe, o seu filho mais velho, ele disse: ‘Estimado príncipe, os mensageiros divinos apareceram; cabelos grisalhos podem ser vistos crescendo na minha cabeça. Eu desfrutei dos prazeres sensuais humanos; agora é o momento de buscar os prazeres sensuais divinos. Venha, estimado príncipe, assumo o reino. Eu rasparei o meu cabelo e a barba, vestirei o manto de cor ocre e deixarei a vida em família e seguirei a vida santa. E agora, estimado príncipe, quando você também vir cabelos grisalhos crescendo na sua cabeça,

então depois de dar o melhor vilarejo para o seu barbeiro, e depois de cuidadosamente instruir o príncipe, o seu filho mais velho, nos deveres de um monarca, raspe o seu cabelo e barba, vista o manto de cor ocre e deixe a vida em família e siga a vida santa. Dê seguimento a esta boa prática instituída por mim e não seja o último homem. Estimado príncipe, quando houver dois homens vivos e aquele sob o qual ocorrer uma interrupção desta boa prática – ele será o último homem dentre eles. Portanto, estimado príncipe, eu lhe digo: Dê seguimento a esta boa prática instituída por mim e não seja o último homem.’

5. “Então, depois de dar o melhor vilarejo para o seu barbeiro, e depois de cuidadosamente instruir o príncipe, o seu filho mais velho, nos deveres de um monarca, no mangueiral de Makhadeva, ele raspou o cabelo e a barba, vestiu o manto de cor ocre e deixou a vida em família e seguiu a vida santa.

“Ele permaneceu com o coração pleno de amor bondade, permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permaneceu permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade.

“Ele permaneceu com o coração pleno de compaixão, permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de compaixão ... com a mente imbuída de alegria altruísta ... com a mente imbuída de equanimidade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permaneceu permeando o mundo todo com a mente imbuída de equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade.

6. “Durante oitenta e quatro mil anos o Rei Makhadeva brincou com jogos infantis, durante oitenta e quatro mil anos ele atuou como vice-regente; durante oitenta e quatro mil anos ele governou o reino; durante oitenta e quatro mil anos ele viveu a vida santa neste mangueiral de Makhadeva depois de raspar o cabelo e a barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família e seguir a vida santa. Por ter desenvolvido as quatro moradas divinas, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasceu no mundo de *Brahma*.

7-9. “Agora, ao final de muitos anos, muitas centenas de anos, muitos milhares de anos, o filho do Rei Makhadeva se dirigiu ao seu barbeiro da seguinte forma: ... (igual aos versos 4 –6 acima inserindo “filho do Rei Makhadeva”) ... Por ter desenvolvido as quatro moradas divinas, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasceu no mundo de *Brahma*.

10. “Os descendentes do filho do Rei Makhadeva até o número de oitenta e quatro mil reis em sucessão, depois de raspar o cabelo e a barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família, seguiram a vida santa neste mangueiral de Makhadeva. Eles

permaneceram com o coração pleno de amor bondade, permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade ... com compaixão ... com alegria altruísta ... com equanimidade ... sem má vontade.

11. “Durante oitenta e quatro mil anos eles brincaram com jogos infantis, durante oitenta e quatro mil anos eles atuaram como vice-regente; durante oitenta e quatro mil anos eles governaram o reino; durante oitenta e quatro mil anos eles viveram a vida santa neste mangueiral de Makhadeva depois de raspar o cabelo e a barba, vestir o manto de cor ocre e deixar a vida em família e seguir a vida santa. Por ter desenvolvido as quatro moradas divinas, com a dissolução do corpo, após a morte, eles renasceram no mundo de *Brahma*

12. “Nimi foi o último desses reis. Ele era um monarca justo que governava de acordo com o Dhamma, um grande rei que estava estabelecido no Dhamma. Ele se comportava de acordo com o Dhamma entre brâmanes e chefes de família, entre os habitantes das cidades e do campo e observava os dias de *Uposatha*, no décimo quarto, décimo quinto e oitavo dia da quinzena.

13. “Certa vez, Ananda, quando os *devas* do Trinta e Três estavam reunidos na Assembléia de Sudhamma, esta discussão teve início: ‘É um ganho, senhores, para o povo de Videha, é um grande ganho para o povo de Videha que o seu Rei Nimi seja um monarca justo que governa de acordo com o Dhamma, um grande rei que está estabelecido no Dhamma. Ele se comporta de acordo com o Dhamma entre brâmanes e chefes de família, entre habitantes das cidades e do campo, e ele observa os dias de *Uposatha*, no décimo quarto, décimo quinto e oitavo dia da quinzena.’

“Então Sakka, o senhor dos *devas*, se dirigiu aos *devas* do Trinta e Três da seguinte forma: ‘Estimados senhores, vocês querem ver o Rei Nimi?’ – ‘Estimado senhor, nós queremos ver o Rei Nimi.’

“Agora, naquela ocasião, sendo o décimo quinto dia do *Uposatha*, o Rei Nimi lavou a cabeça e foi para o terraço no topo do seu palácio, onde ele estava sentado para a observância do *Uposatha*. Então, com a mesma rapidez com a qual um homem forte pode estender o braço flexionado ou flexionar o braço estendido, Sakka, o senhor dos *devas*, desapareceu dentre os *devas* do Trinta e Três e apareceu na presença do Rei Nimi. Ele disse: ‘É um ganho para você, grande rei, é um grande ganho para você, grande rei. Quando os *devas* do Trinta e Três estavam reunidos na Assembléia de Sudhamma, esta discussão teve início: “É um ganho, senhores, para o povo de Videha ... que o seu Rei Nimi seja um monarca justo que governa de acordo com o Dhamma ...” Grande Rei, os *devas* desejam vê-lo. Eu enviarei para você uma carruagem arreada com mil puros-sangues. Grande Rei, monte na carruagem divina sem apreensões.’

“O Rei Nimi concordou em silêncio. Então, com a mesma rapidez com a qual um homem forte pode estender o braço flexionado ou flexionar o braço estendido, Sakka, o senhor dos *devas*, desapareceu da presença do Rei Nimi e apareceu dentre os *devas* do Trinta e Três.

14. “Então Sakka, o senhor dos *devas*, se dirigiu ao cocheiro Matali da seguinte forma: ‘Venha, estimado Matali, prepare uma carruagem arreada com mil puros-sangues e vá até o Rei Nimi e diga: “Grande Rei, esta carruagem arreada com mil puros-sangues foi-lhe enviada por Sakka, o senhor dos *devas*. Grande Rei, monte na carruagem divina sem apreensões.’”

“‘Que as suas palavras sejam sagradas,’ o cocheiro Matali respondeu. E tendo preparado a carruagem arreada com mil puros-sangues, ele foi até o Rei Nimi e disse: ‘Grande Rei, esta carruagem arreada com mil puros-sangues foi-lhe enviada por Sakka, o senhor dos *devas*. Grande Rei, monte na carruagem divina sem apreensões. Mas, grande rei, por qual rota devo conduzi-lo: aquela através da qual aqueles que praticam más ações experimentam os resultados das más ações, ou aquela através da qual aqueles que praticam boas ações experimentam os resultados das boas ações?’ – ‘Conduza-me por ambas as rotas, Matali.’

15. “Matali levou o Rei Nimi até a Assembléia de Sudhamma. Sakka, o senhor dos *devas*, viu o Rei Nimi vindo à distância e disse: ‘Venha, grande rei! Bem vindo, grande rei! Os *devas* do Trinta e Três, reunidos na Assembléia de Sudhamma disseram o seguinte: “É um ganho, senhores, para o povo de Videha ... que o seu Rei Nimi seja um monarca justo que governa de acordo com o Dhamma ...” Grande rei, os *devas* do Trinta e Três querem vê-lo. Grande rei, desfrute do poder divino dentre os *devas*.’

“‘Já basta, estimado senhor. Que o cocheiro me leve de volta a Mithila. Lá me comportarei de acordo com o Dhamma entre brâmanes e chefes de família, entre habitantes das cidades e do campo, lá observarei os dias de *Uposatha*, no décimo quarto, décimo quinto e oitavo dia da quinzena.’

16. “Então Sakka, o senhor dos *devas*, se dirigiu ao cocheiro Matali da seguinte forma: ‘Venha, estimado Matali, prepare uma carruagem arreada com mil puros-sangues e conduza o Rei Nimi de volta a Mithila.’

“‘Que as suas palavras sejam sagradas,’ o cocheiro Matali respondeu. E tendo preparado a carruagem arreada com mil puros-sangues, ele conduziu o Rei Nimi de volta a Mithila. E lá, de fato, o Rei Nimi se comportou de acordo com o Dhamma entre brâmanes e chefes de família, entre habitantes das cidades e do campo, e observou os dias de *Uposatha*, no décimo quarto, décimo quinto e oitavo dia da quinzena.

17-19. “Então, ao final de muitos anos, muitas centenas de anos, muitos milhares de anos, o Rei Nimi se dirigiu ao seu barbeiro da seguinte forma: ... (igual aos versos 4 –6 acima inserindo “Rei Nimi”) ... Por ter desenvolvido as quatro moradas divinas, com a dissolução do corpo, após a morte, ele renasceu no mundo de *Brahma*.

20. “Agora, o Rei Nimi tinha um filho chamado Kalarajanaka. Ele não deixou a vida em família para seguir a vida santa. Ele interrompeu aquela boa prática. Ele foi o último homem dentre eles.

21. “Agora, Ananda, você poderá pensar assim: ‘Com certeza, uma outra pessoa era o Rei Makhadeva naquela ocasião.’ Mas essa não deve ser a interpretação. Era eu o Rei Makhadeva naquela ocasião. Eu instituí aquela boa prática e as gerações subsequentes deram seguimento àquela boa prática instituída por mim. Mas esse tipo de boa prática não conduz ao desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*, mas apenas ao renascimento no mundo de *Brahma*. Mas há essa outra boa prática que conduz ao completo desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*. E qual é essa boa prática? É este Nobre Caminho Óctuplo; isto é, entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta e concentração correta. Essa é a boa prática instituída por mim agora, que conduz ao completo desencantamento, ao desapego, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, a *nibbana*.

“Ananda, eu lhe digo: dê seguimento a esta boa prática instituída por mim e não seja o último homem. Ananda, quando há dois homens vivos, aquele sob o qual ocorre uma interrupção desta boa prática – ele é o último homem dentre eles. Portanto, Ananda, eu lhe digo: dê seguimento a esta boa prática instituída por mim e não seja o último homem.”

Isso foi o que disse o Abençoado. O venerável Ananda ficou satisfeito e contente com as palavras do Abençoado.

84 Madhura Sutta Em Madhura

Os brâmanes são a casta superior?

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o venerável Maha Kaccana estava em Madhura no Bosque de Gunda.
2. O Rei Avantiputta de Madhura ouviu: “O contemplativo Kaccana está em Madhura no Bosque de Gunda. E acerca desse mestre Kaccana existe essa boa reputação: ‘Ele é sábio, tem discernimento, sagaz, culto, articulado e perspicaz; ele é um ancião e ele é um *arahant*. É bom poder encontrar um *arahant*.’”
3. Então o Rei Avantiputta de Madhura ordenou que um grande número de carruagens reais fossem preparadas e montando numa carruagem real, ele saiu de Madhura com toda a pompa da realeza para ir ver o venerável Maha Kaccana. Ele foi até onde a estrada permitia o acesso das carruagens e depois desmontou da sua carruagem e foi a pé até onde se encontrava o venerável Maha Kaccana e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e disse:
4. “Mestre Kaccana, os brâmanes dizem o seguinte: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior, outras castas são inferiores; a casta dos brâmanes tem a tez clara, as outras

castas têm a tez escura; os brâmanes são purificados, os não brâmanes não são; os brâmanes são os verdadeiros filhos de *Brahma*, nascidos da boca dele, nascidos de *Brahma*, criados por *Brahma*, herdeiros de *Brahma*.’ O que o Mestre Kaccana diz disso?”

5. “Isso é apenas um dito no mundo, grande rei, que ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’ E há uma maneira através da qual pode ser compreendido que essa afirmação dos brâmanes é apenas um dito no mundo.

“O que você pensa, grande rei? Se um nobre prospera com posses, grãos, prata ou ouro, haverá nobres que irão se despertar antes dele e se deitar depois dele, que estarão ávidos por servi-lo, que buscarão agradá-lo e dirigir-se-ão a ele com doçura, e que também haverá brâmanes, comerciantes e trabalhadores que farão o mesmo?”

“Haverá, Mestre Kaccana.”

“O que você pensa, grande rei? Se um brâmane prospera com posses, grãos, prata ou ouro, haverá brâmanes que irão se despertar antes dele e se deitar depois dele, que estarão ávidos por servi-lo, que buscarão agradá-lo e dirigir-se-ão a ele com doçura, e que também haverá comerciantes, trabalhadores e nobres que farão o mesmo?”

“Haverá, Mestre Kaccana.”

“O que você pensa, grande rei? Se um comerciante prospera com posses, grãos, prata ou ouro, haverá comerciantes que irão se despertar antes dele e se deitar depois dele, que estarão ávidos por servi-lo, que buscarão agradá-lo e dirigir-se-ão a ele com doçura, e que também haverá trabalhadores, nobres e brâmanes que farão o mesmo?”

“Haverá, Mestre Kaccana.”

“O que você pensa, grande rei? Se um trabalhador prospera com posses, grãos, prata ou ouro, haverá trabalhadores que irão se despertar antes dele e se deitar depois dele, que estarão ávidos por servi-lo, que buscarão agradá-lo e dirigir-se-ão a ele com doçura, e que também haverá nobres, brâmanes e comerciantes que farão o mesmo?”⁵

“Haverá, Mestre Kaccana.”

“O que você pensa, grande rei? Em sendo assim, então essas quatro castas são todas a mesma coisa, ou não são, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Com certeza, em sendo assim, Mestre Kaccana, então essas quatro castas são todas a mesma coisa: não há nenhuma diferença entre elas que eu possa ver.”

“Essa é uma maneira, grande rei, através através da qual pode ser compreendido que essa afirmação dos brâmanes é apenas um dito no mundo.”

6. “O que você pensa, grande rei? Suponha que um nobre mate seres vivos, tome aquilo que não é dado, se comporte de modo impróprio com relação aos prazeres sensuais, fale mentiras, fale com malícia, fale de forma grosseira, fale frivolidades, seja cobiçoso, tenha má vontade na mente e tenha entendimento incorreto. Com a dissolução do corpo, após a morte, é bem provável que ele renasça num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno, ou não, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Se um nobre for assim, Mestre Kaccana, [é bem provável que] ele renasça num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Esse é o meu parecer nesse caso e assim é como ouvi dos *arahants*.”

“O que você pensa, grande rei? Suponha que um brâmane ... um comerciante ... um trabalhador mate seres vivos ... e tenha entendimento incorreto. Com a dissolução do corpo, após a morte, é bem provável que ele renasça num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno, ou não, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Se um brâmane ... um comerciante ... um trabalhador for assim, Mestre Kaccana, [é bem provável que] ele renasça num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno. Esse é o meu parecer nesse caso e assim é como ouvi dos *arahants*.”

“O que você pensa, grande rei? Em sendo assim, então essas quatro castas são todas a mesma coisa, ou não são, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Com certeza, em sendo assim, Mestre Kaccana, então essas quatro castas são todas a mesma coisa: não há nenhuma diferença entre elas que eu possa ver.”

“Essa também é uma maneira, grande rei, através através da qual pode ser compreendido que essa afirmação dos brâmanes é apenas um dito no mundo.”

7. “O que você pensa, grande rei? Suponha que um nobre se abstém de matar seres vivos, não tome aquilo que não é dado, não se comporte de modo impróprio com relação aos prazeres sensuais, não fale mentiras, não fale com malícia, não fale de forma grosseira, não fale frivolidades, não seja cobiçoso, não tenha má vontade na mente e tenha entendimento correto. Com a dissolução do corpo, após a morte, é bem provável que ele renasça num destino feliz, até mesmo no paraíso, ou não, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Se um nobre for assim, Mestre Kaccana, [é bem provável que] ele renasça num destino feliz, até mesmo no paraíso. Esse é o meu parecer nesse caso e assim é como ouvi dos *arahants*.”

“O que você pensa, grande rei? Suponha que um brâmane ... um comerciante ... um trabalhador se abstém de matar seres vivos ... e tenha entendimento correto. Com a

dissolução do corpo, após a morte, é bem provável que ele renasça num destino feliz, até mesmo no paraíso, ou não, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Se um brâmane ... um comerciante ... um trabalhador fosse assim, Mestre Kaccana, [é bem provável que] ele renasça num destino feliz, até mesmo no paraíso. Esse é o meu parecer nesse caso e assim é como ouvi dos *arahants*.”

“O que você pensa, grande rei? Em sendo assim, então essas quatro castas são todas a mesma coisa, ou não são, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Com certeza, em sendo assim, Mestre Kaccana, então essas quatro castas são todas a mesma coisa: não há nenhuma diferença entre elas que eu possa ver.”

“Essa também é uma maneira, grande rei, através da qual pode ser compreendido que essa afirmação dos brâmanes é apenas um dito no mundo.”

8. “O que você pensa, grande rei? Suponha que um nobre arrombe casas, pilhe posses, pratique o roubo, faça emboscadas nas estradas, ou seduza a mulher de outrem, e se os seus homens o prenderem e o apresentarem dizendo: ‘Senhor, este é o culpado; ordene o castigo que deseja para ele,’ como você o trataria?”

“Nós o executaríamos, Mestre Kaccana, ou nós o multaríamos, ou nós o baniríamos, ou faríamos com ele aquilo que ele merece. Por que isso? Porque ele perdeu o seu status anterior de nobre e é identificado simplesmente como um ladrão.”

“O que você pensa, grande rei? Suponha que um brâmane ... um comerciante ... um trabalhador arrombe casas ... ou seduza a mulher de outrem, e se os seus homens o prenderem e o apresentarem dizendo: ‘Senhor, este é o culpado; ordene o castigo que deseja para ele,’ como você o trataria?”

“Nós o executaríamos, Mestre Kaccana, ou nós o multaríamos, ou nós o baniríamos, ou faríamos com ele aquilo que ele merece. Por que isso? Porque ele perdeu o seu status anterior de brâmane ... de comerciante ... de trabalhador e é identificado simplesmente como um ladrão.”

“O que você pensa, grande rei? Em sendo assim, então essas quatro castas são todas a mesma coisa, ou não são, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Com certeza, em sendo assim, Mestre Kaccana, então essas quatro castas são todas a mesma coisa: não há nenhuma diferença entre elas que eu possa ver.”

“Essa também é uma maneira, grande rei, através através da qual pode ser compreendido que essa afirmação dos brâmanes é apenas um dito no mundo.”

9. “O que você pensa, grande rei? Suponha que um nobre, que tenha raspado o cabelo e a barba, vestisse o manto de cor ocre e seguisse a vida santa, abstendo-se de matar seres

vivos, de tomar aquilo que não é dado e da linguagem mentirosa. Evitando comer à noite, comendo apenas numa parte do dia, sendo celibatário, virtuoso e de bom caráter. Como você o trataria?”

“Nós o homenagearíamos, Mestre Kaccana, ou nos levantaríamos, ou o convidaríamos para que ele se sentasse; ou o convidaríamos para que aceitasse mantos, alimentos, moradia ou medicamentos; ou nós lhe proveríamos guarda, defesa e proteção sob a lei. Por que isso? Porque ele perdeu o seu status anterior de nobre e é identificado simplesmente como um contemplativo.”

“O que você pensa, grande rei? Suponha que um brâmane ... um comerciante ... um trabalhador, que tenha raspado o cabelo e a barba ... sendo celibatário, virtuoso e de bom caráter. Como você o trataria?”

“Nós o homenagearíamos, Mestre Kaccana, ou nos levantaríamos, ou o convidaríamos para que ele se sentasse; ou o convidaríamos para que aceitasse mantos, alimentos, moradia ou medicamentos; ou nós lhe proveríamos guarda, defesa e proteção sob a lei. Por que isso? Porque ele perdeu o seu status anterior de brâmane ... de comerciante ... de trabalhador e é identificado simplesmente como um contemplativo.”

“O que você pensa, grande rei? Em sendo assim, então essas quatro castas são todas a mesma coisa, ou não são, ou qual o seu parecer nesse caso?”

“Com certeza, em sendo assim, Mestre Kaccana, então essas quatro castas são todas a mesma coisa: não há nenhuma diferença entre elas que eu possa ver.”

“Essa também é uma maneira, grande rei, através através da qual pode ser compreendido que essa afirmação dos brâmanes é apenas um dito no mundo.”

10. Quando isso foi dito o Rei Avantiputta de Madhura disse para o venerável Maha Kaccana: “Magnífico, Mestre Kaccana! Magnífico, Mestre Kaccana! Mestre Kaccana esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Mestre Kaccana, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Kaccana nos aceite como discípulos leigos que nele buscaram refúgio para o resto da sua vida.”

“Não busque refúgio em mim, grande rei. Busque refúgio no mesmo Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado, em quem eu busquei refúgio.”

“Onde ele está vivendo agora, esse Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado, Mestre Kaccana?”

“Esse Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado, realizou o *parinibbana*, grande rei.”

11. “Se ouvíssemos que o Abençoado estava a dez léguas, nós percorreríamos as dez léguas para ver esse Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Se ouvíssemos que o Abençoado estava a vinte léguas ... trinta léguas ... quarenta léguas ... cinquenta léguas ... cem léguas, nós percorreríamos as cem léguas para ver esse Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Mas visto que esse Abençoado realizou o *parinibbana*, nós buscamos refúgio no Abençoado, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que a partir de hoje o Mestre Kaccana se recorde de mim como um discípulo leigo que buscou refúgio pelo resto da sua vida.”

85 Bodhirajakumara Sutta

Para o Príncipe Bodhi

O Buda contesta a afirmação de que o prazer é obtido através da dor

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Bhaggas em Surilsumaragira no Bosque de Bhesakala, no Parque do Gamo.
2. Agora, aquela ocasião um palácio com o nome de Kokanada havia sido construído recentemente para o Príncipe Bodhi e ainda não havia sido habitado de modo nenhum por nenhum contemplativo ou brâmane ou ser humano.
3. Então, o Príncipe Bodhi se dirigiu ao estudante brâmane Sanjikaputta: “Venha, estimado Sanjikaputta, vá até o Abençoado e preste uma homenagem em meu nome com a sua cabeça aos pés dele e pergunte se ele está livre de enfermidades e aflições, se está com saúde, forte e vivendo com conforto, dizendo: ‘Venerável senhor, que o Abençoado junto com a Sangha de *bhikkhus* concorde em aceitar a refeição de amanhã do Príncipe Bodhi.’”

“Sim, senhor,” Sanjikaputta respondeu e foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele se sentou a um lado e disse: ‘Mestre Gotama, o Príncipe Bodhi presta uma homenagem com a cabeça aos pés do Mestre Gotama e pergunta se ele está livre de enfermidades ... e vivendo com conforto. E ele diz o seguinte: ‘Que o Mestre Gotama junto com a Sangha dos *bhikkhus* concorde em aceitar a refeição de amanhã do Príncipe Bodhi.’”
4. O Abençoado consentiu em silêncio. Então, quando ele viu que ele havia concordado, Sanjikaputta se levantou do seu assento, foi até o Príncipe Bodhi e relatou o que havia ocorrido, acrescentando: “O contemplativo Gotama concordou.”
5. Então, quando a noite terminou, o Príncipe Bodhi fez com que fossem preparados vários tipos de boa comida na sua própria residência, e fez com que o Palácio Kokanada fosse coberto com tecido branco até o último degrau da escadaria. Então, ele se dirigiu ao estudante brâmane Sanjikaputta: “Venha, estimado Sanjikaputta, vá até o Abençoado e anuncie que chegou a hora, assim: ‘É hora, venerável senhor, a refeição está pronta.’”

“Sim, senhor,” Sanjikaputta respondeu e foi até o Abençoado e anunciou que havia chegado a hora, assim: ‘É hora, Mestre Gotama, a refeição está pronta.’

6. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a sua tigela e o manto externo, ele foi até a residência do Príncipe Bodhi.

7. Agora, naquela ocasião o Príncipe Bodhi estava em pé na varanda externa esperando pelo Abençoado. Ao ver o Abençoado vindo à distância, ele saiu para recebê-lo e homenageá-lo; e depois, permitindo que o Abençoado fosse à sua frente, eles seguiram para o Palácio Kokanada. Mas o Abençoado parou no primeiro degrau da escadaria. O Príncipe Bodhi disse: “Venerável senhor, que o Abençoado pise sobre o tecido, que o Sublime pise sobre o tecido, isso irá conduzir ao meu bem-estar e felicidade por muito tempo.” Quando isso foi dito o Abençoado permaneceu em silêncio. [ci](#)

O Abençoado olhou para o venerável Ananda. O venerável Ananda disse para o Príncipe Bodhi: “Príncipe, faça com que o tecido seja removido. O Abençoado não irá pisar numa faixa de tecido; o *Tathagata* tem compaixão pelas gerações futuras.” [cii](#)

8. Assim o Príncipe Boddhi fez com que o tecido fosse removido e providenciou para que fossem preparados assentos nos aposentos superiores do Palácio Kokanada. O Abençoado e a Sangha dos *bhikkhus* subiram até os aposentos superiores do Palácio Kokanada e sentaram nos assentos que haviam sido preparados.

9. Então, com as suas próprias mãos, o Príncipe Boddhi serviu e satisfez a Sangha dos *bhikkhus* liderada pelo Buda com os vários tipos de alimentos. Quando o Abençoado havia terminado de comer e removeu a mão da sua tigela, o Príncipe Boddhi tomou um assento mais baixo e disse para o Abençoado: “Venerável senhor, nós pensamos assim: ‘O prazer não é obtido através do prazer; o prazer deve ser obtido através da dor.’” [ciii](#)

10. “Príncipe, antes da minha iluminação, quando eu ainda era apenas um *Bodhisatta* não iluminado, eu também pensava assim: ‘O prazer não é obtido através do prazer; o prazer deve ser obtido através da dor.’

11-14. “Mais tarde, Príncipe, ainda jovem, um homem jovem com o cabelo negro, dotado com as bênçãos da juventude, na flor da juventude ... (igual ao [MN 26, versos 14-17](#)) ... E eu me sentei ali pensando: Isso é adequado para o esforço.’

15-42. “Agora estes três símiles, nunca ouvidos antes, me ocorreram espontaneamente ... (igual ao [MN 36](#), versos 17-44, mas neste sutta nos versos 18-23 que correspondem aos versos 20-25 do MN 36, a sentença “Porém, a sensação de dor que surgiu em mim não invadiu a minha mente e permaneceu”, não está presente, e neste sutta nos versos 37, 39 and 42 que correspondem aos versos 39, 41 e 44 do MN 36, a sentença “Mas o sentimento prazeroso que surgiu em mim não invadiu a minha mente e permaneceu”, não está presente) ... como acontece com alguém que seja diligente, ardente e decidido.

43-53. “Eu pensei: ‘Este Dhamma que eu alcancei é profundo ... (igual ao [MN 26, versos 19-29](#)) ... e todos nós seis vivíamos daquilo que aqueles dois *bhikkhus* traziam de esmolas.

54. “Então, o grupo de cinco *bhikkhus* não muito tempo depois de terem sido ensinados e instruídos por mim, realizando por si mesmos com o conhecimento direto, aqui e agora entraram e permaneceram no que é o objetivo supremo da vida santa pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa.”

55. Quando isso foi dito, o Príncipe Bodhi disse para o Abençoado: “Venerável senhor, quando um *bhikkhu* encontra o *Tathagata* para treiná-lo, quanto tempo tarda até que realizando por si mesmo com o conhecimento direto, aqui e agora ele entre e permaneça no que é o objetivo supremo da vida santa pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa?”

“Quanto a isso, príncipe, eu lhe farei uma pergunta em retorno. Responda como quiser. O que você pensa, príncipe? Você é hábil na arte de empregar uma agulhada com destreza ao montar um elefante?”

“Sim, venerável senhor, eu sou,”

56. “O que você pensa, príncipe? Suponha que um homem aqui viesse pensando: ‘O Príncipe Bodhi conhece a arte de empregar uma agulhada ao montar um elefante; eu devo treinar nessa arte com ele.’ Se ele não tivesse fé, ele não poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que tem fé; se ele fosse muito enfermo, ele não poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que está livre de enfermidades; se ele fosse fraudulento e enganador, ele não poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que é honesto e sincero; se ele fosse preguiçoso, ele não poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que é energético; se ele não fosse sábio, ele não poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que é sábio. O que você pensa, príncipe? Esse homem poderia ser treinado por você na arte de empregar uma agulhada ao montar um elefante?”

“Venerável senhor, mesmo se ele tivesse uma dessas deficiências, ele não poderia treinar comigo, então o que dizer de cinco?”

57. “O que você pensa, príncipe? Suponha que um homem aqui viesse pensando: ‘O Príncipe Bodhi conhece a arte de empregar uma agulhada ao montar um elefante; eu devo treinar nessa arte com ele.’ Se ele tivesse fé, ele poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que tem fé; se ele não fosse muito enfermo, ele poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que está livre de enfermidades; se ele não fosse fraudulento e enganador, ele poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que é honesto e sincero; se ele não fosse preguiçoso, ele poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que é energético; se ele fosse sábio, ele poderia alcançar aquilo que pode ser alcançado por aquele que é sábio. O que você pensa, príncipe? Esse homem

poderia ser treinado por você na arte de empregar uma agulhada ao montar um elefante?”

“Venerável senhor, se ele tivesse uma dessas qualidades ele poderia ser treinado por mim, então o que dizer de cinco?”

58. “Da mesma forma, príncipe, existem cinco fatores para o esforço. Quais cinco? Aqui um *bhikkhu* tem fé, ele deposita fé na iluminação do *Tathagata* assim: “Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.”

“Então, ele se vê livre de enfermidades e aflições, possuindo uma boa digestão que não é nem demasiado fria nem demasiado quente, mas média e capaz de suportar a tensão do esforço.

“Então, ele é honesto e sincero, e se mostra como ele na verdade é para o Mestre e os seus companheiros na vida santa.

“Então, ele é energético no abandono dos estados prejudiciais e no empenho pelos estados benéficos, decidido, dedicando-se ao esforço com firmeza e perseverando no cultivo de estados benéficos.

“Então, ele é sábio; ele possui a completa compreensão da origem e cessação que é nobre e penetrante, conduzindo à completa destruição do sofrimento. Esses são os cinco fatores para o esforço.

59. “Príncipe, quando um *bhikkhu* que possui esses cinco fatores para o esforço encontra um *Tathagata* para treiná-lo, ele poderá permanecer por sete anos até que realizando por si mesmo com o conhecimento direto, aqui e agora ele entre e permaneça no que é o objetivo supremo da vida santa pelo qual com razão membros de um clã adotam a vida santa.

“Sem falar em sete anos, príncipe. Quando um *bhikkhu* que possui esses cinco fatores para o esforço encontra um *Tathagata* para treiná-lo, ele poderá permanecer por seis anos ... cinco anos ... quatro anos ... três anos ... dois anos ... um ano ... Sem falar em um ano, príncipe, ele poderá permanecer por sete meses ... seis meses ... cinco meses ... quatro meses ... três meses ... dois meses ... um mês ... meio mês ... Sem falar em meio mês, príncipe, ele poderá permanecer por sete dias e noites ... seis dias e noites ... cinco dias e noites ... quatro dias e noites ... três dias e noites ... dois dias e noites ... um dia e noite.

“Sem falar em um dia e noite, príncipe. Quando um *bhikkhu* que possui esses cinco fatores para o esforço encontra um *Tathagata* para treiná-lo, então sendo instruído à noite, ele poderá alcançar a distinção pela manhã, sendo instruído pela manhã ele poderá alcançar a distinção à noite. “

60. Quando isso foi dito, o Príncipe Bodhi disse para o Abençoado: “Oh o Buda! Oh o Dhamma! Oh, quão bem proclamado é o Dhamma! Pois alguém que seja instruído à noite poderá alcançar a distinção pela manhã e alguém instruído pela manhã poderá alcançar a distinção à noite.”

61. Quando isso foi dito o estudante brâmane Sanjikaputta disse para o Príncipe Bodhi: “Mestre Bodhi diz: ‘Oh o Buda! Oh o Dhamma! Oh, quão bem proclamado é o Dhamma!’ Mas ele não diz: ‘Eu busco refúgio no Mestre Gotama e no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*.’”

“Não diga isso, estimado Sanjikaputta, não diga isso. Eu ouvi e aprendi da boca da minha mãe: Em certa ocasião o Abençoado estava em Kosambi no Parque de Ghosita, então a minha mãe, estando grávida, foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, sentou-se a um lado e disse: ‘Venerável senhor, o príncipe ou princesa no meu ventre, qualquer um que seja, busca refúgio no Abençoado e no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Abençoado se recorde [do feto] como um discípulo leigo que nele buscou refúgio para o resto da sua vida.’ Também houve uma ocasião na qual o Abençoado estava entre os Bhaggas em Surilsumaragira no Bosque de Bhesakala, no Parque do Gamo. Então a minha ama, carregando-me sobre o quadril, foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, ficou em pé a um lado e disse: ‘Venerável senhor, o Príncipe Bodhi busca refúgio no Abençoado e no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Abençoado se recorde dele como um discípulo leigo que nele buscou refúgio para o resto da sua vida.’ Agora, estimado Sanjikaputta, pela terceira vez eu busco refúgio no Abençoado e no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Abençoado se recorde de mim como um discípulo leigo que nele buscou refúgio para o resto da sua vida.”

86 Angulimala Sutta

Angulimala

O Buda conduz o criminoso Angulimala ao estado de *arahant*

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savathi, no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.
2. Agora, naquela ocasião havia no reino do rei Pasenadi de Kosala um bandido chamado Angulimala que era um assassino, com as mãos tingidas de sangue, habituado a golpes e violência, impiedoso com os seres vivos. Vilarejos, cidades e distritos haviam sido destruídos por ele. Ele estava constantemente matando pessoas e usava os dedos delas em um colar. [civ](#)
3. Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a sua tigela e manto externo, foi para Savathi para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Savathi e de haver retornado, após a refeição, ele arrumou o seu local de descanso e tomando a tigela e o manto externo saiu pela estrada que levava para onde estava Angulimala. Pastores e camponeses que passavam vendo que o Abençoado caminhava na direção que levava

para onde estava Angulimala lhe diziam: “Não siga por essa estrada contemplativo. Nessa estrada se encontra o bandido Angulimala que é um assassino, com as mãos tingidas de sangue, habituado a golpes e violência, impiedoso com os seres vivos. Vilarejos, cidades e distritos foram destruídos por ele. Ele está constantemente matando pessoas e usa os dedos delas em um colar. Homens em grupos de dez, vinte, trinta e até quarenta seguiram por esta estrada e assim mesmo foram vítimas de Angulimala”. Quando isso foi dito, o Abençoado seguiu em silêncio.

4. O bandido Angulimala viu o Abençoado se aproximando à distância. Quando ele o viu, pensou: “É admirável, é maravilhoso! Pessoas em grupos de dez, vinte, trinta e até quarenta seguiram por esta estrada e assim mesmo foram minhas vítimas. E agora esse contemplativo vem sozinho, sem companhia, como se empurrado pela fé. Porque eu não deveria matar esse contemplativo?” Angulimala então tomou a sua espada e escudo, afivelou o seu arco e a aljava e seguiu o Abençoado de perto.

5. Então o Abençoado realizou tamanha façanha com os seus poderes supra-humanos que o bandido Angulimala, embora caminhasse tão rápido quanto pudesse, não conseguia alcançar o Abençoado que caminhava em seu passo normal. Então o bandido Angulimala pensou: “É admirável, é maravilhoso! Antes eu conseguia alcançar e agarrar até mesmo o elefante mais rápido ... o cavalo mais rápido ... a carruagem mais rápida ... o gamo mais rápido; mas agora, embora esteja caminhando o mais rápido que possa, não consigo alcançar esse contemplativo que está caminhando em seu passo normal!” Ele parou e chamou o Abençoado: “Pare, contemplativo! Pare, contemplativo!”

“Eu parei, Angulimala, pare você também.”

Então o bandido Angulimala pensou: “Esses contemplativos, filhos do Sakya, falam a verdade, afirmam a verdade; mas embora esse contemplativo ainda esteja caminhando, ele diz: ‘Eu parei, Angulimala, pare você também.’ E se eu questionasse esse contemplativo.”

6. Então o bandido Angulimala se dirigiu ao Abençoado em versos da seguinte forma:

“Enquanto caminha, contemplativo, você diz que parou;
mas agora, quando eu parei, você diz que não parei.
Eu lhe pergunto agora, Ó contemplativo, qual o significado:
como pode ser que você tenha parado e eu não tenha?”

“Angulimala, eu parei para sempre,
eu me abstenho da violência para com os seres vivos;
mas você não tem nenhum refreamento
em relação ao que tem vida:
essa é a razão porque eu parei e você não.”

“Ó, até que enfim este contemplativo, um sábio venerado,
veio para esta grande floresta por minha razão. [cy](#)”

Ouvindo os seus versos com o ensinamento do Dhamma, eu de fato renunciarei ao mal para sempre”.

Assim dizendo, o bandido tomou a sua espada e armas e as arremessou em uma cova num abismo; o bandido venerou os pés do Abençoado, e depois ali pediu sua admissão na vida santa.

O Iluminado, o Sábio da Grande Compaixão, o Mestre do mundo com [todos] os seus *devas*, dirigiu-se a ele com estas palavras, “Venha, *bhikkhu*”. E assim foi como ele se tornou um *bhikkhu*.

7. Então o Abençoado iniciou a caminhada de regresso a Savathi com Angulimala como seu acompanhante. Caminhando em etapas eles acabaram por chegar em Savathi e lá se estabeleceram no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

8. Agora naquela ocasião uma grande multidão havia se aglomerado nos portões do palácio do rei Pasenadi, barulhenta e ruidosa, gritando: “Senhor, o bandido Angulimala encontra-se no seu reino; ele é um assassino, com as mãos tingidas de sangue, habituado a golpes e violência, impiedoso com os seres vivos. Vilarejos, cidades e distritos foram destruídos por ele. Ele está constantemente matando pessoas e usa os dedos delas em um colar! O rei precisa acabar com ele!”

9. Então no meio do dia o rei Pasenadi de Kosala saiu de Savathi com um grupo de 500 cavaleiros em direção ao parque. Ele foi até onde a estrada permitia ir com a sua carruagem e depois desmontou e seguiu a pé até onde estava o Abençoado. Depois de cumprimentar o Abençoado ele sentou a um lado e o Abençoado lhe disse: “O que há, grande rei? O rei Seniya Bimbisara de Magadha o estará atacando ou os Licchavis de Vesali ou outros reis hostis?”

10. “Venerável senhor, o rei Seniya Bimbisara de Magadha ou os Licchavis de Vesali ou outros reis hostis não estão me atacando. Mas há um bandido no meu reino chamado Angulimala, ele é um assassino, com as mãos tingidas de sangue, habituado a golpes e violência, impiedoso com os seres vivos. Vilarejos, cidades e distritos foram destruídos por ele. Ele está constantemente matando pessoas e usa os dedos delas em um colar. Eu nunca serei capaz de acabar com ele, venerável senhor.”

11. “Grande rei, suponha que você visse que Angulimala raspou o seu cabelo e barba, vestiu o manto de cor ocre e seguiu a vida santa; que ele está se abstendo de matar seres vivos, de tomar aquilo que não é dado e da linguagem mentirosa; que ele se abstém de comer à noite, come somente uma vez ao dia, é celibatário, virtuoso, com bom caráter. Se você o visse assim, como o trataria?”

“Venerável senhor, nós o homenagearíamos, ou nos levantaríamos, ou o convidaríamos para que ele se sentasse; ou o convidaríamos para que aceitasse mantos, alimentos,

moradia ou medicamentos; ou nós lhe proveríamos guarda, defesa e proteção sob a lei. Mas, venerável senhor, ele é um homem sem moral, mau caráter. Como poderia ter tal virtude e contenção?”

12. Agora, naquela ocasião o venerável Angulimala estava sentado não muito distante do Abençoado. Então o Abençoado estendeu o seu braço direito e disse ao rei Pasenadi de Kosala: “Grande rei, este é Angulimala.”

Então o rei Pasenadi ficou com medo, alarmado e aterrorizado. Sabendo disso, o Abençoado lhe disse: “Não tema, grande rei, não tema. Não há nada a temer da parte dele.”

Então o medo, alarme e terror do rei diminuíram. Ele foi até o venerável Angulimala e lhe disse: “Venerável senhor, você é realmente Angulimala?”

“Sim, grande rei.”

“Venerável senhor, de que família é o seu pai? De que família é a sua mãe?”

“Meu pai é um Gagga, grande rei; minha mãe é uma Mantani.”

“Que o nobre senhor Gagga Mantaniputta descanse satisfeito. Eu irei prover mantos, alimentos, moradia e medicamentos para o nobre senhor Gagga Mantaniputta.”

13. Agora naquela ocasião o venerável Angulimala vivia na floresta, esmolava alimentos, vestia mantos feitos com trapos e se restringia a três mantos. Ele respondeu: “Não é necessário, grande rei, meus três mantos estão completos.”

O rei Pasenadi então voltou para o Abençoado e após cumprimentá-lo, sentou a um lado e disse: “É admirável, venerável senhor, é maravilhoso como o Abençoado doma os indomados, traz paz para os perturbados e conduz a *nibbana* aqueles que ainda não realizaram *nibbana*. Venerável senhor, nós mesmos não pudemos domá-lo com a força e armas e no entanto o Abençoado o domou sem força e sem armas. E agora, venerável senhor, nós partiremos. Estamos muito ocupados e temos muito que fazer.”

“Agora é o momento, grande rei, faça como julgar adequado.”

Então o rei Pasenadi de Kosala levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

14. Então, ao amanhecer, o venerável Angulimala se vestiu e tomando a sua tigela e manto externo, foi para Savathi esmolar alimentos. Enquanto ele perambulava de casa em casa em Savathi, ele viu uma certa mulher dando a luz a uma criança deformada. Vendo isso, ele pensou: “Como os seres sofrem! De fato, como os seres sofrem!”

Depois de haver esmolado em Savathi e de haver retornado, após a refeição ele foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, pela manhã me vesti e tomando a minha tigela e manto externo, fui para Savathi para esmolar alimentos. Enquanto perambulava de casa em casa em Savathi, vi uma certa mulher dar à luz a uma criança defeituosa. Vendo isso, pensei: “Como os seres sofrem! De fato, como os seres sofrem!”

15. “Nesse caso, Angulimala, vá para Savathi e diga para aquela mulher: “Irmã, desde que nasci, não me recordo de intencionalmente haver privado da vida nenhum ser vivo. Por essa verdade, que você e a sua criança fiquem bem!”

“Venerável senhor, não estaria eu contando uma mentira deliberada, pois intencionalmente privei da vida muitos seres vivos?”

“Então, Agulimala, vá para Savathi e diga para aquela mulher: “Irmã, desde que nasci com o nobre nascimento, não me recordo de intencionalmente haver privado da vida nenhum ser vivo. Por essa verdade, que você e a sua criança fiquem bem!” [cvi](#)

“Sim, venerável senhor”, o venerável Angulimala respondeu e tendo ido até Savathi disse para aquela mulher: “Irmã, desde que nasci com o nobre nascimento, não me recordo de intencionalmente haver privado da vida nenhum ser vivo. Por essa verdade, que você e a sua criança fiquem bem!” Então a mulher e a criança melhoraram.

16. Depois de não muito tempo, permanecendo só, isolado, diligente, ardente e decidido, o venerável Angulimala, em pouco tempo, alcançou e permaneceu no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmo no aqui e agora. Ele soube: “O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.” E assim o venerável Angulimala tornou-se mais um dos *arahants*.

17. Então, ao amanhecer, o venerável Angulimala se vestiu e tomando a tigela e manto externo, foi para Savathi para esmolar alimentos. Agora naquela ocasião alguém jogou uma pedra e atingiu o corpo do venerável Angulimala, outra pessoa jogou um pau e atingiu o corpo dele e outra pessoa jogou um pedaço de cerâmica e atingiu o corpo dele. Então, com o sangue jorrando da sua cabeça cortada, com a sua tigela quebrada e com o seu manto externo rasgado, o venerável Angulimala foi até o Abençoado. O Abençoado o viu chegando à distância e lhe disse: “Agüente, brâmane! Agüente, brâmane! Você está experimentando aqui e agora o resultado de ações pelas quais você poderia ser torturado no inferno durante muitos anos, por muitas centenas de anos, por muitos milhares de anos.” [cvii](#)

18. Então, enquanto o venerável Angulimala estava sozinho em retiro, experimentando o prazer da libertação, ele pronunciou o seguinte:

“Quem antes vivia em negligência
e depois não é mais negligente,

ilumina o mundo
tal como a lua liberta das nuvens.

Quem inspeciona as más ações que cometeu
praticando ações benéficas no seu lugar,
ilumina o mundo
tal como a lua liberta das nuvens.

O jovem *bhikkhu* que dedica
o seu esforço aos ensinamentos do Buda,
ilumina o mundo
tal como a lua liberta das nuvens.

Que meus inimigos ouçam um discurso do Dhamma,
que eles se dediquem aos ensinamentos do Buda,
que meus inimigos cuidem dessas pessoas de bem
que conduzem outras a aceitarem o Dhamma.

Que meus inimigos prestem atenção ocasionalmente
e ouçam o Dhamma daqueles que pregam a tolerância,
daquelles que também falam em favor da bondade,
e que eles sigam esse Dhamma com ações bondosas.

Pois então com certeza,
eles não irão desejar causar dano a mim,
nem pensarão em causar dano a outros seres,
portanto, aqueles que protegem a todos, fracos ou fortes,
que eles alcancem a paz insuperável.

Aqueles que fazem canais, conduzem a água,
arqueiros retificam as flechas,
carpinteiros retificam a madeira,
mas os homens sábios buscam domar a si mesmos.

Existem alguns que são domados com surras,
alguns com grilhões e alguns com chicotes;
mas eu fui domado por alguém só,
que não possui vara ou arma.

‘Inofensivo’ é o nome que tenho,
embora eu tenha sido perigoso no passado.
O nome que tenho hoje é verdadeiro:
eu não molesto nenhum ser vivo.

Embora tenha vivido no passado como um bandido
com o nome ‘Colar de Dedos’,

arrastado pela grande torrente,
eu procurei refúgio no Buda.

Embora tivesse no passado as mãos tingidas de sangue
com o nome ‘Colar de Dedos’,
veja o refúgio que encontrei:
o grilhão de ser/existir foi partido.

Embora muitas ações que pratiquei conduzam
ao renascimento no inferno,
no entanto o seu resultado já me atingiu agora,
e assim, me alimento livre das minhas dívidas. [cviii](#)

São tolos e não possuem noção,
aqueles que se entregam à negligência,
mas aqueles com sabedoria protegem a diligência
e a tratam como seu maior bem.

Não abram caminho para a negligência
nem busquem prazer nos prazeres sensuais,
mas meditem com diligência
de forma a alcançar a felicidade perfeita.

Dessa forma sejam bem vindos à escolha que fiz
e que ela assim permaneça, pois não foi mal feita;
de todos os Dhammas que são conhecidos
eu encontrei o melhor.

Dessa forma sejam bem vindos à escolha que fiz
e que ela assim permaneça, pois não foi mal feita;
eu alcancei o conhecimento tríplice
e fiz tudo o que o Buda ensina.”

87 Piyajatika Sutta Nascido Daqueles que Amamos

O sofrimento e a tristeza nascem daqueles que amamos?

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.
2. Agora, naquela ocasião o único filho amado e querido de um certo chefe de família havia morrido. Depois da morte do filho, ele não tinha mais vontade de trabalhar ou de comer. Ele ia ao cemitério e chorava: “Meu único filho, onde você está? Meu único filho, onde você está?”

3. Então, aquele chefe de família foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo sentou a um lado. O Abençoado disse: “Chefe de família, as suas faculdades não são aquelas de alguém com controle sobre a própria mente. As suas faculdades estão perturbadas.”

“Como poderiam as minhas faculdades não estarem perturbadas, venerável senhor? Pois o meu único filho, amado e querido, morreu. Desde que ele morreu eu não tenho mais vontade de trabalhar ou de comer. Eu vou ao cemitério e choro: ‘Meu único filho, onde você está? Meu único filho, onde você está?’”

“Assim é, chefe de família, assim é! Tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos.”

“Venerável senhor, quem alguma vez pensaria que a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos? Venerável senhor, a alegria e a felicidade nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos.” Então, descontente com as palavras do Abençoado, desaprovando-as, o chefe de família se levantou do seu assento e partiu.

4. Agora, naquela ocasião alguns jogadores estavam jogando com os dados não muito distante do Abençoado. Então, o chefe de família foi até aqueles jogadores e relatou o que havia acontecido. Os jogadores disseram:

“Assim é, chefe de família, assim é! A alegria e a felicidade nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos.”

Então o chefe de família partiu pensando: “Eu concordo com os jogadores.”

5. No final das contas esta história chegou ao palácio real. Então, o Rei Pasenadi de Kosala disse para a Rainha Mallika: “Isso é o que foi dito pelo contemplativo Gotama, Mallika: ‘Tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos.’”

“Se isso foi dito pelo Abençoado, senhor, então assim é.”

“Não importa o que o contemplativo Gotama diga, Mallika aplaude o contemplativo desta forma: ‘Se isso foi dito pelo Abençoado, senhor, então assim é.’ Como um pupilo sempre aplaude qualquer coisa que o seu professor lhe disser, dizendo: ‘Assim é, mestre, assim é!’; da mesma forma, Mallika, não importa o que o contemplativo Gotama diga, você aplaude o contemplativo desta forma: ‘Se isso foi dito pelo Abençoado, senhor, então assim é.’ Vá embora, Mallika, saia daqui!”

6. Então, a Rainha Mallika se dirigiu ao brâmane Nalijangha: “Venha, brâmane, vá até o Abençoado e preste uma homenagem em meu nome com a sua cabeça aos pés dele e pergunte se ele está livre de enfermidades e aflições, se está com saúde, forte e vivendo com conforto. Então diga o seguinte: ‘Venerável senhor, estas palavras foram

pronunciadas pelo Abençoado: “Tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos?”’ Lembre bem da resposta do Abençoado e venha relatá-la a mim; pois os *Tathagatas* não dizem mentiras.”

“Sim, senhora,” ele respondeu, e foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e disse: ‘Mestre Gotama, a Rainha Mallika presta uma homenagem com a cabeça aos pés do Mestre Gotama e pergunta se ele está livre de enfermidades ... e vivendo com conforto. E ela diz o seguinte: ‘Venerável senhor, estas palavras foram pronunciadas pelo Abençoado: “Tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos”?’”

7. “Assim é, brâmane, assim é! Tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos.

8. “Pode ser compreendido através do seguinte, brâmane, como a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos. Certa vez, aqui mesmo em Savatthi, havia uma certa mulher cuja mãe havia morrido. Devido à morte da mãe, ela enlouqueceu, perdeu o controle da mente e perambulava de rua em rua e de cruzamento em cruzamento, dizendo: ‘Você viu minha mãe? Você viu minha mãe?’

9-14. “E também pode ser compreendido através do seguinte, como a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos. Certa vez, aqui mesmo em Savatthi, havia uma certa mulher cujo pai havia morrido ... cujo irmão havia morrido ... cuja irmã havia morrido ... cujo filho havia morrido ... cuja filha havia morrido ... cujo marido havia morrido. Devido à morte do marido, ela enlouqueceu, perdeu o controle da mente e perambulava de rua em rua e de cruzamento em cruzamento, dizendo: ‘Você viu meu marido? Você viu meu marido?’

15-21. “E também pode ser compreendido através do seguinte, como a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos. Certa vez, aqui mesmo em Savatthi, havia um certo homem cuja mãe havia morrido... cujo pai havia morrido ... cujo irmão havia morrido ... cuja irmã havia morrido ... cujo filho havia morrido ... cuja filha havia morrido ... cuja esposa havia morrido. Devido à morte da esposa, ele enlouqueceu, perdeu o controle da mente e perambulava de rua em rua e de cruzamento em cruzamento, dizendo: ‘Você viu minha esposa? Você viu minha esposa?’

22. “E também pode ser compreendido através do seguinte, como a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos. Certa vez, aqui mesmo em Savatthi, havia uma certa mulher que foi viver com os seus pais. Os pais queriam que ela se separasse do seu marido e que ela se casasse com um outro de quem ela não gostava. Então a mulher disse para o marido: ‘Senhor, os meus pais querem que eu me separe de você para que me case com um outro de quem não gosto.’ Então o homem esquartejou a mulher em dois pedaços e se suicidou, pensando:

‘Estaremos juntos no além.’ Também pode ser compreendido através disso, como a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos.”

23. Então, satisfeito e contente com as palavras do Abençoado, o brâmane Nalijangha se levantou do assento e foi até a Rainha Mallika e relatou toda a conversa com o Abençoado.

24. Então a Rainha Mallika foi até o Rei Pasenadi de Kosala e lhe perguntou: “O que você pensa, senhor? A Princesa Vajiri é amada por você?”

“Sim, Mallika, a Princesa Vajiri é amada por mim.”

“O que você pensa, senhor? Se mudanças e alterações ^{cix} ocorressem na Princesa Vajiri, a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgiriam em você?”

“Mudanças e alterações na Princesa Vajiri significariam alterações na minha vida. Como poderiam a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero não surgirem em mim?”

“Foi com referência a isso, senhor, que o Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, disse: ‘Tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos.’”

25-28. “O que você pensa, senhor? A nobre Rainha Vasabha é amada por você? ... O General Vidudabha é amado por você? ... Eu sou amada por você? ... Benares e Kosala são amadas por você?” ^{cx}

“Sim, Mallika, Benares e Kosala são amadas por mim. É devido a Benares e Kosala que usamos o sândalo de Benares e usamos grinaldas, perfumes e unguentos.”

“O que você pensa, senhor? Se mudanças e alterações ocorressem em Benares e Kosala, a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero surgiriam em você?”

“Mudanças e alterações em Benares e Kosala significariam alterações na minha vida. Como poderiam a tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero não surgirem em mim?”

“Foi com referência a isso, senhor, que o Abençoado que sabe e vê, um *arahant*, perfeitamente iluminado, disse: ‘Tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero nascem daqueles que amamos, surgem daqueles que amamos.’”

29. “É maravilhoso, Mallika, é admirável, quão grande é o entendimento do Abençoado e como ele vê com sabedoria. Venha, Mallika, me dê a água para ablução.” ^{cxii}

Então o Rei Pasenadi de Kosala levantou do seu assento e arrumando o manto externo sobre o ombro, juntou as mãos em respeitosa saudação na direção do Abençoado e pronunciou esta exclamação três vezes: “Honra ao Abençoado, um *arahant*,

perfeitamente iluminado! Honra ao Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado!
Honra ao Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado!”

88 Bahitika Sutta

A Capa

O rei Pasenadi de Kosala pergunta sobre o comportamento do Buda

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.
2. Então, ao amanhecer, o venerável Ananda se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Savatthi para esmolar alimentos. Depois de haver esmolado em Savatthi e de haver retornado, após a refeição, ele foi para o palácio da mãe de Migara, no Parque do Oriente, para passar o resto do dia.
3. Agora, naquela ocasião o Rei Pasenadi de Kosala havia montado no elefante Ekapundarika e estava saindo de Savatthi ao meio dia. Ele viu o venerável Ananda vindo à distância e perguntou ao ministro Sirivaqha: “Aquele é o venerável Ananda, não é mesmo?” – “Sim, senhor, aquele é o venerável Ananda.”
4. Então o Rei Pasenadi de Kosala disse para um homem: “Venha, bom homem, vá até o venerável Ananda e o homenageie em meu nome com a sua cabeça aos pés dele, dizendo: ‘Venerável senhor, o Rei Pasenadi de Kosala o homenageia com a cabeça aos pés do venerável Ananda.’ Então diga o seguinte: ‘Venerável senhor, se o venerável Ananda não tiver um assunto urgente a tratar, talvez o venerável Ananda pudesse esperar um momento, por compaixão’.”
5. “Sim, senhor,” o homem respondeu, e ele foi até o venerável Ananda, e relatou a mensagem.
6. O venerável Ananda concordou em silêncio. Então o Rei Pasenadi foi montado no elefante até onde o elefante pôde ir e depois desmontou e foi a pé até o venerável Ananda. Depois de cumprimentá-lo ele ficou em pé a um lado e disse para o venerável Ananda: “Se, venerável senhor, o venerável Ananda não tiver um assunto urgente a tratar, seria bom se ele fosse até a margem do rio Aciravati, por compaixão.”
7. O venerável Ananda concordou em silêncio. Ele foi até a margem do rio Aciravati e sentou à sombra de uma árvore num assento que havia sido preparado. Então o Rei Pasenadi foi montado no elefante até onde o elefante pôde ir e depois desmontou e foi a pé até o venerável Ananda. Depois de cumprimentá-lo ele ficou em pé a um lado e disse para o venerável Ananda: “Aqui, venerável senhor, tome este tapete dum elefante. Que o venerável Ananda sente nele.”

“Não é necessário, grande rei. Sente-se. Eu estou sentado no meu próprio pano.”

8. O Rei Pasenadi de Kosala sentou num assento que havia sido preparado e disse: “Venerável Ananda, o Abençoado se comportaria com o corpo ... com a linguagem ... com a mente de tal forma que pudesse ser censurado por contemplativos e brâmanes sábios?” [cxii](#)

“Não, grande rei, o Abençoado não se comportaria com o corpo ... com a linguagem ... com a mente de tal forma que pudesse ser censurado por contemplativos e brâmanes sábios.”

9. “É maravilhoso, venerável senhor, é admirável! Pois aquilo que fomos incapazes de lograr com uma pergunta foi logrado pelo venerável Ananda com a resposta à pergunta. Quando pessoas tolas, não inteligentes, falam elogiando ou criticando os outros sem fazer uma consideração cuidadosa, eu não tomo as palavras delas com seriedade. Quanto aos expertos, os sábios e sagazes, que fazem considerações cuidadosas antes de elogiar ou criticar, eu dou importância às palavras deles.

10-12. “Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental é censurada por contemplativos e brâmanes sábios?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental que seja prejudicial, grande rei.”

“Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental é prejudicial?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental que seja culpável, grande rei.”

“Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental é culpável?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental que traga aflição, grande rei.”

“Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental traz aflição?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental que tenha resultados dolorosos, grande rei.”

“Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental tem resultados dolorosos?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental, grande rei, que conduza à própria aflição, ou à aflição dos outros, ou à aflição de ambos, e por conta da qual os estados prejudiciais aumentem e os estados benéficos diminuam. Esse tipo de ação corporal ... verbal ... mental é censurada por contemplativos e brâmanes sábios, grande rei.” [cxiii](#)

13. “Agora, venerável Ananda, o Abençoado elogia apenas o abandono de todos os estados prejudiciais?”

“O *Tathagata*, grande rei, abandonou todos os estados prejudiciais e possui todos os estados benéficos.”

14-16. “Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental não é censurada por contemplativos e brâmanes sábios?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental que seja benéfica, grande rei.”

“Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental é benéfica?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental que seja inculpável, grande rei.”

“Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental é inculpável?”

“Qualquer ação corporal que não traga aflição, grande rei.”

“Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental não traz aflição?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental que tenha resultados prazerosos, grande rei.”

“Agora, venerável Ananda, que tipo de ação corporal ... verbal ... mental tem resultados prazerosos?”

“Qualquer ação corporal ... verbal ... mental, grande rei, que não conduza à própria aflição, ou à aflição dos outros, ou à aflição de ambos, e por conta da qual os estados prejudiciais diminuam e os estados benéficos aumentem. Esse tipo de ação corporal ... verbal ... mental não é censurada por contemplativos e brâmanes sábios, grande rei.”

17. “Agora, venerável Ananda, o Abençoado apenas elogia a adoção de todos os estados benéficos?”

“O *Tathagata*, grande rei, abandonou todos os estados prejudiciais e possui todos os estados benéficos.”

18. “É maravilhoso, venerável senhor, é admirável quão bem isso foi expresso pelo venerável Ananda! E nós estamos satisfeitos e contentes por aquilo que foi tão bem expresso por ele. Venerável senhor, nós estamos tão satisfeitos e contentes com aquilo que foi tão bem expresso pelo venerável Ananda que se o elefante precioso lhe fosse permitido, nós o daríamos para ele; se o cavalo precioso lhe fosse permitido, nós o daríamos para ele; se a bênção de um vilarejo lhe fosse permitida, nós a daríamos para ele. Mas nós sabemos, venerável senhor, que isso não é permitido ao venerável Ananda. Mas há esta minha capa, venerável senhor, que me foi enviada embrulhada numa caixa real pelo Rei Ajatasattu de Magadha, com dezesseis mãos de comprimento e oito mãos de largura. Que o venerável Ananda aceite essa capa por compaixão.”

“Não é necessário, grande rei. Meu manto tríplice está completo.”

19. “Venerável senhor, este rio Aciravati já foi visto tanto pelo venerável Ananda como por nós, depois de uma grande nuvem ter chovido pesadamente nas montanhas; nessa ocasião, este rio Aciravati transborda em ambas as margens. Assim também, venerável senhor, o venerável Ananda poderá fazer para si um manto tríplice desta capa e ele poderá compartilhar o seu antigo manto tríplice com os seus companheiros na vida santa. Desse modo, nossa oferta irá transbordar. Venerável senhor, que o venerável Ananda aceite esta capa.”

20. O venerável Ananda aceitou a capa. Então o Rei Pasenadi de Kosala disse: “E agora, venerável senhor, nós partiremos. Estamos atarefados e temos muito que fazer.”

“Agora é o momento, grande rei, faça como julgar adequado.”

Então, o Rei Pasenadi de Kosala, ficando satisfeito e contente com as palavras do venerável Ananda, levantou do seu assento e depois de homenagear o venerável Ananda, mantendo-o à sua direita, partiu.

21. Então, pouco tempo depois dele haver partido, o venerável Ananda foi até o Abençoado, e depois de cumprimentá-lo, sentou a um lado e relatou toda a conversa com o Rei Pasenadi de Kosala, e apresentou a capa para o Abençoado.

22. Então, o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus*: “É um ganho, *bhikkhus*, para o Rei Pasenadi de Kosala, é um grande ganho para o Rei Pasenadi de Kosala que ele tenha tido a oportunidade de ver e homenagear o venerável Ananda.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

89 *Dhammacetiya Sutta*

Monumentos ao Dhamma

O rei Pasenadi demonstra profunda veneração pelo Buda

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava entre os Sakyas numa cidade denominada Medalumpa.

2. Agora, naquela ocasião o Rei Pasenadi de Kosala havia chegado em Nagaraka para tratar de negócios. Então ele se dirigiu a Digha Karayana: [cxiv](#) “Estimado Karayana, prepare as carruagens reais. Vamos até o jardim das delícias e lá buscaremos um lugar agradável.”

“Sim, senhor,” Digha Karayana respondeu. Quando as carruagens reais estavam preparadas ele informou o rei: “Senhor, as carruagens reais estão preparadas. Agora é o momento, faça como julgar adequado.”

3. Então o Rei Pasenadi montou na carruagem real e acompanhado por outras carruagens ele saiu de Nagaraka com toda a pompa da realeza e foi na direção do parque. Ele foi até onde a estrada permitia o acesso das carruagens e depois desmontou da sua carruagem e entrou no parque a pé.

4. Enquanto caminhava e perambulava pelo parque fazendo exercício, o Rei Pasenadi viu árvores belas e inspiradoras, cuja visão fez com que ele se recordasse do Abençoado assim: “Essas árvores são belas e inspiradoras, numa atmosfera de isolamento, serena e sem a perturbação de vozes, afastada das pessoas, favorável ao retiro, como os lugares nos quais costumávamos homenagear o Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado.” Então ele disse para Digha Karayana o que ele havia pensado e perguntou: “Onde ele está agora, o Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado?”

5. “Senhor, há uma cidade dos Sakyas denominada Medalumpa. O Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado, está lá, agora.”

“Qual a distância de Nagaraka até Medalumpa?”

“Não é muito longe, senhor, são três léguas. ^{CXY} Ainda há luz do dia suficiente para ir até lá.”

“Então, estimado Karayana, prepare as carruagens reais. Vamos partir para ver o Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado.”

“Sim senhor,” ele respondeu. Quando as carruagens reais estavam preparadas ele informou o rei: “Senhor, as carruagens reais estão preparadas. Agora é o momento, faça como julgar adequado.”

6. Então o Rei Pasenadi montou na carruagem real e acompanhado por outras carruagens ele saiu de Nagaraka na direção da cidade Sakya denominada Medalumpa. Ele lá chegou quando ainda era dia e foi em direção ao parque. Ele foi até onde a estrada permitia o acesso das carruagens e depois desmontou da sua carruagem e entrou no parque a pé.

7. Agora, naquela ocasião muitos *bhikkhus* estavam caminhando para cá e para lá ao ar livre. Então, o Rei Pasenadi foi até eles e perguntou: “Veneráveis senhores, onde ele está agora, o Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado? Nós queremos ver o Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado.”

8. “Aquele é a sua habitação, grande rei, com a porta fechada. Vá até lá em silêncio, sem pressa, entre na varanda, limpe a garganta e bata na porta. O Abençoado abrirá a porta.” O Rei Pasenadi naquele momento entregou a sua espada e turbante para Digha Karayana. Então Digha Karayana pensou: “Então o rei irá ter agora uma sessão secreta! E eu terei

que esperar aqui sozinho!” ^{cxvi} Sem se apressar, o Rei Pasenadi foi em silêncio até a habitação com a porta fechada, entrou na varanda, limpou a garganta e bateu na porta. O Abençoado abriu a porta.

9. Então, o Rei Pasenadi entrou na habitação prostrando-se com a cabeça aos pés do Abençoado, cobrindo os pés do Abençoado com beijos e acariciando-os com as mãos, pronunciando o seu nome: “Eu sou o Rei Pasenadi de Kosala, venerável senhor; Eu sou o Rei Pasenadi de Kosala, venerável senhor.”

“Mas, grande rei, que razão você vê para fazer uma homenagem tão extrema para este corpo e demonstrar tamanha amizade?”

10. “Venerável senhor, eu deduzo de acordo com o Dhamma a respeito do Abençoado: ‘O Abençoado é perfeitamente iluminado, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, a Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho.’ Agora, venerável senhor, eu vejo alguns contemplativos e brâmanes que vivem uma vida santa limitada por dez anos, vinte anos, trinta anos, ou quarenta anos, e depois, numa outra ocasião eu os vejo bem asseados e bem untados, com os cabelos e barba aparados, desfrutando dos cinco elementos dos prazeres sensuais. Mas aqui eu vejo os *bhikkhus* vivendo a vida santa perfeita e pura enquanto dura a vida e a respiração. De fato, eu não vejo nenhuma outra vida santa em nenhum outro lugar que seja tão perfeita e pura como esta. É por isso, venerável senhor, que deduzo de acordo com o Dhamma a respeito do Abençoado: ‘O Abençoado é perfeitamente iluminado, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, a Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho.’

11. “Outra vez, venerável senhor, reis brigam com reis, nobres brigam com nobres, brâmanes brigam com brâmanes, chefes de família brigam com chefes de família; mães brigam com filhos, filhos brigam com mães, pais brigam com filhos, filhos brigam com pais; irmão briga com irmão, irmão briga com irmã, irmã briga com irmão, amigo briga com amigo. Mas aqui vejo *bhikkhus* que vivem em concórdia, com apreço mútuo, sem disputas, mesclando como leite e água, vendo um ao outro com bondade. Eu não vejo nenhuma outra assembléia em nenhum lugar com tal concórdia. É por isso também, venerável senhor, que deduzo de acordo com o Dhamma a respeito do Abençoado: ‘O Abençoado é perfeitamente iluminado, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, a Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho.’

12. “Outra vez, venerável senhor, eu caminhei e perambulei de parque em parque e de jardim em jardim. Lá eu vi alguns contemplativos e brâmanes magros, miseráveis, feios, ictéricos, com as veias saltadas nos membros, de tal modo que as pessoas não queriam nem mais olhar para eles. Eu pensei: ‘Com certeza esses veneráveis vivem a vida santa com descontentamento, ou eles praticaram alguma ação cruel e estão ocultando isso, tão magros, miseráveis eles são ... de tal modo que as pessoas não queiram nem mais olhar para eles.’ Eu fui até eles e perguntei: ‘Porque os veneráveis são tão magros, miseráveis ... de tal modo que as pessoas não querem nem mais olhar para vocês?’ A resposta foi: ‘É doença de família, grande rei.’ Mas aqui vejo *bhikkhus* sorridentes e felizes, sinceramente contentes, claramente se deliciando, com as faculdades revigoradas, vivendo em paz,

serenos, subsistindo daquilo que os outros dão, permanecendo com a mente [contida] como um gamo selvagem. Eu pensei: ‘Com certeza estes veneráveis percebem estados sucessivos de elevada distinção na Revelação do Abençoado, visto que eles assim permanecem sorridentes e felizes ... com a mente [contida] como um gamo selvagem.’ É por isso também, venerável senhor, que deduzo de acordo com o Dhamma a respeito do Abençoado: ‘O Abençoado é perfeitamente iluminado, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, a Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho.’

13. “Outra vez, venerável senhor, sendo um rei nobre ungido, eu sou capaz de executar aqueles que devem ser executados, multar aqueles que devem ser multados e de banir aqueles que devem ser banidos. No entanto quando estou reunido com o conselho, eles me interrompem e interferem. Embora eu diga: ‘Senhores, não me interrompam, não interfiram quando estiver reunido com o conselho; esperem até o fim do meu discurso,’ ainda assim eles me interrompem e interferem. Mas aqui eu vejo que enquanto o Abençoado está ensinando o Dhamma para uma assembléia de muitas centenas de discípulos, não se ouve nem mesmo o som de um discípulo do Abençoado tossindo ou pigarreando. Certa vez o contemplativo Gotama ensinava o Dhamma para uma assembléia de centenas de discípulos, então, um certo discípulo pigarreou. Por causa disso um dos seus companheiros na vida santa o cutucou com o joelho [para indicar]: ‘Fique quieto, venerável senhor, não faça ruído; o Abençoado, o Mestre, nos está ensinando o Dhamma.’ Eu pensei: ‘É maravilhoso, é admirável como uma assembléia pode ser tão bem disciplinada sem o uso da força ou armas!’ De fato, eu não vejo nenhuma outra assembléia em nenhum outro lugar tão bem disciplinada. É por isso também, venerável senhor, que deduzo de acordo com o Dhamma a respeito do Abençoado: ‘O Abençoado é perfeitamente iluminado, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, a Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho.’

14-16. “Outra vez, venerável senhor, eu vi alguns nobres ... brâmanes ... chefes de família instruídos, expertos, conhecedores das doutrinas dos outros, astutos como franco-atiradores precisos; eles andam por aí, por assim dizer, demolindo as idéias dos outros com a sua inteligência arguta. Ao ouvirem: ‘O contemplativo Gotama irá visitar tal e tal vilarejo ou cidade,’ eles elaboram uma questão assim: ‘Iremos até o contemplativo Gotama e faremos esta pergunta. Se ele for perguntado assim, ele irá responder assim e portanto, iremos refutar a sua doutrina dessa forma; ou se ele for perguntado assado, ele irá responder assado e portanto, iremos refutar a sua doutrina dessa forma.’

Eles ouvem: ‘O contemplativo Gotama veio visitar tal e tal cidade ou vilarejo.’ Eles vão até o contemplativo Gotama e o contemplativo Gotama instrui, motiva, estimula e encoraja a todos com um discurso do Dhamma. Depois que eles foram instruídos, motivados, estimulados e encorajados pelo contemplativo Gotama com um discurso do Dhamma, eles nem ao menos fazem a pergunta, pois como poderiam refutar a sua doutrina? Na verdade, eles se tornam seus discípulos. É por isso também, venerável senhor, que deduzo de acordo com o Dhamma a respeito do Abençoado: ‘O Abençoado é perfeitamente iluminado, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, a Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho.’

17. “Outra vez, venerável senhor, eu vi alguns contemplativos instruídos, expertos ... eles nem ao menos fazem a pergunta, pois como poderiam refutar a sua doutrina? Na verdade, eles pedem ao contemplativo Gotama permissão para seguir a vida santa e ele lhes dá a permissão. Não muito tempo depois de ter adotado a vida santa, permanecendo só, isolados, diligentes, ardentes e decididos e realizando por si mesmos através do conhecimento direto, eles alcançam e permanecem no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa. Eles dizem o seguinte: ‘Nós estávamos quase perdidos, nós tínhamos quase morrido, pois antes reivindicávamos ser contemplativos apesar de na verdade não o sermos; reivindicávamos ser brâmanes apesar de na verdade não o sermos; reivindicávamos ser *arahants* apesar de na verdade não o sermos. Mas, agora somos contemplativos, agora somos brâmanes, agora somos *arahants*.’ É por isso também, venerável senhor, que deduzo de acordo com o Dhamma a respeito do Abençoado: ‘O Abençoado é perfeitamente iluminado, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, a Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho.’

18. “Outra vez, venerável senhor, Isidatta e Purana, meus dois inspetores, comem da minha comida e usam as minhas carruagens; eu lhes proporciono um modo de vida e lhes trago fama. No entanto, apesar disso, eles demonstram menos respeito para comigo do que para com o Abençoado. Certa vez, quando parti liderando um exército e estava testando esses inspetores aconteceu de eu ter sido colocado num dormitório com muito pouco espaço. Então esses dois inspetores depois de passarem boa parte da noite conversando sobre o Dhamma, deitaram-se com a cabeça voltada para a direção que eles ouviram dizer que o Abençoado estaria, e com os seus pés voltados para mim. Eu pensei: ‘É maravilhoso, é admirável! Esses dois inspetores comem da minha comida e usam as minhas carruagens; eu lhes proporciono um modo de vida e lhes trago fama. No entanto, apesar disso, eles demonstram menos respeito para comigo do que para com o Abençoado. Com certeza estas boas pessoas percebem estados sucessivos de elevada distinção na Revelação do Abençoado.’ É por isso também, venerável senhor, que deduzo de acordo com o Dhamma a respeito do Abençoado: ‘O Abençoado é perfeitamente iluminado, o Dhamma é bem proclamado pelo Abençoado, a Sangha dos discípulos do Abençoado pratica o bom caminho.’

19. “Outra vez, venerável senhor, o Abençoado é um nobre e eu sou um nobre, o Abençoado é de Kosala e eu sou de Kosala, o Abençoado tem oitenta anos de idade e eu tenho oitenta anos de idade. [cxvii](#) Sendo assim, eu penso ser apropriado fazer uma homenagem tão extrema para esse corpo e demonstrar tamanha amizade.”

20. E agora, venerável senhor, nós partiremos. Estamos muito ocupados e temos muito que fazer.”

“Agora é o momento, grande rei, faça como julgar adequado.”

Então o rei Pasenadi de Kosala levantou-se do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu. [cxviii](#)

21. Então, pouco depois dele ter partido, o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: “*Bhikkhus*, antes de se levantar do seu assento e partir, este Rei Pasenadi expressou monumentos ao Dhamma. [cxix](#) Aprendam os monumentos ao Dhamma, *bhikkhus*, conheçam bem os monumentos ao Dhamma, recordem-se dos monumentos ao Dhamma. Os monumentos ao Dhamma são benéficos, *bhikkhus*, e eles fazem parte dos fundamentos da vida santa.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

90 *Kannakatthala Sutta*

Em Kannakatthala

O rei Pasenadi pergunta sobre a onisciência, a distinção entre as castas e as divindades

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Ujunna, no Parque do Gamo de Kannakatthala.

2. Agora, naquela ocasião o Rei Pasenadi de Kosala havia chegado em Ujunna para tratar de negócios. Então ele disse para um homem:

“Venha, bom homem, vá até o Abençoado e preste uma homenagem em meu nome com a sua cabeça aos pés dele e pergunte se ele está livre de enfermidades e aflições, se está com saúde, forte e vivendo com conforto, dizendo: ‘Venerável senhor, hoje o Rei Pasenadi de Kosala virá até o Abençoado depois que ele tiver comido o seu desjejum.’”

“Sim, senhor,” o homem respondeu e foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e relatou a sua mensagem.

3. As irmãs Soma e Sakula [cxx](#) ouviram: “Hoje o Rei Pasenadi de Kosala irá visitar o Abençoado depois que ele tiver comido o seu desjejum.”

Então, enquanto a refeição estava sendo servida, as duas irmãs foram até o rei e disseram: “Senhor, homenageie o Abençoado em nosso nome com a cabeça aos seus pés e pergunte se o Abençoado está livre de enfermidades e aflições, se está com saúde, forte e vivendo com conforto.”

4. Então, quando ele terminou o desjejum, o Rei Pasenadi de Kosala foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, sentou a um lado e relatou a mensagem das irmãs Soma e Sakula.

“Que as irmãs Soma e Sakula sejam felizes, grande rei.”

5. Então o Rei Pasenadi de Kosala disse para o Abençoado: “Venerável senhor, eu ouvi o seguinte: ‘O contemplativo Gotama diz: “Não há contemplativo ou brâmane que seja onisciente e capaz de ver tudo, que reivindique ter conhecimento e visão completos; isso não é possível.”’ Venerável senhor, aqueles que assim dizem, falam aquilo que foi dito pelo Abençoado e não o deturpam com algo contrário aos fatos? Eles explicam de acordo com o Dhamma de tal modo que nada que possa dar margem à censura possa de forma legítima ser deduzido da declaração deles?”

“Grande Rei, aqueles que dizem isso não falam aquilo que foi dito por mim, mas me deturpam com algo que não é verdadeiro e é contrário aos fatos.”

6. Então o Rei Pasenadi de Kosala se dirigiu ao General Vidudabha: “General, quem introduziu essa história no palácio?”

“Foi Sanjaya, senhor, o brâmane do clã Akasa.”

7. Então o Rei Pasenadi de Kosala disse para um homem: “Venha, bom homem, em meu nome diga para Sanjaya, o brâmane do clã Akasa: ‘Venerável senhor, o Rei Pasenadi de Kosala o chama.’”

“Sim, senhor,” o homem respondeu. Ele foi até Sanjaya, o brâmane do clã Akasa, e disse: “Venerável senhor, o Rei Pasenadi de Kosala o chama.”

8. Nesse ínterim o Rei Pasenadi de Kosala disse para o Abençoado: “Venerável senhor, poderia outra coisa ter sido dita pelo Abençoado referindo-se a isto e a pessoa tê-lo compreendido de forma errada? De que forma o Abençoado se recorda ter feito essa declaração?”

“Eu recordo ter feito essa declaração na verdade da seguinte forma, grande rei: ‘Não há contemplativo ou brâmane que saiba tudo, que seja capaz de tudo ver, simultaneamente; isso não é possível’” [cxi](#)

“O que o Abençoado disse parece ser razoável, o que o Abençoado disse parece ter suporte na razão: ‘Não há contemplativo ou brâmane que saiba tudo, que seja capaz de tudo ver, simultaneamente; isso não é possível.’”

9. “Existem essas quatro castas, venerável senhor: os nobres, os brâmanes, os comerciantes e os trabalhadores. Existe alguma distinção ou diferença entre elas?”

“Existem essas quatro castas, grande rei: os nobres, os brâmanes, os comerciantes e os trabalhadores. Duas delas, isto é, os nobres e os brâmanes, são consideradas como superiores visto que os homens prestam-lhes homenagem, se levantam e prestam saudações respeitadas, e oferecem-lhes serviços com cortesia.”

10. “Venerável senhor, eu não estava perguntando sobre esta vida atual; eu estava perguntando sobre a vida que virá.”

“Grande rei, existem estes cinco fatores para o esforço. Quais cinco? Aqui um *bhikkhu* tem fé, ele deposita sua fé na iluminação do *Tathagata* assim: ‘O Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.’ Então ele se vê livre de enfermidades e aflições, possuindo uma boa digestão que não é nem demasiado fria nem demasiado quente mas média e capaz de suportar a tensão do esforço. Então ele é honesto e sincero e se mostra como na verdade ele é para o seu mestre e os seus companheiros na vida santa. Então ele é energético no abandono dos estados prejudiciais e no empenho pelos estados benéficos, decidido, dedicando-se ao esforço com firmeza e perseverando no cultivo de estados benéficos. Então ele é sábio; ele possui a completa compreensão da origem e cessação, que é nobre e penetrante, conduzindo à completa destruição do sofrimento. Esses são os cinco fatores para o esforço.

“Existem essas quatro castas, grande rei: os nobres, os brâmanes, os comerciantes e os trabalhadores. Agora se eles possuírem esses cinco fatores do esforço, isso conduzirá ao bem-estar e felicidade deles por um longo tempo.”

11. “Venerável senhor, existem essas quatro castas: os nobres, os brâmanes, os comerciantes e os trabalhadores. Agora se elas possuísem esses cinco fatores do esforço, haveria alguma diferença entre elas com relação a isso?”

“Aqui, grande rei, eu digo que a diferença entre elas estaria na diversidade do seu esforço. Suponha que houvesse dois elefantes, ou cavalos, ou bois, que estivessem bem domados e bem disciplinados, e dois elefantes, ou cavalos, ou bois, que estivessem indomados e indisciplinados. O que você pensa grande rei? Os dois elefantes, ou cavalos, ou bois, que estivessem bem domados e bem disciplinados, estando amansados eles adquiririam o comportamento dos domados, eles obteriam o grau dos domados?”

“Sim, venerável senhor.”

“E os dois elefantes, ou cavalos, ou bois, que estivessem indomados e indisciplinados, estando indomados eles adquiririam o comportamento dos domados, eles obteriam o grau dos domados, igual aos dois elefantes, ou cavalos, ou bois que estavam bem domados e bem disciplinados?”

“Não, venerável senhor.”

“Assim também, grande rei, não é possível que aquilo que pode ser alcançado por alguém que tem fé, que está livre de enfermidades, que é honesto e sincero, que é energético e que é sábio, possa ser alcançado por alguém que não tem fé, que é enfermo, que é dissimulador e trapaçeiro, que é preguiçoso, e que não é sábio.”

12. “O que o Abençoado disse parece ser razoável, o que o Abençoado disse parece ter suporte na razão.

“Existem essas quatro castas, venerável senhor: os nobres, os brâmanes, os comerciantes e os trabalhadores. Agora, se elas possuísem esses cinco fatores do esforço e se o seu esforço fosse correto, haveria alguma diferença entre elas com relação a isso?”

“Aqui, grande rei, com relação a isso eu digo que entre elas não há diferença, isto é, entre a libertação de uma e a libertação das outras. Suponha que um homem tomasse a madeira seca de uma árvore saka, acendesse um fogo e produzisse calor; e depois um outro homem tomasse a madeira seca de uma árvore sala, acendesse um fogo e produzisse calor; e depois um outro homem tomasse a madeira seca de uma mangueira, acendesse um fogo e produzisse calor; e depois um outro homem tomasse a madeira seca de uma figueira, acendesse um fogo e produzisse calor. O que você pensa, grande rei? Haveria alguma diferença no fogo acendido com esses diferentes tipos de madeira, isto é, entre a chama de uma e a chama das outras, ou entre a cor de uma e a cor das outras, ou entre a luminosidade de uma e a luminosidade das outras?”

“Não, venerável senhor.”

“Assim também, grande rei, quando um fogo é acendido através da energia, queima através do esforço, não há, eu digo, diferença, isto é, entre a libertação de uma e a libertação das outras.”

13. “O que o Abençoado disse parece ser razoável, o que o Abençoado disse parece ter suporte na razão. Mas, venerável senhor, como é isso: existem *devas*?”

“Porque você pergunta isso, grande rei?”

“Venerável senhor, eu estava perguntando se os *devas* retornam a este estado [humano] ou não retornam.”

“Grande rei, aqueles *devas* que ainda estão sujeitos à aflição retornam a este estado [humano], aqueles *devas* que não estão mais sujeitos à aflição não retornam a este estado humano.”

14. Quando isso foi dito, o General Vidudabha perguntou para o Abençoado: “Venerável senhor, aqueles *devas* que ainda estão sujeitos à aflição e que retornam a este estado [humano] são capazes de demitir ou banir daquele lugar aqueles *devas* que não estão mais sujeitos à aflição e que não retornam a este estado [humano]?”

Então o venerável Ananda pensou: “Esse General Vidudabha é o filho do Rei Pasenadi de Kosala, e eu sou o filho do Abençoado. Este é o momento em que um filho deve falar ao outro.” Ele disse para o General Vidudabha: “General, eu lhe farei uma pergunta em retorno. Responda como quiser, General, o que você acha? Há toda essa extensão do reino do Rei Pasenadi de Kosala, onde ele exerce liderança e soberania; agora, o Rei Pasenadi de Kosala pode demitir ou banir desse lugar qualquer contemplativo ou

brâmane, sem tomar em conta se esse contemplativo ou brâmane possui mérito ou não, e se ele vive a vida santa ou não?”

“Ele pode fazer isso, senhor.”

“O que você pensa, general? Há toda essa extensão que não faz parte do reino do Rei Pasenadi de Kosala, onde ele não exerce liderança e soberania; agora, o Rei Pasenadi de Kosala pode demitir ou banir desse lugar qualquer contemplativo ou brâmane, sem tomar em conta se esse contemplativo ou brâmane possui mérito ou não, e se ele vive a vida santa ou não?”

“Ele não pode fazer isso, senhor.”

“General, o que você pensa? Você ouviu acerca dos *devas* do Trinta e três?”

“Sim, senhor, eu ouvi acerca deles. E o Rei Pasenadi de Kosala também ouviu acerca deles.”

“General, o que você pensa? O Rei Pasenadi de Kosala pode demitir os *devas* do Trinta e três ou baní-los daquele lugar?”

“Senhor, o Rei Pasenadi de Kosala não é nem capaz de ver os *devas* do Trinta e três, então como poderia ele demiti-los ou baní-los daquele lugar?”

“Assim também, general, aqueles *devas* que ainda estão sujeitos à aflição e que retornam a este estado [humano] não são nem capazes de ver os *devas* que não estão mais sujeitos à aflição e que não retornam a este estado [humano]; então como poderiam eles demiti-los ou baní-los daquele lugar?”

15. Então o Rei Pasenadi de Kosala perguntou para o Abençoado: “Venerável senhor, qual é o nome desse *bhikkhu*?”

“O nome dele é Ananda, grande rei.”

“Ananda [alegria] ele de fato é, venerável senhor, e Ananda ele aparenta ser. O que o venerável Ananda disse parece ser razoável, o que ele disse parece ter suporte na razão. Mas, venerável senhor, como é isso: existem *Brahmas*?”

“Porque você pergunta isso, grande rei?”

“Venerável senhor, eu estava perguntando se os *Brahmas* retornam a este estado [humano] ou se não retornam.”

“Grande rei, aqueles *Brahmas* que ainda estão sujeitos à aflição retornam a este estado [humano], aqueles *Brahmas* que não estão mais sujeitos à aflição não retornam a este estado humano.”

16. Então um homem anunciou para o Rei Pasenadi de Kosala: “Grande rei, Sanjaya, o brâmane do clã Akasa chegou.”

O Rei Pasenadi de Kosala perguntou a Sanjaya, o brâmane do clã Akasa: “Brâmane, quem introduziu essa história no palácio?”

“Senhor, foi o General Vidudabha.”

O General Vidudabha disse: “Senhor foi Sanjaya, o brâmane do clã Akasa.”

17. Então um homem anunciou para o Rei Pasenadi de Kosala: “Senhor, está na hora de partir.”

O Rei Pasenadi de Kosala disse para o Abençoado: “Venerável senhor, perguntamos ao Abençoado acerca da onisciência e o Abençoado respondeu acerca da onisciência; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Perguntamos ao Abençoado acerca da purificação das quatro castas e o Abençoado respondeu acerca da purificação das quatro castas; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Perguntamos ao Abençoado acerca dos *devas* e o Abençoado respondeu acerca dos *devas*; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Perguntamos ao Abençoado acerca dos *Brahmas* e o Abençoado respondeu acerca dos *Brahmas*; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Qualquer coisa que perguntamos ao Abençoado, isso o Abençoado respondeu; nós aprovamos e aceitamos as respostas e assim estamos satisfeitos. E agora, venerável senhor, nós partiremos. Estamos ocupados e temos muito o que fazer”.

“Agora é o momento, grande rei, faça como julgar adequado.”

18. Então o Rei Pasenadi de Kosala, tendo ficado satisfeito e contente com as palavras do Abençoado, levantou-se do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

91 *Brahmayu Sutta*

Brahmayu

As 32 marcas de um grande homem no Buda

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando pelo país dos Videhas com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*.

2. Agora, naquela ocasião o brâmane Brahmayu estava vivendo em Mithila. Ele era um velho, envelhecido, com a idade avançada, pressionado pelos anos, avançado na vida, chegando ao último estágio; ele estava no seu centésimo vigésimo ano. Ele era um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como

quinto elemento; hábil em filologia e gramática, ele era um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem. [cxxii](#)

3. O brâmane Brahmayu ouviu: “Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, anda perambulando pelo país dos Videhas com um grande número de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.’

4. Agora, naquela época o brâmane Brahmayu tinha um pupilo, o jovem Uttara, que era um estudante dos Vedas ... um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem. Ele disse para Uttara: “Estimado Uttara, Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, está perambulando pelo país dos Videhas com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus* ... É bom poder encontrar alguém tão nobre. Agora, estimado Uttara, vá ver o contemplativo Gotama para descobrir se esse relato é correto ou não e se o Mestre Gotama é como dizem. Assim, conheceremos o Mestre Gotama por seu intermédio.”

5. “Senhor, como irei descobrir se esse relato é correto ou não e se o Mestre Gotama é como dizem ?”

“Estimado Uttara, as trinta e duas marcas de um grande homem foram transmitidas através dos nossos mantras e o Grande Homem que as possui tem apenas dois possíveis destinos, nenhum outro. [cxxiii](#) Se ele viver a vida em família ele se tornará um Monarca que gira a roda, um monarca justo que governará de acordo com o Dhamma; conquistador dos quatro pontos cardeais, que estabelecerá a segurança no seu reino e que possuirá os sete tesouros. Que são: a Roda Preciosa, o Elefante Precioso, o Cavalo Precioso, a Jóia Preciosa, a Mulher Preciosa, o Tesoureiro Precioso e como sétimo o Conselheiro Precioso. Ele terá mais de mil filhos que serão corajosos e heróicos e que aniquilarão os exércitos inimigos. Ele governará, tendo conquistado esta terra circundada pelo mar, sem bastão ou espada, através do Dhamma. Mas se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, então ele se tornará um *arahant*, um Buda perfeitamente iluminado, aquele que remove o véu do mundo. [cxxiv](#) E eu, Uttara, sou o transmissor dos mantras e você é o recebedor.

6. ‘Sim, senhor,’ ele respondeu. Ele se levantou, e depois de homenagear o brâmane Brahmayu, mantendo-o à sua direita, partiu em direção ao país dos Videhas, onde o Abençoado estava perambulando. Viajando em etapas ele chegou até onde o Abençoado estava e ambos se cumprimentaram. Depois que a conversa amigável e cortês havia

terminado, ele sentou a um lado e procurou as trinta e duas marcas de um Grande Homem no corpo do Abençoado. Ele viu mais ou menos as trinta e duas marcas de um Grande Homem no corpo do Abençoado, exceto duas; ele ficou em dúvida e não podia ter certeza sobre duas dessas marcas, e não pôde chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua.

Então, ocorreu ao Abençoado que: “Este estudante brâmane Uttara vê mais ou menos as trinta e duas marcas de um Grande Homem no meu corpo, exceto duas; ele tem dúvida e incerteza sobre duas dessas marcas e não pode chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua.

7. Então, o Abençoado através dos seus poderes supra-humanos fez com que o estudante brâmane Uttara pudesse ver a sua genitália contida numa bainha. Em seguida, o Abençoado esticou a língua para fora, lambendo ambas as orelhas e ambas as narinas e depois cobriu toda a extensão da sua testa com a língua.

8. Então, o estudante brâmane Uttara pensou: “O contemplativo Gotama está provido de todas as trinta e duas marcas de um Grande Homem, completas e sem faltar nenhuma. E se eu seguisse o contemplativo Gotama e observasse o seu comportamento?”

Então, ele seguiu o Abençoado por sete meses como uma sombra, sem nunca deixá-lo. Ao fim dos sete meses no país dos Videhas, ele partiu em jornada para Mithila onde se encontrava o brâmane Brahmayu. Ao chegar, ele o cumprimentou e sentou a um lado. Em seguida o brâmane Brahmayu perguntou: “Bem, estimado Uttara, o relato sobre o Mestre Gotama é correto ou não, o Mestre Gotama é como dizem ?”

9. “O relato sobre o Mestre Gotama é correto, não incorreto; e o Mestre Gotama é como dizem, não de outra forma. Ele possui as trinta e duas marcas de um Grande Homem.

Mestre Gotama tem os pés chatos – essa é a marca de um Grande Homem no Mestre Gotama.

Nas solas dos seus pés há rodas com mil raios e cubo, toda completa ...

Ele tem os calcanhares protuberantes ...

Os dedos dos pés e das mãos são longos ...

As mãos e os pés são suaves e delicados ...

As mãos e os pés são reticulados ...

Os seus tornozelos são alongados ...

As suas pernas são como as de um antílope ...

Quando ele fica em pé sem se inclinar, as palmas de ambas mãos tocam os joelhos ...

A sua genitália está contida numa bainha ...

A sua complexão é brilhante, de cor dourada ...

A sua pele é sutil e devido à sutileza da sua pele, a poeira e a sujeira não aderem ao seu corpo ...

Os pelos do corpo crescem separadamente, cada um no seu poro

As pontas dos pelos do corpo são curvadas para cima; a cor dos pelos é preta azulada, enrolados para a direita ...

Ele tem os membros retos de um *Brahma*
Ele tem sete convexidades ...
Ele tem o torso de um leão ...
Não há um sulco entre os ombros ...
Ele tem as proporções de uma figueira-de-bengala; a envergadura dos seus braços equivale à altura do seu corpo, e a altura do seu corpo equivale à envergadura dos seus braços ...
O seu pescoço e ombros são nivelados ...
O seu paladar é excepcionalmente apurado ...
Ele tem a mandíbula de um leão ...
Ele tem quarenta dentes ..
Os seus dentes são nivelados
Os seus dentes não têm espaços ...
Os seus dentes são bem brancos ...
Ele tem uma língua muito grande ...
Ele tem uma voz divina, como o gorjeio de um pássaro ...
Os seus olhos são de um azul profundo ...
Ele tem os cílios de um touro ...
Ele tem pelos no espaço entre as sobrancelhas e eles são brancos com o brilho do algodão macio ...
A sua cabeça tem o formato de um turbante - essa é a marca de um Grande Homem no Mestre Gotama.
O Mestre Gotama está dotado dessas trinta e duas marcas de um Grande Homem.

10. “Ao caminhar, ele dá o primeiro passo com o pé direito. Ele não estende o pé em demasia ou o coloca muito perto. Ele caminha nem tão rápido, nem tão devagar. Ele caminha sem que os joelhos se toquem. Ele caminha sem que os tornozelos se toquem. Ele caminha sem levantar ou baixar as coxas, sem trazê-las juntas ou mantê-las separadas. Ao caminhar, apenas a parte baixa do seu corpo oscila, e ele não caminha por meio do esforço corporal. Ao virar-se para olhar, ele assim o faz com todo o corpo. Ele não mantém o olhar para cima; ele não mantém o olhar para baixo. Ele não caminha olhando em volta. Ele mantém o olhar a uma pequena distância à sua frente; e numa distância maior, ele tem conhecimento e visão desimpedidos.

11. “Quando ele chega num lugar fechado, ele não levanta ou abaixa o seu corpo, ou o inclina para frente, ou para trás. Ele dá a volta não muito distante do assento, nem muito próximo deste. Ele não se apóia no assento com as mãos. Ele não larga o corpo sobre o assento.

12. “Quando sentado num lugar fechado, ele não fica mexendo as mãos nervosamente. Ele não mexe os pés nervosamente. Ele não senta com os joelhos cruzados. Ele não senta com os tornozelos cruzados. Ele não senta com a mão segurando o queixo. Quando sentado num lugar fechado ele não tem temor, ele não treme e se agita, ele não fica nervoso. Destemido, sem tremer ou se agitar, ou ficar nervoso, os seus pelos não ficam em pé, e ele tem como intenção o isolamento.

13. “Ao receber água para a tigela, ele não levanta ou abaixa a tigela, ou a inclina para frente ou para trás. Ele recebe nem pouca, nem muita água para a tigela. Ele lava a tigela sem fazer ruído. Ele lava a tigela sem girá-la. Ele não coloca a tigela no chão para lavar as mãos: quando as mãos estão lavadas a tigela está lavada; e quando a tigela está lavada as mãos estão lavadas. Ele verte a água da tigela nem demasiado longe, nem demasiado perto e ele não verte o seu conteúdo por todos os lados.

14. “Ao receber arroz, ele não levanta ou abaixa a tigela, ou a inclina para frente ou para trás. Ele recebe nem pouco, nem muito arroz. Ele adiciona os molhos na proporção correta; ele não excede a quantidade correta de molho em cada bocado. Ele gira o bocado duas ou três vezes na boca e depois o engole, e nenhum grão de arroz entra no seu corpo sem ser mastigado, e nenhum grão de arroz permanece na sua boca; depois ele toma outro bocado. Ele se alimenta experienciando o sabor, embora sem experimentar cobiça pelo sabor. A comida que ele ingere possui oito fatores: o alimento não deve ser tomado como forma de diversão ou para embriaguez, tampouco com o objetivo de embelezamento e para ser mais atraente, mas somente com o propósito de manter a resistência e continuidade do corpo, como forma de dar um fim ao desconforto e para auxiliar a vida santa. Considerando: ‘Dessa forma darei um fim às antigas sensações (de fome) sem despertar novas sensações (de comida em excesso) e serei saudável e sem culpa e viverei em comodidade.’”

15. “Depois de comer e receber água para a tigela, ele não levanta ou abaixa a tigela, ou a inclina para frente, ou para trás. Ele recebe nem pouca, nem muita água para a tigela. Ele lava a tigela sem fazer ruído. Ele lava a tigela sem girá-la. Ele não coloca a tigela no chão para lavar as mãos: quando as mãos estão lavadas a tigela está lavada; e quando a tigela está lavada as mãos estão lavadas. Ele verte a água da tigela nem demasiado longe, nem demasiado perto e ele não verte o seu conteúdo por todos os lados.

16. “Depois de comer, ele coloca a tigela nem muito longe, nem muito perto; e ele não é nem negligente e tampouco excessivamente preocupado com relação à tigela.

17. “Depois de comer, ele senta em silêncio durante algum tempo, mas ele não deixa escapar o momento certo para a bênção. ^{cxv} Depois de comer e ao dar a bênção, ele assim o faz sem criticar a refeição ou na expectativa de uma outra refeição; ele instrui, motiva, estimula e encoraja a audiência com um discurso puramente do Dhamma. Depois de ter feito isso, ele levanta do seu assento e parte.

18. “Ele caminha nem muito depressa, nem muito devagar, e ele não caminha como alguém que quer se evadir.

19. “O seu manto é usado nem muito alto, nem muito baixo no corpo, nem demasiado justo no corpo, nem demasiado folgado no corpo, nem o vento faz com que o manto se solte do seu corpo. A poeira e a sujeira não sujam o seu corpo.

20. “Ao chegar no monastério, ele senta num assento que tenha sido preparado. Tendo sentado, ele lava os pés, embora ele não tenha preocupação com a beleza dos pés. Tendo

lavado os pés, ele senta com as pernas cruzadas, mantém o corpo ereto e estabelece a plena atenção à sua frente. Ele não ocupa a sua mente com a sua própria aflição, ou a aflição dos outros, ou a aflição de ambos; ele senta com a mente focada no seu próprio bem-estar, no bem-estar dos outros e no bem-estar de ambos, até mesmo no bem-estar de todo o mundo.

21. “Ao chegar no monastério, ele ensina o Dhamma para uma audiência. Ele nem elogia e tampouco recrimina aquela audiência; ele instrui, motiva, estimula e encoraja a audiência com um discurso puramente do Dhamma. O discurso que sai da sua boca tem oito qualidades: é claro, inteligível, melodioso, audível, envolvente, eufônico, profundo e sonoro. Mas ao mesmo tempo que a sua voz é inteligível até onde há audiência, o seu discurso não vai além da audiência. Quando as pessoas foram instruídas, motivadas, estimuladas e encorajadas por ele, elas se levantam dos seus assentos e partem olhando apenas para ele e sem preocupação com mais nada.

22. “Nós vimos o Mestre Gotama caminhando, senhor, nós o vimos em pé, nós o vimos entrar num lugar fechado, nós o vimos dentro de um lugar fechado sentado em silêncio depois de comer, e nós o vimos dar a bênção depois de comer, nós o vimos indo para o monastério em silêncio, nós o vimos no monastério ensinando o Dhamma para uma audiência. Assim é o Mestre Gotama; assim é ele, e mais do que isso.”

23. Quando isso foi dito, o brâmane Brahmayu levantou-se do seu assento e arrumando o manto externo sobre o ombro, juntou as mãos em respeitosa saudação na direção do Abençoado e pronunciou esta exclamação três vezes: “Honra ao Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado! Honra ao Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado! Honra ao Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado! Talvez um dia desses possamos encontrar o Mestre Gotama e ter uma conversa com ele.”

24. Então, no transcurso da sua perambulação o Abençoado acabou chegando em Mithila. Lá, o Abençoado se estabeleceu no mangueiral de Makhadeva. Os brâmanes chefes de família de Mithila ouviram: “Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, andava perambulando no país dos Videhas com um grande número de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, ele agora chegou em Mithila estabelecendo-se no mangueiral de Makhadeva. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação ...(igual ao verso 3) ... É bom poder encontrar alguém tão nobre.”

25. Assim, os brâmanes chefes de família de Mithila foram até o Abençoado. Alguns homenagearam o Abençoado ... alguns trocaram saudações corteses com ele ... alguns ajuntaram as mãos em respeitosa saudação ... alguns anunciaram o seu nome e clã ... alguns permaneceram em silêncio e sentaram a um lado.

26. O brâmane Brahmayu ouviu: “Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas chegou em Mithila estabelecendo-se no mangueiral de Makhadeva.”

Então, o brâmane Brahmayu foi para o mangueiral de Makhadeva com um número de estudantes brâmanes. Ao chegar no mangueiral, ele pensou: “Não é apropriado que eu vá até o contemplativo Gotama sem ser primeiro anunciado.” Então, ele se dirigiu a um certo estudante brâmane: “Venha, estudante brâmane, vá até o contemplativo Gotama e pergunte em meu nome se o contemplativo Gotama está livre de aflições e enfermidades, e se ele se encontra saudável, forte e vivendo com conforto, dizendo: ‘O brâmane Brahmayu, Mestre Gotama, é um velho, envelhecido, pressionado pelos anos, com a idade avançada, chegando ao último estágio; ele está no seu centésimo vigésimo ano. Ele é um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento; hábil em filologia e gramática, ele é um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem. De todos os brâmanes chefes de família que vivem em Mithila, o brâmane Brahmayu é declarado como o principal dentre eles em riqueza, no conhecimento dos mantras, em idade e fama. Ele deseja ver o Mestre Gotama.’”

“Sim, senhor” o estudante brâmane respondeu. Ele foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram, e quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele ficou em pé a um lado e relatou a sua mensagem. [O Abençoado disse:]

“Agora é o momento para que o brâmane Brahmayu faça como julgar adequado.”

27. Então, o estudante brâmane foi até o brâmane Brahmayu e disse: “A permissão foi concedida pelo contemplativo Gotama. Agora é o momento, senhor, para fazer como julgar adequado.”

Assim o brâmane Brahmayu foi até o Abençoado. A assembléia o viu chegando à distância e de imediato eles abriram o caminho como para alguém que é bem conhecido e famoso. Então, o brâmane Brahmayu disse para a assembléia: “Basta senhores, que cada um sente no seu assento. Eu sentarei aqui ao lado do contemplativo Gotama.”

28. Então, ele foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram, e quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e procurou pelas trinta e duas marcas de um Grande Homem no corpo do Abençoado. Ele viu mais ou menos as trinta e duas marcas de um Grande Homem no corpo do Abençoado, exceto duas; ele ficou em dúvida e não podia ter certeza sobre duas dessas marcas, e não pôde chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua.

29. Então o brâmane Brahmayu se dirigiu ao Abençoado em versos:

“As duas e trinta marcas eu aprendi
que são as marcas de um Grande Homem -
mas eu não vejo duas dessas
no seu corpo, Gotama.
É aquilo que deve ser coberto por um pano
escondido numa bainha, homem superior?
Embora nomeada por uma palavra do sexo feminino,

talvez a sua língua seja máscula?
Talvez a sua língua também seja grande,
de acordo com aquilo que foi ensinado?
Por favor ponha a língua um pouco para fora
e assim, Oh! Vidente, sane a nossa dúvida
para o bem-estar nesta mesma vida
e felicidade nas vidas que virão.
E agora ansiamos pela permissão para perguntar
algo que desejamos conhecer.”

30. Então, ocorreu ao Abençoado que: “Este brâmane Brahmayu vê mais ou menos as trinta e duas marcas de um Grande Homem no meu corpo, exceto duas; ele tem dúvida e incerteza sobre duas dessas marcas e não pode chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua.

Então, o Abençoado através dos seus poderes supra-humanos fez com que o brâmane Brahmayu pudesse ver a sua genitália contida numa bainha. Em seguida, o Abençoado esticou a língua para fora, lambendo ambas as orelhas e ambas as narinas, e depois cobriu toda a extensão da sua testa com a língua

31. Então, o Abençoado disse estes versos em resposta ao brâmane Brahmayu:

“As duas e trinta marcas que você aprendeu
que são as marcas de um Grande Homem -
todas podem ser encontradas no meu corpo:
portanto, brâmane, não tenha mais dúvida disso,
o que deve ser conhecido foi conhecido diretamente,
o que deve ser desenvolvido foi desenvolvido,
o que deve ser abandonado foi abandonado,
por conseguinte, brâmane, eu sou um Buda.
Para o bem-estar nesta mesma vida
e felicidade nas vidas que virão,
visto que a permissão lhe foi concedida,
por favor pergunte o que quiser,
qualquer coisa a que você aspire conhecer.”

32. Então o brâmane Brahmayu pensou: “A permissão me foi concedida pelo contemplativo Gotama. Sobre o que devo perguntar: sobre o bem nesta vida ou nas vidas que virão?” Então ele pensou: “Eu sou hábil no que diz respeito ao bem nesta vida, e os outros também me perguntam sobre o bem nesta vida. Porque não lhe pergunto sobre o bem nas vidas que virão?” Então ele se dirigiu ao Abençoado em versos:

“Como alguém se torna um brâmane?
E como se obtém o conhecimento?
Como se obtém o conhecimento tríplice?
E como alguém se torna um estudioso santo?

Como alguém se torna um *arahant*?
E como alguém alcança a perfeição?
Como alguém é um sábio silencioso?
E como alguém pode ser chamado de Buda?”

33. Então o Abençoado disse estes versos em resposta:

“Quem conhece as suas vidas passadas,
vê os paraísos e os estados de privação,
e alcançou a destruição do nascimento -
um sábio que compreende através do conhecimento direto,
que sabe que a sua mente está purificada,
completamente livre de qualquer desejo,
que abandonou o nascimento e morte,
perfeito na vida santa,
que transcendeu tudo -
alguém assim é chamado de Buda.

34. Quando isso foi dito, o brâmane Brahmayu levantou do seu assento e depois de arrumar o seu manto externo sobre um ombro, prostrando-se com a cabeça aos pés do Abençoado, cobrindo os pés do Abençoado com beijos e acariciando-os com as mãos, pronunciando o seu nome: “Eu sou o brâmane Brahmayu, venerável senhor; Eu sou o brâmane Brahmayu de Kosala, venerável senhor.”

35. Aqueles presentes na assembléia ficaram admirados e maravilhados e disseram: “É admirável, senhores, é maravilhoso, esse grande poder e força que o contemplativo Gotama possui, e que faz com que o famoso brâmane Brahmayu preste tamanha demonstração de humildade!”

Então, o Abençoado disse para o brâmane Brahmayu: “Já basta, brâmane, levante-se; sente no seu assento visto que a sua mente tem confiança em mim.”

O brâmane Brahmayu então levantou e sentou-se no seu assento.

36. Então, o Abençoado transmitiu-lhe o ensino gradual, isto é, ele falou sobre a generosidade, sobre a virtude, sobre o paraíso; ele explicou o perigo, a degradação e as contaminações dos prazeres sensuais e as vantagens da renúncia. Quando ele percebeu que a mente do brâmane Brahmayu estava pronta, receptiva, livre de obstáculos, satisfeita, clara, com serena confiança, ele explicou o ensinamento particular dos Budas: o sofrimento, a sua origem, a sua cessação e o caminho. Tal como um pano limpo, com todas as manchas removidas, absorverá um corante de modo adequado, assim também, enquanto o brâmane Brahmayu estava ali sentado, a visão imaculada do Dhamma surgiu nele: “Tudo que está sujeito ao surgimento está sujeito à cessação.” O brâmane Brahmayu viu o Dhamma, alcançou o Dhamma, compreendeu o Dhamma, examinou a fundo o Dhamma; ele superou a dúvida, se libertou da perplexidade, conquistou a intrepidez, e se tornou independente dos outros na Revelação do Mestre.

37. Então, ele disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida. Que o Abençoado junto com a Sangha dos *bhikkhus* concorde em aceitar a refeição de amanhã.” O Abençoado concordou em silêncio. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, o brâmane Brahmayu levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, ele partiu.

38. Então, quando a noite terminou, o brâmane Brahmayu fez com que fossem preparados vários tipos de boa comida na sua própria residência, e fez com que a hora fosse anunciada para o Abençoado: ‘É hora, Mestre Gotama, a refeição está pronta.’

Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e tomando a sua tigela e o manto externo, foi junto com a Sangha dos *bhikkhus* para a residência do brâmane Brahmayu e sentou num assento que havia sido preparado. Então, durante uma semana, com as suas próprias mãos, o brâmane Brahmayu serviu e satisfez a Sangha dos *bhikkhus* liderada pelo Buda com os vários tipos de alimentos.

39. Ao final daquela semana, o Abençoado saiu perambulando pelo país dos Videhas. Pouco depois dele haver partido, o brâmane Brahmayu morreu. Então um grande número de *bhikkhus* foi até o Abençoado e depois de cumprimentá-lo, eles sentaram a um lado e disseram: “Venerável senhor, o brâmane Brahmayu morreu. Qual o seu destino? Qual o seu percurso futuro?”

“*Bhikkhus*, o brâmane Brahmayu era sábio. Ele praticava de acordo com o Dhamma e não me causou problemas na interpretação do Dhamma. Com a destruição dos cinco primeiros grilhões, ele renasceu espontaneamente (nas Moradas Puras) e lá realizará o *parinibbana* sem nunca mais retornar desse mundo.”

Isso foi o que disse o Abençoado. Os *bhikkhus* ficaram satisfeitos e contentes com as palavras do Abençoado.

92 Sela Sutta

Para Sela

O brâmane Sela questiona o Buda

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando pela região de Anguttarapa com uma grande Sangha de *bhikkhus*, com mil duzentos e cinqüenta *bhikkhus* e por fim ele acabou chegando numa cidade chamada Apana.

2. Keniya, o contemplativo com o cabelo emaranhado e sujo ouviu: “Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, anda perambulando pelo país dos Anguttarapas e chegou em Apana com um grande número de *bhikkhus*, com mil duzentos e cinqüenta *bhikkhus*. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação ... (igual ao [MN 91.3](#)) ... É bom poder encontrar alguém tão nobre.”

3. Então, Keniya, o contemplativo com o cabelo emaranhado e sujo foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram, quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado. O Abençoado o instruiu, motivou, estimulou e encorajou com um discurso do Dhamma. Então, depois de ter sido instruído, motivado, estimulado e encorajado pelo Abençoado com um discurso do Dhamma, Keniya disse para o Abençoado: “Que o Mestre Gotama junto com a Sangha dos *bhikkhus* concorde em aceitar a refeição de amanhã oferecida por mim.”

Quando isso foi dito o Abençoado respondeu: “A Sangha dos *bhikkhus* é grande, Keniya, consistindo de mil duzentos e cinqüenta *bhikkhus* e você deposita total confiança nos brâmanes.”

Uma segunda vez ... uma terceira vez Keniya disse para o Abençoado: “Embora a Sangha dos *bhikkhus* seja grande, Mestre Gotama, e embora eu deposite total confiança nos brâmanes, apesar disso, que o Mestre Gotama junto com a Sangha dos *bhikkhus* concorde em aceitar a refeição de amanhã oferecida por mim.” O Abençoado concordou em silêncio.

4. Então, sabendo que o Abençoado havia concordado, Keniya levantou do seu assento e foi até o seu próprio eremitério onde ele se dirigiu aos seus amigos e companheiros, seus pares e parentes da seguinte forma: “Ouçam-me senhores, meus amigos e companheiros, meus pares e parentes. O contemplativo Gotama foi convidado por mim para a refeição de amanhã junto com a Sangha dos *bhikkhus*. Façam as compras e os preparativos necessários para mim.”

“Sim, senhor,” eles responderam, e alguns escavaram fornos, alguns cortaram madeira, alguns lavaram os utensílios, alguns prepararam jarros com água, alguns prepararam os assentos, enquanto que o próprio Keniya erigiu um pavilhão.

5. Agora, naquela ocasião o brâmane Sela estava vivendo em Apana. Ele era um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento; hábil em filologia e gramática, um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem, e ele estava ensinando a recitação dos mantras para trezentos estudantes brâmanes.

6. Naquela época, Keniya havia depositado total confiança no brâmane Sela. Então o brâmane Sela enquanto caminhava e perambulava fazendo exercício acompanhado pelos seus trezentos estudantes brâmanes, chegou ao eremitério de Keniya. Lá ele viu alguns

homens escavando fornos, alguns cortando madeira, alguns lavando utensílios, alguns preparando jarros com água, alguns preparando assentos, enquanto que o próprio Keniya estava erigindo um pavilhão.

7. Ao ver aquilo, ele perguntou para Keniya: “O que está acontecendo? O Mestre Keniya está se casando ou organizando um casamento? Ou haverá um grande sacrifício? Ou o Rei Seniya Bimbisara de Magadha com uma grande comitiva foi convidado para a refeição de amanhã?”

8. “Eu não estou me casando ou organizando um casamento, Mestre Sela, nem o Rei Seniya Bimbisara de Magadha com uma grande comitiva foi convidado para a refeição de amanhã, mas estou planejando um grande sacrifício. O contemplativo Gotama, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, andava perambulando pelo país dos Anguttarapas e chegou em Apana com um grande número de *bhikkhus*, com mil duzentos e cinquenta *bhikkhus*. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.’ Ele foi convidado por mim para a refeição de amanhã junto com a Sangha dos *bhikkhus*.”

9. “Você disse ‘Um *arahant*, perfeitamente iluminado,’ Keniya?”

“Eu disse ‘Um *arahant*, perfeitamente iluminado’ Sela.”

10. Então ocorreu ao brâmane Sela: “Mesmo a palavra ‘Um *arahant*, perfeitamente iluminado’ é difícil de ser encontrada neste mundo. Agora as trinta e duas marcas de um Grande Homem foram transmitidas através de gerações por meio dos nossos mantras e o Grande Homem que as possui tem apenas dois possíveis destinos, nenhum outro. [N123](#) Se ele viver a vida em família ele se tornará um Monarca que gira a roda, um monarca justo que governará de acordo com o Dhamma, conquistador dos quatro pontos cardeais, inconquistável, que estabelecerá a segurança no seu reino e que possuirá os sete tesouros. Que são: a Roda Preciosa, o Elefante Precioso, o Cavalo Precioso, a Jóia Preciosa, a Mulher Preciosa, o Tesoureiro Precioso e como sétimo o Conselheiro Precioso. Ele terá mais de mil filhos que serão corajosos e heróicos e que aniquilarão os exércitos inimigos. Ele governará, tendo conquistado esta terra circundada pelo mar, sem bastão ou espada, através do Dhamma. Mas se ele deixar a vida em família e seguir a vida santa, então ele se tornará um *arahant*, um Buda perfeitamente iluminado, aquele que remove o véu do mundo.” [N124](#)

11. [Ele disse]: “Estimado Keniya, onde está agora o Mestre Gotama, um *arahant*, perfeitamente iluminado?”

Quando isso foi dito, Keniya estendeu o seu braço direito e disse: “Lá, onde se encontra aquela linha verde do bosque, Mestre Sela.”

12. Então, o brâmane Sela com os seus trezentos estudantes brâmanes foram até o Abençoado. Ele se dirigiu aos estudantes brâmanes assim: “Venham em silêncio, senhores, caminhem com cuidado; pois os Abençoados são difíceis de serem abordados, eles perambulam sós como os leões. Quando eu estiver falando com o contemplativo Gotama, não interfiram e não me interrompam, mas esperem até que a nossa conversa termine.”

13. Então, o brâmane Sela foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Depois que a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e procurou pelas trinta e duas marcas de um Grande Homem no corpo do Abençoado. Ele viu mais ou menos as trinta e duas marcas de um Grande Homem no corpo do Abençoado, exceto duas; ele ficou em dúvida e não pôde ter certeza sobre duas dessas marcas, e não pôde chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua.

Então, ocorreu ao Abençoado que: “Este brâmane Sela vê mais ou menos as trinta e duas marcas de um Grande Homem no meu corpo, exceto duas; ele tem dúvida e incerteza sobre duas dessas marcas e não pode chegar a uma conclusão sobre elas: sobre a genitália contida numa bainha e sobre o tamanho da língua.”

14. Então, o Abençoado através dos seus poderes supra-humanos fez com que o brâmane Sela pudesse ver a sua genitália contida numa bainha. Em seguida, o Abençoado esticou a língua para fora, lambendo ambas as orelhas e ambas as narinas e depois cobriu toda a extensão da sua testa com a língua.

15. Então o brâmane Sela pensou: “O contemplativo Gotama está provido com as trinta e duas marcas de um Grande Homem; elas estão completas, não incompletas. Mas eu não sei se ele é um *arahant*, perfeitamente iluminado, ou não. No entanto, eu ouvi dos brâmanes anciãos, que falam de acordo com a casta dos mestres, que aqueles que são *arahants*, perfeitamente iluminados, se revelam como tal quando são louvados. E se eu, cara a cara, louvasse o contemplativo Gotama com versos apropriados.”

Então, cara a cara, ele louvou o Abençoado com versos apropriados:

16. Sela

“Oh perfeito no corpo, bem favorecido,
bem formado e belo de ser contemplado;
um Abençoado, dourada é a sua cor,
e brancos os seus dentes; você é forte.
Todas as marcas sem exceção podem ser vistas
que distinguem um homem bem nascido;
todas podem ser encontradas no seu corpo,
essas marcas que revelam um Grande Homem.
Com os olhos claros, com o semblante luminoso,
majestoso, ereto como uma chama,

no meio deste grupo de contemplativos
você brilha como o sol flamejante.
Um *bhikkhu* tão belo de ser visto
com a pele de um lustre dourado -
com uma beleza tão rara porque deveria você
estar satisfeito com a vida de contemplativo?
Você está apto para ser um rei, um senhor de carruagens,
um monarca que faz a roda girar,
um vitorioso nos quatro pontos cardeais
e senhor do Bosque de árvores Jambu. [cxxvi](#)
Com guerreiros e grande príncipes
todos dedicados ao seu serviço
Oh Gotama, você deveria reinar
como governante dos homens,
um rei acima de todos os reis.”

17. Buda

“Eu já sou um rei, Oh Sela,”
o Abençoado respondeu.
“Eu sou o rei supremo do Dhamma,
eu faço a Roda do Dhamma girar,
a roda que ninguém é capaz de parar.”

18. Sela

“Você reivindica perfeita iluminação,” o brâmane Sela disse,
“você diz, Oh Gotama,
‘Eu sou o rei supremo do Dhamma,
eu faço a Roda do Dhamma girar.’”

Quem é o seu general, aquele discípulo
que segue o caminho do próprio Mestre?
Quem é que o auxilia a girar
a roda colocada em movimento por você?”

19. Buda

“A roda colocada em movimento por mim,”
o Abençoado respondeu,
“essa mesma suprema Roda do Dhamma,
Sariputta o filho do *Tathagata*
me auxilia a girar essa roda.

O que deve ser conhecido foi conhecido diretamente,
o que deve ser desenvolvido foi desenvolvido,

o que deve ser abandonado foi abandonado,
por conseguinte, brâmane, eu sou um *arahant*,
perfeitamente iluminado.

Portanto deixe as suas dúvidas a meu respeito de lado
e permita que a decisão tome o lugar delas,
pois é sempre difícil poder
ver os Iluminados.

Eu sou aquele cuja presença no mundo
é raramente encontrada,
eu sou o Perfeitamente Iluminado,
eu, Oh brâmane, sou o médico supremo.

Eu sou o santo que está além da comparação
que esmagou as pululantes hordas de *Mara*;
tendo derrotado todos meus inimigos,
eu me regozijo livre do medo.”

20. Sela

“Oh senhores, ouçam isso, ouçam o que ele diz,
o homem com visão, o médico,
o herói poderoso que rugiu
como um leão na floresta.

Quem, mesmo que um pária por nascimento,
não o creria ao ver
que ele é o santo que está além da comparação
que esmagou as pululantes hordas de *Mara*?

Agora siga-me aquele que desejar
e quem não quiser, que parta.
Pois eu seguirei a vida santa sob ele,
este homem com sublime sabedoria.”

21. Pupilos

“Se, Oh senhor, você agora aprova
esse ensinamento do Iluminado,
nós também seguiremos a vida santa sob ele,
este homem com sublime sabedoria.”

22. Sela

“Aqui há trezentos brâmanes

que com as mãos erguidas imploram:
‘Oh que nós possamos viver a vida santa
sob você, Oh Abençoado.’”

23. Buda

“A vida santa é bem proclamada,
Oh Sela,” disse o Abençoado,
“para ser vista aqui e não diferida;
aquele que treina com diligência
encontrará frutos na vida santa.”

24. Então, o brâmane Sela e a sua assembléia receberam a admissão na vida santa sob o Abençoado e eles receberam a admissão completa.

25. Então, quando havia terminado a noite, Keniya fez com que se preparassem vários tipos de boa comida no seu próprio eremitério e fez com que se anunciasse a hora para o Abençoado: “É hora, Mestre Gotama, a refeição está pronta.” Então, ao amanhecer, o Abençoado se vestiu e carregando a sua tigela e o manto externo, foi com a Sangha dos *bhikkhus* até o eremitério de Keniya e sentou num assento que havia sido preparado. Então, com as próprias mãos Keniya serviu e satisfez a Sangha dos *bhikkhus* liderada pelo Buda com os vários tipos de boa comida. Em seguida, quando o Abençoado havia terminado de comer e retirado a mão da sua tigela, Keniya sentou a um lado, num assento mais baixo. O Abençoado então deu a sua bênção com estes versos:

26. “Ofereidas queimadas são a glória do fogo,
Savitri a glória dos mantras dos Vedas,
a glória dos seres humanos, um rei,
a glória dos rios, o mar;
a lua é a glória das estrelas,
o sol é a glória de tudo que brilha;
mérito é a glória de todos que aspiram;
a Sangha, é a glória dos generosos.”

Depois que o Abençoado deu a sua bênção com esses versos, ele levantou do seu assento e partiu.

27. Então, permanecendo sós, isolados, diligentes, ardentes e decididos, em pouco tempo, o venerável Sela e a sua assembléia, alcançaram e permaneceram no objetivo supremo da vida santa pelo qual membros de um clã deixam a vida em família pela vida santa, tendo conhecido e realizado por si mesmos no aqui e agora. Eles souberam: “O nascimento foi destruído, a vida santa foi vivida, o que deveria ser feito foi feito, não há mais vir a ser a nenhum estado.” E o venerável Sela junto com a sua assembléia se tornaram *arahants*.

28. Então, o venerável Sela junto com a sua assembléia foram até o Abençoado. Tendo arrumado o manto externo sobre o ombro, estendendo as mãos em respeitosa saudação ao Abençoado, se dirigiu a ele em versos:

“Oito dias se passaram, Aquele que tudo vê,
desde que buscamos o seu refúgio,
nestas sete noites, Oh Abençoado,
fomos domesticados no seu ensinamento.

Você é um *arahant*, perfeitamente iluminado, você é o Mestre,
você é o Sábio, o conquistador de *Mara*.
Tendo eliminado todas as tendências ruins,
você cruzou e guia a humanidade para a outra margem.

Você superou todos os vínculos,
você removeu todas as impurezas.
Você é um leão livre dos apegos,
você abandonou o medo e o terror.

Aqui estes trezentos *bhikkhus* em pé
com as mãos postas em adoração.
Oh herói, estenda os pés,
e permita que estes seres superiores venerem o Mestre.”

93 *Assalayana Sutta* Para Assalayana

A casta dos brâmanes é a casta superior?

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Agora, naquela ocasião quinhentos brâmanes de várias regiões estavam em Savatthi para tratar de negócios. Então aqueles brâmanes pensaram: “Esse contemplativo Gotama descreve a purificação para todas as quatro castas. Quem seria capaz de debater com ele sobre essa afirmação?”

3. Agora, naquela ocasião um estudante brâmane chamado Assalayana estava em Savatthi. Jovem, com a cabeça raspada, com dezesseis anos de idade, ele era um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento; hábil em filologia e gramática, um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem. Então os brâmanes pensaram: “Ele será capaz de debater com o contemplativo Gotama sobre essa afirmação.”

4. Assim os brâmanes foram até o estudante brâmane Assalayana e disseram: “Mestre Assalayana, esse contemplativo Gotama descreve a purificação para todas as quatro castas. Que o Mestre Assalayana venha e debata com o contemplativo Gotama sobre essa afirmação.”

Quando isso foi dito, o estudante brâmane Assalayana respondeu: “Senhores, o contemplativo Gotama é aquele que fala o Dhamma. Agora, é difícil o debate com aqueles que falam o Dhamma. Eu não sou capaz de debater sobre essa afirmação com o contemplativo Gotama.”

Pela segunda vez os brâmanes lhe disseram: “Mestre Assalayana, esse contemplativo Gotama descreve a purificação para todas as quatro castas. Que o Mestre Assalayana venha e debata com o contemplativo Gotama sobre essa afirmação. Pois o treinamento de um errante foi completado pelo Mestre Assalayana.”

Pela segunda vez o estudante brâmane Assalayana respondeu: “Senhores, o contemplativo Gotama é aquele que fala o Dhamma. Agora, é difícil o debate com aqueles que falam o Dhamma. Eu não sou capaz de debater sobre essa afirmação com o contemplativo Gotama.”

Pela terceira vez os brâmanes lhe disseram: “Mestre Assalayana, esse contemplativo Gotama descreve a purificação para todas as quatro castas. Que o Mestre Assalayana venha e debata com o contemplativo Gotama sobre essa afirmação. Pois o treinamento de um errante foi completado pelo Mestre Assalayana. Que o Mestre Assalayana não se deixe derrotar sem sequer ter lutado a batalha.”

Quando isso foi dito, o estudante brâmane Assalayana respondeu: “Senhores, o contemplativo Gotama é aquele que fala o Dhamma. Agora, é difícil o debate com aqueles que falam o Dhamma. Eu não sou capaz de debater sobre essa afirmação com o contemplativo Gotama. Apesar disso, senhores, atendendo à sua ordem, eu irei.”

5. Então o estudante brâmane Assalayana foi com um grande número de brâmanes até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e disse para o Abençoado:

“Mestre Gotama, os brâmanes dizem o seguinte: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior, outras castas são inferiores; a casta dos brâmanes tem a tez clara, as outras castas têm a tez escura; os brâmanes são purificados, os não brâmanes não são; os brâmanes são os verdadeiros filhos de *Brahma*, nascidos da boca dele, nascidos de *Brahma*, criados por *Brahma*, herdeiros de *Brahma*.’ O que o Mestre Gotama diz disso?”

“Mas, Assalayana, podemos ver as mulheres brâmanes, as esposas dos brâmanes, que menstruam e engravidam, têm bebês e os amamentam. E no entanto aqueles que nascem dos ventres das mulheres brâmanes dizem o seguinte: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... os brâmanes são os verdadeiros filhos de *Brahma*, nascidos da boca dele, nascidos de *Brahma*, criados por *Brahma*, herdeiros de *Brahma*.’”

6. “Embora o Mestre Gotama diga isso, ainda assim os brâmanes pensam: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’”

“O que você pensa, Assalayana? Você ouviu que em Yona e Kamboja e em outros países estrangeiros existem apenas duas castas, senhores e escravos, e que os senhores se tornam escravos e os escravos se tornam senhores?”

“Assim ouvi, senhor.”

“Então com base em qual argumento ou apoiados em que poder os brâmanes nesse caso dizem isto: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*?’”

7. “Embora o Mestre Gotama diga isso, ainda assim os brâmanes pensam: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’”

“O que você pensa, Assalayana? Suponha que um nobre matasse seres vivos, tomasse aquilo que não lhe foi dado, se portasse de maneira imprópria em relação aos prazeres sensuais, falasse mentiras, falasse de forma maliciosa, falasse de forma grosseira, falasse de forma frívola, fosse cobiçoso, tivesse uma mente com má vontade e tivesse entendimento incorreto. Na dissolução do corpo, após a morte, apenas ele teria a possibilidade de renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno – e não um brâmane? Suponha que um comerciante ... um trabalhador matasse seres vivos ... e tivesse entendimento incorreto. Na dissolução do corpo, após a morte, apenas ele teria a possibilidade de renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno – e não um brâmane?”

“Não, Mestre Gotama. Quer seja um nobre ou um brâmane, ou um comerciante, ou um trabalhador – todos aqueles das quatro castas que matam seres vivos ... e tenham entendimento incorreto, na dissolução do corpo, após a morte, têm a possibilidade de renascer num estado de privação, num destino infeliz, nos reinos inferiores, até mesmo no inferno.”

“Então com base em qual argumento ou apoiados em que poder os brâmanes nesse caso dizem isto: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*?’”

8. “Embora o Mestre Gotama diga isso, ainda assim os brâmanes pensam: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’”

“O que você pensa, Assalayana? Suponha que um brâmane se abstinhasse de matar seres vivos, de tomar aquilo que não foi dado, de se portar de maneira imprópria em relação aos prazeres sensuais, de falar mentiras, de falar de forma maliciosa, de falar de forma grosseira, de falar de forma frívola, e não fosse cobiçoso, nem tivesse uma mente com má vontade e tivesse entendimento correto. Na dissolução do corpo, após a morte, apenas ele

teria a possibilidade de renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso – e não um nobre, ou um comerciante, ou um trabalhador?”

“Não, Mestre Gotama. Quer seja um nobre ou um brâmane, ou um comerciante, ou um trabalhador – todos aqueles das quatro castas que se abstêm de matar seres vivos ... e têm entendimento correto, na dissolução do corpo, após a morte, têm a possibilidade de renascer num destino feliz, até mesmo no paraíso.”

“Então com base em qual argumento ou apoiados em que poder os brâmanes nesse caso dizem isto: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*’?”

9. “Embora o Mestre Gotama diga isso, ainda assim os brâmanes pensam: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’”

“O que você pensa, Assalayana? Apenas um brâmane é capaz de desenvolver uma mente imbuída de amor bondade para com uma certa região, sem hostilidade e sem má vontade, e não um nobre, ou um comerciante, ou um trabalhador?”

“Não, Mestre Gotama. Quer seja um nobre ou um brâmane, ou um comerciante, ou um trabalhador – todos aqueles das quatro castas são capazes de desenvolver uma mente imbuída de amor bondade para com uma certa região, sem hostilidade e sem má vontade.”

“Então com base em qual argumento ou apoiados em que poder os brâmanes nesse caso dizem isto: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*’?”

10. “Embora o Mestre Gotama diga isso, ainda assim os brâmanes pensam: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’”

“O que você pensa, Assalayana? Apenas um brâmane é capaz de tomar uma esponja e sabão, ir até o rio e limpar o pó e a sujeira, e não um nobre, ou um comerciante, ou um trabalhador?”

“Não, Mestre Gotama. Quer seja um nobre, ou um brâmane, ou um comerciante, ou um trabalhador – todos aqueles das quatro castas são capazes de tomar uma esponja e sabão, ir até o rio e limpar o pó e a sujeira.”

“Então com base em qual argumento ou apoiados em que poder os brâmanes nesse caso dizem isto: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*’?”

11. “Embora o Mestre Gotama diga isso, ainda assim os brâmanes pensam: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’”

“O que você pensa, Assalayana? Suponha que um nobre rei ungido reunisse aqui cem homens com nascimentos díspares e lhes dissesse: ‘Venham, senhores, que qualquer um aqui que tenha nascido num clã nobre ou num clã brâmane, ou num clã real, tome um

graveto para acender um fogo da madeira de uma árvore sala, de uma árvore salala, de uma árvore de sândalo ou de uma árvore padumaka, acenda um fogo e produza calor. E também que todos aqueles que tenham nascido numa família de sudras, de cesteiros de bambu, de caçadores, de consertadores de carruagens ou de lixeiros, tome um graveto para acender um fogo feito da madeira da gamela de um cão, da gamela de um porco, de um depósito de lixo ou da madeira de uma mamoneira, acenda um fogo e produza calor.’

“O que você pensa, Assalayana? Quando um fogo é acendido e o calor é produzido por alguém do primeiro grupo, esse fogo teria uma chama, uma cor e uma luminosidade, e seria possível usá-lo para a finalidade de um fogo, enquanto que quando um fogo é acendido e o calor é produzido por alguém do segundo grupo, esse fogo não teria chama, nem cor e nem luminosidade e não seria possível usá-lo para a finalidade de um fogo?”

“Não, Mestre Gotama. Quando um fogo é acendido e o calor é produzido por alguém do primeiro grupo, esse fogo teria uma chama, uma cor e uma luminosidade, e seria possível usá-lo para a finalidade de um fogo. E quando um fogo é acendido e o calor é produzido por alguém do segundo grupo, esse fogo teria uma chama, uma cor e uma luminosidade e seria possível usá-lo para a finalidade de um fogo. Pois todo fogo possui uma chama, cor e luminosidade, e é possível usar qualquer fogo para a finalidade de um fogo.”

“Então com base em qual argumento ou apoiados em que poder os brâmanes nesse caso dizem isto: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*?’”

12. “Embora o Mestre Gotama diga isso, ainda assim os brâmanes pensam: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’”

“O que você pensa, Assalayana? Suponha que um jovem nobre casasse com uma jovem brâmane e um filho nascesse dessa união. Deveria um filho nascido de um jovem nobre e de uma jovem brâmane ser chamado de nobre de acordo com o pai ou de brâmane de acordo com a mãe?”

“Ele poderia ter os dois títulos, Mestre Gotama.”

13. “O que você pensa, Assalayana? Suponha que um jovem brâmane casasse com uma jovem nobre e um filho nascesse dessa união. Deveria um filho nascido de um jovem brâmane e de uma jovem nobre ser chamado de brâmane de acordo com o pai ou de nobre de acordo com a mãe?”

“Ele poderia ter os dois títulos, Mestre Gotama.”

14. “O que você pensa, Assalayana? Suponha que uma égua se acasalasse com um burro e como resultado ela parisse um potro. O potro deveria ser chamado um cavalo de acordo com a mãe ou um burro de acordo com o pai?”

“Seria uma mula, Mestre Gotama, visto que não pertence a nenhuma das duas espécies. Eu vejo a diferença neste último caso, mas não vejo diferença em nenhum dos casos anteriores.”

15. “O que você pensa, Assalayana? Suponha que houvessem dois estudantes brâmanes que fossem irmãos, nascidos da mesma mãe, um estudioso e afiado, e o outro nem estudioso nem afiado. Qual dos dois seria alimentado primeiro pelos brâmanes num banquete funerário ou numa oferenda cerimonial de arroz com leite, ou num banquete sacrificatório, ou num banquete para convidados?”

“Em tais ocasiões, os brâmanes alimentariam primeiro aquele que fosse estudioso e afiado, Mestre Gotama; pois como poderia aquilo que é dado para aquele que não é nem estudioso nem afiado produzir grandes frutos?”

16. “O que você pensa, Assalayana? Suponha que houvessem dois estudantes brâmanes que fossem irmãos, nascidos da mesma mãe, um estudioso e afiado, mas imoral e mau caráter, e o outro nem estudioso nem afiado, mas virtuoso e bom caráter. Qual dos dois seria alimentado primeiro pelos brâmanes num banquete funerário ou numa oferenda cerimonial de arroz com leite, ou num banquete sacrificatório, ou num banquete para convidados?”

“Em tais ocasiões, os brâmanes alimentariam primeiro aquele que não fosse nem estudioso e nem afiado, mas virtuoso e de bom caráter, Mestre Gotama; pois como poderia aquilo que é dado para aquele que é imoral e mau caráter produzir grandes frutos?”

17. “Primeiro, Assalayana, você tomou uma posição com base no nascimento, e depois você tomou uma posição com base no aprendizado das escrituras e depois disso você passou a tomar uma posição baseada na purificação que é válida para todas as quatro castas, tal como eu a descrevo.”

Quando isto foi dito, o estudante brâmane Assalayana permaneceu sentado em silêncio, consternado, com os ombros caídos e a cabeça baixa, deprimido e sem resposta. Então, vendo isso, o Abençoado lhe disse:

18. “Certa vez, Assalayana, enquanto sete videntes brâmanes estavam habitando na floresta em cabanas cobertas com folhas, a seguinte idéia perniciosa surgiu neles: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’ Agora, o vidente Devala, o Negro, ouviu isso. Ele arrumou o cabelo e a barba, se vestiu com os mantos de cor ocre, calçou sandálias grossas, e tomando um bastão feito de ouro, apareceu no pátio onde estavam os sete videntes brâmanes. Então, enquanto caminhava para cá e para lá no pátio dos sete videntes brâmanes, o vidente brâmane Devala, o Negro, disse o seguinte: ‘Onde foram aqueles dignos videntes brâmanes? Onde foram aqueles dignos videntes brâmanes?’ Então os sete videntes brâmanes pensaram: ‘Quem está caminhando para cá e para lá no pátio dos sete videntes brâmanes como um aldeão rústico dizendo isto: “Onde foram aqueles dignos videntes brâmanes? Onde foram aqueles dignos videntes

brâmanes?” Vamos amaldiçoá-lo!’ Então os sete videntes brâmanes amaldiçoaram o vidente Devala, o Negro, da seguinte forma: ‘Converta-se em cinzas, aviltado! Converta-se em cinzas, aviltado!’ Mas quanto mais os sete videntes brâmanes o amaldiçoavam, mais atraente, belo e formoso o vidente Devala, o Negro, se tornava. Então os sete videntes brâmanes pensaram: ‘O nosso ascetismo é em vão, a nossa vida santa infrutífera; pois antes quando amaldiçoávamos alguém assim: “Converta-se em cinzas, aviltado! Converta-se em cinzas, aviltado!” ele sempre se convertia em cinzas; mas quanto mais amaldiçoamos este aqui, mais atraente, belo e formoso ele se torna.’

“O seu ascetismo não é em vão, senhores, a sua vida santa não é infrutífera. Mas, senhores, coloquem de lado a sua raiva por mim.’

“Nós colocamos de lado nossa raiva por você, senhor. Quem é você?

“Vocês ouviram falar do vidente Devala, o Negro, senhores?’ – ‘Sim, senhor.’ – ‘Sou eu, senhores.’

“Então os sete videntes brâmanes foram até Devala, o Negro, e o homenagearam. Então ele disse: ‘Senhores, eu ouvi que enquanto sete videntes brâmanes estavam habitando na floresta em cabanas cobertas com folhas, a seguinte idéia perniciososa surgiu neles: ‘A casta dos brâmanes é a casta superior ... herdeiros de *Brahma*.’” – ‘Assim é, senhor.’

“Mas, senhores, vocês sabem se a mãe que lhes deu à luz teve relações apenas com um brâmane e nunca com um não brâmane?’ – ‘Não, senhor.’

“Mas, senhores, vocês sabem se a mãe da mãe deles regressando até sete gerações teve relações apenas com um brâmane e nunca com um não brâmane?’ – ‘Não, senhor.’

“Mas, senhores, vocês sabem se o pai que os gerou teve relações apenas com uma mulher brâmane e nunca com uma mulher não brâmane?’ – ‘Não, senhor.’

“Mas, senhores, vocês sabem se o pai do pai deles regressando até sete gerações teve relações apenas com uma mulher brâmane e nunca com uma mulher não brâmane?’ – ‘Não, senhor.’

“Mas, senhores, vocês sabem como ocorre a concepção de um embrião no ventre?’

“Senhor, nós sabemos como ocorre a concepção de um embrião no ventre. Veja, há a união da mãe e do pai, a mãe está no período fértil, e o ser que irá renascer está presente. Dessa forma ocorre a concepção de um embrião no ventre, através da união dessas três coisas.’

“Então, senhores, vocês têm certeza se aquele ser que irá renascer é um nobre ou um brâmane, ou um comerciante, ou um trabalhador?’

“Senhor, nós não temos certeza se aquele ser que irá renascer é um nobre ou um brâmane, ou um comerciante, ou um trabalhador.”

“Em sendo assim, senhores, o que vocês são?”

“Em sendo assim, senhor, nós não sabemos o que somos.”

“Agora, Assalayana, até mesmo aqueles sete videntes brâmanes ao serem pressionados, questionados e examinados pelo vidente Devala, o Negro, quanto à afirmação deles sobre o nascimento, foram incapazes de sustentá-la. Como você será, ao ser pressionado, questionado e examinado por mim agora sobre a sua afirmação sobre o nascimento, capaz de sustentá-la? Você, que depende dos ensinamentos dos mestres e não está sequer preparado para ser Punna, aquele que segura a concha.”

19. Quando isso foi dito, o estudante brâmane Assalayana disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida.”

94 *Ghotamukha Sutta*

Para Ghotamukha

Uma discussão acerca da vida contemplativa

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o venerável Udena estava em Benares no mangueiral de Khemiya.
2. Agora naquela ocasião o brâmane Ghotamukha havia chegado em Benares para tratar de negócios. Enquanto caminhava e perambulava fazendo exercício ele chegou até o mangueiral de Khemiya. Naquela ocasião, o venerável Udena estava caminhando para cá e para lá ao ar livre. Então o brâmane Ghotamukha foi até o venerável Udena e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ainda caminhando para cá e para lá com o venerável Udena, ele disse o seguinte: “Digno contemplativo, não há vida contemplativa que esteja de acordo com o Dhamma: assim me parece, e isso pode ser assim porque eu ainda não vi veneráveis como você ou porque eu não vi o Dhamma.”
3. Quando isso foi dito, o venerável Udena deixou o caminho e foi para a sua moradia onde ele sentou num assento que havia sido preparado. Ghotamukha também deixou o caminho e foi para a moradia, ficando em pé a um lado. Então o venerável Udena disse: “Há assentos, brâmane, sente se assim desejar.”

“Nós não sentamos porque esperávamos pelo Mestre Udena [falar]. Pois como poderia alguém como eu ousar sentar sem antes ter sido convidado?”

4. Então o brâmane Ghotamukha tomou um assento mais baixo, sentando a um lado disse para o venerável Udena: “Digno contemplativo, não há vida contemplativa que esteja de acordo com o Dhamma: assim me parece, e isso pode ser assim porque eu ainda não vi veneráveis como você ou porque eu não vi o Dhamma.”

“Brâmane, se você achar que alguma afirmação minha deva ser acedida, então concorde com ela; se você achar que alguma afirmação minha deva ser questionada, então argumente contra ela; e se você não compreender o significado de alguma afirmação minha, peça esclarecimentos da seguinte forma: ‘Como é isso, Mestre Udena? Qual o significado disso?’ Assim poderemos discutir esse assunto.”

5-6. “Brâmane, existem quatro tipos de pessoas que podem ser encontradas no mundo. Quais quatro? ... (igual ao [MN 51, versos 5-6](#)) ...

“Mas, Mestre Udena, o tipo de pessoa que não atormenta a si mesma, nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros, nem se dedica à prática de torturar os outros; esta pessoa, visto que ela não atormenta a si mesma nem aos outros, está aqui e agora sem fome, saciada, arrefecida, permanece experimentando a bem-aventurança, tendo ela mesma se tornado santa – ela não atormenta nem tortura nem a si mesma, nem aos outros pois ela deseja o prazer e abomina a dor. É por isso que esse tipo de pessoa satisfaz a minha mente.”

7. “Brâmane, existem dois tipos de assembléia. Quais dois? Aqui uma certa assembléia cobiça jóias e adereços e busca esposas e filhos, escravos e escravas, campos e terras, ouro e prata. Mas aqui uma certa assembléia não cobiça jóias e adereços, e tendo abandonado esposas e filhos, escravos e escravas, campos e terras, ouro e prata, deixou a vida em família pela vida santa. Agora existe esse tipo de pessoa que não atormenta a si mesma, nem se dedica à prática de torturar a si mesma e ela também não atormenta os outros, nem se dedica à prática de torturar os outros; esta pessoa, visto que não atormenta a si mesma nem aos outros, está aqui e agora sem fome, saciada, arrefecida, permanece experimentando a bem-aventurança, tendo ela mesma se tornado santa. Em qual dos dois tipos de assembléia você em geral vê esse tipo de pessoa, brâmane – na assembléia que cobiça jóias e adereços e busca esposas e filhos, escravos e escravas, campos e terras, ouro e prata; ou na assembléia que não cobiça jóias e adereços, e tendo abandonado esposas e filhos, escravos e escravas, campos e terras, ouro e prata, deixou a vida em família pela vida santa?”

“Eu em geral vejo esse tipo de pessoa, Mestre Udena, na assembléia que não cobiça jóias e adereços, e tendo abandonado esposas e filhos ... deixou a vida em família pela vida santa.

8. “Mas agora mesmo, brâmane, entendemos você dizer: ‘Digno contemplativo, não há vida contemplativa que esteja de acordo com o Dhamma: assim me parece, e isso pode ser assim porque eu ainda não vi veneráveis como você ou porque eu não vi o Dhamma.’”

“Com certeza, Mestre Udena, foi para aprender que eu disse aquelas palavras. Há uma vida contemplativa que está de acordo com o Dhamma; assim me parece, e que o Mestre Udena possa se lembrar de mim tendo dito isso. Seria bom, se por compaixão, o Mestre Udena me explicasse em detalhe esses quatro tipos de pessoas que foram mencionadas de forma resumida.”

9. “Então, brâmane, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.” – “Sim, senhor,” o brâmane Ghotamukha respondeu. O venerável Udena disse o seguinte:

10-30. “Brâmane, que tipo de pessoa atormenta a si mesma e se dedica à prática de torturar a si mesma? Neste caso uma certa pessoa anda nua ... (igual ao [MN 51, versos 8-28](#)) ... permanece experimentando a bem-aventurança, tendo ela mesma se tornado santa.”

31. Quando isso foi dito, o brâmane Ghotamukha disse para o venerável Udena: “Magnífico, Mestre Udena! Magnífico, Mestre Udena! Mestre Udena esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Mestre Udena, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Udena nos aceite como discípulos leigos que nele buscaram refúgio para o resto da sua vida.”

32. “Não busque refúgio em mim, brâmane. Busque refúgio no mesmo Abençoado em quem eu busquei refúgio.”

“Onde ele vive agora, esse Mestre Gotama, um *arahant*, perfeitamente iluminado, Mestre Udena?”

“Esse Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado, realizou o *parinibbana*, brâmane.”

“Se ouvíssemos que o Mestre Gotama estava a dez léguas, nós percorreríamos as dez léguas para ver esse Mestre Gotama, um *arahant*, perfeitamente iluminado. Se ouvíssemos que o Mestre Gotama estava a vinte léguas ... trinta léguas ... quarenta léguas ... cinquenta léguas ... cem léguas, nós percorreríamos as cem léguas para ver esse Mestre Gotama, um *arahant*, perfeitamente. Mas visto que esse Mestre Gotama realizou o *parinibbana*, nós buscamos refúgio no Mestre Gotama e no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que a partir de hoje o Mestre Udena se recorde de mim como discípulo leigo que buscou refúgio pelo resto da sua vida.”

33. “Agora, Mestre Udena, o rei de Anga me dá um donativo diário. Permita que disso eu dê para o Mestre Udena um donativo regular.”

“Que tipo de donativo o rei de Anga lhe dá, brâmane?”

“Quinhentos kahapanas, Mestre Udena.”

“Não nos é permitido aceitar ouro e prata, brâmane.”

“Se não é permitido ao Mestre Udena aceitar ouro e prata, eu farei com que se construa um monastério para o Mestre Udena.”

“Se você deseja construir um monastério para mim, brâmane, faça com se construa um salão de reuniões para a Sangha em Pataliputta.”

“Eu estou ainda mais satisfeito e contente por que o Mestre Udena sugere que eu dê um presente para a Sangha. Assim com esse donativo regular e mais outro donativo regular, eu farei com que se construa um salão para a Sangha em Pataliputta.”

Então com aquele donativo regular [que ele havia oferecido ao Mestre Udena] e mais outro donativo regular [adicionado], o brâmane Ghotamukha fez com que se construísse um salão para a Sangha em Pataliputta. E essa construção é agora conhecida como Ghotamukhi.

95 Canki Sutta

Canki

Como preservar a verdade, descobrir da verdade e realizar a verdade final

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava perambulando por Kosala com uma grande sangha de *bhikkhus* até que por fim acabou chegando em um vilarejo brâmane denominado Opasada. Lá o Abençoado ficou no Bosque dos *Devas*, o Bosque da árvore Sal ao norte de Opasada.

2. Agora naquela ocasião o brâmane Canki era o regente de Opasada, uma propriedade real com muitos habitantes, rica em pastagens, árvores, rios e grãos, uma concessão real, uma doação sagrada que lhe foi dada pelo rei Pasenadi de Kosala.

3. Os brâmanes chefes de família de Opasada ouviram: “Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, andava perambulando em Kosala com um grande número de *bhikkhus*, com quinhentos *bhikkhus*, chegou em Opasada. E acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele

declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final; e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.’

4. Assim, os brâmanes chefes de família de Opasada saíram de Opasada em grupos e bandos e se dirigiram para o norte, para o Bosque dos *Devas*, o Bosque da árvore Sal.

5. Agora naquela ocasião o brâmane Canki havia se retirado para o andar superior do seu palácio para a sesta. Então ele viu os brâmanes chefes de família de Opasada saindo de Opasada em grupos e bandos e se dirigindo para o norte, para o Bosque dos *Devas*, o Bosque da árvore Sal. Ao vê-los ele perguntou ao seu ministro: “Estimado ministro, porque os brâmanes chefes de família de Opasada estão saindo de Opasada em grupos e bandos e se dirigindo para o norte, para o Bosque dos *Devas*, o Bosque da árvore Sal?”

6. “Senhor, ali se encontra Gotama o contemplativo, o filho dos Sakyas, que adotou a vida santa deixando o clã dos Sakyas, que andava perambulando em Kosala ... (igual ao verso 3) ... Eles estão indo ver esse Mestre Gotama.”

‘Então, estimado ministro, vá até os brâmanes chefes de família de Opasada e lhes diga: ‘Senhores, o brâmane Canki diz o seguinte: ‘Por favor esperem, senhores. O Brâmane Canki também irá ver o contemplativo Gotama.’”

“Sim, senhor,” o ministro respondeu e foi até os brâmanes chefes de família de Opasada e lhes disse a mensagem.

7. Agora naquela ocasião quinhentos brâmanes de várias regiões estavam em Opasada por questões de negócios. Eles ouviram: “Estão dizendo, que o brâmane Canki está indo ver o contemplativo Gotama.” Eles foram até o brâmane Canki e lhe perguntaram: “Senhor, é verdade que você irá ver o contemplativo Gotama?” “Assim é, senhores. Eu irei ver o contemplativo Gotama.”

8. “Senhor, não vá ver o contemplativo Gotama. Não é apropriado, Mestre Canki, que você vá ver o contemplativo Gotama; ao invés disso, é apropriado que o contemplativo Gotama venha vê-lo. Pois você, senhor, é bem nascido pelos dois lados, com a descendência pura por parte da mãe e do pai por sete gerações, inatacável e impecável com respeito ao nascimento. Sendo assim, Mestre Canki, não é apropriado que você vá ver o contemplativo Gotama; ao invés disso, é apropriado que o contemplativo Gotama venha vê-lo. Você, senhor, é rico, com grande riqueza e grandes posses. Você, senhor, é um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento; hábil em filologia e gramática, você é um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem. Você, senhor, é belo, atraente e elegante, possuindo uma complexão de beleza suprema, com uma beleza e uma presença sublime, digno de ser contemplado. Você, senhor, é virtuoso, com a virtude madura, possuindo virtude amadurecida. Você, senhor, é um bom orador com boa comunicação;

you diz palavras que s3o cortesese, distintas, imaculadas e que transmitem o significado. You, senhor, ensina os mestres de muitos e ensina a recita33o dos mantras para trezentos estudantes br4manes. You, senhor, 3 honrado, respeitado, reverenciado, venerado e estimado pelo br4mane Pokkharasati. ^{cxxvii} You, senhor, governa Opasada, uma propriedade real com muitos habitantes ... uma doa33o sagrada que lhe foi dada pelo rei Pasenadi de Kosala. Sendo assim, Mestre Canki, n3o 3 apropriado que you v3a ver o contemplativo Gotama; ao inv3s disso, 3 apropriado que o contemplativo Gotama venha v3-lo.”

9. Quando isso foi dito, o br4mane Canki disse para aqueles br4manes: “Agora, senhores, ou3am de mim porque 3 apropriado que eu v3a ver o contemplativo Gotama e porque n3o 3 apropriado que o Mestre Gotama venha me ver. Senhores, o contemplativo Gotama 3 bem nascido pelos dois lados, com a descend3ncia pura por parte da m3e e do pai por sete gera33es, inatac3vel e impec3vel com respeito ao nascimento. Sendo assim, 3 apropriado que eu v3a ver o contemplativo Gotama e n3o 3 apropriado que o Mestre Gotama venha me ver. Senhores, o contemplativo Gotama adotou a vida santa abandonando muito ouro e riquezas armazenados em cofres e dep3sitos. Senhores, o contemplativo Gotama deixou a vida em fam3lia e seguiu a vida santa ainda jovem, um homem jovem com o cabelo negro, dotado com as b4n33es da juventude, na flor da juventude. Senhores, o contemplativo Gotama raspou o cabelo e barba, vestiu o manto de cor ocre e deixou a vida em fam3lia e seguiu a vida santa embora a sua m3e e o seu pai desejassem outra coisa e chorassem com o rosto coberto de l3grimas. Senhores, o contemplativo Gotama 3 belo, atraente e elegante, possuindo uma complex3o de beleza suprema, com uma beleza e uma presen3a sublime, digno de ser contemplado. Senhores, o contemplativo Gotama 3 virtuoso, com a virtude madura, possuindo virtude amadurecida. Senhores, o contemplativo Gotama 3 um bom orador com boa comunica33o; ele diz palavras que s3o cortesese, distintas, imaculadas e que transmitem o significado. Senhores, o contemplativo Gotama 3 o mestre dos mestres de muitos. Senhores, o contemplativo Gotama est3 livre da cobi3a sensual e sem vaidade pessoal. Senhores, o contemplativo Gotama possui a doutrina da efic3cia moral da a33o, a doutrina da efic3cia moral dos atos; ele n3o busca prejudicar os br4manes. Senhores, o contemplativo Gotama deixou uma fam3lia aristocr3tica, uma das fam3lias nobres originais. Senhores, o contemplativo Gotama deixou uma fam3lia rica, uma fam3lia com grande riqueza e grandes posses. Senhores, as pessoas v3em de reinos remotos, de distritos remotos para inquirir o contemplativo Gotama. Senhores, muitos milhares de *devas* buscaram ref3gio pelo resto da vida no contemplativo Gotama. Senhores, acerca desse contemplativo Gotama existe essa boa reputa33o: ‘Esse Aben3ado 3 um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um l3der insuper3vel de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime.’ Senhores, o contemplativo Gotama possui as trinta e duas marcas de um Grande Homem. Senhores, o rei Seniya Bimbisara de Magadha e a sua esposa e filhos buscaram ref3gio pelo resto da vida no contemplativo Gotama. Senhores, o rei Pasenadi de Kosala e a sua esposa e filhos buscaram ref3gio pelo resto da vida no contemplativo Gotama. Senhores, o br4mane Pokkharasati e a sua esposa e filhos buscaram ref3gio pelo resto da vida no contemplativo Gotama. Senhores, o contemplativo Gotama chegou em Opasada e est3 no Bosque dos *Devas*, o Bosque da

árvore Sal ao norte de Opasada. Agora todos os contemplativos e brâmanes que chegam na nossa cidade são nossos hóspedes e hóspedes devem ser honrados, respeitados, reverenciados e venerados por nós. Visto que o contemplativo Gotama chegou em Opasada, ele é nosso hóspede e como nosso hóspede ele deve ser honrado, respeitado, reverenciado e venerado por nós. Sendo assim, senhores não é apropriado que o Mestre Gotama venha me ver; ao invés disso, é apropriado que eu vá ver o Mestre Gotama.

“Senhores, esse é o tanto de méritos do Mestre Gotama que eu aprendi, mas o mérito do Mestre Gotama não está limitado a isso, pois o mérito do Mestre Gotama é imensurável. Visto que o Mestre Gotama possui cada um desses fatores, não é apropriado que ele venha me ver; ao invés disso, é apropriado que eu vá ver o Mestre Gotama. Portanto, senhores, vamos todos ver o contemplativo Gotama.”

10. Então o brâmane Canki, junto com um grande grupo de brâmanes, foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado ele sentou a um lado.

11. Agora naquela ocasião o Abençoado estava sentado concluindo uma conversa amigável com um grupo de brâmanes eminentes. Sentado na assembléia estava um estudante brâmane chamado Kapathika. Jovem, com a cabeça raspada, dezesseis anos de idade, ele era um mestre nos três Vedas, os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento; hábil em filologia e gramática, um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem. Enquanto os brâmanes eminentes estavam conversando com o Abençoado ele com frequência interrompia a conversa. Então o Abençoado censurou o estudante brâmane Kapathika da seguinte forma: “Que o venerável Bharadvaja não interrompa a conversa dos eminentes brâmanes. Que o venerável Bharadvaja espere até que a conversa termine.”

Quando isso foi dito, o brâmane Canki disse para o Abençoado: “Que o Mestre Gotama não censure o estudante brâmane Kapathika, o estudante brâmane Kapathika é um membro de um clã, ele é um erudito, ele comunica bem, ele é sábio; ele tem capacidade para participar desta discussão com o Mestre Gotama.”

12. Então o Abençoado pensou: “Com certeza, já que os brâmanes o respeitam dessa forma, o estudante brâmane Kapathika deve ter maestria nas escrituras dos três Vedas.”

Então o estudante brâmane Kapathika pensou: “Quando o contemplativo Gotama olhar nos meus olhos, eu lhe farei uma pergunta.”

Então, sabendo com a sua própria mente do pensamento na mente do estudante brâmane Kapathika, o Abençoado virou os olhos na direção dele. Então o estudante brâmane Kapathika pensou: “O contemplativo Gotama virou na minha direção. E se eu lhe fizesse uma pergunta.” Então ele disse para o Abençoado: “Mestre Gotama com relação aos antigos mantras e a coleção de escrituras dos brâmanes que foram transmitidas oralmente, os brâmanes chegam a uma conclusão definitiva: ‘Somente isto é verdadeiro, todo o restante é falso. O que o Mestre Gotama diz disso?’”

13. Como então, Bharadvaja, entre os brâmanes existe pelo menos um brâmane que diga isto: ‘Eu conheço isso, eu vi isso: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso?’” – “Não, Mestre Gotama.”

Como então, Bharadvaja, entre os brâmanes existe pelo menos um mestre ou um mestre de um mestre nas últimas sete gerações de mestres que tenha dito isto: ‘Eu conheço isso, eu vi isso: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso?’” – “Não, Mestre Gotama.”

Como então, Bharadvaja, os antigos brâmanes videntes, os criadores dos mantras, os compositores dos mantras antigos, que antigamente eram recitados, falados e compilados, e que ainda hoje os brâmanes recitam e repetem, repetindo o que foi dito e recitando o que foi recitado – isto é, Atthaka, Vamaka, Vamadeva, Vessamitta, Yamataggi, Angirasa, Bharadvaja, Vasettha, Kassapa e Bhagu [cxxviii](#) – pelo menos esses antigos brâmanes videntes diziam isto: ‘Nós conhecemos isso, nós vimos isso: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso?’” – “Não, Mestre Gotama.”

“Portanto, Bharadvaja, parece que entre os brâmanes não existe nem pelo menos um que diga isto: ‘Eu conheço isso, eu vi isso: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso.’ E entre os brâmanes não existe nem pelo menos um mestre ou um mestre de um mestre nas últimas sete gerações de mestres que tenha dito isto: ‘Eu conheço isso, eu vi isso: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso.’ E entre os antigos brâmanes videntes, os criadores dos mantras, os compositores dos mantras ... até mesmo esses antigos brâmanes videntes não diziam isto: ‘Nós conhecemos isso, nós vimos isso: somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso.’ Suponha que houvesse uma fila de homens cegos cada um em contato com o seguinte: o primeiro não vê, o do meio não vê, e o último não vê. Da mesma forma, Bharadvaja, em relação às suas afirmações os brâmanes se parecem a uma fila de homens cegos: o primeiro não vê, o do meio não vê, e o último não vê. O que você pensa, Bharadvaja, em sendo assim, a fé dos brâmanes não se torna sem fundamento?”

14. “Os brâmanes honram isso não somente pela fé, Mestre Gotama. Eles também honram isso como tradição oral.”

“Bharadvaja, primeiro você tomou uma posição com a fé, agora você fala de tradição oral. Existem cinco coisas, Bharadvaja, que podem ter dois tipos de resultados no aqui e agora. Quais cinco? [Conhecimento baseado na] Fé, preferência, tradição, razão e idéias. [cxxix](#) Essas cinco coisas podem ter dois tipos de resultados no aqui e agora. Agora, algo pode ser completamente aceito pela fé e ainda assim ser vazio, oco e falso; mas, alguma outra coisa pode não ser completamente aceita pela fé e mesmo assim pode ser factual, verdadeira e certa. Novamente, algo pode ser preferido ... pode ser tradicional ... pode ser cogitado com base na razão ... pode ser baseado em idéias e no entanto ser vazio, oco e falso; mas alguma outra coisa pode não ser preferida ... pode não ser tradicional ... pode não ser cogitada com base na razão ... pode não ser baseada em idéias e mesmo assim ser factual, verdadeira e certa. Sob essas condições não é apropriado que um homem sábio,

que preserva a verdade, chegue a essa conclusão definitiva: ‘Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso.’” [cxxx](#)

15. “Mas, Mestre Gotama, de que forma ocorre a preservação da verdade? De que forma uma pessoa preserva a verdade? Nós perguntamos ao Mestre Gotama sobre a preservação da verdade.”

“Se uma pessoa possui fé, Bharadvaja, ela preserva a verdade quando ela diz: ‘Minha fé é assim’; mas ela ainda não chega a esta conclusão definitiva: ‘Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso.’ Dessa forma, Bharadvaja, ocorre a preservação da verdade; dessa forma ela preserva a verdade; dessa forma nós descrevemos a preservação da verdade. Mas até esse ponto não existe a descoberta da verdade.

“Se uma pessoa prefere algo ... se ela aceita uma tradição ... se ela chega a uma conclusão baseada na razão ... se ela aceita alguma idéia, ela preserva a verdade quando ela diz: ‘Eu prefiro isso ... aceito esta tradição oral ... cheguei a esta conclusão baseado na razão ... aceito esta idéia’; mas ela ainda não chega a esta conclusão definitiva: ‘Somente isso é verdadeiro, todo o restante é falso.’ Dessa forma, Bharadvaja, ocorre a preservação da verdade; dessa forma ela preserva a verdade; dessa forma nós descrevemos a preservação da verdade. Mas até esse ponto não existe a descoberta da verdade.”

16. “Dessa forma, Mestre Gotama, ocorre a preservação da verdade; dessa forma uma pessoa preserva a verdade; dessa forma nós reconhecemos a preservação da verdade. Mas de que forma, Mestre Gotama, ocorre a descoberta da verdade? De que forma uma pessoa descobre a verdade? Nós perguntamos ao Mestre Gotama sobre a descoberta da verdade.”

17-19. “Aqui, Bharadvaja, um *bhikkhu* pode estar vivendo na dependência de algum vilarejo ou cidade. Então, um chefe de família, ou o filho de um chefe de família vai até ele e o examina em relação a três tipos de estados: em relação aos estados baseados na cobiça ... na raiva ... na delusão: ‘Nesse venerável existe algum estado baseado na cobiça ... raiva ... delusão de tal forma que com a mente obcecada por esse estado e apesar de não saber, ele possa dizer, “Eu sei,” ou sem ver, ele possa dizer, “Eu vejo,” ou ele possa incitar os outros a agirem de forma a causar o próprio dano e sofrimento por muito tempo?’ Ao examiná-lo ele chega à conclusão: ‘Não existem estados baseados na cobiça ... raiva ... delusão ... neste venerável. O comportamento corporal e o comportamento verbal deste venerável não são aqueles de alguém afetado pela cobiça ... raiva ... delusão. E o Dhamma que este venerável ensina é profundo, difícil de ser visto e difícil de ser compreendido, pacífico, sublime, que não pode ser alcançado pelo mero raciocínio, sutil, para ser experimentado por um sábio. Este Dhamma não pode ser facilmente ensinado por alguém afetado pela cobiça ... raiva ... delusão.’

20. “Ao tê-lo examinado e visto que ele está purificado de estados baseados na cobiça ... raiva ... delusão, então ele deposita fé nele; cheio de fé ele o visita e o homenageia; ao homenageá-lo, ele lhe dá ouvidos; ao dar ouvidos, ele ouve o Dhamma; ao ouvir o Dhamma, ele o memoriza e examina o significado dos ensinamentos que ele memorizou; ao examinar o significado, ele aceita esses ensinamentos com base na reflexão; ao obter a

aceitação desses ensinamentos baseado na reflexão, a aspiração brota; ao brotar a aspiração, ele aplica a sua vontade; ao aplicar a sua vontade, ele examina cuidadosamente; [cxxx](#) ao examinar cuidadosamente, ele se esforça; [cxxxii](#) com esforço decidido, ele realiza com o corpo a verdade suprema, vendo-a e penetrando-a com sabedoria. Dessa forma, Bharadvaja, ocorre a descoberta da verdade; dessa forma uma pessoa descobre a verdade; dessa forma descrevemos a descoberta da verdade. Mas ainda não existe a chegada final à verdade.” [cxxxiii](#)

21. “Dessa forma, Mestre Gotama, ocorre a descoberta da verdade; dessa forma uma pessoa descobre a verdade; dessa forma nós reconhecemos a descoberta da verdade. Mas de que forma, Mestre Gotama, ocorre a chegada final à verdade? De que forma uma pessoa chega finalmente à verdade? Nós perguntamos ao Mestre Gotama sobre a chegada final à verdade.”

“A chegada final à verdade, Bharadvaja, encontra-se na repetição, desenvolvimento e cultivo dessas mesmas coisas. Dessa forma, Bharadvaja, ocorre a chegada final à verdade; dessa forma uma pessoa chega finalmente à verdade; dessa forma descrevemos a chegada final à verdade.”

22. “Dessa forma, Mestre Gotama, ocorre a chegada final à verdade; dessa forma uma pessoa chega finalmente à verdade; dessa forma nós reconhecemos a chegada final à verdade. Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio para a chegada final à verdade? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio para a chegada final à verdade.”

“O esforço é o que mais auxilia para a chegada final à verdade, Bharadvaja. Se a pessoa não se esforçar, ela não irá chegar finalmente à verdade; mas porque a pessoa se esforça, ela irá chegar finalmente à verdade. É por isso que o esforço é o maior auxílio para a chegada final à verdade.”

23. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio no esforço? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio no esforço.”

“O exame cuidadoso é o que mais auxilia no esforço, Bharadvaja. Se a pessoa não examinar cuidadosamente, ela não irá se esforçar; mas porque a pessoa examina cuidadosamente, ela se esforça. É por isso que o exame cuidadoso é o maior auxílio no esforço.”

24. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio para o exame cuidadoso? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio no exame cuidadoso.”

“Aplicação da vontade é o que mais auxilia no exame cuidadoso, Bharadvaja. Se a pessoa não aplicar a vontade, ela não irá examinar cuidadosamente; mas porque a pessoa aplica a vontade, ela examina cuidadosamente. É por isso que a aplicação da vontade é o maior auxílio no exame cuidadoso.”

25. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio na aplicação da vontade? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio na aplicação da vontade.”

“Aspiração é o que mais auxilia na aplicação da vontade, Bharadvaja. Se a pessoa não despertar a aspiração, ela não irá aplicar a vontade; mas porque a pessoa desperta a aspiração, ela aplica a vontade. É por isso que a aspiração é o maior auxílio na aplicação da vontade.”

26. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio para a aspiração? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio para a aspiração.”

“A aceitação dos ensinamentos com base na reflexão é o que mais auxilia a aspiração, Bharadvaja. Se a pessoa não aceitar os ensinamentos com base na reflexão, a aspiração não irá brotar; mas porque a pessoa aceita os ensinamentos com base na reflexão, a aspiração brota. É por isso que a aceitação dos ensinamentos com base na reflexão é o maior auxílio para a aspiração.”

27. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio na aceitação dos ensinamentos com base na reflexão? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio na aceitação dos ensinamentos com base na reflexão.”

“O exame do significado é o que mais auxilia a aceitação dos ensinamentos com base na reflexão, Bharadvaja. Se a pessoa não examinar o seu significado, a pessoa não irá obter a aceitação dos ensinamentos baseada na reflexão; mas porque a pessoa examina o seu significado, ela obtém a aceitação dos ensinamentos baseada na reflexão. É por isso que o exame do significado é o maior auxílio na aceitação dos ensinamentos com base na reflexão.”

28. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio no exame do significado? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio no exame do significado.”

“Memorizar os ensinamentos é o que mais auxilia no exame do significado, Bharadvaja. Se a pessoa não memoriza os ensinamentos, a pessoa não irá examinar o seu significado; mas porque a pessoa memoriza os ensinamentos, ela examina o seu significado. É por isso que memorizar os ensinamentos é o maior auxílio para o exame do seu significado.”

29. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio para memorizar os ensinamentos? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio para memorizar os ensinamentos.”

“Ouvir o Dhamma é o que mais auxilia a memorizar os ensinamentos, Bharadvaja. Se a pessoa não ouve o Dhamma, ela não irá memorizar os ensinamentos; mas porque a pessoa ouve o Dhamma, ela memoriza os ensinamentos. É por isso que ouvir o Dhamma é o maior auxílio para memorizar os ensinamentos.”

30. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio para ouvir o Dhamma? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio para ouvir o Dhamma.”

“Dar ouvidos é o que mais auxilia para ouvir o Dhamma, Bharadvaja. Se a pessoa não dá ouvidos, ela não irá ouvir o Dhamma; mas porque a pessoa dá ouvidos, ela ouve o Dhamma. É por isso que dar ouvidos é o maior auxílio para ouvir o Dhamma.”

31. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio para dar ouvidos? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio para dar ouvidos.”

“Homenagear é o que mais auxilia a dar ouvidos, Bharadvaja. Se a pessoa não homenageia, ela não irá dar ouvidos; mas porque a pessoa homenageia, ela dá ouvidos. É por isso que para dar ouvidos o maior auxílio é homenagear.”

32. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio para homenagear? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio para homenagear.”

“Visitar é o que mais auxilia homenagear, Bharadvaja. Se a pessoa não visita um mestre, ela não irá homenageá-lo; mas porque a pessoa visita um mestre, ela o homenageia. É por isso que visitar é o maior auxílio para homenagear.”

33. “Mas o que, Mestre Gotama, é de maior auxílio para visitar? Nós perguntamos ao Mestre Gotama qual é a coisa de maior auxílio para visitar.”

“Fé é o que mais auxilia a visitar, Bharadvaja. Se a fé em um mestre não surgir, a pessoa não irá visitá-lo; mas porque a fé em um mestre surge, ela o visita. É por isso que fé é o maior auxílio para visitar.”

34. “Nós perguntamos ao Mestre Gotama sobre a preservação da verdade e o Mestre Gotama respondeu sobre a preservação da verdade; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Nós perguntamos ao Mestre Gotama sobre a descoberta da verdade e o Mestre Gotama respondeu sobre a descoberta da verdade; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Nós perguntamos ao Mestre Gotama sobre a chegada final à verdade e o Mestre Gotama respondeu sobre a chegada final à verdade; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Nós perguntamos ao Mestre Gotama sobre a coisa que mais auxilia para finalmente chegar à verdade e o Mestre Gotama respondeu sobre a coisa que mais auxilia para finalmente chegar à verdade; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Tudo que perguntamos ao Mestre Gotama, ele nos respondeu; nós aprovamos e aceitamos a resposta e assim estamos satisfeitos. Antes, Mestre Gotama, costumávamos pensar: ‘Quem são esses contemplativos carecas, esses subalternos com a tez escura, descendentes dos pés do Ancestral, que seriam capazes de entender o Dhamma?’ [cxxxiv](#) Mas o Mestre Gotama incutiu em mim amor por esses contemplativos, confiança nesses contemplativos, reverência por esses contemplativos.

35. “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se colocasse em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na comunidade de *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama se lembre de mim como o discípulo leigo que tomou refúgio, deste dia em diante para o resto da sua vida.”

96 *Esukari Sutta*

Para Esukari

Os brâmanes são uma casta superior?

1. Assim Ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.
2. Então, o brâmane Esukari foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e disse:
3. “Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem quatro níveis de serviço. Eles prescrevem um nível de serviço para um brâmane, um nível de serviço para um nobre, um nível de serviço para um comerciante e um nível de serviço para um trabalhador. Nesse sentido, Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem o seguinte nível de serviço para um brâmane: um brâmane pode servir a um brâmane, um nobre pode servir a um brâmane, um comerciante pode servir a um brâmane e um trabalhador pode servir a um brâmane. Esse é o nível de serviço para um brâmane que os brâmanes prescrevem. Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem o seguinte nível de serviço para um nobre: um nobre pode servir a um nobre, um comerciante pode servir a um nobre e um trabalhador pode servir a um nobre. Esse é o nível de serviço para um nobre que os brâmanes prescrevem. Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem o seguinte nível de serviço para um comerciante: um comerciante pode servir a um comerciante e um trabalhador pode servir a um comerciante. Esse é o nível de serviço para um comerciante que os brâmanes prescrevem. Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem o seguinte nível de serviço para um trabalhador: apenas um trabalhador pode servir a um trabalhador; pois quem mais poderia servir a um trabalhador? Esse é o nível de serviço para um trabalhador que os brâmanes prescrevem. O que o Mestre Gotama diz a respeito disso?”
4. “Bem, brâmane, o mundo todo autorizou os brâmanes a prescreverem esses quatro níveis de serviço?” – “Não, Mestre Gotama.” – “Suponha, brâmane, que alguém empurrasse um naco de carne para um homem pobre, sem um tostão, destituído, dizendo: ‘Bom homem, você deve comer esta carne e pagar por ela’; da mesma forma, sem o consentimento dos demais contemplativos e brâmanes, os brâmanes apesar disso prescrevem esses quatro níveis de serviço.

5. “Eu não digo, brâmane, que todos devem ser servidos, nem eu digo que ninguém deve ser servido. Pois se, ao servir alguém, a pessoa se torna pior e não melhor devido ao serviço, então eu digo que ela não deve servir. E se, ao servir alguém, a pessoa se torna melhor e não pior devido ao serviço, então eu digo que ela deve servir.

6. “Se eles perguntassem a um nobre o seguinte: ‘Quais desses você serviria – aquele em cujo serviço você se tornasse pior e não melhor ao servi-lo, ou aquele em cujo serviço você se tornasse melhor e não pior ao servi-lo: respondendo da forma correta, um nobre responderia o seguinte: ‘Eu não deveria servir aquele em cujo serviço eu me tornasse pior e não melhor ao servi-lo; eu deveria servir aquele em cujo serviço eu me tornasse melhor e não pior ao servi-lo.’

“Se eles perguntassem a um brâmane ... perguntassem a um comerciante ... perguntassem a um trabalhador ... respondendo da forma correta, um trabalhador responderia o seguinte: ‘Eu não deveria servir aquele em cujo serviço eu me tornasse pior e não melhor ao servi-lo; eu deveria servir aquele em cujo serviço eu me tornasse melhor e não pior ao servi-lo.’

7. “Eu não digo, brâmane, que alguém seja melhor porque é de uma família nobre, nem eu digo que alguém seja pior porque é de uma família nobre. Eu não digo que alguém seja melhor porque possui notável beleza, nem eu digo que alguém seja pior porque possui notável beleza. Eu não digo que alguém seja melhor porque possui grande riqueza, nem eu digo que alguém seja pior porque possui grande riqueza.

8. “Pois aqui, brâmane, alguém de uma família nobre poderá matar seres vivos, tomar aquilo que não for dado, portar-se de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais, dizer mentiras, falar com malícia, falar de modo grosseiro, falar de modo frívolo, ser cobiçoso, ter uma mente com má vontade e ter entendimento incorreto. Portanto, eu não digo que alguém seja melhor porque é de uma família nobre. Mas também, brâmane, alguém de uma família nobre poderá abster-se de matar seres vivos, de tomar aquilo que não for dado, de portar-se de forma imprópria em relação aos prazeres sensuais, de dizer mentiras, de falar com malícia, de falar de modo grosseiro, de falar de modo frívolo, e ele poderá não ser cobiçoso, não ter uma mente com má vontade e ter entendimento correto. Portanto, eu não digo que alguém seja pior porque é de uma família nobre.

“Aqui, brâmane, alguém que possui notável beleza ... alguém que possui grande riqueza poderá matar seres vivos ... e ter entendimento incorreto. Portanto, eu não digo que alguém seja melhor porque possui notável beleza ... possui grande riqueza. Mas também, brâmane, alguém que possui notável beleza ... possui grande riqueza poderá abster-se de matar seres vivos ... e ter entendimento correto. Portanto, eu não digo que alguém seja pior porque possui notável beleza ... possui grande riqueza.

9. “Eu não digo, brâmane, que todos devem ser servidos, nem eu digo que ninguém deve ser servido. Pois se, ao servir alguém, a fé, virtude, aprendizado, generosidade e sabedoria da pessoa crescem por estar a serviço dele, então eu digo que ele deve servir.”

10. Quando isso foi dito o brâmane Esukari disse para o Abençoado: “Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem quatro tipos de riqueza. Eles prescrevem a riqueza de um brâmane, a riqueza de um nobre, a riqueza de um comerciante e a riqueza de um trabalhador.

“Nesse sentido, Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem isto como a riqueza de um brâmane – esmolar alimentos; ^{cxxxv} um brâmane que menospreza a própria riqueza, a esmola de alimentos, abusa do seu dever como um guarda que toma aquilo que não lhe foi dado. Essa é a riqueza de um brâmane prescrita pelos brâmanes. Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem isto como a riqueza de um nobre – o arco e a aljava; um nobre que menospreza a própria riqueza, o arco e a aljava, abusa do seu dever como um guarda que toma aquilo que não lhe foi dado. Essa é a riqueza de um nobre prescrita pelos brâmanes. Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem isto como a riqueza de um comerciante – a agricultura e a pecuária; ^{cxxxvi} um comerciante que menospreza a própria riqueza, a agricultura e a pecuária, abusa do seu dever como um guarda que toma aquilo que não lhe foi dado. Essa é a riqueza de um comerciante prescrita pelos brâmanes. Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem isto como a riqueza de um trabalhador – a foice e a trave de carga; um trabalhador que menospreza a própria riqueza, a foice e a trave de carga, abusa do seu dever como um guarda que toma aquilo que não lhe foi dado. Essa é a riqueza de um trabalhador prescrita pelos brâmanes. O que o Mestre Gotama diz a respeito disso?”

11. “Bem, brâmane, o mundo todo autorizou os brâmanes a prescreverem esses quatro tipos de riqueza?” – “Não, Mestre Gotama.” - “Suponha, brâmane, que alguém empurrasse um naco de carne para um homem pobre, sem um tostão, destituído, dizendo: ‘Bom homem, você deve comer esta carne e pagar por ela’; da mesma forma, sem o consentimento dos demais contemplativos e brâmanes, os brâmanes apesar disso prescrevem esses quatro tipos de riqueza.

12. “Eu, brâmane, declaro o nobre e supramundano Dhamma como a riqueza da própria pessoa. Pois, recordando a sua linhagem familiar ancestral maternal e paternal, ela é reconhecida de acordo com o lugar onde tenha renascido, onde quer que seja. Se ela renascer num clã de nobres, ela será reconhecida como um nobre; se ela renascer num clã de brâmanes, ela será reconhecida como um brâmane; se ela renascer num clã de comerciantes, ela será reconhecida como um comerciante; se ela renascer num clã de trabalhadores, ela será reconhecida como um trabalhador. Da mesma forma como o fogo é reconhecido pela condição particular na dependência da qual ele arde – quando o fogo arde na dependência de lenha, ele é reconhecido como fogo de lenha; quando o fogo arde na dependência de gravetos, ele é reconhecido como fogo de gravetos; quando o fogo arde na dependência de capim, ele é reconhecido como fogo de capim; quando o fogo arde na dependência de esterco de vaca, ele é reconhecido como fogo de esterco de vaca - assim também, brâmane, eu declaro o nobre e supramundano Dhamma como a riqueza da própria pessoa.

13. “Se, brâmane, qualquer um de um clã de nobres deixa a vida em família pela vida santa, e depois de haver encontrado o Dhamma e Disciplina proclamados pelo *Tathagata*, ele se abstém de matar seres vivos, de tomar aquilo que não for dado, do não celibato, da linguagem mentirosa, da linguagem maliciosa, da linguagem grosseira e da linguagem

frívola, e não é cobiçoso, tem uma mente sem má vontade e tem entendimento correto, ele é um dos que está realizando o verdadeiro caminho, o Dhamma que é benéfico.

“Se, brâmane, qualquer um de um clã de brâmanes deixa a vida em família ... qualquer um de um clã de comerciantes deixa a vida em família ... qualquer um de um clã de trabalhadores deixa a vida em família pela vida santa, e depois de haver encontrado o Dhamma e Disciplina proclamados pelo *Tathagata*, ele se abstém de matar seres vivos, de tomar aquilo que não for dado, do não celibato, da linguagem mentirosa, da linguagem maliciosa, da linguagem grosseira e da linguagem frívola, e não é cobiçoso, tem uma mente sem má vontade e tem entendimento correto, ele é um dos que está realizando o verdadeiro caminho, o Dhamma que é benéfico.

14. “O que você pensa, brâmane? Apenas um brâmane é capaz de desenvolver uma mente imbuída de amor bondade para com uma certa região, sem hostilidade e sem má vontade, e não um nobre ou um comerciante, ou um trabalhador?”

“Não, Mestre Gotama. Quer seja um nobre, ou um brâmane, ou um comerciante, ou um trabalhador – todos aqueles das quatro castas são capazes de desenvolver uma mente imbuída de amor bondade para com uma certa região, sem hostilidade e sem má vontade.”

“Da mesma forma, brâmane, se qualquer um de um clã de nobres deixa a vida em família ... (repetir o verso 13) ... ele é um dos que está realizando o verdadeiro caminho, o Dhamma que é benéfico.

15. “O que você pensa, brâmane? Apenas um brâmane é capaz de tomar uma esponja e sabão, ir até o rio e limpar o pó e a sujeira, e não um nobre ou um comerciante, ou um trabalhador?”

“Não, Mestre Gotama. Quer seja um nobre, ou um brâmane, ou um comerciante, ou um trabalhador – todos aqueles das quatro castas são capazes de tomar uma esponja e sabão, ir até o rio e limpar o pó e a sujeira.”

“Da mesma forma, brâmane, se qualquer um de um clã de nobres deixa a vida em família ... (repetir o verso 13) ... ele é um dos que está realizando o verdadeiro caminho, o Dhamma que é benéfico.

16. “O que você pensa, brâmane? Suponha que um nobre rei ungido aqui reunisse cem homens com nascimentos díspares ... (igual ao [MN 93 verso 11](#)) ... Pois todo fogo possui uma chama, cor e luminosidade, e é possível usar qualquer fogo para a finalidade de um fogo.”

“Da mesma forma, brâmane, se qualquer um de um clã de nobres deixa a vida em família ... (repetir o verso 13) ... ele é um dos que está realizando o verdadeiro caminho, o Dhamma que é benéfico.”

17. Quando isso foi dito, o brâmane Esukari disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida.”

97 *Dhananjani Sutta*

Para Dhananjani

Muitas responsabilidades não justificam a negligência

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Rajagaha, no Bambual, no Santuário dos Esquilos.

2. Agora, naquela ocasião o venerável Sariputta estava perambulando pelas Colinas do Sul com uma grande Sangha de *bhikkhus*. Então, um certo *bhikkhu* que havia passado o retiro das chuvas em Rajagaha foi até o venerável Sariputta nas Colinas do Sul e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e o venerável Sariputta perguntou: “O Abençoado está bem e forte, amigo?”

“O Abençoado está bem e forte, amigo.”

“A Sangha dos *bhikkhus* está bem e forte, amigo?”

“A Sangha dos *bhikkhus* também está bem e forte, amigo.”

“Amigo, há um brâmane chamado Dhananjani vivendo em Rajagaha no Portão de Tandulapala. O brâmane Dhananjani está bem e forte?”

“Esse brâmane Dhananjani também está bem e forte, amigo.”

“Ele é diligente amigo?”

“Como poderia ele ser diligente amigo? Ele pilha os brâmanes chefes de família em nome do rei e ele pilha o rei em nome dos brâmanes chefes de família. A sua esposa, que tinha fé, proveniente de um clã que tem fé, morreu e ele tomou outra esposa, uma mulher sem fé e que vem de um clã que não possui fé.”

“Essas são más notícias que estamos ouvindo, amigo. São de fato más notícias ouvir que o brâmane Dhananjani se tornou negligente. Talvez em algum momento possamos nos encontrar com o brâmane Dhananjani e ter com ele uma conversa.”

3. Então, tendo permanecido nas Colinas do Sul pelo tempo desejado, o venerável Sariputta saiu perambulando em direção a Rajagaha. Caminhando em etapas ele por fim chegou em Rajagaha, estabelecendo-se no Bambual, no Santuário dos Esquilos.

4. Então, ao amanhecer, o venerável Sariputta se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para Rajagaha para esmolar alimentos. Agora, naquela ocasião o brâmane Dhananjani estava ordenando as suas vacas num estábulo fora da cidade. Assim, depois do venerável Sariputta haver esmolado em Rajagaha e de haver retornado, após a refeição ele foi até o brâmane Dhananjani. O brâmane Dhananjani viu o venerável Sariputta chegando à distância e foi até ele dizendo: “Beba um pouco deste leite fresco, Mestre Sariputta, até que chegue a hora da refeição.”

“Já basta, brâmane, eu já terminei a minha refeição por hoje. Eu irei até a sombra daquela árvore para passar o resto do dia. Você poderá ir ter comigo lá.”

“Sim, senhor,” ele respondeu.

5. E então, depois da sua refeição matinal, o brâmane Dhananjani foi até o venerável Sariputta e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado, ele sentou a um lado e o venerável Sariputta perguntou: “Você é diligente, Dhananjani?”

“Como podemos ser diligentes, Mestre Sariputta, quando temos que sustentar nossos pais, nossa esposa e filhos e os nossos escravos, criados e trabalhadores; quando temos que cumprir com os nossos deveres para com os amigos e companheiros, para com os nossos pares e parentes, para como os nossos hóspedes, para com os nossos antepassados que já se foram, para com as divindades e para com o rei; e quando este corpo também precisa ser revigorado e alimentado?”

6. “O que você pensa, Dhananjani? Suponha que alguém aqui se comportasse de forma contrária ao Dhamma, se comportasse de forma iníqua para benefício dos seus pais, e então, devido a esse comportamento os guardiões do inferno o arrastassem para o inferno. Seria ele capaz de se livrar defendendo-se desta forma: ‘Foi em benefício dos meus pais que me comportei de forma contrária ao Dhamma, que me comportei de forma iníqua, portanto, não permita que os guardiões do inferno me arrastem para o inferno’? Ou os pais dele seriam capazes de livrá-lo defendendo-o desta forma: ‘Foi em nosso benefício que ele se comportou de forma contrária ao Dhamma, que ele se comportou de forma iníqua, portanto, não permita que os guardiões do inferno o arrastem para o inferno’?”

“Não, Mestre Sariputta. Mesmo enquanto ele estivesse clamando, os guardiões do inferno o arremessariam no inferno.”

7-15. “O que você pensa, Dhananjani? Suponha que alguém aqui se comportasse de forma contrária ao Dhamma, se comportasse de forma iníqua para benefício da sua esposa e filhos ... para benefício dos seus escravos, criados e trabalhadores ... para benefício dos seus amigos e companheiros ... para benefício dos seus pares e parentes ...

para benefício dos seus hóspedes ... para benefício dos seus antepassados que já se foram ... para benefício dos *devas* ... para benefício do rei ... para revigorar e alimentar o corpo, e então, devido a esse comportamento os guardiões do inferno o arrastassem para o inferno. Seria ele capaz de se livrar defendendo-se desta forma: ‘Foi para revigorar e alimentar este corpo que me comportei de forma contrária ao Dhamma, que me comortei de forma iníqua, portanto, não permita que os guardiões do inferno me arrastem para o inferno’? Ou os outros seriam capazes de livrá-lo defendendo-o desta forma: ‘Foi para revigorar e alimentar o corpo que ele se comportou de forma contrária ao Dhamma, que ele se comportou de forma iníqua, portanto, não permita que os guardiões do inferno o arrastem para o inferno’?”

“Não, Mestre Sariputta. Mesmo enquanto ele estivesse clamando, os guardiões do inferno o arremessariam no inferno.”

16. “O que você pensa, Dhananjani? Quem é o melhor, aquele que para benefício dos seus pais se comporta de forma contrária ao Dhamma, se comporta de forma iníqua, ou aquele que para benefício dos seus pais se comporta de acordo com o Dhamma, se comporta com equidade?”

“Mestre Sariputta, aquele que para benefício dos seus pais se comporta de forma contrária ao Dhamma, se comporta de forma iníqua, não é o melhor; aquele que para benefício dos seus pais se comporta de acordo com o Dhamma, se comporta com equidade, é o melhor.”

“Dhananjani, existem outros tipos de ocupações, lucrativas e de acordo com o Dhamma, através das quais é possível sustentar os pais e ao mesmo tempo evitar fazer o mal e praticar o mérito.

17-25. “O que você pensa, Dhananjani? Quem é o melhor, aquele que para benefício da sua esposa e filhos ... para benefício dos seus escravos, criados e trabalhadores ... para benefício dos seus amigos e companheiros ... para benefício dos seus pares e parentes ... para benefício dos seus hóspedes ... para benefício dos seus antepassados que já se foram ... para benefício dos *devas* ... para benefício do rei ... para revigorar e alimentar o corpo se comporta de forma contrária ao Dhamma, se comporta de forma iníqua, ou aquele que para revigorar e alimentar o corpo se comporta de acordo com o Dhamma, se comporta com equidade?”

“Mestre Sariputta, aquele que para revigorar e alimentar o corpo se comporta de forma contrária ao Dhamma, se comporta de forma iníqua, não é o melhor; aquele que para revigorar e alimentar o corpo se comporta de acordo com o Dhamma, se comporta com equidade, é o melhor.”

“Dhananjani, existem outros tipos de ocupações, lucrativas e de acordo com o Dhamma, através das quais é possível revigorar e alimentar o corpo e ao mesmo tempo evitar fazer o mal e praticar o mérito.

26. Então o brâmane Dhananjani, tendo ficado satisfeito e contente com as palavras do venerável Sariputta, levantou-se do seu assento e partiu.

27. Mais tarde, numa outra ocasião, o brâmane Dhananjani estava atormentado, sofrendo e gravemente enfermo. Então, ele se dirigiu a um homem desta forma: “Venha, bom homem, vá até o Abençoado, homenageie-o em meu nome com a sua cabeça aos pés dele e diga: ‘Venerável senhor, o brâmane Dhananjani está atormentado, sofrendo e gravemente enfermo; ele homenageia o Abençoado com a cabeça aos seus pés.’ Depois vá até o Venerável Sariputta, homenageie-o em meu nome com a sua cabeça aos pés dele e diga: ‘Venerável senhor, o brâmane Dhananjani está atormentado, sofrendo e gravemente enfermo; ele homenageia o Venerável Sariputta com a cabeça aos seus pés.’ Então diga: ‘Seria bom, venerável senhor, se o Venerável Sariputta fosse até a residência do brâmane Dhananjani, por compaixão.’”

“Sim senhor,” o homem respondeu, e foi até onde estava o Abençoado e após homenageá-lo sentou a um lado e relatou a sua mensagem. Depois ele foi até o Venerável Sariputta e após homenageá-lo relatou a sua mensagem. O Venerável Sariputta concordou em silêncio.

28. Então o Venerável Sariputta se vestiu e tomando a tigela e o manto externo, foi para a residência do brâmane Dhananjani. Tendo chegado, ele sentou num assento que havia sido preparado e disse para o brâmane Dhananjani: “Eu espero que você esteja melhorando, brâmane, espero que você esteja confortável, espero que as suas sensações de dor estejam diminuindo e não aumentando e que a sua diminuição, não o seu aumento, seja evidente.”

29. “Mestre Sariputta, eu não estou melhorando, não me sinto confortável. Minhas sensações de dor estão aumentando, não diminuindo, o seu aumento, não a sua diminuição é evidente. Tal como se um homem forte estivesse partindo a minha cabeça com uma espada afiada, da mesma forma, ventos violentos atravessam a minha cabeça. Eu não estou melhorando ... Tal como se um homem forte estivesse apertando uma correia de couro dura em volta da minha cabeça, da mesma forma, sinto dores violentas na minha cabeça. Eu não estou melhorando ... Tal como se um açougueiro habilidoso ou seu aprendiz cortassem o ventre de um boi com uma faca de açougueiro afiada, da mesma forma, ventos violentos estão cortando o meu ventre. Eu não estou melhorando ... Tal como se dois homens fortes agarrassem um homem mais fraco por ambos os braços e o assassem sobre uma cova com carvão em brasa, da mesma forma, um fogo violento queima no meu corpo. Eu não estou melhorando, não me sinto confortável. Minhas sensações de dor estão aumentando, não diminuindo, o seu aumento, não a sua diminuição é evidente.”

30. “O que você pensa, Dhananjani? Qual é o melhor – o inferno ou o mundo animal?” – “O mundo animal, Mestre Sariputta.” “Qual é melhor – o mundo animal ou o mundo dos fantasmas?” – “O mundo dos fantasmas, Mestre Sariputta.” “Qual é melhor – o mundo dos fantasmas ou o mundo dos seres humanos?” – “O mundo dos seres humanos, Mestre Sariputta.” “Qual é melhor – o mundo dos seres humanos ou o mundo dos *devas* dos

Quatro Grandes Reis?” – “O mundo dos *devas* dos Quatro Grandes Reis, Mestre Sariputta.” “Qual é melhor – o mundo dos *devas* dos Quatro Grandes Reis ou o mundo dos *devas* do Trinta e Três?” – “O mundo dos *devas* do Trinta e três, Mestre Sariputta.” “Qual é melhor – o mundo dos *devas* do Trinta e Três ou o mundo dos *devas* de Yama?” – “O mundo dos *devas* de Yama, Mestre Sariputta.” “Qual é melhor – o mundo dos *devas* de Yama ou o mundo dos *devas* de Tusita?” – “O mundo dos *devas* de Tusita, Mestre Sariputta.” “Qual é melhor – o mundo dos *devas* de Tusita ou o mundo dos *devas* que se deliciam com a criação?” – “O mundo dos *devas* que se deliciam com a criação, Mestre Sariputta.” “Qual é melhor – o mundo dos *devas* que se deliciam com a criação ou o mundo dos *devas* que exercem poder sobre a criação dos outros?” – “O mundo dos *devas* que exercem o poder sobre a criação dos outros, Mestre Sariputta.”

31. “O que você pensa, Dhananjani? Qual é o melhor – o mundo dos *devas* que exercem o poder sobre a criação dos outros ou o mundo de *Brahma*?” – “O Mestre Sariputta disse ‘o mundo de *Brahma*.’ O Mestre Sariputta disse ‘o mundo de *Brahma*.’”

Então o venerável Sariputta pensou: “Esses brâmanes são devotos do mundo de *Brahma*. E se eu mostrasse ao brâmane Dhananjani o caminho para o mundo de *Brahma*?” [E ele disse:] “Dhananjani, eu mostrarei o caminho para o mundo de *Brahma*. Ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.” – “Sim, senhor,” ele respondeu. O venerável Sariputta disse o seguinte:

32. “Qual é o caminho para o mundo de *Brahma*? Aqui, Dhananjani, um *bhikkhu* permanece com o coração pleno de amor bondade, permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim, acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Esse é o caminho para o mundo de *Brahma*.

33-35. “Outra vez, Dhananjani, um *bhikkhu* permanece com o coração pleno de compaixão, permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de compaixão ... com a mente imbuída de alegria altruísta ... com a mente imbuída de equanimidade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim, acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Esse também é o caminho para o mundo de *Brahma*.”

36. “Então Mestre Sariputta, homenageie o Abençoado em meu nome com a sua cabeça aos pés dele e diga: ‘Venerável senhor, o brâmane Dhananjani estava atormentado, sofrendo e gravemente enfermo; ele homenageia o Abençoado com a cabeça aos seus pés.’”

Então o venerável Sariputta, tendo estabelecido o brâmane Dhananjani no mundo de *Brahma*, levantou-se do seu assento e partiu, havendo no entanto ainda mais por ser feito.

[cxxxvii](#) Pouco depois que o venerável Sariputta partiu o brâmane Dhananjani morreu e renasceu no mundo de *Brahma*.

37. Então o Abençoado se dirigiu aos *bhikkhus* da seguinte forma: “*Bhikkhus*, Sariputta, tendo estabelecido o brâmane Dhananjani no mundo de *Brahma*, levantou-se do seu assento e partiu, havendo no entanto ainda mais por ser feito.”

38. Então o venerável Sariputta foi até o Abençoado e depois de homenageá-lo sentou a um lado e disse: “Venerável senhor, o brâmane Dhananjani estava atormentado, sofrendo e gravemente enfermo; ele homenageia o Abençoado com a cabeça aos seus pés.”

“Sariputta, tendo estabelecido o brâmane Dhananjani no mundo de *Brahma*, porque você se levantou do seu assento e partiu, quando no entanto havia ainda mais por ser feito?”

“Venerável senhor, eu pensei o seguinte: ‘Esses brâmanes são devotos do mundo de *Brahma*. E se eu mostrasse ao brâmane Dhananjani o caminho para o mundo de *Brahma*.’”

“Sariputta, o brâmane Dhananjani morreu e renasceu no mundo de *Brahma*.” [cxxxviii](#)

98 *Vasettha Sutta*

Para Vasettha

Uma disputa acerca das qualidades de um verdadeiro brâmane

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Icchanangala, na floresta próxima a Icchanangala.
2. Agora, naquela ocasião muitos brâmanes prósperos e bem conhecidos estavam em Icchanangala, isto é, o brâmane Canki, o brâmane Tarukkha, o brâmane Pokkharasati, o brâmane Janussoni, o brâmane Todeyya e outros brâmanes prósperos e bem conhecidos.
3. Então, enquanto os estudantes brâmanes, Vasettha e Bharadvaja, caminhavam e perambulavam fazendo exercício, esta discussão teve início entre eles: “Como uma pessoa é um brâmane?” O estudante brâmane Bharadvaja disse: “Quando uma pessoa é bem nascida de ambos lados, com a descendência maternal e paternal pura até a sétima geração passada, inatacável e impecável no que diz respeito ao nascimento, então a pessoa é um brâmane.” O estudante brâmane Vasettha disse: “Quando uma pessoa é virtuosa e cumpre as observâncias, então ela é um brâmane.”
4. Mas o estudante brâmane Vasettha não foi capaz de convencer o estudante brâmane Bharadvaja, nem o estudante brâmane Bharadvaja foi capaz de convencer o estudante brâmane Vasettha.

5. Então o estudante brâmane Vasettha disse para o estudante brâmane Bharadvaja: “O contemplativo Gotama está em Icchanangala, na floresta próxima a Icchanangala, e acerca desse mestre Gotama existe essa boa reputação: ‘Esse Abençoado é um *arahant*, perfeitamente iluminado, consumado no verdadeiro conhecimento e conduta, bem-aventurado, conhecedor dos mundos, um líder insuperável de pessoas preparadas para serem treinadas, mestre de *devas* e humanos, desperto, sublime. Ele declara - tendo realizado por si próprio com o conhecimento direto - este mundo com os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta geração com seus contemplativos e brâmanes, seus príncipes e povo. Ele ensina o Dhamma, com o significado e fraseado corretos, que é admirável no início, admirável no meio, admirável no final, e ele revela uma vida santa que é completamente perfeita e imaculada. É bom poder encontrar alguém tão nobre.’ Vamos até o contemplativo Gotama perguntar-lhe sobre isso, aquilo que ele nos disser, deveríamos aceitar.” E o estudante brâmane Bharadvaja concordou.

6. Assim, os dois foram até o Abençoado e eles se cumprimentaram. Quando a conversa cortês e amigável havia terminado eles sentaram a um lado e Vasettha se dirigiu ao Abençoado em versos:

Vasettha

1. “Somos ambos reconhecidos como possuidores do conhecimento que declaramos ter dos Três Vedas, pois eu sou o pupilo de Pokkharasati e ele é o pupilo de Tarukkha.

2. Nós obtivemos completa maestria em tudo aquilo que os expertos nos Vedas ensinam; hábeis em filologia e gramática nos igualamos aos nossos mestres nas discussões.

3. Uma desavença surgiu entre nós, Gotama, com respeito à questão de nascimento e classe: Bharadvaja diz que uma pessoa é um brâmane pelo nascimento, enquanto que eu defendo que uma pessoa é um brâmane pelas ações. Saiba que esse, Oh Vidente, é o nosso debate.

4. Visto que nenhum de nós foi capaz de convencer o outro, ou fazer com que um compreenda o ponto de vista do outro, viemos perguntar-lhe, senhor, conhecido amplamente como um Buda.

5. Da mesma forma como as pessoas se voltam com as palmas das mãos erguidas em direção à Lua quando esta atinge a sua plenitude,

assim no mundo eles o veneram
e o homenageiam, Gotama.

6. Então agora lhe perguntamos, Gotama,
o olho que ascendeu no mundo:
uma pessoa é um brâmane pelo nascimento ou ação?
Explique para nós que não sabemos
como devemos reconhecer um brâmane.”

Buda

7. Eu explicarei como na verdade são,
Vasettha, as divisões genéricas dos seres vivos;
pois muitos são os tipos de nascimentos.

8. Conheça primeiro as ervas e as árvores:
embora lhes falte autoconsciência,
o seu nascimento é a sua marca distintiva;
pois muitos são os tipos de nascimentos.

9. Em seguida vêm as mariposas e borboletas
e assim por diante até chegar nas formigas:
o seu nascimento é a sua marca distintiva;
pois muitos são os tipos de nascimentos.

10. Depois conheça os muitos tipos de quadrúpedes
[as várias espécies] tanto os grandes como os pequenos:
o seu nascimento é a sua marca distintiva;
pois muitos são os tipos de nascimentos.

11. Conheça aqueles cujos ventres são os seus pés,
isto é, a espécie com as costas longas, as cobras:
o seu nascimento é a sua marca distintiva;
pois muitos são os tipos de nascimentos.

12. Conheça também os peixes que vivem na água,
que pastam no mundo líquido:
o seu nascimento é a sua marca distintiva;
pois muitos são os tipos de nascimentos.

13. Em seguida conheça os pássaros
que com as suas asas atravessam o céu aberto:
o seu nascimento é a sua marca distintiva;
pois muitos são os tipos de nascimentos.

14. “Enquanto que nesses pássaros as diferenças

de nascença produzem uma marca distintiva,
nos humanos não há diferenças de nascença
que produzam neles uma marca distintiva.

15. Nem nos cabelos ou na cabeça,
nem nas orelhas ou nos olhos,
nem na boca ou no nariz,
nem nos lábios ou nas sobrancelhas;

16. Nem nos ombros ou no pescoço,
nem na barriga ou nas costas,
nem nas nádegas ou no peito,
nem no anus ou nos genitais;

17. Nem nas mãos ou nos pés,
nem nos dedos ou nas unhas,
nem nos joelhos ou nas coxas,
nem na cor ou na voz:
neste caso o nascimento não produz uma marca distintiva
como nos demais tipos de nascimento.

18. Nos corpos humanos em si
nada de distintivo pode ser encontrado.
A distinção entre os seres humanos
é uma pura designação verbal.

19. “Aquele que ganha o seu sustento entre os homens
através da agricultura, você deve saber
Vasettha, é chamado de agricultor;
ele não é um brâmane.

20. Aquele que ganha o seu sustento entre os homens
através das mãos, você deve saber
Vasettha, é chamado de trabalhador;
ele não é um brâmane.

21. Aquele que ganha o seu sustento entre os homens
através do comércio, você deve saber
Vasettha, é chamado de comerciante;
ele não é um brâmane.

22. Aquele que ganha o seu sustento entre os homens
servindo aos outros, você deve saber
Vasettha, é chamado de criado;
ele não é um brâmane.

23. Aquele que ganha o seu sustento entre os homens através do roubo, você deve saber Vasettha, é chamado de ladrão; ele não é um brâmane.

24. Aquele que ganha o seu sustento entre os homens através do arco, você deve saber Vasettha, é chamado de soldado; ele não é um brâmane.

25. Aquele que ganha o seu sustento entre os homens através do sacerdócio, você deve saber Vasettha, é chamado de sacerdote; ele não é um brâmane.

26. Qualquer um que governe entre os homens a cidade e o reino, você deve saber Vasettha, é chamado de governante; ele não é um brâmane.

27. “Eu não digo que alguém seja um brâmane devido à sua origem e linhagem. Se os impedimentos ainda nele se ocultam, ele é apenas um dos que diz ‘Senhor.’ [cxxxix](#) Mas aquele que está desimpedido e não tem mais apego: esse é o verdadeiro brâmane.

28. Rompendo todos os grilhões, não mais abalado pela raiva, superando todos os vínculos, emancipado: esse é o verdadeiro brâmane.

29. Cortando todas as amarras e correias, bem como o cabresto e a embocadura, cuja trave foi removida, iluminado: esse é o verdadeiro brâmane.

30. Agüentando sem o menor indício de ressentimento, o abuso, a violência e também o cativo, cujo poder e força verdadeira é a paciência: esse é o verdadeiro brâmane.

31. Não se incendeia com a raiva, obediente, virtuoso e modesto, domesticado, suportando o seu último corpo: esse é o verdadeiro brâmane.

32. Como a chuva nas folhas do lótus,
ou uma semente de mostarda na ponta duma agulha,
de modo algum se apega aos prazeres sensuais:
esse é o verdadeiro brâmane.

33. Nesta mesma vida realizando por si mesmo
o fim de todo o sofrimento,
deitando o fardo e se emancipando:
esse é o verdadeiro brâmane.

34. Com profundo entendimento, sábio,
hábil na distinção entre o caminho e o descaminho,
tendo alcançado o objetivo supremo:
esse é o verdadeiro brâmane.

35. Reservado em relação aos chefes de família
e da mesma forma em relação aos contemplativos,
perambulando sem morada fixa e com poucas necessidades:
esse é o verdadeiro brâmane.

36. Renunciando à violência contra todos os seres vivos,
fracos ou fortes,
que não mata ou faz com que outros matem:
esse é o verdadeiro brâmane.

37. Amigável entre os hostis,
pacífico entre os violentos,
desapegado entre os apegados:
esse é o verdadeiro brâmane.

38. Cobiça e raiva, presunção e desprezo,
se despegaram igual à semente de mostarda
da ponta duma agulha:
esse é o verdadeiro brâmane.

39. Empregando linguagem gentil,
instrutiva, verdadeira,
sem ofender a ninguém:
esse é o verdadeiro brâmane.

40. No mundo nunca toma nada
que não tenha sido dado, quer seja longo ou curto,
grande ou pequeno, bom ou ruim:
esse é o verdadeiro brâmane.

41. Não deseja mais nada
quer seja deste mundo ou do próximo,
livre do desejo e emancipado:
esse é o verdadeiro brâmane.

42. Não possui mais apegos,
nem perplexidades, pois sabe,
tendo mergulhado no Imortal:
esse é o verdadeiro brâmane.

43. Neste mundo transcendendo todos os vínculos
tanto com os méritos como com os deméritos,
livre do sofrimento, imaculado e puro:
esse é o verdadeiro brâmane.

44. Imaculado como a lua,
puro, sereno e imperturbado,
tendo destruído o desejo por ser/existir:
esse é o verdadeiro brâmane.

45. Superando esse samsara lodoso,
perigoso, enganador,
meditando com os *jhanas*, cruzando para a outra margem,
imperturbável, sem perplexidade,
realizando nibbana através do desapego:
esse é o verdadeiro brâmane.

46. Abandonando os prazeres sensuais
renunciando à vida em família,
perambulando como um eremita,
destruindo ambos o desejo pelos prazeres dos sentidos
e pela continuada existência:
esse é o verdadeiro brâmane.

47. Abandonando o desejo
renunciando à vida em família,
perambulando como um eremita,
destruindo ambos o desejo
e a continuada existência:
esse é o verdadeiro brâmane.

48. Abandonando todos os vínculos humanos,
e transcendendo todos os vínculos celestiais,
desapegando-se de todos os vínculos:
esse é o verdadeiro brâmane.

49. Abandonando o deleite e o descontentamento,
arrefecido e sem apegos,
o herói que transcendeu todo o mundo:
esse é o verdadeiro brâmane.

50. Conhecendo de todos os modos
a morte e o renascimento dos seres,
desapegado, abençoado, iluminado:
esse é o verdadeiro brâmane.

51. Cujo destino não é do conhecimento
de *devas* e humanos,
um *arahant* com as impurezas destruídas:
esse é o verdadeiro brâmane.

52. Sem apego por absolutamente nada,
do passado, presente e futuro,
desimpedido e sem se agarrar a nada:
esse é o verdadeiro brâmane.

53. O líder do rebanho, o perfeito herói,
o grande sábio, o conquistador,
imperturbável, imaculado, iluminado:
esse é o verdadeiro brâmane.

54. Conhecendo as suas vidas passadas,
vendo os mundos paradisíacos e os mundos inferiores,
chegando ao fim dos nascimentos,
esse é o verdadeiro brâmane.

55. Pois o nome e o clã são atribuídos
como meras designações mundanas;
com origem nas convenções,
estes são atribuídos aqui e ali.

56. Para aqueles que desconhecem este fato,
idéias incorretas há muito tempo sustentam os seus corações;
sem saber, eles nos declaram:
'Uma pessoa é brâmane pelo nascimento.'

57. Uma pessoa não é brâmane pelo nascimento,
nem pelo nascimento ela não é brâmane.
Através da ação ela é brâmane.
Através da ação ela não é brâmane.

58. Pois os homens são agricultores através das suas ações,

e através das suas ações eles também são trabalhadores;
e os homens são comerciantes através das suas ações,
e através das suas ações eles também são criados.

59. E os homens são ladrões através das suas ações,
e através das suas ações eles também são soldados;
e os homens são brâmanes através das suas ações,
e através das suas ações eles também são governantes.

60. Portanto, é assim como aqueles verdadeiramente sábios
vêm as ações como elas na verdade são,
enxergando a origem dependente,
com habilidade nas ações e nos seus resultados. [cxl](#)

61. As ações é que fazem o mundo girar,
as ações fazem esta geração girar.
Os seres vivos estão atados pelas ações,
da mesma forma que a roda da carruagem pelo eixo.

62. Ascetismo, vida santa,
autocontrole e treinamento interior -
assim uma pessoa se torna brâmane.
Nisso se encontra o supremo estado de brâmane. [cxli](#)

63. Uma pessoa que possui o conhecimento tríplice,
pacífico, com o ser/existir destruído:
conheça-o assim, O! Vasettha,
como *Brahma* e Sakka para aqueles que compreendem.”

14. Quando isso foi dito os estudantes brâmanes Vasettha e Bharadvaja disseram para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Nós buscamos refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama nos aceite como discípulos leigos que nele buscaram refúgio para o resto da sua vida.”

99 Subha Sutta

Para Subha

O Buda responde as perguntas de um jovem brâmane

1. Assim ouvi. Em certa ocasião o Abençoado estava em Savatthi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika.

2. Agora naquela ocasião o estudante brâmane Subha, o filho de Todeyya, estava residindo na residência de um certo chefe de família em Savathi para tratar de negócios. Então o estudante brâmane Subha perguntou ao chefe de família na casa de quem ele estava residindo: “Chefe de família, eu ouvi que Savathi não está desprovida de *arahants*. Qual contemplativo ou brâmane deveríamos visitar hoje para homenageá-lo?”

“Venerável senhor, há um Abençoado vivendo em Savathi no Bosque de Jeta, no Parque de Anathapindika. Você poderá ir homenagear esse Abençoado, venerável senhor.”

3. Então, tendo concordado com o chefe de família, o estudante brâmane Subha foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele sentou a um lado e perguntou ao Abençoado:

4. “Mestre Gotama, os brâmanes dizem o seguinte: ‘Um chefe de família está realizando o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico. Aquele que segue a vida santa não está realizando o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico.’ O que o Mestre Gotama diz disso?”

“Veja, estudante, eu sou aquele que fala depois de fazer uma análise; [cxlii](#) eu não falo para favorecer um grupo. Eu não elogio o caminho de prática incorreto por parte quer seja de um chefe de família ou de um contemplativo, pois tanto um chefe de família como um contemplativo, que tenha entrado no caminho de prática incorreto, devido ao modo de prática incorreto, não está realizando o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico. Eu elogio o caminho de prática correto por parte quer seja de um chefe de família ou de um contemplativo, pois tanto um chefe de família como um contemplativo, que tenha entrado no caminho de prática correto, devido ao modo de prática correto, está realizando o caminho verdadeiro, o Dhamma que é benéfico.”

5. “Mestre Gotama, os brâmanes dizem o seguinte: ‘Visto que a vida em família envolve muita atividade, grandes funções, grandes compromissos e grandes obrigações, ela produz muitos frutos. Visto que o trabalho dos contemplativos envolve pequena atividade, pequenas funções, pequenos compromissos, pequenas obrigações, ele produz poucos frutos.’ O que o Mestre Gotama diz disso?”

“Aqui também, estudante, eu sou aquele que fala depois de fazer uma análise; eu não falo para favorecer um grupo. Há trabalho que envolve muita atividade, grandes funções, grandes compromissos e grandes obrigações, que, quando fracassa, produz poucos frutos. Há trabalho que envolve muita atividade, grandes funções, grandes compromissos e grandes obrigações, que, quando tem êxito, produz muitos frutos. Há trabalho que envolve pequena atividade, pequenas funções, pequenos compromissos, pequenas obrigações, que, quando fracassa, produz poucos frutos. Há trabalho que envolve pequena atividade, pequenas funções, pequenos compromissos, pequenas obrigações, que, quando tem êxito, produz muitos frutos.

6. “Qual, estudante, é aquele trabalho que envolve muita atividade ... que, quando fracassa, produz poucos frutos? A agricultura é o trabalho que envolve muita atividade ... que, quando fracassa, produz poucos frutos. E qual, estudante, é aquele trabalho que envolve muita atividade ... que, quando tem êxito, produz muitos frutos? Novamente a agricultura é o trabalho que envolve muita atividade ... que, quando tem êxito, produz muitos frutos. E qual, estudante, é aquele trabalho que envolve pequena atividade ... que, quando fracassa, produz poucos frutos? O comércio é o trabalho que envolve pequena atividade ... que, quando fracassa, produz poucos frutos. E qual, estudante, é aquele trabalho que envolve pequena atividade ... que, quando tem êxito, produz muitos frutos? Novamente o comércio é o trabalho que envolve pequena atividade ... que, quando tem êxito, produz muitos frutos.

7. “Da mesma forma que a agricultura, estudante, é um trabalho que envolve muita atividade ... mas que produz poucos frutos quando fracassa, assim também o trabalho de um chefe de família envolve muita atividade ... produz poucos frutos quando fracassa. Da mesma forma que a agricultura é um trabalho que envolve muita atividade ... produz muitos frutos quando tem êxito, assim também o trabalho de um chefe de família envolve muita atividade ... produz muitos frutos quando tem êxito. Da mesma forma que o comércio é um trabalho que envolve pouca atividade ... produz poucos frutos quando fracassa, assim também o trabalho de um contemplativo envolve pequena atividade ... produz poucos frutos quando fracassa. Da mesma forma que o comércio é um trabalho que envolve pouca atividade ... mas que produz muitos frutos quando tem êxito, assim também o trabalho de um contemplativo envolve pequena atividade ... produz muitos frutos quando tem êxito.”

8. “Mestre Gotama, os brâmanes prescrevem cinco coisas para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico.”

“Se não for problema, estudante, por favor diga para esta assembléia as cinco coisas que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico.”

9. “Mestre Gotama, a verdade é a primeira coisa que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico. Ascetismo é a segunda coisa ... Celibato é a terceira coisa ... Estudo é a quarta coisa ... Generosidade é a quinta coisa que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico. Essas são as cinco coisas que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico. O que o Mestre Gotama diz disso?”

“Como então, estudante, entre os brâmanes existe pelo menos um brâmane que diga isto: ‘Eu declaro o resultado dessas cinco coisas, tendo eu mesmo compreendido isso através do conhecimento direto’?” – “Não, Mestre Gotama.” [cxliii](#)

Como então, estudante, entre os brâmanes existe pelo menos um mestre ou um mestre de um mestre nas últimas sete gerações de mestres que tenha dito isto: ‘Eu declaro o resultado dessas cinco coisas, tendo eu mesmo compreendido isso através do conhecimento direto’?” – “Não, Mestre Gotama.”

Como então, estudante, os antigos brâmanes videntes, os criadores dos mantras, os compositores dos mantras antigos, que antigamente eram recitados, falados e compilados, e que ainda hoje os brâmanes recitam e repetem, repetindo o que foi dito e recitando o que foi recitado – isto é, Atthaka, Vamaka, Vamadeva, Vessamitta, Yamataggi, Angirasa, Bharadvaja, Vasettha, Kassapa e Bhagu – pelo menos esses antigos brâmanes videntes diziam isto: ‘Nós declaramos o resultado dessas cinco coisas, sendo que nós mesmos compreendemos isso através do conhecimento direto’?’ – “Não, Mestre Gotama.”

“Portanto, estudante, parece que entre os brâmanes não existe nem pelo menos um que diga isto: ‘Eu declaro o resultado dessas cinco coisas, tendo eu mesmo compreendido isso através do conhecimento direto.’ E entre os brâmanes não existe nem pelo menos um mestre ou um mestre de um mestre nas últimas sete gerações de mestres que tenha dito isto: ‘Eu declaro o resultado dessas cinco coisas tendo eu mesmo compreendido isso através do conhecimento direto.’ E entre os antigos brâmanes videntes, os criadores dos mantras, os compositores dos mantras ... até mesmo esses antigos brâmanes videntes não diziam isto: ‘Nós declaramos o resultado dessas cinco coisas, sendo que compreendemos isso por nós mesmos através do conhecimento direto.’ Suponha que houvesse uma fila de homens cegos cada um em contato com o seguinte: o primeiro não vê, o do meio não vê e o último não vê. Da mesma forma, estudante, em relação às suas afirmações, os brâmanes parecem uma fila de homens cegos: o primeiro não vê, o do meio não vê e o último não vê. O que você pensa, estudante, em sendo assim, a fé dos brâmanes não se torna sem fundamento?’”

10. Quando isso foi dito, o estudante brâmane Subha ficou furioso e desgostoso com o símile da fila de homens cegos e ele insultou, menosprezou e censurou o Abençoado dizendo: “O contemplativo Gotama será derrotado.” Então ele disse para o Abençoado: “Mestre Gotama, o brâmane Pokkharasati do clã Upamanna, soberano do Bosque de Subhaga, diz o seguinte: [cxliv](#) ‘Aqui alguns contemplativos e brâmanes reivindicam estados supra-humanos, distinções em conhecimento e visão dignas dos nobres. Mas aquilo que eles dizem se revela ridículo; se transforma em meras palavras, vazias e ôcas. Pois como poderia um ser humano compreender ou ver, ou ter o conhecimento de um estado supra-humano, uma distinção em conhecimento e visão dignas dos nobres? Isso é impossível.’”

11. “Como então, estudante, o brâmane Pokkharasati compreende as mentes de todos os contemplativos e brâmanes, abrangendo-as com a sua própria mente?’”

“Mestre Gotama, o brâmane Pokkharasati não compreende nem mesmo a mente da sua escrava esposa Punnika, abrangendo-a com a sua própria mente, então como poderia ele compreender as mentes de todos os contemplativos e brâmanes?’”

12. “Estudante, suponha que houvesse um homem cego de nascença que não pudesse ver as formas claras e escuras. Que não pudesse ver as formas azuis, amarelas, vermelhas ou rosadas, que não pudesse ver aquilo que é plano e aquilo que é irregular, que não pudesse ver as estrelas ou o sol e a lua. Ele poderia dizer o seguinte: ‘Não existem formas claras e

escuras, e ninguém que possa ver formas claras e escuras; não existem formas azuis, amarelas, vermelhas ou rosadas, e ninguém que possa ver formas azuis, amarelas, vermelhas ou rosadas; não há nada plano e nada irregular, e ninguém que possa ver o plano e o irregular; não existem estrelas e não existe o sol e a lua, e ninguém que possa ver as estrelas, o sol e a lua. Eu não conheço isso, eu não vejo isso, portanto isso não existe.’ Dizendo isso, estudante, ele estaria falando da forma correta?”

“Não, Mestre Gotama. Existem formas claras e escuras, e aqueles que podem ver formas claras e escuras ... existem estrelas e existe o sol e a lua, e aqueles que podem ver as estrelas, o sol e a lua. Dizendo ‘Eu não conheço isso, eu não vejo isso, portanto, isso não existe,’ ele não estaria falando da forma correta.”

13. “Da mesma forma, estudante, o brâmane Pokkharasati é cego e não tem visão. Que ele possa compreender, ver ou alcançar um estado supra-humano, uma distinção em conhecimento e visão dignas dos nobres – isso é impossível. O que você pensa, estudante? O que é melhor para os prósperos brâmanes de Kosala, como o brâmane Canki, o brâmane Tarukkha, o brâmane Pokkharasati, o brâmane Janussoni ou o seu pai, o brâmane Todeyya, – que as afirmações que eles fazem estejam de acordo com as convenções do mundo ou que desprezem as convenções do mundo?” – “Que estas estejam de acordo com as convenções do mundo, Mestre Gotama.”

“O que é melhor para eles, que as afirmações que eles fazem sejam ponderadas ou impensadas?” – “Ponderadas, Mestre Gotama.” – “O que é melhor para eles, que as afirmações que eles fazem sejam feitas depois de refletir ou sem reflexão?” – “Depois de refletir, Mestre Gotama.” – “O que é melhor para eles, que as afirmações que eles fazem sejam benéficas ou sem benefício?” – “Benéficas, Mestre Gotama.”

14. “O que você pensa, estudante? Se é assim, a afirmação feita pelo brâmane Pokkharasati está de acordo com as convenções do mundo ou despreza as convenções do mundo?” – “Ela despreza as convenções do mundo, Mestre Gotama.” – “A afirmação feita foi ponderada ou impensada?” – “Impensada, Mestre Gotama.” – “A afirmação foi feita depois de refletir ou sem reflexão?” – “Sem reflexão, Mestre Gotama.” – “A afirmação feita foi benéfica ou sem benefício?” – “Sem benefício, Mestre Gotama.”

15. “Agora, existem esses cinco obstáculos, estudante. Quais são os cinco? O obstáculo do desejo sensual, o obstáculo da má vontade, o obstáculo da preguiça e torpor, o obstáculo da inquietação e ansiedade e o obstáculo da dúvida. Esses são os cinco obstáculos. O brâmane Pokkharasati está obstruído, impedido, bloqueado e envolvido por esses cinco obstáculos. Que ele possa compreender, ver ou alcançar um estado supra-humano, uma distinção em conhecimento e visão digna dos nobres – isso é impossível.

16. “Agora, existem esses cinco elementos do prazer sensual. Quais são os cinco? Formas conscientizadas através do olho que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostadas, conectadas com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Sons conscientizados através do ouvido ... Aromas conscientizados através do nariz ... Sabores conscientizados através da língua ... Tangíveis conscientizados através do corpo

que são desejáveis, agradáveis e fáceis de serem gostados, conectados com o desejo sensual e que provocam a cobiça. Esses são os cinco elementos do prazer sensual. O brâmane Pokkharasati está atado a esses cinco elementos do prazer sensual, apaixonado por eles e totalmente comprometido com eles; ele desfruta deles sem ver neles o perigo ou compreender como escapar deles. Que ele possa compreender, ver ou alcançar um estado supra-humano, uma distinção em conhecimento e visão digna dos nobres – isso é impossível.

17. “O que você pensa, estudante? Quais desses dois fogos teria uma [melhor] chama, cor e luminosidade – um fogo que arde na dependência de um combustível, tal como capim e madeira, ou um fogo que arde independente de um combustível, tal como capim e madeira?”

“Se fosse possível, Mestre Gotama, que um fogo ardesse independente de um combustível, tal como capim e madeira, esse fogo teria uma [melhor] chama, cor e luminosidade.”

“É impossível, estudante, não pode acontecer que um fogo queime independente de combustível tal como capim ou madeira, exceto através do [exercício de] poderes supra-humanos. Como o fogo que arde na dependência de um combustível tal como capim e madeira, eu digo, é o gozo que depende dos cinco elementos do prazer sensual. Como o fogo que arde independente de combustível tal como o capim e madeira, é o gozo afastado dos prazeres sensuais, afastado dos estados prejudiciais. E o que estudante, é o gozo afastado dos prazeres sensuais, afastado dos estados prejudiciais? Aqui, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, um *bhikkhu* entra e permanece no primeiro *jhana*, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. Esse é o gozo afastado dos prazeres sensuais, afastado dos estados prejudiciais. Além disso, abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um *bhikkhu* entra e permanece no segundo *jhana*, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. Este também é o gozo afastado dos prazeres sensuais, afastado dos estados prejudiciais.”

18. “Daquelas cinco coisas, estudante, que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico, quais das cinco eles prescrevem como sendo a mais frutífera para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico?”

“Dessas cinco coisas, Mestre Gotama, que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico, eles prescrevem a generosidade como sendo a mais frutífera para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico.”

19. “O que você pensa, estudante? Aqui um brâmane pode estar promovendo um grande sacrifício, e dois outros brâmanes iriam até lá pensando em tomar parte naquele grande sacrifício. Um dos brâmanes poderia pensar: ‘Ah, que pelo menos eu possa conseguir o melhor lugar, a melhor água, a melhor comida no refeitório; que nenhum outro brâmane possa conseguir o melhor lugar, a melhor água, a melhor comida no refeitório!’ E é

possível que um outro brâmane, não aquele brâmane, consiga o melhor lugar, a melhor água, a melhor comida no refeitório. Pensando nisso, o primeiro brâmane poderia ficar irado e descontente. Que tipo de resultado os brâmanes descrevem neste caso?”

“Mestre Gotama, os brâmanes não dão oferendas dessa forma, pensando: ‘Que os outros fiquem irados e descontentes devido a isso.’ Ao invés disso, os brâmanes dão oferendas motivados pela compaixão.”

“Sendo assim, estudante, essa não seria a sexta base para a realização de méritos, isto é, a motivação pela compaixão?”

“Sendo assim, Mestre Gotama, essa é a sexta base para a realização de méritos, isto é, a motivação pela compaixão.”

20. “Essas cinco coisas, estudante, que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico – onde você vê essas cinco coisas com frequência, entre os chefes de família ou entre os contemplativos?”

“Essas cinco coisas, Mestre Gotama, que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico, com frequência vejo entre os contemplativos, raramente entre os chefes de família. Pois um chefe de família tem muita atividade, grandes funções, grandes compromissos e grandes obrigações: ele não fala a verdade constantemente e de modo invariável, não pratica o ascetismo, não observa o celibato, não se dedica ao estudo e não pratica a generosidade. Mas um contemplativo tem pouca atividade, pequenas funções, pequenos compromissos e pequenas obrigações: constantemente e de modo invariável ele fala a verdade, pratica o ascetismo, observa o celibato, se dedica ao estudo e pratica a generosidade. Portanto, essas cinco coisas que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico, vejo frequentemente entre os contemplativos, raramente entre os chefes de família.”

21. “Essas cinco coisas, estudante, que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico, eu chamo de equipamento da mente, isto é, para desenvolver uma mente desprovida de hostilidade e sem má vontade. Aqui, estudante, um *bhikkhu* diz a verdade. Pensando, ‘Eu digo a verdade,’ ele obtém inspiração do significado, obtém inspiração do Dhamma, obtém satisfação do Dhamma. É essa satisfação conectada com aquilo que é benéfico que eu chamo de um equipamento da mente. Aqui, estudante, um *bhikkhu* é um asceta ... um celibatário ... aquele que se dedica ao estudo ... aquele que pratica a generosidade. Pensando, ‘Eu pratico a generosidade,’ ele obtém inspiração do significado, obtém inspiração do Dhamma, obtém satisfação do Dhamma. É essa satisfação conectada com aquilo que é benéfico que eu chamo de um equipamento da mente. Portanto, essas cinco coisas que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico, eu chamo de equipamento da mente, isto é, para desenvolver uma mente desprovida de hostilidade e sem má vontade.”

22. Quando isso foi dito, o estudante brâmane Subha, o filho de Todeyya, disse para o Abençoado: “Mestre Gotama, eu ouvi dizer que o contemplativo Gotama conhece o caminho para o mundo de *Brahma*.”

“O que você pensa, estudante? O vilarejo de Nalakara está próximo daqui, não distante daqui?”

“Sim, senhor, o vilarejo de Nalakara está próximo daqui, não distante daqui.”

“O que você pensa, estudante? Suponha que houvesse um homem nascido e educado no vilarejo de Nalakara, e assim que ele tivesse saído de Nalakara alguém lhe perguntasse qual o caminho para o vilarejo. Aquele homem seria lento e hesitante ao responder?”

“Não, Mestre Gotama. Porque isso? Porque aquele homem nasceu e foi educado em Nalakara, e está bem familiarizado com todos os caminhos do vilarejo.”

“Apesar disso, um homem nascido e educado no vilarejo de Nalakara poderia ser lento ou hesitante ao responder quando perguntado qual o caminho para o vilarejo, mas um *Tathagata*, quando perguntado sobre o mundo de *Brahma* ou o caminho que conduz ao mundo de *Brahma*, nunca seria lento ou hesitante na sua resposta. Eu compreendo *Brahma*, estudante, eu compreendo o mundo de *Brahma* e eu compreendo o caminho que conduz ao mundo de *Brahma* e eu compreendo como alguém deve praticar para renascer no mundo de *Brahma*.” [cxlv](#)

23. “Mestre Gotama, eu ouvi dizer que o contemplativo Gotama ensina o caminho para o mundo de *Brahma*. Seria bom se o Mestre Gotama me ensinasse o caminho para o mundo de *Brahma*.”

“Então, estudante, ouça e preste muita atenção àquilo que eu vou dizer.” - “Sim, senhor” ele respondeu. O Abençoado disse o seguinte:

24. “Qual, estudante, é o caminho para o mundo de *Brahma*? Aqui um *bhikkhu* permanece com o coração pleno de amor bondade, permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de amor bondade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim, acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de amor bondade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Quando a libertação da mente através do amor bondade é desenvolvida dessa forma, nenhum *kamma* limitante ali permanece, nenhum ali persiste. Da mesma forma que um vigoroso corneteiro poderia se fazer ouvir sem dificuldade nos quatro cantos, assim também, quando a libertação da mente através do amor bondade é desenvolvida dessa forma, nenhum *kamma* limitante ali permanece, nenhum ali persiste. Esse é o caminho para o mundo de *Brahma*.

25-27. ‘Novamente, um *bhikkhu* permanece com o coração pleno de amor bondade, permeando o primeiro quadrante com a mente imbuída de compaixão ... com a mente

imbuída de alegria altruísta ... com a mente imbuída de equanimidade, da mesma forma o segundo, da mesma forma o terceiro, da mesma forma o quarto; assim, acima, abaixo, em volta e em todos os lugares, para todos bem como para si mesmo, ele permanece permeando o mundo todo com a mente imbuída de equanimidade, abundante, transcendente, imensurável, sem hostilidade e sem má vontade. Quando a libertação da mente através da equanimidade é desenvolvida dessa forma, nenhuma ação limitante ali permanece, nenhuma ali persiste. Da mesma forma que um vigoroso corneteiro poderia se fazer ouvir sem dificuldade nos quatro cantos, assim também, quando a libertação da mente através da equanimidade é desenvolvida dessa forma, nenhum *kamma* limitante ali permanece, nenhum ali persiste. Esse também é o caminho para o mundo de *Brahma*."

28. Quando isso foi dito o estudante brâmane Subha, o filho de Todeyya, disse para o Abençoado: "Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que a partir de hoje o Abençoado me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida."

29. "E agora, Mestre Gotama, nós partiremos. Estamos muito ocupados e temos muito que fazer."

"Agora é o momento, estudante, faça como julgar adequado."

Então o estudante brâmane Subha tendo ficado satisfeito e contente com as palavras do Abençoado levantou do seu assento e depois de homenagear o Abençoado, mantendo-o à sua direita, partiu.

30. Agora naquela ocasião o brâmane Janussoni estava saindo de Savatthi ao meio dia numa carruagem toda branca puxada por éguas brancas. Ele viu o estudante brâmane Subha vindo à distância e perguntou: "De onde vem o Mestre Bharadvaja no meio do dia?"

"Senhor, eu venho de estar com o contemplativo Gotama."

"O que o Mestre Bharadvaja pensa da lucidez da sabedoria do contemplativo Gotama? Ele é sábio, não é?"

"Senhor, quem sou eu para saber da lucidez da sabedoria do Mestre Gotama? Alguém precisaria ser seu igual para saber da lucidez da sabedoria do contemplativo Gotama."

"O Mestre Bharadvaja de fato elogia o contemplativo Gotama com muito louvor."

"Senhor, quem sou eu para elogiar o contemplativo Gotama? O contemplativo Gotama é elogiado por aqueles que são elogiados como os melhores entre *devas* e humanos."

Senhor, essas cinco coisas que os brâmanes prescrevem para a realização de méritos, para lograr o que é benéfico, o contemplativo Gotama chama de equipamento da mente, isto é, para desenvolver uma mente desprovida de hostilidade e sem má vontade.”

31. Quando isso foi dito, o brâmane Janussoni apeou da sua carruagem toda branca puxada por éguas brancas e arrumando o seu manto externo sobre o ombro, juntou as mãos em respeitosa saudação na direção do Abençoado e pronunciou esta exclamação: “É um ganho para o Rei Pasenadi de Kosala, é um grande ganho para o Rei Pasenadi de Kosala que o *Tathagata*, um *arahant*, perfeitamente iluminado, viva no seu reino.”

100 Sangarava Sutta

Para Sangarava

Um estudante brâmane questiona o Buda

1. Assim ouvi. Em certa ocasião, o Abençoado estava perambulando em Kosala com uma grande Sangha de *bhikkhus*.

2. Agora, naquela ocasião uma mulher brâmane chamada Dhananjani vivia em Candalakappa com plena confiança no Buda, no Dhamma e na Sangha. Certa vez ela tropeçou e [ao recuperar o equilíbrio] ela exclamou três vezes: “Honra ao Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado! Honra ao Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado! Honra ao Abençoado, um *arahant*, perfeitamente iluminado!”

3. Naquela ocasião, havia um estudante brâmane chamado Sangarava que vivia em Candalakappa. Ele era um mestre dos três Vedas com os seus mantras, liturgia, fonologia e etimologia e as histórias como quinto elemento; hábil em filologia e gramática, um perito em filosofia natural e nas marcas de um grande homem. Ao ouvir Dhananjani dizer aquelas palavras ele disse: “Essa mulher brâmane Dhananjani tem que ser desgraçada e degradada, visto que havendo brâmanes por perto ela elogia aquele contemplativo careca.”

[Ela respondeu]: “Meu estimado senhor, você não conhece a virtude e a sabedoria do Abençoado. Se você conhecesse a virtude e a sabedoria do Abençoado, estimado senhor, você nunca pensaria em abusá-lo e insultá-lo.”

“Então, senhora, comunique-me quando o contemplativo Gotama vier para Candalakappa.”

“Sim, estimado senhor,” a mulher brâmane Dhananjani respondeu.

4. Então, depois de caminhar em etapas pela região de Kosala, o Abençoado por fim chegou em Candalakappa. Em Candalakappa o Abençoado se instalou no mangueiral que pertencia aos brâmanes do clã Todeyya.

5. A mulher brâmane Dhananjani ouviu dizer que o Abençoado havia chegado e foi até o estudante brâmane Sangarava e disse: “Estimado senhor, o Abençoado chegou em Candalakappa e está no manguerial que pertence aos brâmanes do clã Todeyya. Agora é o momento, estimado senhor, faça como julgar adequado.”

“Sim, senhora” ele respondeu. Então, ele foi até o Abençoado e ambos se cumprimentaram. Quando a conversa amigável e cortês havia terminado, ele se sentou a um lado e disse:

6. “Mestre Gotama, há alguns contemplativos e brâmanes que reivindicam ensinar os fundamentos da vida santa depois de ter alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto aqui e agora. Onde entre esses contemplativos e brâmanes se situa o Mestre Gotama?”

7. “Bharadvaja, eu digo que há uma diversidade entre os contemplativos e brâmanes que reivindicam ensinar os fundamentos da vida santa depois de terem alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto aqui e agora. Há alguns contemplativos e brâmanes que são tradicionalistas, que com base na tradição oral reivindicam ensinar os fundamentos da vida santa depois de terem alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto aqui e agora; assim são os brâmanes dos Três Vedas. Há alguns contemplativos e brâmanes que, baseados totalmente na mera fé, reivindicam ensinar os fundamentos da vida santa depois de terem alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto aqui e agora; assim são os raciocinadores e investigadores. Há alguns contemplativos e brâmanes que tendo compreendido o Dhamma de modo direto por si próprios, coisas nunca antes ouvidas, reivindicam ensinar os fundamentos da vida santa depois de terem alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto.

8. “Eu, Bharadvaja, sou um desses contemplativos e brâmanes que, tendo compreendido o Dhamma de modo direto por mim mesmo, coisas nunca antes ouvidas, reivindico ensinar os fundamentos da vida santa depois de ter alcançado a consumação e perfeição do conhecimento direto. Quanto a como é que eu sou um desses contemplativos e brâmanes, isso pode ser compreendido da seguinte forma.

9. “Aqui, Bharadvaja, antes da minha iluminação, quando eu ainda era um *Bodhisatta* não desperto, eu considerei o seguinte: ‘A vida em família é confinada, um caminho empoeirado; a vida santa é como o ar livre. Não é fácil viver em casa e praticar a vida santa completamente perfeita, totalmente pura, como uma concha polida. E se eu raspasse o meu cabelo e barba, vestisse os mantos de cor ocre e seguisse a vida santa.’

10-13. “Mais tarde, Bharadvaja, ainda jovem ... (igual ao [MN 26.14-17](#)) ... E eu me sentei ali pensando: ‘Isso é adequado para o esforço.’”

14-30. “Agora, estes três símiles, nunca ouvidos antes, me ocorreram espontaneamente ... (igual ao [MN 36.17-33](#); mas neste sutta nos versos 17-22 que correspondem aos versos 20-25 do MN 36, a sentença “Porém, a sensação de dor que surgiu em mim não invadiu a

minha mente e permaneceu” não ocorre) ... eles sentiram repulsa e me deixaram, pensando: ‘O contemplativo Gotama agora vive gratificado pelos sentidos. Ele deixou de lado a sua busca e reverteu ao luxo.’

31-41. “Agora, tendo comido comida sólida e recuperado as minhas forças, afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis ... (igual ao [MN 36.34-44](#); mas neste sutta nos versos 36, 38 e 41 que correspondem aos versos 39, 41 e 44 do MN 36, a sentença “Mas o sentimento prazeroso que surgiu em mim não invadiu a minha mente e permaneceu” não ocorre) ... como acontece com alguém que é diligente, ardente e decidido.”

42. Quando isso foi dito, o estudante brâmane Sangarava disse para o Abençoado: “O empenho do Mestre Gotama foi resoluto, o empenho do Mestre Gotama foi aquele de um homem verdadeiro, tal como deve ser para um *arahant*, para um perfeitamente iluminado. Mas como é, Mestre Gotama, existem *devas*?”

“É do meu conhecimento ser o caso, Bharadvaja, que existem *devas*.”

“Mas como é isso, Mestre Gotama, que ao ser perguntado. ‘Existem *devas*?’ você diz: ‘É do meu conhecimento ser o caso, Bharadvaja, que existem *devas*?’ Em sendo assim, aquilo que você diz não é vazio e falso?” [cxlvi](#)

“Bharadvaja, quando alguém é perguntado, ‘Existem *devas*?’ quer alguém responda, ‘Existem *devas*,’ ou ‘É do meu conhecimento ser o caso [que existem *devas*],’ um homem sábio pode tirar a conclusão definitiva de que existem *devas*.”

“Mas porque o Mestre Gotama não me respondeu da primeira forma?”

“É amplamente aceito no mundo, Bharadvaja, que existem *devas*.”

43. Quando isso foi dito o estudante brâmane Sangarava disse para o Abençoado: “Magnífico, Mestre Gotama! Magnífico, Mestre Gotama! Mestre Gotama esclareceu o Dhamma de várias formas, como se tivesse colocado em pé o que estava de cabeça para baixo, revelasse o que estava escondido, mostrasse o caminho para alguém que estivesse perdido ou segurasse uma lâmpada no escuro para aqueles que possuem visão pudessem ver as formas. Eu busco refúgio no Mestre Gotama, no Dhamma e na Sangha dos *bhikkhus*. Que o Mestre Gotama me aceite como discípulo leigo que buscou refúgio para o resto da vida.”

ⁱ Por essa diferença na maneira de saudar o Buda é evidente que Pessa é um discípulo do Buda, enquanto que Kandaraka, apesar do respeito e admiração, pertence a uma comunidade religiosa distinta.

ⁱⁱ O ponto desta afirmação é que os truques e estratégias de um animal são muito limitados, enquanto que os dos seres humanos são inesgotáveis.

ⁱⁱⁱ Este trecho detalha as austeridades adotadas por muitos ascetas contemporâneos do Buda, bem como pelo próprio *Bodhisatta* durante o processo da busca da Iluminação. Veja o [MN 12.45](#).

^{iv} Este trecho mostra a prática de alguém que atormenta a si mesmo na expectativa de obter méritos e depois faz oferendas que envolvem o sacrifício de muitos animais e a opressão dos seus trabalhadores.

^v Este é um *arahant*. Para mostrar de forma clara que ele não atormenta nem a si mesmo, nem aos outros, o Buda descreve o caminho da prática através do qual ele alcançou o estado de *arahant*.

^{vi} Todas essas expressões descrevem o estado de *arahant*

^{vii} A base da nem percepção, nem não percepção não é mencionada por ser um estado demasiado sutil para que os seus fatores constituintes sejam usados como objetos para a contemplação com o insight.

^{viii} As onze “portas para o Imortal” são os quatro *jhana*s, os quatro *brahmaviharas* e as três primeiras realizações imateriais, usadas como base para o desenvolvimento do insight e para realizar o estado de *arahant*.

^{ix} Acreditava-se ser uma fonte de mérito para aqueles que construíssem uma nova habitação, convidar uma pessoa religiosa eminente para ali habitar, mesmo que fosse por apenas uma noite, antes que eles mesmos a ocupassem. Essa crença ainda persiste nos países Budistas na atualidade, e as pessoas que constroem uma casa nova com frequência convidam os *bhikkhus* para entoar por toda uma noite *suttas* de *paritta* (proteção).

^x A vergonha de cometer transgressões, (*hiri*), e o temor de cometer transgressões, (*ottappa*) são chamadas “as guardiãs do mundo” porque estão associadas com todas as ações hábeis ou benéficas. Elas têm como base o conhecimento da lei de causa e efeito, ao invés do mero sentimento de culpa. *Hiri* equivale à vergonha de cometer transgressões ou o auto-respeito, aquilo que nos refreia de cometer atos que colocariam em risco o respeito que temos por nós mesmos; *ottappa* equivale ao temor de cometer transgressões que produzam resultados de *kamma* desfavoráveis ou o temor da crítica e da punição imposta por outros.

^{xi} Neste caso, o texto explica *sati*, atenção plena, referindo-se ao seu sentido original de memória. A relação entre os dois sentidos de *sati* – memória e atenção – pode ser formulada da seguinte forma: a aguçada atenção no presente forma a base para uma acurada memória do passado.

^{xii} Isto se refere ao quarto *jhana*, que é o fundamento para os três conhecimentos que seguem.

^{xiii} Neste ponto, ele deixa de ser um *sekha* e se torna um *arahant*.

^{xiv} Estes constituem a tradicional lista de quinze fatores que constituem a conduta, (*carana*), que são frequentemente juntados aos três tipos de conhecimento descritos a seguir e que compreendem o curso de treinamento completo. Este conjunto também faz parte do epíteto tradicional do Buda e dos *arahants*, *vijjacaranasampanna*, “perfeito no verdadeiro conhecimento e conduta.”

^{xv} A “equanimidade que é baseada na diversidade” é a equanimidade (isto é, apatia, indiferença) relacionada com os cinco elementos do prazer sensual; a “equanimidade que é baseada na unicidade” é a equanimidade do quarto *jhana*.

^{xvi} Jivaka era o filho abandonado por uma cortesã. Encontrado e educado pelo Príncipe Abhaya, ele estudou medicina em Takkasila e mais tarde foi nomeado o médico pessoal do Buda.

^{xvii} Este trecho mostra de forma clara e explícita a regra definida pelo Buda para a Sangha sobre o consumo de carne. Pode ser notado que o Buda não exige que os *bhikkhus* observem uma dieta vegetariana, mas permite o consumo de carne quando houver certeza de que o animal não tenha sido sacrificado especialmente para aquela refeição. Essa carne é chamada de *tikotiparisuddha*, “pura em três aspectos,” porque não foi visto, ouvido ou suspeitado que o animal tenha sido sacrificado para o *bhikkhu*. O preceito Budista leigo de se abster de matar proíbe matar para comer mas não proíbe comprar carne de animais que já foram sacrificados.

^{xviii} Má vontade, crueldade, descontentamento e aversão são os opostos de amor bondade compaixão, alegria altruísta e equanimidade respectivamente.

^{xix} Aqui o Buda mostra que ele não só permanece com amor bondade, compaixão, alegria altruísta e equanimidade através da supressão da má vontade, crueldade, descontentamento e aversão por meio do *jhana* baseado nos *brahma-viharas*, como ocorre com a divindade *Brahma*, mas que ele erradicou as raízes da má vontade, crueldade, descontentamento e aversão por meio da realização do estado de *arahant*.

^{xx} *Danda*, originalmente um bastão ou bengala, adquire o significado de vara como um instrumento de punição e subseqüentemente passando a significar a própria punição ou castigo, mesmo sem fazer referência a um instrumento. Aqui parece ser sugerida a idéia de que os Jainistas consideram a atividade corporal, verbal e mental como o instrumento através do qual o indivíduo atormenta a si próprio ao prolongar o seu cativo no *samsara* e atormenta os outros causando-lhes danos.

^{xxi} O Buda pode ter dito isto devido a que nos seus ensinamentos a volição, (*cetana*), que é um fator mental, é o ingrediente essencial de *kamma* e na sua ausência, isto é, no caso de uma ação corporal ou verbal não intencional – nenhum *kamma* é criado.

^{xxii} As adições entre parêntesis no parágrafo anterior foram extraídas dos comentários (MA). O argumento é resumido da seguinte forma: Os Niganthas não têm permissão para usar água fria, (porque eles consideram que esta contém seres vivos). Através da recusa da água fria por meio do corpo e da linguagem ele manteve a sua conduta corporal e verbal pura, mas se ele tem na mente o desejo pela água fria a sua conduta mental é impura e dessa forma ele irá renascer entre os “*devas* atados pela mente”.

^{xxiii} No verso 15 Upali admite que nesse ponto ele já havia adquirido confiança no Buda. No entanto, ele manteve a sua oposição porque ele queria ouvir as várias soluções do Buda para o problema.

^{xxiv} Punna usava chifres na cabeça, amarrava um rabo nas costas e pastava juntos com as vacas. Seniya agia tipicamente como um cão. Havia pessoas muito estranhas na época do Buda que acreditavam em coisas muito estranhas – porém não é muito diferente dos nossos dias de hoje em que as pessoas ainda acreditam nas idéias mais estranhas e desequilibradas. Neste *sutta* encontramos pessoas que acreditavam que imitando animais elas seriam salvas. Talvez elas ainda se encontrem entre nós!

Freqüentemente crença é uma coisa, ação outra. Enquanto para algumas pessoas as crenças às vezes influenciam as ações, para outras pessoas as suas crenças estão bem separadas do que elas fazem. Mas o Buda disse que todas ações intencionais, quer sejam

pensamentos, linguagem ou ações corporais, não importa como sejam expressadas, são *kamma* e conduzem aquele que comete a ação a experimentar uma consequência cedo ou tarde.

^{xxv} Estritamente, nenhuma ação volitiva pode ser ao mesmo tempo benéfica e prejudicial, pois a volição responsável pela ação tem que ser uma ou outra. Dessa forma aqui devemos entender que o ser engaja em uma mistura de ações benéficas e prejudiciais, nenhuma das quais é particularmente predominante.

^{xxvi} Essa é a volição dos quatro caminhos supramundanos que culminam com o *arahant*.

^{xxvii} Príncipe Abhaya era filho do rei Bimbisara de Magadha, porém não era o herdeiro ao trono.

^{xxviii} Neste discurso, o Buda mostra os fatores que decidem o que deve ser dito e o que não deve ser dito. Os principais fatores são três: se uma afirmação é verdadeira ou não, se é benéfica ou não e, se é agradável para os outros ou não. O próprio Buda afirmaria somente aquelas coisas que são verdadeiras e benéficas, e tinha uma noção do momento em que coisas agradáveis e desagradáveis deviam ser ditas. Observe que a possibilidade que uma afirmação sendo falsa possa no entanto ser benéfica não é considerada.

^{xxix} Os dois tipos de sensações são sensações no corpo e sensações na mente, ou, (de forma menos comum) os dois tipos mencionados por Pancakanga no verso 3. Os três tipos são os três mencionados por Udayin no verso 3. Os cinco tipos são as faculdades do prazer (corporal), alegria (mental), dor (corporal), tristeza (mental) e equanimidade. Os seis tipos são as sensações que nascem à partir das seis faculdades dos sentidos. Os dezoito tipos são os dezoito tipos de examinação mental – investigando os seis objetos dos sentidos que podem produzir a alegria, produzir a tristeza e produzir a equanimidade (veja [MN 137.8](#)). Os trinta e seis tipos são os trinta e seis estados (ou posições) dos seres – os seis tipos de alegria, tristeza e equanimidade cada um baseado ou na vida em família ou na renúncia (veja [MN 137.9-15](#)). Os cento e oito tipos são os trinta e seis mencionados a pouco considerados em referência ao passado, presente e futuro.

^{xxx} Ambos o prazer sentido e o prazer não sentido são encontrados (sendo este último o prazer que faz parte da realização da cessação). O *Tathagata* descreve ambos como prazer no sentido de que eles não possuem sofrimento.

^{xxxi} Esta é uma doutrina moral materialista niilista que nega a vida após a morte e a consequência de *kamma*. “Não existe nada que é dado” significa que não existe fruto da generosidade; “não existe este mundo, nem outro mundo” significa que não existe renascimento neste mundo, nem num outro mundo; “não existe mãe, nem pai” significa que não existe fruto da boa conduta ou má conduta em relação à mãe e ao pai. O enunciado sobre contemplativos e brâmanes nega a existência de Budas e *arahants*.

^{xxxii} A colocação em prática do ensinamento incontrovertível de ‘apenas um lado’ significa que ela assegura o seu bem-estar somente na pressuposição de que não exista uma vida futura, enquanto que se houver uma vida futura ela perde dos dois lados.

^{xxxiii} A afirmação da existência de uma vida futura e da consequência de *kamma*.

^{xxxiv} A colocação em prática do ensinamento ‘dos dois lados’ significa que ela colhe o benefício da sua idéia que afirma a vida futura, quer a vida futura exista ou não.

^{xxxv} A doutrina da não ação no [Samannaphala Sutta](#), é atribuída a Purana Kassapa. Embora à primeira vista a doutrina pareça se apoiar sobre premissas materialistas, como a doutrina niilista anterior, existe evidência canônica que Purana Kassapa possuía uma

doutrina fatalista. Assim o seu antinomianismo moral provavelmente deriva da idéia de que toda ação está predestinada, de forma a abolir a atribuição de responsabilidade moral ao agente

^{xxxvi} Esta é a doutrina da não causalidade defendida pelo líder Ajivaka, Makkhali Gosala, denominada a doutrina da purificação através do *samsara* no [Samannaphala Sutta](#)

^{xxxvii} Esta é uma negação dos mundos com a existência imaterial que são a contrapartida objetiva das quatro realizações imateriais.

^{xxxviii} Estes são os *devas* dos mundos que correspondem aos quatro *jhanas*. Eles possuem corpos com matéria sutil, ao contrário dos *devas* dos mundos imateriais que consistem apenas de mente sem qualquer mescla com a matéria.

^{xxxix} Reconhecer uma ação errada como essa, confessá-la e praticar a contenção no futuro resulta no crescimento dentro da disciplina do Abençoado.

^{xl} Aqueles que sempre se perguntaram o que teria acontecido com o *bhikkhu* que quase abandonou o Buda para satisfazer a sua curiosidade metafísica ficarão satisfeitos em saber que quando velho Malunkyaputta ouviu um breve discurso do Buda sobre as seis bases e depois de praticar meditação solitário, alcançou o estado de *arahant*.

^{xli} Os cinco primeiros grilhões são também chamados grilhões inferiores porque levam ao renascimento no reino da esfera sensual. Eles são erradicados de forma completa apenas pelo ‘que não retorna.’

^{xlii} Nos comentários as impurezas são identificadas como ocorrendo em três níveis: nível *anusaya*, no qual elas permanecem como inclinações latentes ou tendências subjacentes na mente; nível *pariyutthana*, onde elas surgem para obcecar e escravizar a mente (mencionado no verso 5 deste *sutta*); e nível *vitikkama*, onde elas causam as ações corporais e verbais prejudiciais. O ponto da crítica do Buda é que os grilhões, mesmo quando não se convertem em manifestação ativa, continuam a existir no nível *anusaya* enquanto não forem erradicados pelos caminhos supramundanos.

^{xliii} O grilhão e a tendência subjacente em princípio não são coisas distintas; ao contrário, trata-se da mesma contaminação que é chamada de grilhão no sentido de aprisionamento e de tendência subjacente no sentido de ser não abandonada.

^{xliv} Isto se refere à prática do Buda de comer apenas uma única refeição antes do meio dia. De acordo com o *Patimokkha*, os *bhikkhus* são proibidos de comer do meio dia até o amanhecer do dia seguinte. Embora a prática de uma só refeição seja recomendada, ela não é requerida.

^{xlv} Os sete termos usados nesta seção representam a classificação dos indivíduos nobres em sete níveis. Essa classificação é explicada no [MN 70.14-21](#).

^{xlvi} Os comentários mencionam que o Buda nunca daria uma ordem dessas aos seus discípulos, mas diz isso para enfatizar o comportamento recalcitrante de Bhaddali em relação à prática de comer apenas antes do meio dia.

^{xlvii} “Além do treinamento” (*asekha*) é um *arahant*.

^{xlviii} Os *jhanas* são explicados como *nekkhammasukha* porque eles produzem a felicidade da renúncia aos prazeres sensuais; como *pavivekasukha* porque eles produzem a felicidade de estar afastado da multidão e das contaminações; como *upasamasukha* porque a sua felicidade tem o propósito de acalmar as contaminações; e como *sambodhasukha* porque a sua felicidade tem o propósito de alcançar a iluminação. Os *jhanas* em si, é óbvio, não são estados de iluminação.

Ajaan Brahm explica que ao empregar o termo *sambodhasukha* o Buda está indicando que os *jhanas* proporcionam um tipo de felicidade que tem uma grande proximidade com o tipo de felicidade experimentada com a iluminação.

^{xlix} A cessação da percepção e sensação não é só uma realização mais elevada ao longo da escala de concentração, mas aqui implica o completo desenvolvimento do insight conduzido ao seu clímax no estado de *arahant*.

^l No [MN 26.20](#) foi o Brahma Sahampati que rogou ao recém iluminado Buda que ensinasse o Dhamma para o mundo.

^{li} O *pali* usa duas palavras distintas significando diferentes tipos de comida: “alimento para ser consumido,” inclui todas as variedades de vegetais, frutas, raízes, etc.; “alimento para ser comido,” inclui as comidas feitas com grãos, carne e peixe. Coisas para serem provadas, incluiriam refeições leves.

^{lii} O “êxtase e prazer afastados dos prazeres sensuais” significa o primeiro e o segundo *jhana*, e “algo mais pacífico que isso” os *jhanas* superiores e os quatro caminhos supramundanos.

^{liii} Essas são práticas adotadas por aquele que está em treinamento, para prevenir o surgimento de tendências latentes que ainda não foram abandonadas, veja o [MN 2.4](#)

^{liv} Isto se refere à habilidade do Buda para descobrir por meio do olho divino os estados nos quais os seus discípulos renascem.

^{lv} Em concordância com o [MN 66.6](#), o Buda havia primeiro proibido a refeição da tarde e depois, mais tarde, proibiu a refeição noturna. Ele assim fez por consideração aos *bhikkhus* mais sensíveis que poderiam ficar exaustos muito rapidamente se ambas as refeições fossem proibidas de uma vez.

^{lvi} Assaji e Punabbasuka fazem parte do notório “grupo dos seis” cujo comportamento é caracterizado como “inescrupuloso e depravado” no Vinaya o que deu origem a muitas das regras monásticas. O número de líderes do grupo foi que deu origem ao seu nome, não o número de membros, que, de acordo com o comentário, ultrapassava mil *bhikkhus*.

^{lvii} O primeiro tipo de sensação prazerosa é a alegria baseada na vida em família, o último é a alegria baseada na renúncia. De modo semelhante as duas sentenças que seguem se referem à tristeza e à equanimidade baseadas, respectivamente, na vida em família e na renúncia.

^{lviii} Aqui os nobres indivíduos são classificados em sete tipos, não só com base na sua realização do caminho supramundano e do seu fruto, representada na mais conhecida classificação de oito tipos, mas de acordo com a sua faculdade dominante.

^{lix} Este *sutta* bem como os dois seguintes sugerem um relato cronológico da evolução espiritual de Vacchagotta

^{lx} Apesar de uma parte da asserção ser válida, o Buda rejeita toda ela devido à porção que é inválida. A parte da asserção que é válida é a afirmação que o Buda é onisciente e tudo vê; a parte excessiva é a afirmação que o conhecimento e visão estão presentes de forma contínua nele. De acordo com a tradição Theravada o Buda é onisciente no sentido de que ele tem acesso a todas as coisas que podem ser conhecidas. Ele não pode, no entanto, conhecer tudo de forma simultânea e precisa dar atenção para aquilo que ele queira conhecer. No [MN 90.8](#) o Buda diz que é possível conhecer e ver tudo, embora não de forma simultânea e no [AN IV.24](#) ele afirma que “tudo aquilo que no mundo, incluindo os seus *devas*, *maras* e *brahmas*, esta população com seus contemplativos e brâmanes,

seus príncipes e o povo é visto, ouvido, sentido, conscientizado, buscado, procurado, ponderado pela mente: tudo isso eu entendo,” o que para a tradição Theravada significa uma asserção de onisciência com as limitações mencionadas.

^{lxi} Para mais informações sobre os Ajivakas veja a doutrina da não causalidade no [MN](#)

[60](#)

^{lxii} Visto que este Ajivaka acreditava na eficácia moral da ação, ele não poderia ter partilhado da filosofia ortodoxa de fatalismo dos Ajivakas, que negam o papel de *kamma* e das ações volitivas em influenciar o destino humano.

^{lxiii} O entendimento de que a alma (*jiva*) e o corpo são o mesmo é materialismo, que reduz a alma ao corpo. A idéia seguinte de que a alma e o corpo são diferentes é a idéia da eternidade, que considera a alma um princípio espiritual que persiste e que pode ter existência independente do corpo.

^{lxiv} A idéia de que um *Tathagata* existe após a morte é uma forma de crença na eternidade que considera o *Tathagata*, ou o indivíduo espiritualmente perfeito, como o possuidor de um eu que alcança a libertação eterna após a morte do corpo. A idéia de que o *Tathagata* não existe após a morte também identifica o *Tathagata* com um eu, mas defende que esse eu é aniquilado com a morte do corpo. A terceira idéia é uma tentativa de sintetizar essas duas, que o Buda rejeita porque ambos os componentes envolvem o entendimento incorreto. A quarta idéia parece ser uma tentativa cética de rejeitar ambas as alternativas ou de evitar assumir uma posição definitiva.

^{lxv} Este trecho deve ser conectado com o símile do fogo extinto. Da mesma forma como o fogo extinto não pode ser descrito como tendo ido para alguma direção, assim também o *Tathagata* que realizou o *parinibbana* não pode ser descrito em termos de uma das quatro alternativas. O símile diz respeito somente à legitimidade do uso conceitual e lingüístico e não tem a intenção de sugerir, como alguns estudiosos têm defendido, que o *Tathagata* alcança algum tipo de absorção mística no Absoluto. As palavras “profundo, imensurável, difícil de ver e difícil de compreender” apontam para a dimensão transcendental da libertação obtida pelo Abençoado, a sua inacessibilidade para o pensamento discursivo.

^{lxvi} Esta questão se refere ao que não retorna. Muito embora, aquele que não retorna possa permanecer na vida laica, ele necessariamente observa o celibato porque ele destruiu o grilhão do desejo sensual.

^{lxvii} Esta questão se refere ao que entrou na correnteza e ao que retorna uma vez, que ainda desfrutarão dos prazeres sensuais se permanecerem na vida laica.

^{lxviii} Ele havia alcançado o fruto do que não retorna e veio perguntar o Buda sobre a prática de insight para alcançar o caminho do estado de *arahant*. No entanto, o Buda viu que ele tinha as condições necessárias para os seis conhecimentos supra-humanos. Dessa forma ele lhe ensinou a concentração para produzir os cinco conhecimentos supra-humanos e o insight para o estado de *arahant*.

^{lxix} A base adequada é o quarto *jhana* para os cinco conhecimentos supra-humanos e o insight para o estado de *arahant*.

^{lxx} Visão do Dhamma (*dhammacakkhu*) é o caminho de entrar na correnteza.

^{lxxi} Magandiya tinha a idéia de que o “crescimento” deve ser realizado através dos meios dos sentidos, experimentando quaisquer objetos dos sentidos que ainda não tenham sido experimentados antes, sem se apegar aos que já são conhecidos. Outra interpretação

possível para o termo em *pali bhunahuno* seria “repressor”, ou seja, Magandiya estaria acusando o Buda de ser um repressor. A idéia de Magandiya, portanto, parece próxima da atitude contemporânea na qual a intensidade e variedade das experiências é o bem último e estas devem ser perseguidas sem inibições ou restrições. A razão para a desaprovação pelo Buda ficará evidente no verso 8.

^{lxxii} Isto é dito referindo-se à realização do fruto de *arahant* baseado no quarto *jhana*

^{lxxiii} “Essas” se referem aos cinco agregados.

^{lxxiv} O trecho a seguir é uma doutrina moral materialista niilista mencionada no [MN 60.5](#) que nega a vida após a morte e a conseqüência de *kamma*. “Não existe nada que é dado” significa que não existe fruto da generosidade; “não existe este mundo, nem outro mundo” significa que não existe renascimento neste mundo, nem num outro mundo; “não existe mãe, nem pai” significa que não existe fruto da boa conduta ou má conduta em relação à mãe e ao pai. O enunciado sobre contemplativos e brâmanes nega a existência de Budas e *arahants*.

^{lxxv} O ponto é que mesmo se a pessoa não vive a vida santa, em última instância irá colher as mesmas recompensas daquele que assim o faz.

^{lxxvi} A doutrina da não ação no [Samannaphala Sutta](#), é atribuída a Purana Kassapa. Embora à primeira vista a doutrina pareça se apoiar sobre premissas materialistas, como a doutrina niilista anterior, existe evidência canônica que Purana Kassapa possuía uma doutrina fatalista. Assim o seu antinomianismo moral provavelmente deriva da idéia de que toda ação está predestinada, de forma a abolir a atribuição de responsabilidade moral ao agente.

^{lxxvii} Esta é a doutrina da não causalidade defendida pelo líder Ajivaka, Makkhali Gosala, denominada a doutrina da purificação através do *samsara* no [Samannaphala Sutta](#).

^{lxxviii} No [Samannaphala Sutta](#) a doutrina descrita a seguir, até “o espaço entre os sete elementos,” é atribuída a Padukha Kaccayana. No entanto, naquele *sutta* o trecho que abrange um elaborado sistema de classificações que vai até “os sábios e os tolos darão um fim ao sofrimento,” está conectado com a doutrina da não causalidade, ou purificação através do *samsara*, descrita no verso 13 acima. Essa doutrina é atribuída a Makkhali Gosala. Como existem evidentes conexões entre a doutrina da purificação através do *samsara* e os itens do sistema de classificações (ex.: a referência às “seis classes”), e como é conhecido que ambas eram típicas do movimento Ajivaka liderado por Makkhali Gosala, parece que a inclusão do sistema de classificações neste *sutta*, sob a doutrina das sete substâncias, ocorreu por um erro na transmissão oral. A versão correta seria aquela preservada no *Samannaphala Sutta*.

^{lxxix} Esta afirmação reafirma a idéia fatalista da libertação, formulada no verso 13.

^{lxxx} Os quatro modos que impossibilitam viver a vida santa podem ser resumidos da seguinte forma:

1. A doutrina do niilismo ou aniquilação (verso 7).
2. A negação de valores morais (verso 10).
3. A negação da responsabilidade moral, isto é, não há uma causa para a degeneração, regeneração ou salvação moral (verso 13).
4. A negação da livre escolha (verso 16).

^{lxxxi} Essa é a declaração feita pelo mestre Jainista, o Nigantha Nataputta que aparece no [MN14.17](#) e ambos, este último e Purana Kassapa, no [AN IX.38](#). O fato de que ele

comete julgamentos incorretos e precisa fazer perguntas coloca em xeque a afirmativa de onisciência.

^{lxxxii} Esta posição é chamada de ‘contorcer-se como uma enguia’ porque a doutrina vai de um lado ao outro, igual a uma enguia que entra e sai da água e que devido a isso é impossível agarrá-la. No [Samannaphala Sutta](#) esta doutrina é atribuída a Sanjaya Belatthiputta. É bem possível que os adeptos desta doutrina fossem uma categoria de céticos radicais que questionavam a possibilidade de conhecimento apodítico sobre as questões últimas.

^{lxxxiii} Ele é incapaz de armazenar alimentos e outros bens que proporcionam prazer para mais tarde desfrutar deles.

^{lxxxiv} No [Pasadika Sutta](#) são mencionadas outras quatro coisas que o *arahant* não é capaz de fazer: ele é incapaz de agir de forma incorreta devido ao desejo, raiva, medo e delusão.

^{lxxxv} Explicado de forma completa no [MN 10](#)

^{lxxxvi} A *kasina* é um objeto de meditação derivado de um dispositivo físico que proporciona o apoio para interiorizar o sinal visualizado adquirido. Assim, por exemplo, um disco feito de argila pode ser usado como objeto preliminar para praticar a *kasina* da terra, uma tigela com água para praticar a *kasina* da água. As *kasinas* são explicadas em detalhe no Visuddhimagga.

^{lxxxvii} O parque havia sido construído pela Rainha Mallika, a esposa do Rei Pasenadi de Kosala, embelezado com árvores floridas e árvores frutíferas. No início apenas um salão havia sido construído, mas depois muitos salões foram construídos. Diversos grupos de brâmanes e errantes ali se reuniam para expor e discutir as suas doutrinas

^{lxxxviii} Este trecho mostra o *arahant* que mantém a conduta virtuosa, mas não mais se identifica com a sua virtude concebendo-a como “eu” ou “meu.” Visto que os seus hábitos virtuosos não mais geram *kamma*, eles não podem ser descritos como “benéficos.”

^{lxxxix} “Além do treinamento” (*asekha*) é um *arahant*.

^{xc} Tendo alcançado o quarto *jhana*, através dos poderes supra-humanos ele vai até o mundo dos *devas* do Subhakinna e conversa com os *devas* de lá.

^{xci} Esta parece ter sido uma expressão pejorativa comum empregada pelos brâmanes chefes de família com relação aos que se dedicavam a uma vida de completa renúncia, contrária ao seu próprio ideal de manter a linhagem familiar.

^{xcii} Na Ásia é considerado, em circunstâncias normais, uma séria violação da etiqueta alguém de uma casta inferior tocar na cabeça de uma pessoa da casta superior. Os comentários explicam que Ghatikara aceitou correr esse risco para persuadir Jotipala a ir encontrar o Buda.

^{xciii} Os comentários dizem que os *bodhisattas* seguem a vida santa sob os Budas, purificam a virtude, aprendem os ensinamentos do Buda, praticam a vida meditativa e desenvolvem o insight até o conhecimento adequado. Mas eles não fazem esforço para alcançar os caminhos supramundanos e os seus frutos (o que daria um fim à carreira de *bodhisatta*).

^{xciv} Os comentários explicam que ele recusou devido à sua escassez de desejos. Ele compreendeu que o rei havia enviado os alimentos porque havia ouvido do Buda o relato

acerca das suas próprias virtudes, mas ele pensou: “Eu não preciso disso. Com aquilo que obtenho do meu trabalho posso sustentar meus pais e fazer oferendas para o Buda.”

^{xcv} Embora a frase “em pouco tempo” seja aqui empregada, Ratthapala necessitou doze anos de prática para alcançar o estado de *arahant*. Essa afirmação parece ser consistente com o fato de que ao retornar para a casa dos seus pais ele não foi reconhecido de imediato.

^{xcvi} Os comentários explicam que o pai dele quis dizer: “Ratthapala, meu querido, nós temos riqueza – não podemos ser chamados de pobres – e no entanto você está sentado neste lugar comendo mingau velho!” No entanto, o chefe de família estava acometido com tanta emoção que foi incapaz de completar a frase.

^{xcvii} Os versos é óbvio se referem às suas antigas esposas, enfeitadas de modo a seduzí-lo de volta à vida laica.

^{xcviii} É varrida na direção do envelhecimento e morte.

^{xcix} Não há ninguém capaz de oferecer abrigo ou consolá-lo com um refúgio. Esta afirmação, é claro, não nega um refúgio do mundo, que é justamente aquilo que o Dhamma oferece.

^c Por este trecho, parece que, apesar da tendência à rigidez, o sistema de castas na Índia nessa época era consideravelmente mais elástico do que o subsequente sistema de castas.

^{ci} O Príncipe Bodhi não tinha filhos e desejava ter um. Ele havia ouvido que as pessoas podem ter os seus desejos satisfeitos fazendo oferendas especiais para o Buda, portanto ele cobriu tudo com o tecido branco com a seguinte idéia: “Se é para eu ter um filho, o Buda irá pisar no tecido; se não é para eu ter um filho, ele não irá pisar no tecido.” O Buda sabia que por força de um *kamma* passado ruim, ele e a esposa estavam destinados a permanecer sem filhos, por conseguinte ele não pisou no tecido.

^{cii} O venerável Ananda disse isso pensando o seguinte: “Em tempos futuros as pessoas irão pensar que honrar os *bhikkhus* é uma forma de assegurar a satisfação dos seus desejos mundanos e irão perder a fé na Sangha se as suas homenagens não produzirem os benefícios que elas anseiam.”

^{ciii} Este é o princípio básico dos Jainistas, tal como no [MN 14.20](#)

^{civ} O nome “Angulimala” é um epíteto que significa “colar (*mala*) de dedos (*anguli*)”. Ele era o filho do brâmane Bhaggava, um capelão do rei Pasenadi de Kosala. O seu nome de nascimento era Ahimsaka que significa “o inofensivo”. Ele estudou em Takkasila onde se tornou o favorito do seu mestre. Os seus colegas estudantes, com inveja dele, disseram ao mestre que Ahimsaka havia cometido adultério com a sua esposa. O mestre com a intenção de arruiná-lo ordenou que ele lhe trouxesse mil dedos humanos da mão direita a título de honorários. Ahimsaka vivia na floresta Jalini, atacando viajantes e cortando um dedo de cada e usando-os como um colar. Na abertura do *sutta* lhe faltava apenas um dedo para completar os mil e ele estava determinado a matar a primeira pessoa que aparecesse. O Buda viu que a mãe de Angulimala estava a caminho para visitá-lo e tendo consciência de que Angulimala tinha as condições necessárias para alcançar o estado de *arahant*, ele o encontrou pouco tempo antes que a sua mãe chegasse.

^{cv} Angulimala havia se dado conta de que o monge à sua frente era o próprio Buda e que ele havia vindo para a floresta com o propósito específico de transformá-lo.

^{cvi} Mesmo hoje esta declaração é frequentemente recitada por monges Budistas como uma bênção protetora, (*paritta*), para mulheres grávidas que estão próximas do parto.

^{cvii} Toda ação volitiva, (*kamma*), pode produzir três tipos de resultados: um resultado para ser experimentado aqui e agora, isto é, na mesma vida em que a ação é cometida; um resultado para ser experimentado na próxima existência; e um resultado para ser experimentado em qualquer existência subsequente à próxima, contanto que haja continuidade na permanência no *samsara*. Como ele havia alcançado o estado de *arahant*, Angulimala havia escapado dos dois últimos tipos de resultados mas não do primeiro, já que mesmo os *arahants* estão sujeitos a experimentar os resultados nesta existência de ações realizadas antes de atingir o estado de *arahant*.

^{cviii} Enquanto que os *bhikkhus* virtuosos, porém que não são *arahants*, se diz que comem os alimentos oferecidos como uma herança do Buda, o *arahant* come “livre de dívidas” porque ele fez com que seja totalmente merecedor de receber as ofertas de alimentos.

^{cix} Esta expressão é usada aqui querendo dizer enfermidade séria e morte.

^{cx} Vidudabha era o filho do Rei, que no final o depos. Benares e Kosala eram as regiões sobre as quais ele reinava.

^{cx i} Ele costumava lavar as mãos e pés e limpar a boca antes de saudar o Buda.

^{cxii} O rei fez esta pergunta devido ao caso que envolvia a errante Sundari, que estava sendo investigado. Desejando desacreditar o Buda, alguns contemplativos errantes persuadiram Sundari a visitar o Bosque de Jeta à noite e depois fazer com que fosse vista saindo de lá ao amanhecer, para despertar a suspeita nas pessoas. Depois de algum tempo eles fizeram com que ela fosse morta e enterrada próxima ao Bosque de Jeta e quando o corpo dela foi descoberto eles levantaram acusações contra o Buda. Depois de uma semana o relato falso foi exposto quando os investigadores do rei descobriram as verdadeiras circunstâncias do assassinato. Veja o [Ud 4.8](#).

^{cxiii} Em resumo, este trecho apresenta cinco critérios para as ações ruins: *prejudicial* enfatiza a qualidade psicológica da ação, o seu efeito insalubre na mente; *censurável* enfatiza a sua natureza danosa sob o ponto de vista moral; a sua capacidade de produzir *resultados dolorosos* chama a atenção para o seu potencial cármico indesejável; e a última afirmação chama a atenção tanto para a sua *motivação* ruim como para as *conseqüências* prejudiciais a longo prazo que esse tipo de ação traz tanto para si mesmo como para os outros. A explicação oposta se aplica às ações boas, discutidas no verso 14.

^{cxiv} Digha Karayana era o comandante em chefe do exército do Rei Pasenadi. Ele era o sobrinho de Bandhula, chefe dos Malas, um antigo amigo do Rei Pasenadi. Pasenadi havia matado Bandhula, juntamente com os seus trinta e dois filhos, através da conivência traiçoeira dos seus ministros corruptos. Em segredo Karayana estava conspirando com o Príncipe Vidudabha, filho de Pasenadi, para ajudá-lo a usurpar o trono do pai.

^{cxv} Três léguas (*yojana*) seriam aproximadamente trinta e dois quilômetros.

^{cxvi} Ele pensou: “No passado, depois de consultar em particular o contemplativo Gotama, o rei prendeu meu tio e os trinta e dois filhos dele. Talvez nesta ocasião ele prenda a mim. A insígnia real confiada a Digha Karayana também incluía o leque, o pará-sol e as sandálias. Digha Karayana se apressou em retornar à capital com a insígnia real e coroou Vidudabha como rei.

^{cxvii} Esta afirmação indica que este sutta pode ser atribuído ao último ano da vida do Buda.

^{cxviii} Quando o Rei Pasenadi voltou ao lugar onde ele havia deixado Digha Karayana, ele apenas encontrou uma criada que lhe contou as novidades. Ele então saiu apressado em direção a Rajagaha para recrutar a ajuda do seu sobrinho, o Rei Ajatasattu. Mas como ele chegou tarde, as portas da cidade já estavam fechadas. Exausto devido à jornada, ele deitou-se numa habitação fora da cidade e morreu durante a noite.

^{cxix} “Monumentos ao Dhamma” significam palavras que expressam reverência ao Dhamma. Sempre que a reverência é demonstrada para qualquer uma das Três Jóias, esta também é demonstrada para as demais.

^{cxx} As duas irmãs são esposas do rei (não as irmãs dele!).

^{cxxi} Não há ninguém que possa saber e ver tudo – passado, presente e futuro – através de um momento de advertência mental, através de um momento de consciência; portanto, este problema é discutido em relação a um único momento de consciência. Veja também a [Nota 60](#).

^{cxxii} Esta é uma descrição padrão de um brâmane estudado.

^{cxxiii} As trinta e duas marcas, enumeradas no verso 9 abaixo, são o objeto de todo um *sutta* do Digha Nikaya, [Lakkhana Sutta](#). Nesse *sutta* cada uma das marcas é explicada como o fruto de *kamma* de uma virtude em particular aperfeiçoada pelo Buda durante as suas existências anteriores como um *bodhisatta*.

^{cxxiv} O mundo, envelopado pela obscuridade das contaminações, está coberto por sete véus: cobiça, raiva, delusão, presunção, idéias, ignorância e conduta imoral. Tendo já removido esses véus, o Buda permanece irradiando luz por todos os lados.

^{cxxv} A benção, (*anumodana*), é um breve discurso depois da refeição, instruindo os doadores sobre algum aspecto do Dhamma e expressando o desejo de que o *kamma* meritório traga muitos frutos.

^{cxxvi} Isto é, Jambudipa, o subcontinente da Índia.

^{cxxvii} Pokkharasati era um outro próspero brâmane que residia em Ukkattha, uma propriedade real que lhe havia sido dada pelo rei Pasenadi. No [Ambattha Sutta](#) ele ouve um discurso do Buda, alcança o estado de ‘entrar na correnteza’ e busca refúgio no Buda, Dhamma e Sangha junto com toda a família e os seus acompanhantes.

^{cxxviii} Esses eram os antigos rishis que os brâmanes consideravam como sendo os autores, mediante inspiração divina, dos mantras védicos.

^{cxxix} Dessas cinco razões para estabelecer uma convicção, as duas primeiras parecem ser na essência emotivas, a terceira uma aceitação cega da tradição e as duas últimas em sua essência racionais ou cognitivas. Os ‘dois tipos de resultados’ que cada uma pode ter é verdadeiro ou falso.

^{cxx} Não é apropriado que ele chegue a essa conclusão porque ele não verificou pessoalmente a verdade da sua convicção mas apenas a aceita baseado numa razão que não é capaz de produzir a certeza.

^{cxxxi} Aplica a vontade com o sentido de desenvolver a mente, fazer aquilo que é necessário para desenvolver a mente. Examina cuidadosamente, *tuleti*, de acordo com os comentários, ele investiga as coisas em termos das três características: impermanência, sofrimento e não-eu. Este estágio portanto corresponde à meditação de insight. *Tuleti* também pode ser interpretado como contempla, pesa, compara.

^{cxxxii} Embora a aplicação da vontade pareça ser similar ao esforço, o primeiro pode ser entendido como o esforço realizado antes do insight e o último como o esforço que leva o insight até o nível dos caminhos supramundanos.

^{cxxxiii} Enquanto a descoberta da verdade neste contexto pareça significar realizar o estado de ‘entrar na correnteza,’ a chegada final à verdade é a realização completa do estado de *arahant*.

^{cxxxiv} O “ancestral” (*bandhu*) é *Brahma*, que assim era chamado pelos brâmanes porque eles o consideravam como o seu ancestral. Os brâmanes acreditavam que eles eram originários da boca de *Brahma*, os *khattiyas* do peito, os *vessas* da barriga, os *suddas* das pernas e os *samanas*, (contemplativos), das solas dos pés.

^{cxxxv} Era uma prática antiga entre os brâmanes esmolar alimentos mesmo se possuíssem muita riqueza.

^{cxxxvi} Embora a agricultura possa parecer uma ocupação estranha para alguém descrito como um comerciante, deve ser compreendido que os *vessas* não somente possuíam negócios nas regiões urbanas, mas também possuíam e supervisavam atividades agrícolas.

^{cxxxvii} O venerável Sariputta partiu sem dar ao brâmane Dhananjani um ensinamento que lhe permitiria alcançar o caminho supramundano e fixar o seu destino final na iluminação. Comparado com isso, mesmo o renascimento no mundo de *Brahma* é descrito como “inferior”.

^{cxxxviii} Esta observação possui a intensidade de uma crítica suave. O Buda deve ter visto que Dhananjani tinha o potencial para alcançar o caminho supramundano. Em outra ocasião ([MN 99.24-27](#)) o próprio Buda ensina apenas o caminho para o mundo de *Brahma* quando esse potencial está ausente no ouvinte.

^{cxxxix} *Bhovadi. Bho*, “senhor,” era o modo como os brâmanes se tratavam. A partir deste ponto, o Buda irá identificar o verdadeiro brâmane com o *arahant*. Os versos 27-54 são idênticos ao [Dhammapada 26](#).

^{cxl} Com este verso, a palavra *kamma* sofre uma mudança de significado sinalizado pelo termo “origem dependente.” *Kamma* neste caso não mais significa simplesmente a ação presente determinando o status social, mas a ação com o sentido especial de uma força que ata os seres ao ciclo de existências. Esta mesma linha de raciocínio se torna ainda mais clara no verso seguinte.

^{cxli} Este verso e o seguinte novamente se referem ao *arahant*. Aqui, no entanto, o contraste não é entre o *arahant*, como alguém santificado através das suas ações, e o brâmane por nascimento que não merece essa designação, mas entre o *arahant*, como alguém libertado das ações e dos seus resultados, e todos os demais seres que permanecem atados através das suas ações ao ciclo de nascimento e morte.

^{cxlii} Afirmações como esta justificam a designação mais tarde do Budismo como *vibhajjavada*, “a doutrina da análise.”

^{cxliii} Igual ao [MN 95.13](#).

^{cxliv} Esta afirmação deve ter sido feita por Pokkharasati antes deste se tornar um discípulo do Buda, tal como mencionado no [MN 95.9](#)

^{cxlv} Este conhecimento faz parte do terceiro poder de um *Tathagata*, conhecer os caminhos para todos os destinos. Veja o [MN 12.12](#).

^{cxlvi} Sangarava tinha a idéia de que o Buda dizia isso sem ter o real conhecimento e por isso ele acusou o Buda de empregar a linguagem mentirosa. A seqüência de idéias neste trecho é difícil de ser seguida e é provável que o texto tenha sido corrompido.